



# Universidad de Salamanca

Facultad de Educación

Departamento de Teoría e Historia de la Educación



Marisa Fonseca Silva

Dr. Joaquín García Carrasco

Dra. Sónia Guadalupe Santos Abreu

Dr. António Victor Martín García

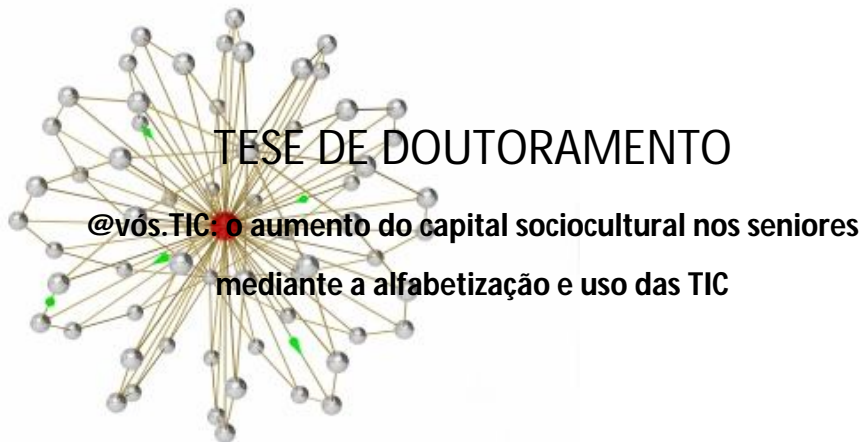
Salamanca, 2011



# Universidad de Salamanca

Facultad de Educación

Departamento de Teoría e Historia de la Educación



Marisa Fonseca Silva

Dr. Joaquín García Carrasco

Dra. Sónia Guadalupe Santos Abreu

Dr. António Victor Martín García

Salamanca, 2011

Tese de Doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e  
Tecnologia

---

## Resumo

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) contêm propriedades que facilmente se traduzem em soluções para pessoas com necessidades especiais, contribuindo para a sua inclusão na vida quotidiana. A possibilidade de intervir e participar em actos de comunicação interpessoais em cenários presenciais e à distância, ou simplesmente a possibilidade de recorrer a um dispositivo que simule a vocalização de pedidos, saudações ou carinhos, ganham um sentido redobrado nos esforços de inclusão de cidadãos com necessidades especiais, assim como cidadãos mais velhos, em sociedades que tentam fomentar a igualdade de oportunidades entre os seus membros.

O presente trabalho estuda a interacção entre os mais velhos e as tecnologias da informação e comunicação e o impacte que essa interacção produz no capital sociocultural dos mesmos e na sua participação na sociedade.

A amostra em estudo é constituída por 351 seniores que frequentam classes de informática nas Universidades da Terceira Idade (UTI) em Portugal, indivíduos com mais de 50 anos que utilizem TIC. Existem actualmente em Portugal cerca de 120 UTI's que ministram cursos de informática a cerca de 40 seniores por UTI, o que perfaz uma população com cerca de 4800 seniores.

Para a avaliação das variáveis em estudo foram utilizados: um questionário ao sénior que vai servir para descrever a amostra no que respeita às suas características sociais e de utilização das TIC e o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP) que permite analisar a rede de suporte social na situação de uso das TIC.

De acordo com o que foi defendido pelos autores analisados ao longo deste trabalho e da análise dos resultados obtidos, podemos dizer que os seniores estudados apresentam vantagens ao utilizar a internet como intermediária da comunicação. Utilizam o espaço virtual como reforço do espaço físico, comunicando com facilidade à distância. Percebem ainda que o suporte social fornecido on-line é passível de ser mais acessível, visível e fornecido a qualquer hora o que permite um maior usufruto do mesmo. Além de que a internet ao permitir uma participação efectiva transforma os sêniiores em cidadãos activos com a possibilidade de incrementarem o seu capital sociocultural.

A análise efectuada neste estudo permitiu averiguar que os seniores da amostra estão dispostos a aprender e a utilizar as TIC na promoção das suas redes pessoais e na sua cidadania. Concluimos que a utilização desta ferramenta é uma forte impulsionadora do incremento da qualidade de vida dos seniores, da sua participação/inclusão social e, por consequência, uma poderosa ferramenta de promoção do capital sociocultural.

A relevância da utilização da internet pelos seniores estudados e a importância da mesma para a cidadania activa dos mais velhos aconselham a que seja dada especial atenção ao ensino sistemático desta ferramenta, nomeadamente à generalização deste ensino às instituições que apoiam estas idades, no sentido de podermos estar a introduzir uma ferramenta útil no combate ao isolamento e à solidão a que esta faixa etária é muitas vezes votada.

Palavras-chave: Tecnologias de informação e comunicação, capital sociocultural, rede pessoal, sênior

---

## Resumen

Las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) contienen propiedades que se traducen fácilmente en soluciones para personas con necesidades especiales, contribuyendo a su integración en la vida cotidiana. La posibilidad de intervenir y participar en los actos de comunicación en escenarios cara o a la distancia, o simplemente la posibilidad de utilizar un dispositivo que simula la vocalización de las solicitudes, los saludos y las caricias, conquistan un sentido redoblado en los esfuerzos de incluir a los ciudadanos con necesidades especiales, así como los adultos mayores en las sociedades que intentan promover la igualdad de oportunidades entre sus miembros.

Este trabajo estudia la interacción entre los mayores y las tecnologías de la información y la comunicación y el impacto que esta interacción produce en lo capital socio-cultural de los mismos y en la su participación en la sociedad.

La muestra de estudio consiste en un total de 351 adultos mayores que asisten a clases de informática en las Universidades de la Experiencia en Portugal, las personas mayores de 50 años que utilizan las TIC. Actualmente hay alrededor de 120 Universidades de la Experiencia en Portugal que enseñan cursos de informática a unos 40 ancianos por Universidades de la Experiencia, lo que hace que una población de cerca de 4.800 personas mayores.

Para evaluar las variables del estudio se utilizaron: un cuestionario efectuado a los ancianos que servirá para describir la muestra en relación con sus características sociales y el uso de las TIC y el Instrumento de Análisis de Redes Sociales Personal (IARSP) que permite el análisis de la red de apoyo social en la situación de uso de las TIC.

De acuerdo a lo defendido por los autores analizados en este trabajo y de la análisis de los resultados, podemos decir que los mayores estudiados presentan ventajas de utilizar Internet como un medio de comunicación. Usan el espacio virtual como reforzamiento del espacio físico, comunicando fácilmente en la distancia. Dese cuenta también que el apoyo social siempre en línea es probable que sea más accesible, visible y proporcionado a cualquier hora, lo que permite un mayor disfrute de lo misma. Además de que Internet permite una participación efectiva de las personas mayores transformándolos en ciudadanos activos con la capacidad de aumentar el capital socio-cultural.

El análisis realizado en este estudio permitió comprobar que los ancianos de la muestra están dispuestos a aprender y utilizar las TIC en la promoción de sus redes personales, y su ciudadanía. Llegamos a la conclusión de que el uso de esta herramienta es un fuerte impulsor de la mayor calidad de vida de las personas mayores, su participación / inclusión social y por lo tanto, una poderosa herramienta para la promoción del capital socio-cultural.

La relevancia del uso de Internet por las personas mayores estudiadas y la importancia de la misma para la ciudadanía activa de los mayores aconsejan que se preste especial atención a la enseñanza sistemática de esta herramienta, es decir, la generalización de este tipo de enseñanza a instituciones que apoyan estas edades, en el sentido de que podemos estar a introducir una herramienta útil en la lucha contra el aislamiento y la soledad que este grupo de edad suele ser votado.

Palabras clave: tecnología de la información y la comunicación, capital social-cultural, red personal, anciano

---

## Abstract

The information and communication technologies (ICT) contain properties that easily convert into solutions for people with special needs, contributing to their inclusion in everyday life. The possibility to intervene and participate in acts of communication in interpersonal settings and distance learning, or simply the possibility of using a device that simulates the vocalization of requests, greetings and caresses gain a redoubled sense in the efforts to include citizens with special needs, as it does to the senior citizens, in societies attempting to promote equal opportunities among its members.

This work focus on the interaction between the older and information and communication technologies and the impact that that interaction has on their socio-cultural capital and their participation in society.

The studied sample consists of 351 seniors who attend computer classes at Senior Universities in Portugal, individuals over 50 years using ICT. Nowadays there are about 120 Senior Universities in Portugal where computer courses are taught. Each class comprises about 40 students, which makes a population of about 4,800 seniors.

To evaluate the study variables it was used a questionnaire. This questionnaire will provide the description of the sample regarding the social characteristics and the use of ICT by the older. It was also used the Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP) which allowed to analyze the social network which could be improved by ICT use.

According to what was proposed by several authors throughout this work as well as trough the analysis of obtained results, we can infer that the senior individual have advantages when using the Internet as a communication intermediary. When they use the virtual space to improve

the physical space, they improve the communication in distance. Realize also that the social support provided online is likely to be more accessible, visible and supplied to any hour which allows a greater enjoyment of it. Besides, the Internet allows effective participation which transforms seniors in active citizens with the ability to incrementing their sociocultural capital.

The presented analysis allowed inferring that senior citizens in the sampled group are willing to learn and use ICT in the promotion of their personal networks and citizenship. We conclude, therefore, that the use of this tool is a strong improver of senior citizen's quality of living as well as their social inclusion/participation and as a consequence, a powerful tool of sociocultural capital.

The relevance of Internet use by the seniors studied and the importance of it to the active citizenship of older advise that we need to paid special attention to the systematic teaching of this tool, namely the generalization of this teaching to the institutions that support these ages, in the sense that we can be introducing a useful tool in combating isolation and loneliness that this age group is often voted.

Keywords: Information and Communication Technologies, sociocultural capital, personal network, senior.



Ao meu marido Ilídio  
e ao meu filho Humberto



---

## Agradecimentos

Este trabalho é o resultado de uma rede rica e enérgica, que me apoiou nas mais diversas fases.

Num agradecimento curto, é impossível dar real valor a todas as pessoas que me ajudaram a desenvolver o meu pensamento, que não caminharam nem à minha frente nem atrás de mim, mas sim ao meu lado. Praticamente todas as páginas deste trabalho têm o contributo de alguém que me deu força para continuar quando as forças falharam. Deixo a todos os que colaboraram, incentivaram e criticaram o meu verdadeiro apreço pelos seus contributos e a cada um apresento os meus sinceros agradecimentos.

Não era justo, no entanto, não destacar algumas pessoas que pelos seus contributos e pelo seu trabalho tornaram possíveis estas páginas.

Aos meus orientadores Professor Doutor Joaquín Garcia Carrasco e Professor Doutor António Victor pelos incentivos e pela sabedoria com que sempre conduziram todo o processo.

À Professora Doutora Sónia Guadalupe pela paciência, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou. Também estou grata pela cedência do instrumento de análise de redes que permitiu o estudo empírico deste trabalho.

Ao Mestre Álvaro Bonito, Presidente da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego, por me ter criado as condições de trabalho que me permitiram prosseguir na minha investigação.

À Professora Doutora Paula Santos pelas constantes revisões efectuadas, pelos constantes “sermões” e palavras sábias: “Acaba a tese de uma vez!”.

Ao Professor Doutor Carlos Albuquerque, Dr. José Augusto Bastos e Professora Doutora Madalena Malva, pela imensa generosidade, pelo enorme apoio e paciência nas horas que gastámos à volta dos números.

À Dra. Anabela Guedes pela amável tradução do resumo desta tese.

À Dra. Mónica Silva pela forma como se prontificou em ajudar na aplicação dos questionários e pela amizade que sempre demonstrou.

À Guida Oliveira pela companhia, incentivo, preocupação e auxílio na hora de tomar conta do mais pequeno.

Às UTI que responderam prontamente à minha solicitação e aos seniores que delas fazem parte e que prontamente responderam aos questionários: Universidade Sénior D. Infante de Moimenta da Beira, Universidade Sénior de Santa Comba Dão, Universidade Sénior da Figueira da Foz, Academia Sénior de Seia, Academia Sénior da Covilhã, Academia Sénior do Fundão, Academia Sénior de Gaia, Universidade Sénior Eugénio de Andrade, Universidade Sénior Florbela Espanca, UNIARTE – Universidade Sénior, Universidade Sénior do Rotary Clube de Tondela e Universidade Sénior Lamego.

Às minhas famílias, em especial aos meus pais, à minha irmã e aos meus sogros, sobretudo à minha sogra que com especial carinho ficava com o meu filho para que pudesse trabalhar.

Ao Ilídio pelas leituras atentas e pelas horas “perdidas” na revisão de texto e pelos comentários sempre oportunos. Mas especialmente por me aturar nas alturas de desânimo, ansiedade e cansaço, por ser um super-pai para o meu filho, pelos carinhos nos momentos certos e por me fazer crer que sou, de alguma forma, especial.

Ao Humberto pelos mimos, beijos e festinhas que me adoçaram o coração em alturas que tanto precisei...

---

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	25
I. A GESTÃO DO CONHECIMENTO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO .....	29
1. Contextualização histórica da sociedade da informação	29
I.1 As tecnologias da informação e da comunicação: dados mundiais .....	37
I.2 O sénior e a informática .....	48
2. Inclusão e exclusão na sociedade da informação	64
II.1 Fractura digital .....	64
II.2 Hierarquias e desigualdades na sociedade da informação ..	75
II.3 A inclusão “Sociodigital”: participação social .....	78
3. A alfabetização digital: a importância da educação para os seniores	82
II. DEFININDO CAPITAL SOCIAL.....	103
1. Origens do conceito	103
2. Fontes de Capital Social	130
3. Produzir Capital Social on-line	138
III.1 O impacte da internet no capital social.....	139
III.2 Como a internet afecta o capital social dos ciber-seniores? .....	148
III. OS MOTIVOS DAS RELAÇÕES .....	165
1. Redes	165

I.1 Conceito de Rede .....	166
I.2 Características das redes .....	170
I.3 Redes pessoais on-line e off-line: a qualidade das relações virtuais .....	182
2. As redes sociais pessoais dos seniores .....	187
II.1 Marco conceptual.....	187
II.2 A linguagem dos vínculos: suporte social na internet.....	198
IV. O IMPACTE DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CAPITAL SOCIAL DOS SÉNIORES EM PORTUGAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO .....	209
1. Fundamentação e objectivos .....	209
I.1 Apresentação .....	209
2. Material e métodos .....	212
II.1 Amostra.....	212
II.2 Descrição dos instrumentos de recolha dos dados.....	215
II.3 Recolha de informação .....	219
II.4 Características da amostra.....	220
V. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	227
3. Análise Descritiva .....	227
I.1 Caracterização sócio-demográfica .....	228
I.2 Caracterização inerente à utilização de tecnologias de informação e comunicação .....	231
I.3 Caracterização inerente à confiança e solidariedade .....	251

I.4 Caracterização de acordo com o tipo de rede social pessoal .....	253
4. Análise Inferencial	264
VI. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	317
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	327
BIBLIOGRAFIA .....	339
ANEXOS .....	351





---

## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 - PERFIS DOS UTILIZADORES DE COMPUTADOR E DE INTERNET (%) .....	45
QUADRO 2 - IARSP: DIMENSÃO ESTRUTURAL .....	217
QUADRO 3 - IARSP: DIMENSÃO FUNCIONAL .....	218
QUADRO 4 - IARSP: DIMENSÃO CONTEXTUAL .....	218
QUADRO 5 - CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DA AMOSTRA (N=351).....	222
QUADRO 6 - PARTICIPAÇÃO E CIDADANIA .....	223
QUADRO 7 - ESTATÍSTICAS RELATIVAS À IDADE SEGUNDO O GÉNERO .....	229
QUADRO 8 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR GRUPO ETÁRIO EM FUNÇÃO DO GÉNERO .....	229
QUADRO 9 - ESTADO CIVIL, HABILITAÇÕES LITERÁRIAS E NÚMERO DE DESCENDENTES EM FUNÇÃO DO SEXO .....	231
QUADRO 10 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE AO COMPUTADOR: TEMPO A QUE É UTILIZADOR, TEMPO DE UTILIZAÇÃO E ONDE UTILIZA EM FUNÇÃO DO SEXO .....	232
QUADRO 11 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE AO COMPUTADOR: TEMPO A QUE É UTILIZADOR, TEMPO DE UTILIZAÇÃO E ONDE UTILIZA EM FUNÇÃO DA IDADE .....	234
QUADRO 12 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE AO E-MAIL: PARA QUEM ENVIA E-MAILS, QUANTOS E-MAILS ENVIOU EM MÉDIA, QUANTOS E-MAILS RECEBEU EM MÉDIA, EM FUNÇÃO DO SEXO .	236
QUADRO 13 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À INTERNET: PARA QUE UTILIZA A INTERNET, EM FUNÇÃO DO SEXO .....	239
QUADRO 14 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À INTERNET: COM QUEM FALA ATRAVÉS DA INTERNET, EM FUNÇÃO DO SEXO .....	242
QUADRO 15 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À INTERNET: VANTAGENS DA INTERNET, EM FUNÇÃO DO SEXO .....	243
QUADRO 16 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À INTERNET: O QUE A INTERNET E O COMPUTADOR TROUXERAM DE NOVO, EM FUNÇÃO DO SEXO .....	244
QUADRO 17 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À INTERNET: PARA QUE UTILIZA A INTERNET, EM FUNÇÃO DA IDADE .....	245
QUADRO 18 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À INTERNET: COM QUEM FALA ATRAVÉS DA INTERNET, EM FUNÇÃO DA IDADE .....	248

QUADRO 19 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À INTERNET: VANTAGENS DA INTERNET, EM FUNÇÃO DA IDADE.....	249
QUADRO 20 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À INTERNET: O QUE A INTERNET E O COMPUTADOR TROUXERAM DE NOVO, EM FUNÇÃO DA IDADE .....	250
QUADRO 21 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À CONFIANÇA E SOLIDARIEDADE: AS PESSOAS DA MINHA REDE SÃO OU NÃO CONFIÁVEIS, AJUDA MÚTUA ENTRE AS PESSOAS DA REDE, EM FUNÇÃO DO SEXO .....	251
QUADRO 22 - CARACTERIZAÇÃO INERENTE À CONFIANÇA E SOLIDARIEDADE: AS PESSOAS DA MINHA REDE SÃO OU NÃO CONFIÁVEIS, AJUDA MÚTUA ENTRE AS PESSOAS DA REDE, EM FUNÇÃO DA IDADE.....	252
QUADRO 23 – CARACTERÍSTICAS ESTRUTURAIS DA REDE DE APOIO PESSOAL.....	254
QUADRO 24 - FREQUÊNCIA DO SUPORTE SOCIAL NA REDE E RECIPROCIDADE .....	262
QUADRO 25 - TIC COMO INTERMEDIÁRIO DE CONTACTO, TIPO DE CONTACTO, FREQUÊNCIA DO CONTACTO E MUDANÇA PERCEBIDA.....	263
QUADRO 26 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE <i>TUKEY</i> DA VARIÁVEL ALFABETIZAÇÃO SOBRE A DIMENSÃO ESTRUTURAL DAS REDES DE APOIO .....	266
QUADRO 27 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE <i>TUKEY</i> DA VARIÁVEL ALFABETIZAÇÃO SOBRE A DIMENSÃO FUNCIONAL DAS REDES DE APOIO .....	267
QUADRO 28 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE <i>TUKEY</i> DA VARIÁVEL ALFABETIZAÇÃO SOBRE A DIMENSÃO CONTEXTUAL DAS REDES DE APOIO .....	268
QUADRO 29 – COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO ORDINAL DE <i>SPEARMAN</i> ENTRE A ALFABETIZAÇÃO, A RECIPROCIDADE DE APOIO E A MUDANÇA PERCEBIDA NO TAMANHO DA REDE DE APOIO ....	269
QUADRO 30 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE <i>TUKEY</i> DA VARIÁVEL TEMPO A QUE É UTILIZADOR DO COMPUTADOR SOBRE A DIMENSÃO ESTRUTURAL DAS REDES DE APOIO .....	272
QUADRO 31 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE <i>TUKEY</i> DA VARIÁVEL TEMPO EM MÉDIA QUE UTILIZA O COMPUTADOR POR DIA SOBRE A DIMENSÃO ESTRUTURAL DAS REDES DE APOIO .....	273
QUADRO 32 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE <i>TUKEY</i> DA VARIÁVEL TEMPO A QUE É UTILIZADOR DO COMPUTADOR SOBRE A DIMENSÃO FUNCIONAL DAS REDES DE APOIO.....	275

QUADRO 33 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL TEMPO EM MÉDIA QUE UTILIZA O COMPUTADOR POR DIA SOBRE A DIMENSÃO FUNCIONAL DAS REDES DE APOIO.....	276
QUADRO 34 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL TEMPO A QUE É UTILIZADOR DO COMPUTADOR SOBRE A DIMENSÃO CONTEXTUAL DAS REDES DE APOIO .....	278
QUADRO 35 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL TEMPO EM MÉDIA QUE UTILIZA O COMPUTADOR POR DIA SOBRE A DIMENSÃO CONTEXTUAL DAS REDES DE APOIO.....	279
QUADRO 36 - COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO ORDINAL DE SPEARMAN ENTRE A UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR, A RECIPROCIDADE DE APOIO E A MUDANÇA PERCEBIDA NO TAMANHO DA REDE DE APOIO .....	280
QUADRO 37 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL QUANTOS E-MAILS ENVIU NO ÚLTIMO MÊS SOBRE A DIMENSÃO ESTRUTURAL DAS REDES DE APOIO.....	282
QUADRO 38 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL QUANTOS E-MAILS RECEBEU NO ÚLTIMO MÊS SOBRE A DIMENSÃO ESTRUTURAL DAS REDES DE APOIO.....	283
QUADRO 39 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL QUANTOS E-MAILS ENVIU NO ÚLTIMO MÊS SOBRE A DIMENSÃO FUNCIONAL DAS REDES DE APOIO.....	285
QUADRO 40 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL QUANTOS E-MAILS RECEBEU NO ÚLTIMO MÊS SOBRE A DIMENSÃO FUNCIONAL DAS REDES DE APOIO.....	286
QUADRO 41 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL QUANTOS E-MAILS ENVIU NO ÚLTIMO MÊS SOBRE A DIMENSÃO CONTEXTUAL DAS REDES DE APOIO.....	288
QUADRO 42 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL QUANTOS E-MAILS RECEBEU NO ÚLTIMO MÊS SOBRE A DIMENSÃO CONTEXTUAL DAS REDES DE APOIO.....	288

QUADRO 43 - COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO ORDINAL DE SPEARMAN ENTRE A UTILIZAÇÃO DO E-MAIL, A RECIPROCIDADE DE APOIO E A MUDANÇA PERCEBIDA NO TAMANHO DA REDE DE APOIO .....	289
QUADRO 44 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL UTILIZA A INTERNET PARA COMUNICAR COM... SOBRE A DIMENSÃO ESTRUTURAL DAS REDES DE APOIO .....	291
QUADRO 45 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL O QUE A POSSIBILIDADE DE CONTACTO ATRAVÉS DA INTERNET ALTERA SOBRE A DIMENSÃO ESTRUTURAL DAS REDES DE APOIO .....	292
QUADRO 46 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL UTILIZA A INTERNET PARA COMUNICAR COM... SOBRE A DIMENSÃO FUNCIONAL DAS REDES DE APOIO .....	294
QUADRO 47 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL O QUE A POSSIBILIDADE DE CONTACTO ATRAVÉS DA INTERNET ALTERA SOBRE A DIMENSÃO FUNCIONAL DAS REDES DE APOIO .....	295
QUADRO 48 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL UTILIZA A INTERNET PARA COMUNICAR COM... SOBRE A DIMENSÃO CONTEXTUAL DAS REDES DE APOIO .....	297
QUADRO 49 - RESULTADOS DOS VALORES MÉDIOS, ANÁLISES DE VARIÂNCIA E TESTES DE TUKEY DA VARIÁVEL O QUE A POSSIBILIDADE DE CONTACTO ATRAVÉS DA INTERNET ALTERA SOBRE A DIMENSÃO CONTEXTUAL DAS REDES DE APOIO .....	298
QUADRO 50 - COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO ORDINAL DE SPEARMAN ENTRE A UTILIZAÇÃO DA INTERNET, A RECIPROCIDADE DE APOIO E A MUDANÇA PERCEBIDA NO TAMANHO DA REDE DE APOIO .....	299
QUADRO 51 - VARIÁVEIS PARA A ANÁLISE MULTIVARIADA .....	301
QUADRO 52 - ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DO FACTOR DE ANÁLISE 1 .....	302
QUADRO 53 - MATRIZ DE CORRELAÇÃO DO FACTOR DE ANÁLISE 1 .....	303
QUADRO 54 - ÍNDICE KMO E TESTE DE BARTLETT .....	304
QUADRO 55 - COMUNALIDADES PARA OS ITENS CONSTITUINTES DO FACTOR DE ANÁLISE 1 .....	304
QUADRO 56 - VARIÂNCIA TOTAL EXPLICADA PELOS COMPONENTES DO FACTOR DE ANÁLISE 1 .....	305
QUADRO 57 - ROTAÇÃO DOS COMPONENTES COM A VARIMAX .....	305
QUADRO 58 - ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DO FACTOR DE ANÁLISE 2 .....	306
QUADRO 59 - MATRIZ DE CORRELAÇÃO DO FACTOR DE ANÁLISE 2 .....	307

QUADRO 60 - ÍNDICE KMO E TESTE DE BARTLETT .....	307
QUADRO 61 - COMUNALIDADES PARA OS ITENS CONSTITUINTES DO FACTOR DE ANÁLISE 2 .....	308
QUADRO 62 - VARIÂNCIA TOTAL EXPLICADA PELOS COMPONENTES DO FACTOR DE ANÁLISE 2 .....	308
QUADRO 63 - ROTAÇÃO DOS COMPONENTES COM A VARIMAX .....	309
QUADRO 64 - ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS DO FACTOR DE ANÁLISE 3 .....	309
QUADRO 65 - MATRIZ DE CORRELAÇÃO DO FACTOR DE ANÁLISE 3 .....	310
QUADRO 66 - ÍNDICE KMO E TESTE DE BARTLETT .....	310
QUADRO 67 - COMUNALIDADES PARA OS ITENS CONSTITUINTES DO FACTOR DE ANÁLISE 3 .....	310
QUADRO 68 - VARIÂNCIA TOTAL EXPLICADA PELOS COMPONENTES DO FACTOR DE ANÁLISE 3 .....	311
QUADRO 69 - ROTAÇÃO DOS COMPONENTES COM A VARIMAX .....	311
QUADRO 70 - DIMENSÕES PARA A CORRELAÇÃO DE PEARSON .....	312
QUADRO 71 - COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO DE PEARSON ENTRE AS DIMENSÕES E AS VARIÁVEIS DESCRITIVAS DO CAPITAL SOCIOCULTURAL .....	312

---

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

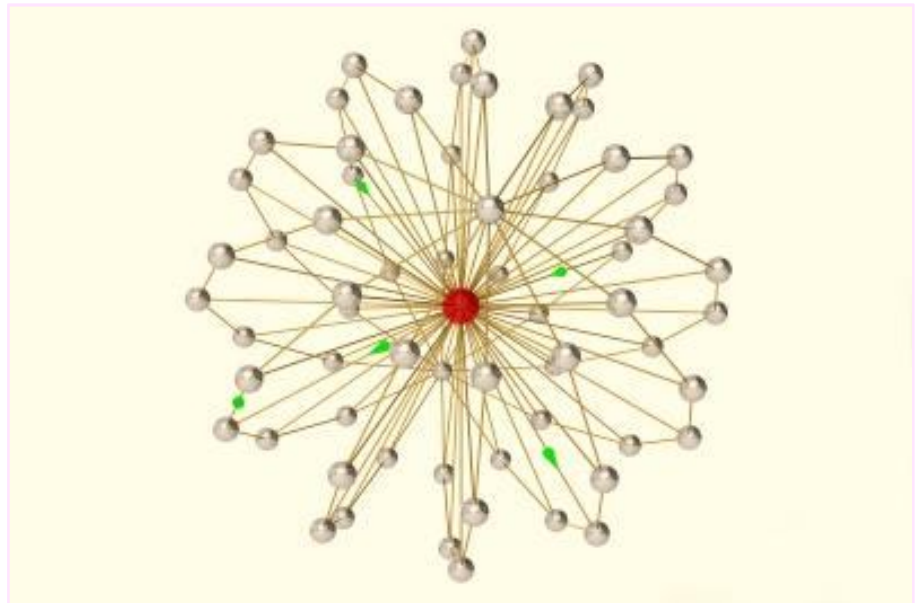
GRÁFICO 1 - ASSINANTES MÓVEIS E ASSINANTES COM CARTÕES PRÉ-PAGOS .....	37
GRÁFICO 2 - FAMÍLIAS COM ACESSO A COMPUTADOR EM CASA .....	37
GRÁFICO 3 - FAMÍLIAS COM ACESSO À INTERNET .....	39
GRÁFICO 4 - ASSINANTES DE BANDA LARGA .....	40
GRÁFICO 5 - UTILIZADORES DE INTERNET POR GRUPOS DE IDADES NOS ESTADOS MEMBROS DA UE .....	41
GRÁFICO 6 - UTILIZADORES DE INTERNET POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE COMPLETO NOS ESTADOS MEMBROS DA UE .....	42
GRÁFICO 7 - ACESSO A COMPUTADOR, LIGAÇÃO À INTERNET E LIGAÇÃO ATRAVÉS DE BANDA LARGA EM CASA .....	43
GRÁFICO 8 - UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR E DA INTERNET .....	44
GRÁFICO 9 - RAZÕES PARA NÃO TER ACESSO À INTERNET EM CASA .....	47
GRÁFICO 10 - USO DA INTERNET (ÚLTIMOS 3 MESES) POR IDADE (EU15), % .....	52
GRÁFICO 11 - USO DO COMPUTADOR (ÚLTIMOS 3 MESES) POR IDADE (EU15), % .....	52
GRÁFICO 12 - DIFERENÇA DE PORCENTAGEM ENTRE "ALGUMA VEZ USOU A INTERNET" E "USOU A INTERNET NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES", 2007 .....	53

GRÁFICO 13 - DIFERENÇA DE PERCENTAGEM ENTRE "ALGUMA VEZ USOU O COMPUTADOR" E "USOU O COMPUTADOR NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES", 2007 .....	53
GRÁFICO 14 - COMPETÊNCIAS NO USO DA INTERNET E DO COMPUTADOR NA POPULAÇÃO EUROPEIA (2006), POR IDADE E NÍVEL DE COMPETÊNCIA .....	54
GRÁFICO 15 - PROPÓSITO DO USO DE INTERNET DA POPULAÇÃO EUROPEIA POR GRUPO ETÁRIO, 2007.....	55
GRÁFICO 16 - PROPÓSITO DO USO DA INTERNET, COMPARAÇÃO ENTRE 2004 E 2006, % .....	56
GRÁFICO 17 - USO E ACESSO A COMPUTADOR PELA POPULAÇÃO EUROPEIA COM 50 ANOS OU MAIS, COMPARAÇÃO ENTRE 2001 E 2007 .....	57
GRÁFICO 18 - PERCENTAGEM DE PESSOAS COM ACESSO E USO DO COMPUTADOR, 2007 .....	58
GRÁFICO 19 - PERCENTAGEM DE INDIVÍDUOS COM ACESSO E USO DA INTERNET, 2007.....	58
GRÁFICO 20 - ACESSO E USO DA INTERNET PELOS EUROPEUS COM 50 ANOS OU MAIS, COMPARAÇÃO ENTRE 2001 E 2007 .....	59
GRÁFICO 21 - RAZÕES PARA O USO DA INTERNET POR IDADE, 2007.....	60
GRÁFICO 22 - OPINIÕES E ATITUDES FACE ÀS TIC NOS EUROPEUS COM MAIS DE 50 ANOS, 2007 ..	62
GRÁFICO 23 - IMPACTE PERCEBIDO DAS TIC .....	62
GRÁFICO 24 - IMPACTE PERCEBIDO DAS TIC NOS DOMÍNIOS DA VIDA DIÁRIA .....	63

---

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 - UTILIZADORES QUE GOSTARIAM DE UTILIZAR MAIS A INTERNET.....	61
FIGURA 2 - DIAGRAMA DAS ESTRUTURAS FECHADAS .....	109
FIGURA 3 – DIAGRAMA DAS ESTRUTURAS ABERTAS .....	110
FIGURA 4 - SÍNTESE DOS FACTORES QUE PODERÃO INFLUENCIAR O CAPITAL SOCIAL DOS INDIVÍDUOS .....	138
FIGURA 5 - MAPA EVOLUTIVO DA REDE SOCIAL .....	191
FIGURA 6 - REPRESENTAÇÃO DA REDE DO CASO 8.....	257
FIGURA 7 - REPRESENTAÇÃO DA REDE DO CASO 161 .....	258
FIGURA 8 - REPRESENTAÇÃO DA REDE DO CASO 32.....	259
FIGURA 9 - REPRESENTAÇÃO DA REDE DO CASO 65.....	259
FIGURA 10 - REPRESENTAÇÃO DA REDE DO CASO 281 .....	260
FIGURA 11 - REPRESENTAÇÃO DA REDE DO CASO 299 .....	260



## INTRODUÇÃO





## INTRODUÇÃO

Durante vários séculos as trocas comunicacionais foram em grande escala influenciadas pela estruturação do espaço físico, estando a rede de relações sociais circunscrita à vizinhança de um local. No entanto, e a partir sobretudo do século XIX, a invenção do telégrafo e o crescente número de avanços produzidos na área das transmissões foram, lenta mas progressivamente, expondo as possibilidades dos dispositivos técnicos suplantarem, com limitações, a barreira do espaço, permitindo ao ser humano criar formas alternativas de manter relações ou estabelecer novas.

Ao nível dos progressos tecnológicos mais recentes, o maior deu-se nos anos 70 quando nos Estados Unidos da América se inicia uma revolução no que diz respeito às tecnologias de comunicação e informação, tecnologias estas que acabam por conhecer nos anos 90 a sua grande disseminação.

Actualmente os graduais progressos tecnológicos ao nível dos serviços telemáticos de comunicação em rede, com relevo para os serviços sustentados pelo uso da Internet, têm utilizações e implicações em diversos domínios, tais como: o ensino, a saúde, o ócio, etc.. É, no entanto, muito mais visível a implicação destas ferramentas na forma de comunicar e aceder à informação, surgindo assim uma nova lógica que, no âmbito deste trabalho, urge problematizar e estudar.

Assim sendo, a motivação subjacente à elaboração deste trabalho de investigação, sobre as TIC e o capital sociocultural dos seniores, prende-se basicamente com três factores principais: o nosso percurso profissional e académico; o interesse científico e a actualidade do tema; e a importância prática de eventuais considerações apresentadas.

Desta forma, no primeiro capítulo, "A gestão do conhecimento na sociedade da informação", contextualiza a área das TIC na Europa e em

Portugal, bem como apresenta alguns dados sobre a sua utilização pelos seniores europeus. Ainda neste capítulo se podem encontrar alguma revisão da literatura sobre a inclusão e a exclusão na sociedade da informação e sobre a alfabetização digital dos seniores.

O segundo capítulo, “Definindo capital social”, dedica-se a abordar conceptualmente a multidimensionalidade do capital social e do impacte da internet no mesmo.

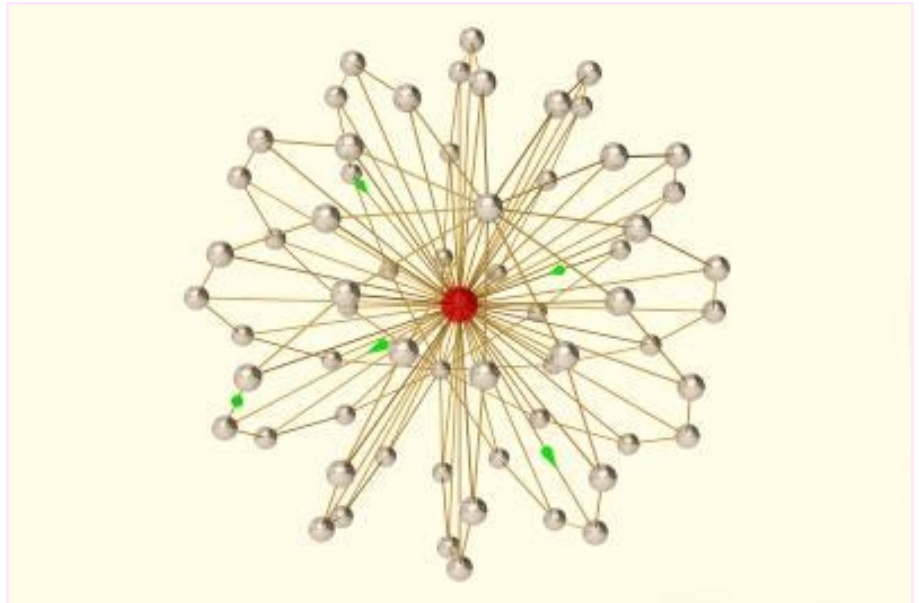
O terceiro capítulo, “Os motivos das relações”, sintetiza abordagens teóricas às redes de pessoais de apoio, descrevendo particularmente os modelos que se inscrevem no impacte da utilização das TIC nas redes sociais pessoais dos seniores.

26

No quarto capítulo “O impacte das tecnologias da informação e comunicação no capital social dos seniores em Portugal: estudo exploratório” é levado a cabo o desenho empírico com a apresentação dos objectivos, da metodologia equacionada com base no modelo analítico do estudo, bem como dos materiais utilizados. É também neste capítulo que são descritas as principais características dos sujeitos participantes no estudo.

No quinto capítulo, “Apresentação e análise dos resultados”, são apresentadas as medidas descritivas que permitem uma análise aos resultados obtidos, bem como os testes aos objectivos descritos no capítulo anterior.

No sexto capítulo, “Discussão dos resultados”, procede-se a uma análise e discussão pormenorizada dos resultados apresentados no capítulo anterior, seguindo-se as considerações finais, onde são equacionadas algumas implicações para estes resultados.



## **CAPÍTULO I**

### **A GESTÃO DO CONHECIMENTO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**



## I. A GESTÃO DO CONHECIMENTO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Para se falar sobre Tecnologias, não basta analisar as suas indubitáveis vantagens, mas também os seus inconvenientes, que muitas das vezes estão patentes mas que noutras situações estão ocultos ou ocultados. Não se pode negar a evidência das mudanças qualitativas que foram produzidas pela introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação na sociedade. O que se pode pôr em causa, sim, é o valor, o carácter, as consequências e o alcance que estas mudanças tiveram e têm no mundo real. A capacidade para se fazer global o mundo é uma possibilidade real, mas cuja efectividade, hoje em dia, está muito longe de estar concluída.

### 1. Contextualização histórica da sociedade da informação

29

Ainda que sem se conseguir um consenso mais ou menos geral, alguns autores situam o aparecimento de um período caracterizado pela transformação da “cultura material”<sup>1</sup> influenciada por um novo paradigma organizado com base nas tecnologias da informação e comunicação (TIC) nos finais do séc. XX, mais propriamente nos finais dos anos 60 e meados da década de 70.

Segundo Castells, as TIC podem entender-se como sendo “um conjunto convergente de tecnologias em microelectrónica, computação, telecomunicações/radiodifusão e opto-electrónica” (Castells, 2007), podendo acrescentar-se a estes a engenharia genética.

---

<sup>1</sup> Segundo Castells, 2007 “cultura material” significa tecnologia.

Graças ao paradigma tecnológico organizado em torno das TIC, apareceu um novo modelo de desenvolvimento que estabelece uma forma de organização social, caracterizada pela sua capacidade de criar *interfaces* entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum nas quais a informação é criada, arquivada, recuperada, processada e transmitida (Castells, 2007). Esta forma de organização social emergente nos países ocidentais mais ricos designa-se por Sociedade da Informação, enfatizando precisamente aquele que é o seu traço mais característico – o facto da informação se constituir na variável chave da geração e distribuição do poder na sociedade.

30 Assim, o que caracteriza a actual revolução tecnológica não é, de todo, a centralidade do conhecimento e da informação, mas a aplicação deste conhecimento e informação na produção de conhecimentos e processamento de informação, num ciclo vicioso entre inovação e o seu uso, sendo que isto acontece com uma rapidez vertiginosa.

Consequentemente, a difusão da tecnologia aumenta o seu poder de forma infinita à medida que os utilizadores dela se apropriam e a redefinem (*ibidem*).

A sociedade da informação é, desta forma, uma sociedade que utiliza predominantemente o recurso às tecnologias da informação e comunicação para a troca de informação em formato digital e que suporta a interacção entre indivíduos com recurso a práticas e métodos em construção permanente.

Caracteriza-se pelo uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação, pelo uso crescente do digital e por se organizar em rede. Além de que se assume, especialmente por esta última característica – a capacidade de gerar as redes – como a alavanca dos processos de reestruturação socioeconómica.

A tecnologia da Informação, entendida como o conjunto de ferramentas empregadas no tratamento (registo, reprodução, comunicação, etc.) da informação, não pode ser considerada recente. A própria Ciência da Informação é milenar se considerarmos a preocupação da humanidade com o registo, comunicação e organização do conhecimento. Poucos foram, porém, os grandes marcos de desenvolvimento tecnológico até recentemente.

Duas tecnologias inicialmente independentes convergiram para a Tecnologia da Informação: telecomunicações e processamento de dados. A microelectrónica consolidou-as.

A Tecnologia da Informação introduziu o tratamento electrónico integrado da informação, desde a aquisição, o armazenamento, até à transmissão à distância. Telecomunicações e Processamento de Dados, apesar de tecnologias relativamente recentes já foram absorvidas pela sociedade moderna. A sua combinação, no entanto, abre perspectivas muito maiores em termos de aplicações e consequências, havendo uma preocupação generalizada no que diz respeito aos impactes sobre a sociedade, ao seu modo de vida, aos seus hábitos, as profissões, a economia e até sobre o modo de pensar. Devido às grandes alterações provocadas pela Tecnologia da Informação, já se formou o conceito da Era Pós-industrial ou a chamada Sociedade da Informação.

As TIC provocaram a 2ª Revolução Industrial, assim chamada pelas analogias com a Revolução Industrial. Enquanto a 1ª Revolução Industrial se caracterizou pela utilização de máquinas em substituição de diversas actividades físicas do homem, a 2ª está a transferir para as máquinas parte da actividade intelectual do homem.

É possível estabelecer alguns paralelos entre as duas revoluções industriais, considerando a tecnologia da informação como analogia da máquina a vapor:

- Assim como o século XX viu uma crescente procura por ferramentas de tratamento de informações, o período de aproximadamente 100 anos anterior à Revolução Industrial caracterizou-se pelo desenvolvimento de uma série de tecnologias intermediárias.
- A primeira máquina a vapor tinha tecnologia bastante simplificada e foi utilizada no final do séc. XVII quase que exclusivamente para bombeamento de água. É óbvia a analogia com os primeiros computadores e as suas aplicações limitadas.
- Com o desenvolvimento de vários tipos de dispositivos mecânicos, a máquina a vapor passou a ser utilizada nos 70 anos seguintes em diversas outras áreas, começando pelas cervejarias, indústrias de aço, e passando para indústrias manufactureiras, ferrovias, agricultura, navegação, etc.. Novamente a analogia é evidente.

32

Aqui chegamos à questão central da era pós-industrial. Mais do que nunca, informação é poder. Se o poder já esteve concentrado nas mãos dos donos de terras, nas mãos dos detentores do capital, ele passa agora às mãos dos detentores de informação.

Em suma, os impactes da Tecnologia da Informação podem ser caracterizados por (Freund, 2009):

- Novas formas de comunicação, como teleconferências, conferência por computador, correio electrónico, etc..
- Aproximação da ciência com a tecnologia, pela redução dos tempos e maior eficiência dos processos de comunicação.
- Aumento da capacidade intelectual do homem, com expansão da sua memória, capacidade de processamento e de comunicação.



No que diz respeito à evolução encontrada na intervenção do Estado nas políticas para o desenvolvimento da Sociedade da Informação, podemos identificar um marco importante na viragem da União Europeia para o desenvolvimento da sociedade da informação. Estamos a falar da reflexão efectuada em 1993 pelo Conselho da Europa que deu origem ao Relatório *Bangemman – “Europe and the Global Information Society – Recommendations to the European Council”*. (Coelho, 2007)

O relatório perspectiva os impactes da sociedade da informação, interroga-se sobre a coesão europeia e o fosso digital, apontando caminhos e estratégias para preparar a Europa no sentido da evolução tecnológica necessária para caminhar a par do mundo global.

A Europa é analisada sob diversos ângulos estratégicos e reconhece-se que em todos eles seriam necessárias profundas modificações que levassem a esse avanço necessário.

33

Na sequência deste relatório, a Comissão reúne os Estados Membros e, em 2000, publica um documento da maior relevância a nível Europeu, trata-se das conclusões da Cimeira de Lisboa, onde foi definido o objectivo da UE até ao ano 2010 – “tornar-se na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos, e com maior coesão social” (Coelho, 2007).

Em consequência das metas fixadas na Estratégia de Lisboa é elaborado o “Plano de Acção eEurope 2002 – Uma Sociedade de informação para Todos” onde são definidas dez áreas chave agrupadas em três objectivos principais:

- I. Uma Internet mais barata, mais rápida e segura;

- II. Investir nas pessoas e nas qualificações (ao nível da participação de todos na era digital e na economia do conhecimento);
- III. Estimular a utilização da Internet (no que respeita aos serviços oferecidos pela internet).

No Conselho Europeu de Sevilha em 2005, é acordado um novo plano de acção – eEurope 2005 – que tentou, simultaneamente, aproveitar alguns dos êxitos do programa eEurope 2002 e solucionar algumas das debilidades detectadas.

A inclusão digital representou um dos temas horizontais a este plano de acção que, no entanto, se traduziu em termos da acessibilidade *Web* para pessoas com deficiência. As linhas de acção previstas neste plano (*e-government; e-learning; e-health; ...*) dirigiam-se para a necessidade de se garantir o acesso de todos à sociedade de informação, principalmente tendo em conta a capacitação de todos para o uso das TIC.

34

A revisão da estratégia de Lisboa deu lugar a um novo plano de acção denominado “i2010: a sociedade da informação e os meios de comunicação ao serviço do crescimento e do emprego”. Com este plano, a Comissão aborda de maneira integrada a sociedade da informação e as políticas audiovisuais na UE. A sua intenção era a de coordenar a acção dos Estados Membros para facilitar a convergência digital e enfrentar os desafios vinculados pela própria sociedade da informação.

Nesta estratégia a Comissão propõe três prioridades políticas, que incluem, no seu número três “uma sociedade da informação que seja inclusiva, ofereça serviços públicos de grande qualidade e promova qualidade de vida”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em [http://ec.europa.eu/information\\_society/eeurope/i2010/strategy/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/information_society/eeurope/i2010/strategy/index_en.htm). Consultado em 08/Maio/2010

A iniciativa i2010 estipula a necessidade dos Estados Membros definirem propostas específicas sobre uma sociedade da informação para todos nas orientações estratégicas comunitárias em matéria de coesão no período compreendido entre 2007-2013.

Em contraste com a posição pró-activa assumida por Portugal na Cimeira de Lisboa, o período 2000-2005 português pode caracterizar-se por um estado de letargia e de confusão estratégica.

Ainda assim, em Portugal, a necessidade de uma estratégia integrada para a Sociedade de Informação e do Conhecimento só foi reconhecida com maior evidência em 1996, quando foi criada a *Missão para a Sociedade de Informação* apostada em promover uma ampla discussão sobre o tema e em elaborar um *Livro Verde para a Sociedade de Informação*<sup>3</sup>, que incluísse propostas de medidas a curto, médio e longo prazos.

O *Livro Branco do Desenvolvimento Científico e Tecnológico Português (1999-2006)* resultou de um levantamento alargado das necessidades e oportunidades de desenvolvimento científico e tecnológico português, incluindo as respeitantes à Sociedade de Informação, e contou em particular com as contribuições recebidas no *Fórum Permanente de Política Científica e Tecnológica*, criado em 1998 na Internet.

35

A partir dos elementos acima referidos, foi preparado, e aprovado em Julho de 2000, o *Programa Operacional para a Sociedade de Informação (POSI)*<sup>4</sup>, para beneficiar do III Quadro Comunitário de Apoio (2000-2006). No mesmo ano, o governo português criou a *Comissão Interministerial para a Sociedade de Informação* e lançou a *Iniciativa Internet*. No âmbito deste

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://www2.ufp.pt/~lmbg/formacao/lvfinal.pdf>. Consultado em 08/Maio/2010

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.fct.mctes.pt/pt/programasinvestimento/posi/posifiles/posi.html>. Consultado em 08/Maio/2010

programa, em 2001, foi lançado o concurso público para a generalização do *Programa Cidades Digitais*, e criados os primeiros *Espaços Internet* públicos.

Em 2002 foi criada a UMIC – Unidade Missão Inovação e Conhecimento – com competências inerentes ao desenvolvimento da sociedade da informação e do conhecimento. Em 2003 a UMIC elaborou um documento de análise intitulado “Sociedade da Informação e Governo Electrónico – Relatório e Diagnóstico”. Seguem-se-lhe vários outros documentos de análise, incluindo propostas concretas que serviram para sensibilizar de forma significativa a sociedade portuguesa no domínio das TIC.

Em Julho de 2005 lançou o Programa *LigarPortugal* que estabelece o plano nacional para a Sociedade da Informação para o período 2005-2010 e é este o plano actualmente em vigor.

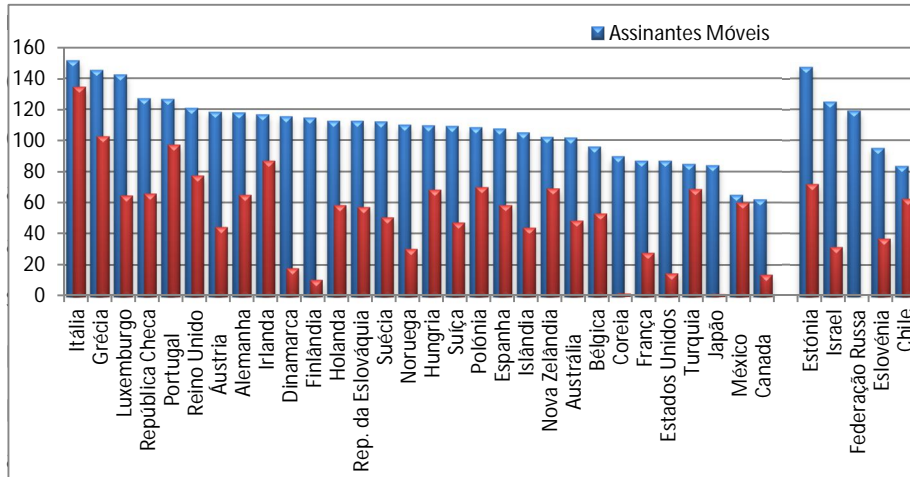
36 A par destas medidas foi lançado em Setembro de 2009 o computador Sénior Virtual. Depois dos mais novos terem acesso ao Magalhães agora é a vez dos mais seniores terem acesso a este novo computador adaptado às suas necessidades. Estes Insys serão, desta forma, adaptados às especificidades de um público sénior e vão incorporar um teclado e ecrã maiores que o normal. Vão ter caracteres bem visíveis, sem esquecer a função de mobilidade, também garantida pelo baixo peso. Inicialmente estará apenas disponível para os alunos das Universidades Seniores sendo posteriormente acessível a todos os maiores de 50 anos. O projecto foi desenvolvido pela Rutis, Microsoft e pela empresa de informática Inforlândia. O computador vem com o Windows 7 e o Office 2007 instalado.

### 1.1 As tecnologias da informação e da comunicação: dados mundiais

Os indivíduos constituem um dos principais vectores de análise da Sociedade da Informação. Se, por um lado, as infra-estruturas são decisivas enquanto pilares dessa sociedade, por outro, não seria possível avaliar a mesma sem considerar os agentes que a compõem e a forma como utilizam os instrumentos disponíveis (UMIC, 2006).

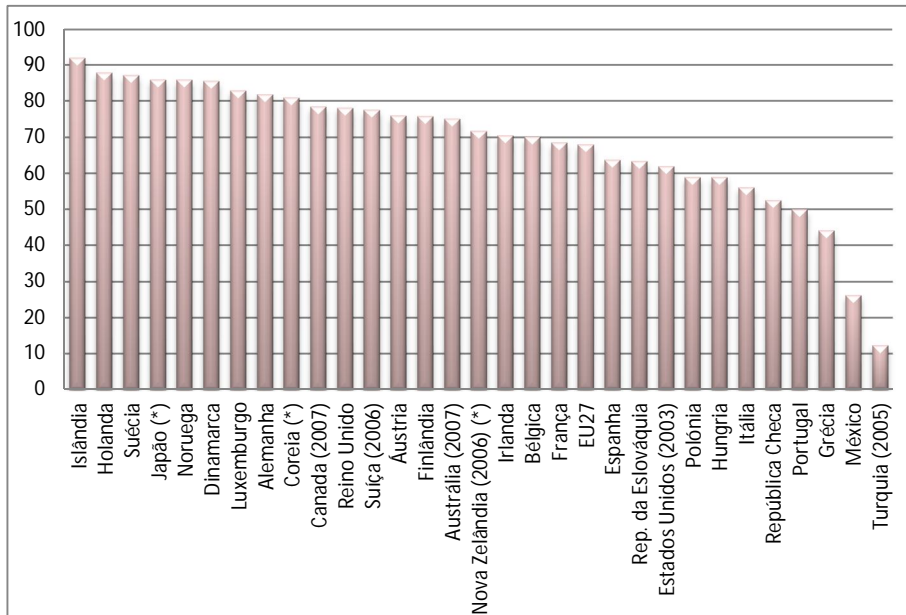
De seguida vamos tentar analisar o reflexo das iniciativas atrás descritas em alguns indicadores da sociedade da informação, apresentando alguns dados estatísticos referentes aos países da OCDE, da União Europeia e especificamente o caso português.

**Gráfico 1 - Assinantes móveis e assinantes com cartões Pré-Pagos**  
(por 100 habitantes nos países da OCDE, 2007)



**Gráfico 2 - Famílias com acesso a computador em casa**

(percentagem de todas as famílias com computador de secretária, portátil ou de bolso, 2008 ou o último ano disponível)



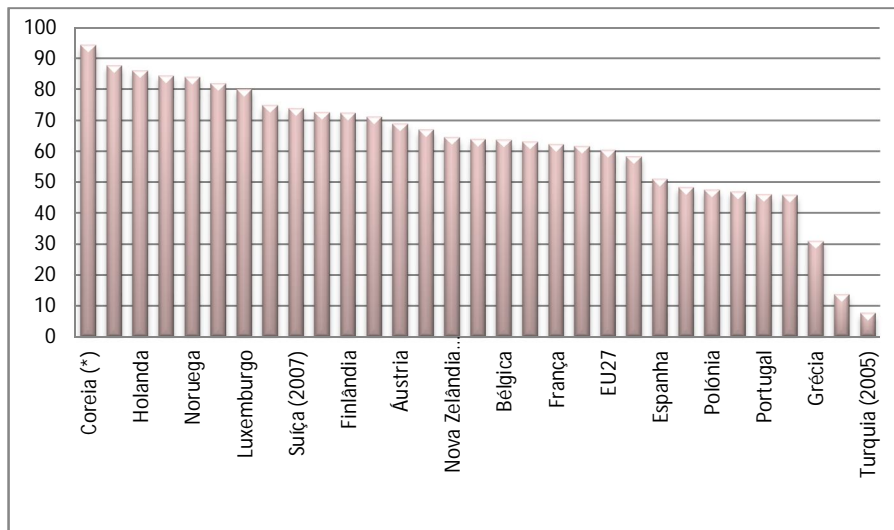
Nota: \* e (...) significa que o ultimo ano disponível distinto de 2008.

Fonte: OECD, ICT database and Eurostat, Community Survey on ICT usage in enterprises, May 2009.

Um indicador de grande importância é a percentagem de famílias com computador no lar (Gráfico 2). Nesta variável a posição de Portugal já não é tão favorável, encontrando-se em 2008 com a quarta pior posição, apenas superando a Grécia, o México e a Turquia (se bem que no caso da Turquia os dados disponíveis reportem a 2005). Apenas cerca de metade das famílias portuguesas têm computador de secretária, portátil ou de bolso.

A taxa de famílias com Internet é outro indicador em que Portugal não está bem posicionado.

**Gráfico 3 - Famílias com acesso à Internet**  
(Percentagem de todas as famílias, 2008 ou último ano disponível)



Nota: \* e (...) significa que o ultimo ano disponível distinto de 2008.

Fonte: OECD, ICT database and Eurostat, Community Survey on ICT usage in enterprises, May 2009.

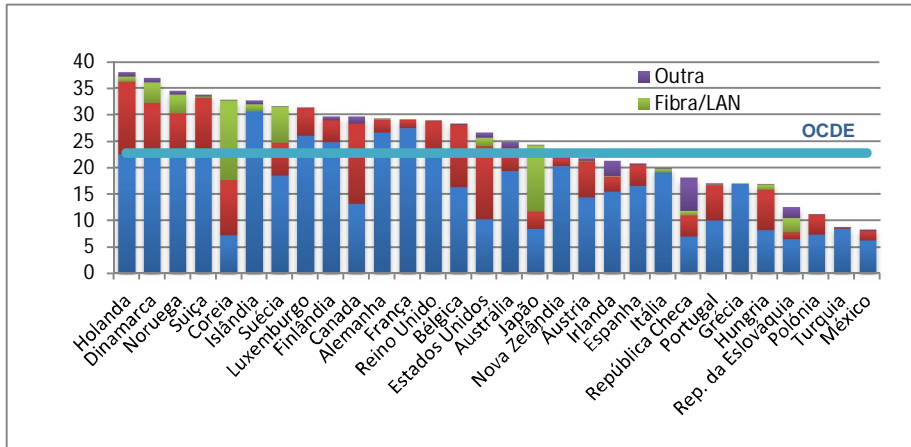
Como podemos verificar pela análise do Gráfico 3, também neste indicador, Portugal apresenta a uma posição pouco favorável, apenas superando a República Checa, a Grécia, o México e a Turquia (este caso com dados reportados a 2005).

39

Esta posição não muito favorável, no que respeita à posse de computador e acesso à Internet, pode dever-se ao facto de, no nosso país, ainda subsistir uma elevada percentagem de iliteracia digital o que leva, obviamente, ao desinteresse dos indivíduos por estas tecnologias.

A evolução tecnológica sobre a rede de cobre, nomeadamente no que respeita às tecnologias Digital Subscriber Line (DSL), tem alargado o seu campo de utilização.

**Gráfico 4 - Assinantes de Banda Larga**  
(Por 100 habitantes e por tecnologia, Junho de 2009)



Fonte: OECD Key ICT indicators, 2009

40 No que respeita à taxa de penetração de banda larga, Portugal apresenta, em 2009, a sétima pior taxa, situando-se entre a República Checa e a Grécia (Gráfico 4), e bastante abaixo da média da taxa de penetração dos países da OCDE. Verificamos também um peso bastante grande da DSL e do Cabo, em detrimento de outras tecnologias.

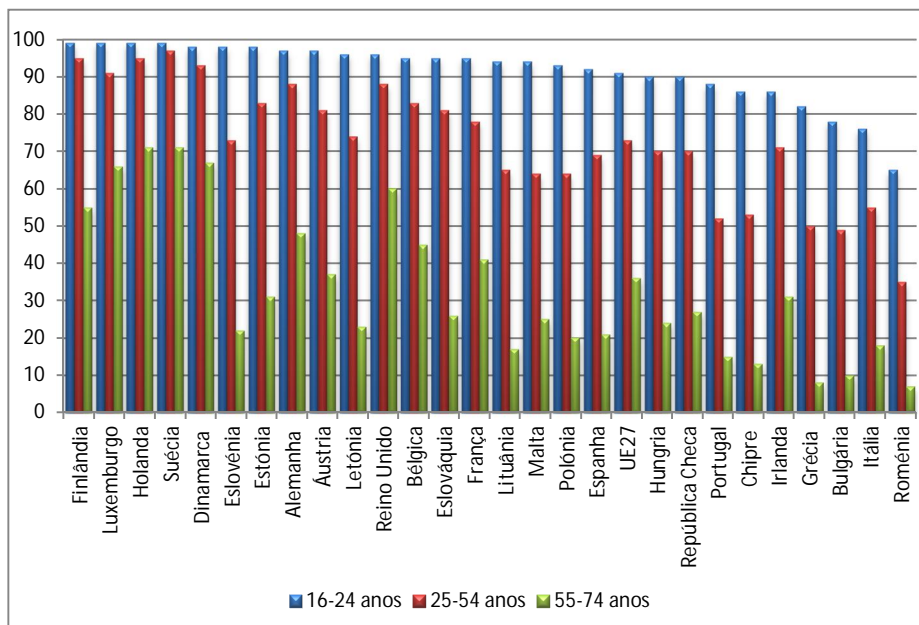
Analisando com mais pormenor a prestação portuguesa no que diz respeito à relação existente entre as famílias do nosso país e a Internet, podemos ver, no Gráfico 5, que Portugal está entre os sete últimos países da União Europeia no que respeita à utilização da internet pelos indivíduos com idades compreendidas entre 16 e 24 anos. Este gráfico também evidencia, no caso português, discrepância na utilização da Internet por grandes grupos de idade. De facto, regista-se uma percentagem de utilizadores de Internet muito mais elevada na classe etária dos q6 aos 24 anos, uma percentagem bastante inferior na classe etária dos 25 aos 54 anos e uma percentagem muito baixa na classe etária dos 55 aos 74 anos. Inclusive,



nesta última classe etária, Portugal apenas consegue superar o Chipre, a Bulgária, a Grécia e a Roménia.

Como havíamos já constatado na análise dos dados fornecidos pela OCDE, também no caso da União Europeia, Portugal não se encontra numa posição muito favorável no que respeita à utilização da Internet pelas famílias, sendo esta posição abaixo da média dos 27 Estados-membros da UE, em relação a qualquer uma das classes etárias indicadas (Gráfico 5).

**Gráfico 5 - Utilizadores de Internet por grupos de idades nos Estados Membros da UE**  
(% Indivíduos entre os 16 e os 74 anos, 2009)

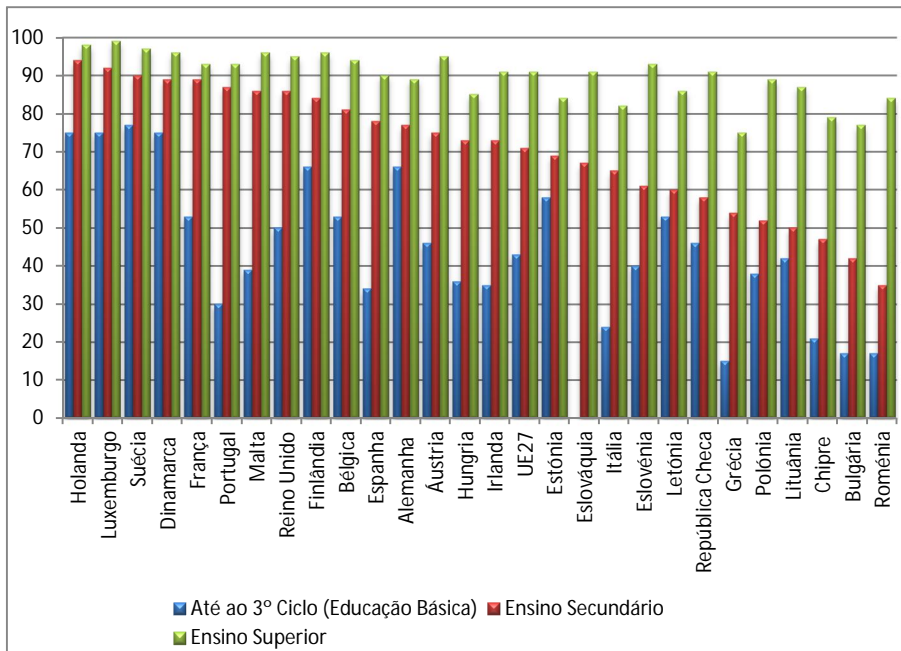


Fonte: EUROSTAT (Dados referentes ao 1.º trimestre do ano)

Se, por outro lado, fizermos a análise da utilização da Internet por nível de escolaridade, a posição portuguesa muda drasticamente (Gráfico 6).

**Gráfico 6 - Utilizadores de Internet por nível de escolaridade completo nos Estados Membros da UE**

((%) Indivíduos entre os 16 e os 74 anos, 2009)



42

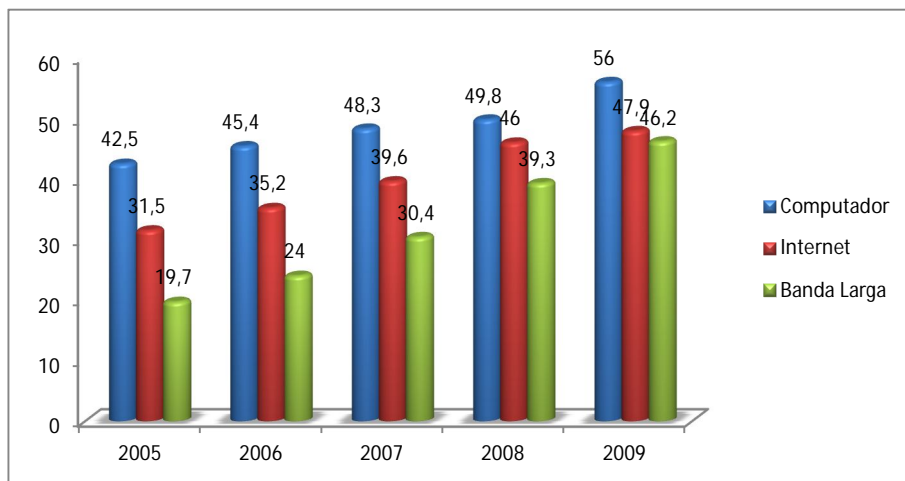
Fonte: EUROSTAT (Dados referentes ao 1.º trimestre do ano)

Como podemos verificar, neste caso, Portugal está muito bem posicionado, encontrando-se na sexta posição, logo a seguir à Dinamarca e França e bem acima da média europeia (excepto no nível de escolaridade até ao 3º ciclo). De facto, apesar dos valores registados em relação aos níveis de escolaridade do ensino secundário e do ensino superior serem bastante satisfatórios no caso português, o nosso país apresenta uma percentagem de utilização de Internet bastante fraca no nível de escolaridade até ao 3º ciclo, apenas superando, neste nível de escolaridade, a Itália, o Chipre, a Bulgária, a Roménia e a Grécia.

Fazendo agora uma análise detalhada da situação da utilização das TIC pelas famílias portuguesas, podemos afirmar que, segundo o Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação pelas Famílias de 2009 (INE, 2009), no primeiro trimestre de 2009 – Gráfico 7 - 56% dos

agregados domésticos tinham acesso a computador em casa, 47,9% dispunham de ligação à Internet e 46,2% dispunham de acesso por banda larga.

**Gráfico 7 - Acesso a computador<sup>5</sup>, ligação à Internet e ligação através de banda larga em casa**  
(agregados domésticos, 2005-2009 (%))

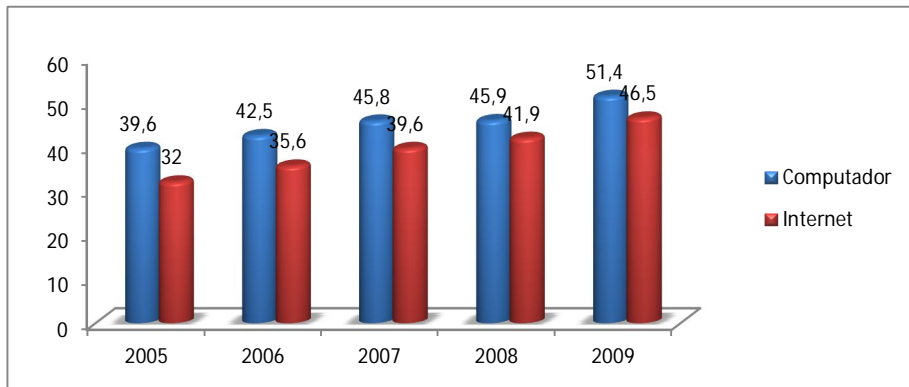


Fonte: INE, Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias, 2009

Como podemos também verificar pelo Gráfico 7, observa-se, face a 2005, um aumento do número de agregados domésticos que dispõem das tecnologias referenciadas, traduzido por um crescimento médio anual de 23,8% no que se refere à banda larga, de 11,1% na ligação à Internet e de 7,3% no acesso ao computador a partir de casa.

<sup>5</sup> O conceito de computador contempla computador de secretária, portátil e de bolso.

**Gráfico 8 - Utilização do computador e da Internet**  
(indivíduos com idade entre os 16 e os 74 anos, 2005-2009 (%))



Fonte: INE, Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias, 2009

No primeiro trimestre de 2009 o computador foi utilizado por 51,4% dos indivíduos com idade entre os 16 e os 74 anos e a Internet por 46,5% (Gráfico 8). Se compararmos estes dados com os de 2005 podemos ver um crescimento significativo das taxas médias anuais (6,8% e 9,8% no que respeita às utilizações do computador e da Internet, respectivamente).

**Quadro 1 - Perfis dos utilizadores de computador e de Internet (%)**

	Computador	Internet
<b>Total</b>	<b>51,4</b>	<b>46,5</b>
<b>Sexo</b>		
Homens	56,4	51
Mulheres	46,6	42,2
<b>Escalões Etários</b>		
16 a 24 anos	92,2	88,1
25 a 34 anos	82,4	77,1
35 a 44 anos	59,6	53,3
45 a 54 anos	41,3	36
55 a 64 anos	26,9	21,4
65 a 74 anos	8,1	6,6
<b>Nível de Escolaridade</b>		
Até ao 3º ciclo	35,5	30,1
Ensino Secundário	91,2	86,8
Ensino Superior	95,1	92,6
<b>Condição perante o trabalho</b>		
Empregado	62,6	56,5
Desempregado	49,9	44,2
Estudante	99,3	96,7
Outros inactivos	15	12,1

Fonte: INE, Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias, 2009

Como podemos ver pelo Quadro 1, a percentagem de homens a utilizar quer os computadores, quer a Internet, é superior à das mulheres (respectivamente, 56,4% e 51% para os homens, e 46,6% e 42,2% para as mulheres).

Se atendermos às faixas etárias dos utilizadores, é notória a diferença entre as faixas mais baixas (donde se destaca a faixa etária dos, 16 aos 24 anos, com 92,2% para os computadores e 88,1% para a Internet) e as faixas mais elevadas (donde se destaca a faixa etária dos, 65 a 74 anos, com apenas 8,1% para os computadores e 6,6% para a Internet). De facto, as taxas de

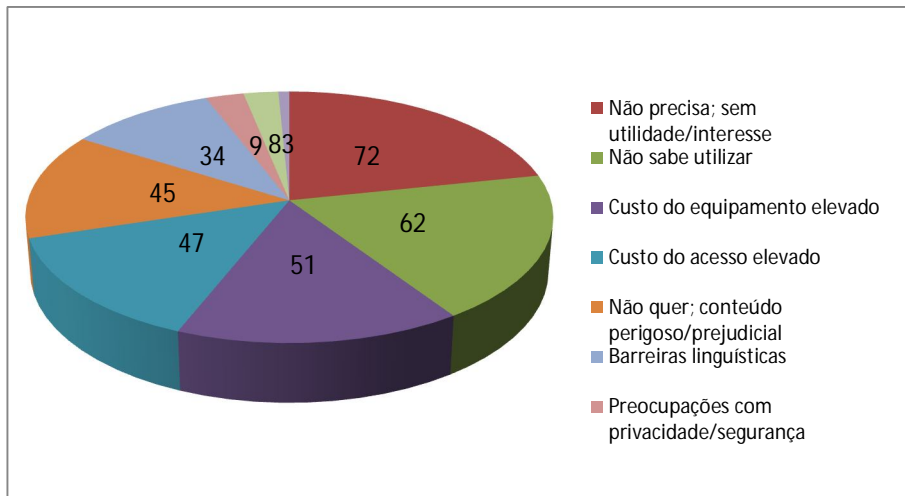
utilização, quer nos computadores, quer na Internet, diminuem à medida que avançamos para as faixas etárias mais elevadas. Contudo, a diminuição das taxas de utilização é ainda mais drástica quando analisamos a evolução dos valores da faixa etária dos 25 a 34 anos para os 35 a 44 anos (quer em relação aos computadores, quer em relação à Internet). A taxa de utilização (para os computadores e para a Internet) em todas as faixas etárias acima dos 45 anos é largamente inferior a 50%.

Quanto à relação existente entre a utilização das tecnologias e a escolaridade, podemos afirmar que estas variam na razão directa, isto é, a utilização das TIC aumenta com o aumento do nível de escolaridade. Destaca-se aqui, pela negativa, as fracas taxas de utilização registadas no nível de escolaridade até ao 3º ciclo (com 35,5% para os computadores e 30,1% para a Internet).

46 Em relação à condição perante o emprego, os estudantes são, sem dúvida, aqueles que mais utilizam o computador e a Internet (99,3% e 96,7%, respectivamente) seguidos de perto pelos Empregados (62,6% e 56,6% respectivamente); o grupo dos Outros Inactivos é aquele que apresenta a mais baixa percentagem de utilização das TIC (15% e 12,1% respectivamente).

As razões que os agregados domésticos apresentam para não ter Internet em casa são, como se pode ver no Gráfico 9, o facto de não precisarem/não ter qualquer utilidade ou interesse (72%), seguida do facto de não saberem utilizar (62%), o custo do equipamento ser elevado (51%), o custo do acesso ser elevado (47%), por acharem o conteúdo perigoso/prejudicial (45%) e pela existência de barreiras linguísticas (34%).

**Gráfico 9 - Razões para não ter acesso à Internet em casa**  
(agregados domésticos sem ligação à Internet (%), 2008)



Fonte: INE/UMIC, Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias 2005 - 2008.

Em jeito de síntese e baseando-nos também no relatório do autor Escola (2007), podemos dizer que a maioria dos portugueses é constituída por não utilizadores de internet.

47

O uso desta ferramenta encontra-se essencialmente vinculado aos mais jovens e aos detentores de melhores qualificações. Nos escalões etários mais jovens a ausência de recursos escolares não significa necessariamente uma distância superior em relação à internet, não sendo verdade tal posição para os mais velhos, pois a formação mais avançada aparece aí como condição para se aceder ao universo tecnológico.

Os mais jovens convertem o uso das TIC essencialmente num espaço de lazer, entretenimento e sociabilidade, enquanto os mais velhos, e com níveis de escolarização mais elevados, servem-se do meio com fins de ordem prática, profissional e cultural (Escola, 2007).

No que concerne ao lugar que a internet ocupa nas práticas comunicacionais, reconhece-se que esta tecnologia não conduziu à substituição das mais tradicionais, verifica-se antes que aquela aparece

como mais uma possibilidade no universo dos meios de informação e comunicação, onde se destacam a televisão, a rádio ou a imprensa escrita.

As relações de sociabilidade, convivialidade e, de uma forma geral, as actividades quotidianas, não sofrem significativas alterações pela presença e uso da internet, verificando-se, apesar de tudo, alterações nas práticas comunicativas tecnologicamente mediadas, assistindo-se a uma diminuição ligeira de acções como ver televisão, vídeos e DVD's (Escola, 2007).

### *1.2 O sénior e a informática*

48 A necessidade crescente de seniores terem acesso às novas tecnologias é tema de estudo da gerontotecnologia - domínio que estuda o envelhecimento e as tecnologias - que visa, em particular, desenvolver novos produtos e serviços voltados para as pessoas idosas. Este campo de investigação e desenvolvimento interdisciplinar tende a ganhar cada vez mais importância com o envelhecimento das populações dos países mais desenvolvidos, como é o caso de Portugal.

Segundo os Censos 2001, a população idosa com 65 ou mais anos representava 16,4% da população Portuguesa, ou seja, 1 693 493 indivíduos. Em 1991, a população com 65 ou mais anos era constituída por 1.342.744 indivíduos. Em 10 anos registou-se um acréscimo de 26,1% da população mais idosa, enquanto a população total do país cresceu 5% no mesmo período de tempo<sup>6</sup>.

As Nações Unidas prevêem que no ano de 2050, em Portugal, 37% da população tenha 60 ou mais anos, sendo de 26% a população com mais de 80 anos.

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.engenhariadereabilitacao.net/estudos/populacao.php>. Consultado a 15 de Janeiro de 2009



No espaço geográfico correspondente à Europa, onde se estima que existam 800 milhões de habitantes, existem cerca de 100 milhões de pessoas idosas e 50 milhões de pessoas com alguma deficiência (este dado inclui também as pessoas idosas com deficiência).

Estima-se que nos próximos 30 anos a população com mais de 60 anos na Europa aumente em 50%, tornando-se no grupo dominante e na principal preocupação dos governos.

A Europa será um grande espaço de seniores, onde necessariamente terá que existir um incremento significativo de serviços e competências que respondam às necessidades de autonomia e qualidade de vida desta população. População essa que será mais instruída, exigente, activa e com maior poder de compra que a actual.

Factores como a nuclearização da família, o distanciamento das pessoas e a consequente anomia comum nas sociedades ditas evoluídas, tornam a convivência social do sénior restrita e limitada, bem como as possibilidades da existência de encontros e trocas humanas serem cada vez mais escassas e eventuais.

49

Os avanços na medicina preventiva e curativa transformaram a sociedade. Cada vez mais o período em que a actividade profissional do indivíduo cessa coincide com a ampliação da longevidade permitida pelos avanços referidos, embora estes mesmos indivíduos continuem capazes de se manterem activos.

É exactamente neste espaço, que se torna um espaço “vazio”, que as TIC podem ser adoptadas como poderosas ferramentas de reintegração social e cultural desta população.

De entre os possíveis instrumentos que as TIC nos proporcionam está a Internet. As redes sociais que hoje permeiam a Internet, certamente podem

constituir um canal de inclusão “cibersocial” que permitam ao sénior promover os seus contactos, conhecer novas pessoas com interesses comuns, e evitar a exclusão social a que normalmente estão votados, uma vez que este instrumento poderoso está provido de equipamentos e recursos que permitem a superação de possíveis limitações existentes nesta população.

Esta possibilidade de “ciberinclusão” tem em vista não uma oferta “piedosa” de “passar o tempo”, mas antes a possibilidade de ampliação da sua “vida activa” e criativa (Farah & Arantes, 2010), ou seja, uma efectiva participação social. No fundo, a manutenção dos seus direitos de cidadania (ao informar, interagir, proporcionar notícias em tempo real, inserindo desta forma o sénior nos factos do mundo, poderá também convidá-lo a continuar a dar opiniões válidas e a ser participante de uma sociedade ainda em construção).

50

Com maior acesso à informação e à participação activa em diferentes vivências, outra marca da sociedade globalizada, o idoso vem tendo oportunidades, nos mais diversos âmbitos (...) de ressignificar sua existência, sua aprendizagem, sua importância como cidadão detentor de direitos e garantias legais, seu envelhecimento, sua própria velhice e os níveis de sua efectiva participação dentro da sociedade (Gaspari, Schwartz, 2005 cit. por Miranda & Farias, 2009).

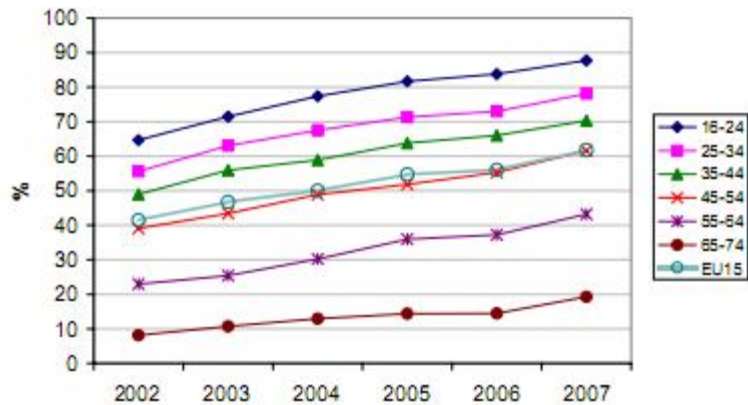
Certos aspectos psicossociais negativos comuns na velhice (como a solidão, o isolamento social, a alienação) podem ser minimizados com o apropriado uso da Internet. Criar uma nova rede de amigos, procurar informações sobre assuntos de interesse pessoal e sobre o que acontece ao seu redor e no mundo são atitudes que inserem o sénior novamente no meio social onde vive, conforme constataram Karavidas, Lim e Katsikas no seu estudo *The effects of computers on older adult users* (Karavidas, Lim, & Katsikas, 2005).

Para Freese, Rivas e Hargittai no estudo *Cognitive ability and internet use among older adults* (Freese, Rivas, & Hargittai, 2006), o uso da internet auxilia a prevenção do envelhecimento cerebral, mantendo o cérebro cognitivamente activo e dinâmico.

A tecnologia surge então como forma de contribuição na redução do isolamento, na estimulação mental e, finalmente, na promoção do bem-estar dos seniores, podendo também facilitar o processo de comunicação com parentes ou amigos, impulsionando, dessa maneira, as relações interpessoais ou promovendo novos encontros geracionais na *Web*.

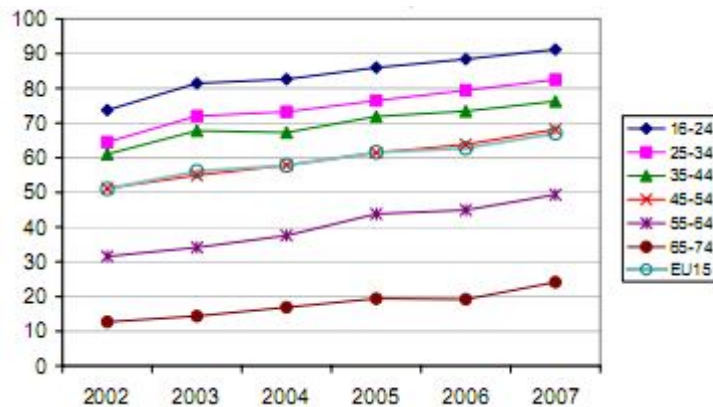
Se nos debruçarmos sobre alguns dados estatísticos, prestando uma especial atenção à classificação dada pelo Eurostat (Seniorwatch, 2008), podemos dizer que o uso da internet e do computador entre os europeus mais velhos (65-74 anos) teve um crescimento moderadamente significativo passando de 8% em 2002 para 19% em 2007 no que à internet diz respeito (tal como indica o gráfico 10) e 12% em 2002 para sensivelmente 25% no que respeita ao uso do computador (Tal como evidencia o Gráfico 11).

**Gráfico 10 - Uso da Internet (últimos 3 meses) por idade (EU15), %**



Fonte: Eurostat ICT household surveys, 2007

**Gráfico 11 - Uso do Computador (últimos 3 meses) por idade (EU15), %**

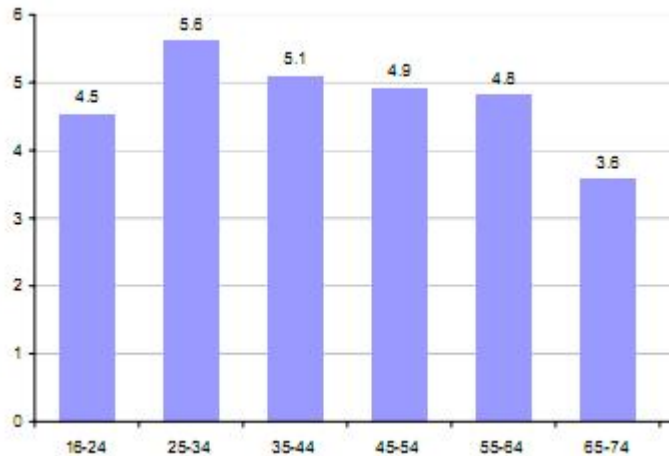


Fonte: Eurostat ICT household surveys, 2007

52

Fazendo uma análise tendo em conta as pessoas que usam a internet pelo menos uma vez em relação aqueles que usaram a internet nos últimos três meses, podemos concluir que, segundo o Gráfico 12, as percentagens variam de 5,6% nas idades entre 25-34 anos e 3,6% para os 65-74 anos. Assim, este gráfico mostra-nos que a relação entre aqueles que usaram a internet pelo menos uma vez e aqueles que a usaram nos últimos 3 meses não é um fenómeno que esteja directamente relacionado com o aumento da idade dos utilizadores.

**Gráfico 12 - Diferença de percentagem entre "alguma vez usou a internet" e "usou a internet nos últimos três meses", 2007**

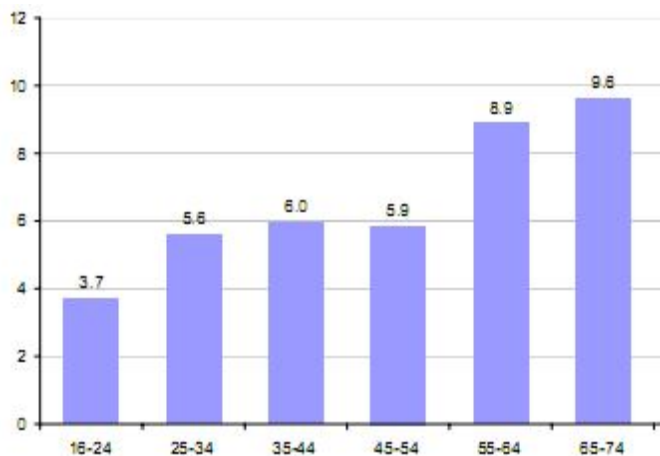


Fonte: Eurostat ICT household surveys, 2007

Se pensarmos no uso dos computadores na mesma lógica do uso da internet referido no parágrafo anterior, temos que quase 10% de utilizadores com idades compreendidas entre 65 e 74 anos estão em situação de ex-utilizadores desta ferramenta, como podemos ver no gráfico 13.

53

**Gráfico 13 - Diferença de percentagem entre "alguma vez usou o computador" e "usou o computador nos últimos três meses", 2007**



Fonte: Eurostat ICT household surveys, 2007

O estudo efectuado pelo Eurostat confirma a ideia de que há importantes competências associadas ao uso das TIC e que estas estão presentes de forma diferente se tivermos em conta a idade dos inquiridos.

Assim, de entre os utilizadores do computador, a maior percentagem de competências presentes nesse uso situa-se na faixa etária entre os 16 e os 24 anos (40,4%) em comparação com os 11% presentes no grupo dos mais seniores. O mesmo acontece com o uso da internet, onde podemos encontrar um total de 65,4% em relação a capacidades e competências médias e elevadas no grupo mais jovem e poucas destas no grupo mais sénior, com apenas 16,1% dessas competências (Gráfico 14).

**Gráfico 14 - Competências no uso da internet e do computador na população europeia (2006), por idade e nível de competência**

	No computer skills	Low computer skills	Medium computer skills	High computer skills	No internet skills	Low internet skills	Medium internet skills	High internet skills
16-24	4.5	14.3	40.0	40.4	2.9	31.2	47.0	18.4
25-34	8.3	15.8	35.5	39.2	3.0	45.7	37.7	13.0
35-44	10.8	19.0	35.8	32.0	3.4	58.8	29.7	7.1
45-54	13.4	22.1	35.8	25.3	5.1	64.2	24.9	4.4
55-64	18.6	24.9	32.1	20.4	7.5	67.7	20.5	2.6
65-74	25.9	29.5	26.5	11.0	12.4	67.7	14.5	1.6
<b>EU25</b>	<b>11.1</b>	<b>19.1</b>	<b>35.7</b>	<b>31.7</b>	<b>4.2</b>	<b>51.9</b>	<b>33.0</b>	<b>9.8</b>

Fonte: Eurostat ICT household surveys, 2007

Como se pode verificar, no gráfico seguinte, o propósito com que se usa a internet é bastante distinto se tivermos em conta as faixas etárias em estudo. Tal como o esperado, enquanto que o grupo mais jovem utiliza sobretudo a internet para procurar informações ligadas aos seus estudos, os grupos mais seniores utilizam mais a internet para obter informações relacionadas com questões de saúde e para o *e-government*.

**Gráfico 15 - Propósito do uso de internet da população europeia por grupo etário, 2007**

	for seeking health information on injury, disease or nutrition	for interaction with public authorities	for training and education (2006)
16-24	29.8	38.1	42.6
25-34	44.5	50.0	31.4
35-44	46.8	58.1	28.4
45-54	45.9	58.1	27.8
55-64	44.6	56.1	22.1
65-74	44.0	47.9	18.9
EU25	42.1	53.1	35.5

Fonte: Eurostat ICT household surveys, 2007

O próximo gráfico mostra-nos, de uma forma comparada, o uso da internet por aplicativo e por idade. Podemos verificar que o grupo dos 55 anos ou mais é o menos activo em todas as categorias, mas utilizando a internet claramente quase tanto como o grupo mais novo para mandar e-mails, procurar informações de saúde, procurar informações de viagens e reserva de bilhetes para eventos. Podemos afirmar que o e-mail é o mais popular uso que se faz da internet independentemente do grupo etário que estivermos a tratar.

Se compararmos os anos distintos podemos dizer que desde 2002 que o e-mail ganhou 13 pontos percentuais, a procura de notícias 19% e a procura de informações relativas à saúde 26%.

**Gráfico 16 - Propósito do uso da internet, comparação entre 2004 e 2006, %**

	All ages	16-24 years	25-34 years	35-44 years	45-54 years	55-74 years
<b>2004 (EU25)</b>						
E-mail	81	80	84	81	78	81
Financial services	36	20	44	42	38	38
Playing/downloading games/music	35	61	36	26	21	18
Finding out about goods and services	76	65	83	82	77	73
Reading/downloading online newspapers	35	38	41	32	32	27
<b>2006 (EU27)</b>						
E-mail	81	80	84	82	79	79
Financial services	40	23	47	47	43	41
Playing/downloading games/music	34	58	38	28	20	15
Finding out about goods and services	79	70	84	83	80	76
Reading/downloading online newspapers	35	32	41	35	33	31

Fonte: Eurostat 2006 (online database)

56

Se fizermos uma análise comparativa entre o primeiro estudo levado a cabo pela SeniorWatch em 2001 e a sua actualização em 2007, podemos dizer que em 2001 havia 36% de europeus com 50 anos ou mais que tinham computador em casa e 22% que possuíam acesso à internet. Já em 2007 se pode verificar um incremento destas percentagens, passando a existir 57% de indivíduos a terem computador em suas casas e 47% de utilizadores de internet. A maior parte deste tinham computador de secretária (49%) e uma parte considerável tem também um computador portátil (22%).

Também em 2001, e tal como indica o Gráfico 17, o estudo da SeniorWatch referiu que uma proporção considerável de indivíduos europeus com 50 anos ou mais teriam já alguma experiência no uso de computadores. 39,6% destes teriam já usado pelo menos uma vez o computador, sendo que aqueles que têm 70 anos ou mais têm apenas uma percentagem de 20%, e apenas 10% se nos referirmos aos que têm 80 anos ou mais. Em 2007, mais uma vez, houve uma subida acentuada na proporção de indivíduos que já



usaram pelo menos uma vez o computador, situando-se agora a percentagem em 52,7%.

Ainda tendo em conta este gráfico, podemos dizer que, em 2001, cerca de um terço dos indivíduos (36,1%) tinham acesso a computador em casa e 8,2% mostraram interesse em adquirir um computador durante os próximos dois anos. Em 2007, tínhamos já 57% de indivíduos com computador e 6% que planeavam a sua compra.

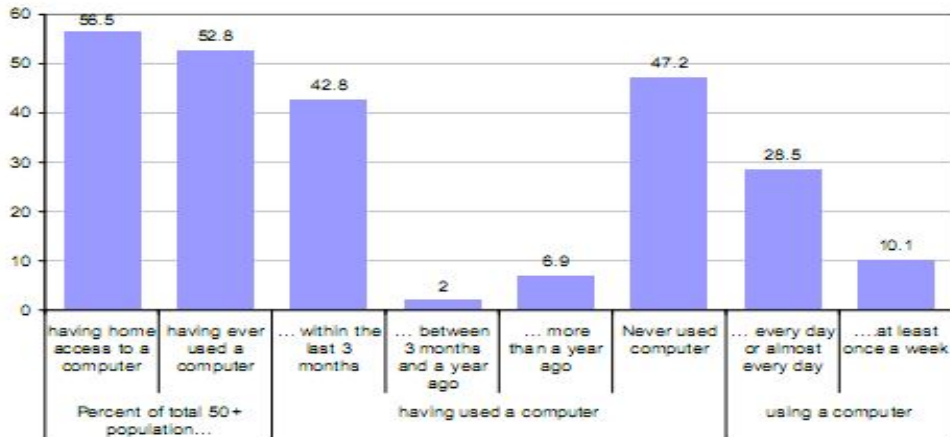
**Gráfico 17 - Uso e acesso a computador pela população europeia com 50 anos ou mais, comparação entre 2001 e 2007**

	Age	PC at home	Likely to have a PC at home within next two years	Ever used PC / other Computer	Regular computer user (> one day/week)	Use of computer at (former) workplace
<b>2001 EU15</b>	50-59	56.8	10.8	59.1	46.3	43.3
	60-69	31.6	9.3	38.7	22.0	23.8
	70-79	19.0	5.0	22.0	11.0	10.5
	80+	16.0	2.8	12.1	6.2	2.6
	total	36.1	8.2	39.6	26.6	25.7
<b>2007 EU5</b>	50-59	78.5	6.8	73.5	60.7	50.1
	60-69	53.5	6.1	53.9	36.9	41.8
	70-79	38.7	6.0	31.5	17.4	21.4
	80+	24.3	5.8	19.1	7.1	7.5
	total	56.6	6.3	52.7	38.8	37.1

Fonte: SeniorWatch 2002a and SWA 2007 surveys

O estudo efectuado pela SeniorWatch afirma que o facto de se ter computador em casa não implica necessariamente que se faça uso do mesmo. Uma certa proporção de seniores foram classificados como “utilizadores prescritos”, pois eles já teriam usado antes o computador mas deixaram de o fazer e não o utilizavam na altura do estudo (1/4 dos indivíduos estudados). Outros (12%) afirmaram ser utilizadores do computador pelo menos uma vez por semana.

**Gráfico 18 - Percentagem de pessoas com acesso e uso do computador, 2007**



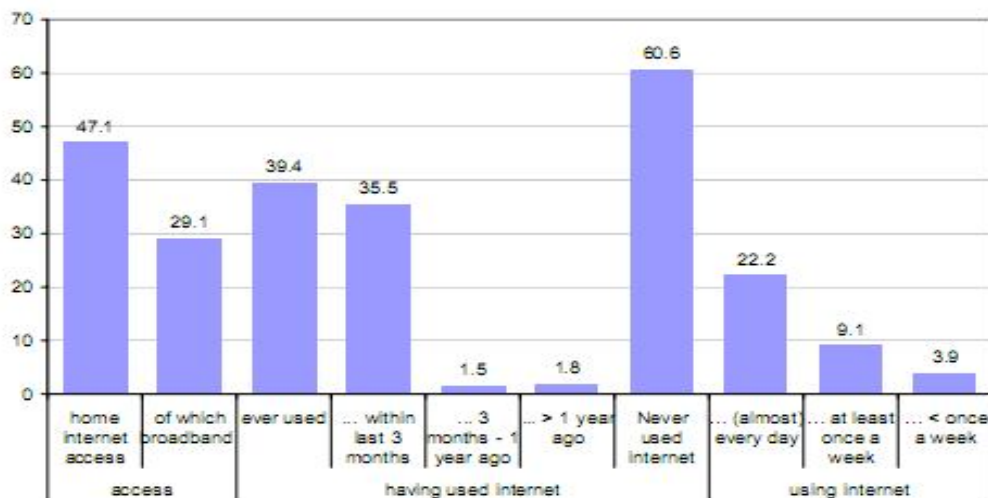
Fonte: SeniorWatch 2007 surveys

O mesmo estudo mostrou que, em 2001, 22% dos indivíduos europeus com 50 anos ou mais tinham acesso à internet em suas casas, 17% estavam regularmente on-line, o que traduzia que estavam on-line pelo menos uma vez por mês.

58

Em 2007, tal como evidencia o Gráfico 19, 47,1% tinham acesso à internet em casa, 39,4% teria utilizado a internet pelo menos uma vez, 31,3% usava-a pelo menos uma vez por semana e 22,2% utilizava-a diariamente.

**Gráfico 19 - Percentagem de indivíduos com acesso e uso da internet, 2007**



Fonte: SeniorWatch 2007 surveys

Ainda de acordo com o Gráfico 19, o acesso por banda larga é mencionado por 29% dos seniores estudados em 2007. Constitui um aumento considerável, se compararmos este valor com o obtido em 2001 (1,2%).

**Gráfico 20 - Acesso e uso da internet pelos europeus com 50 anos ou mais, comparação entre 2001 e 2007**

		Access at home	Broadband access	Narrowband access	Ever used the internet	Use within three months	Daily / nearly daily use
<b>2001 EU15</b>	Total	22.4	2.6	19.9	21.9	18.6	8.3
	50-59	37.9	4.0	33.8	38.3	33.7	15.5
	60-69	19.1	2.1	17.0	18.3	14.2	6.1
	70-79	9.8	1.7	8.1	8.1	6.8	2.9
	80 +	7.0	0.3	6.7	6.7	6.3	2.4
<b>2007 EU5</b>	Total	47.1	29.1	18.0	39.4	35.4	22.2
	50-59	68.3	43.5	24.8	61.1	56.5	36.2
	60-69	45.0	27.9	17.1	38.8	34.4	21.9
	70-79	29.2	16.3	12.9	17.7	14.8	8.0
	80 +	14.8	8.5	6.3	10.0	7.3	3.7

Fonte: SeniorWatch 2001 e 2007 surveys

O Gráfico 20 evidencia um aumento bastante significativo no acesso e uso da internet pelos europeus com 50 anos ou mais, entre 2001 e 2007. De facto, se em 2001 apenas 22,4% dos seniores europeus tinham acesso à internet em casa, em 2007, 47,1% dos seniores já tinham esse acesso. Constata-se também uma alteração no tipo de acesso, sobretudo ao nível da banda larga, que passa dos 2,6% em 2001, 29,1% em 2007. Esta análise confirma-se também em relação a cada faixa etária. No que diz respeito à frequência dos acessos, de 2001 para 2007, regista-se um aumento significativo, quer em termos totais, quer em relação a cada faixa etária, para os três tipos de frequência analisados (uso da internet pelo menos uma vez, uso da internet nos últimos 3 meses e uso diário).

Também importante será tentarmos entender as razões que levam os seniores a usarem a internet e os benefícios pessoais que derivam do uso desta ferramenta.

Gráfico 21 - Razões para o uso da internet por idade, 2007

	Age				Total
	50-59	60-69	70-79	80 +	
Information about goods or services	85.2	86.4	81.8	56.3	84.7
E-mail	75.7	87.6	89.3	71.8	80.7
e-mail: to stay in touch with family	56.5	68.7	79.3	65.4	62.7
e-mail: share your digital photos	44.5	50.1	37.5	13.6	45.0
e-mail: with a hobby group or association	18.4	24.0	32.6	37.4	21.9
e-mail or internet: to communicate about health matters with physician	4.3	3.0	0.4	2.9	3.5
News and current information	80.8	75.1	75.0	46.7	77.9
Health information (any)	67.5	66.7	55.1	26.7	65.3
obtain information on a specific health matter, disease or medication	52.8	52.2	37.2	26.7	50.6
get information on healthy lifestyles, such as fitness, diet or similar	43.2	39.1	33.0	12.5	40.3
to follow up on a diagnosis or treatment recommendation by a doctor	30.2	34.6	23.4	13.3	30.6
to find information about health services, e.g. what services are available, your entitlements for treatment and so on	27.9	19.7	16.0	13.3	23.9
to prepare yourself before visiting a doctor	13.4	17.0	11.6	6.3	14.2
Buying products or services	57.5	51.6	51.1	12.5	54.3
Going online for no particular reason, just for fun or to pass the time	51.1	48.2	39.8	60.0	49.2
Listening to radio or watching TV	25.6	22.3	13.6	18.8	23.3
Instant messages	25.7	20.1	17.0	13.3	22.9
Phone calls via the Internet	21.5	24.9	13.5	20.0	21.7
Post digital photos on the Internet	19.1	19.8	12.5	7.4	18.4
Downloading music or video files	20.9	17.2	12.5	13.3	18.8
Mailing lists and group e-mails of a hobby group or association	10.8	11.6	17.0	18.1	11.8
Group website or blog of a hobby group or association	8.4	12.8	10.1	2.7	9.8
Job search	16.5	4.4	1.1		10.9
Maintaining a personal website or blog	8.4	7.3	5.7	13.3	7.9

Fonte: SeniorWatch 2007 surveys

60

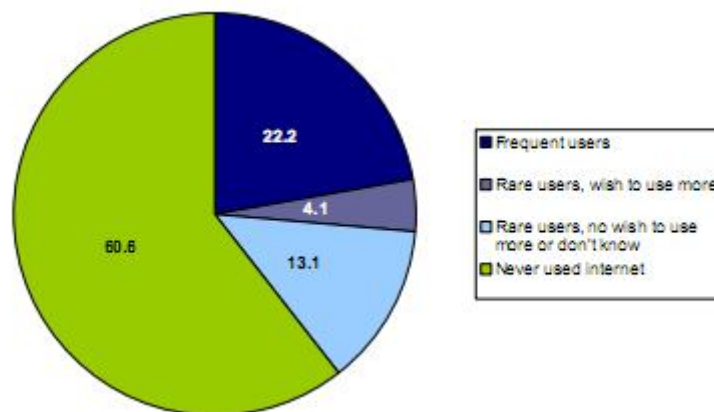
Deste modo, segundo o Gráfico 21, de entre aqueles que usam regularmente a internet, as razões mais comuns que foram apontadas pelos inquiridos prendem-se com a procura de informação acerca de produtos e serviços e o e-mail. O e-mail é usado, principalmente, como forma de contacto com a família (62,7% dos inquiridos). O e-mail também é utilizado para partilhar fotografias (45%) e como meio de comunicação com associações, clubes e outros grupos dos quais fazem parte (21,9%).

Neste contexto, destacam-se também os 77,9% de utilizadores que usam a internet como uma ferramenta para actualização de notícias, os 65,3% de utilizadores que a usam como meio de informação sobre questões relacionadas com a saúde e os 49,2% de utilizadores que a usam para comprar produtos e/ou serviços. Praticamente metade dos indivíduos

(49,2%) passa tempo on-line sem uma razão particular, apenas para passar o tempo ou para se divertir e cerca de um quarto dos inquiridos (23,3%) ouve rádio ou vê televisão on-line e 22% faz chamadas telefónicas via internet.

No estudo efectuado pela SeniorWatch foi também perguntado aos sujeitos se gostariam de utilizar mais a internet caso fosse possível. De facto, de entre os utilizadores que gostariam de utilizar mais a internet, destacam-se os 60,6% que nunca tinham usado a internet e os 22,2% que já são utilizadores frequentes. Apenas 13,1% constituem utilizadores esporádicos, não desejando utilizar mais ou não sabem.

**Figura 1 - Utilizadores que gostariam de utilizar mais a internet**

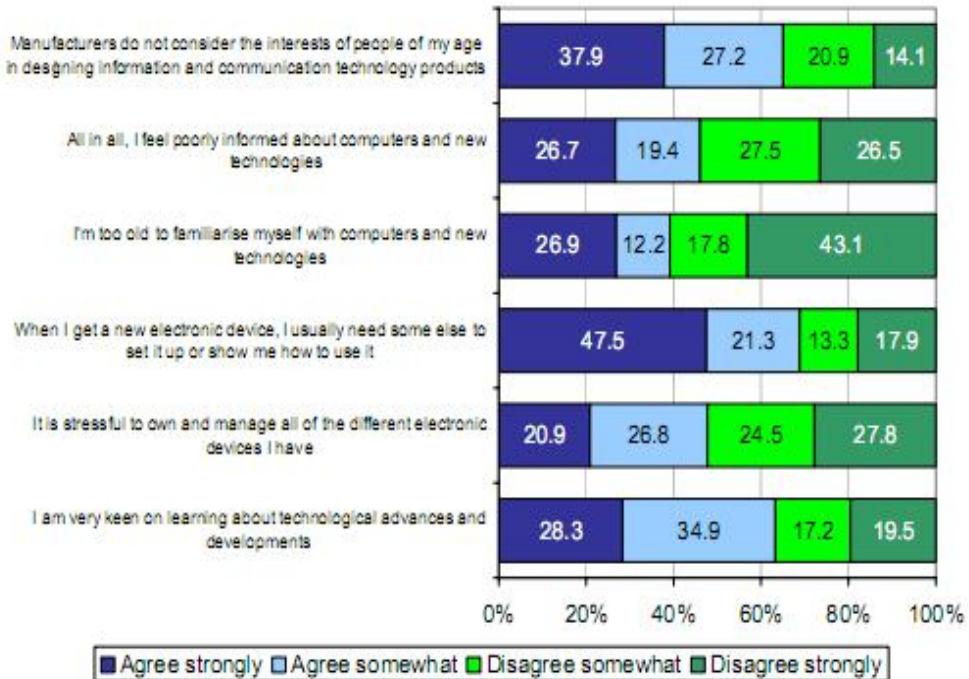


Fonte: SeniorWatch 2007 surveys

Se analisarmos as opiniões e atitudes face às TIC (Gráfico 22), constatamos que quase metade dos inquiridos (46,1%) assume uma posição de concordância com o facto de não estar devidamente informado sobre estas ferramentas, embora 26,5% dos inquiridos pensa estar totalmente informada. O item que levou à maior percentagem de concordância é aquele que se refere ao facto de quando os inquiridos “compram um aparelho novo necessitam de ajuda para o montar e para começar a utilizar”. Curiosamente, quase dois terços do respondentes (60,9%)

rejeitam o item “eu sou velho demais para me familiarizar com os computadores e as novas tecnologias”.

**Gráfico 22 - Opiniões e atitudes face às TIC nos europeus com mais de 50 anos, 2007**



62

Fonte: SeniorWatch 2007 surveys

Em relação ao impacto percebido das TIC (Gráfico 23), podemos afirmar que 63,6% dos europeus com mais de 50 anos encaram as TIC como facilitadoras das suas vidas, além de que na faixa etária entre os 50 e os 59 anos as pessoas tendem a ser mais confiantes na hora de utilizarem as TIC. Esta percentagem tem um declínio considerável (de 72,2% para 48,1%) se considerarmos a faixa etária dos 80 anos ou mais.

**Gráfico 23 - Impacte percebido das TIC**

	50-59	60-69	70-79	80 +	Total EU
Make my life easier	72.2	62.3	57.8	48.1	63.6
Make my life more complicated	13.3	21.4	21.9	21.4	18.6
(VOL) Both equally	10.3	11.0	9.2	10.5	10.3
Don't know/Refused	4.2	5.3	10.2	20.0	7.5

Fonte: SeniorWatch 2007 surveys

No que concerne ao impacto percebido das TIC nos domínios da vida diária (Gráfico 24), os resultados mostram que, em praticamente todos os campos, a percepção é de que as TIC melhoraram todos os domínios, especialmente, as capacidades de aprendizagem de coisas novas (com destaque dos 79,3% na faixa etária dos 50 aos 59 anos) e o contacto com os familiares e amigos (com destaque dos 73% e 73,7%, nas faixas etárias dos 50 aos 59 anos e dos 60 aos 69 anos, respectivamente).

**Gráfico 24 - Impacte percebido das TIC nos domínios da vida diária**

	50-59	60-69	70-79	80+
The way you pursue your hobbies and interests...	71.8	67.7	58.7	44.8
Your ability to learn new things...	79.3	67.2	56.7	47.4
Your ability to keep in touch with friends and family...	73.0	73.7	66.1	56.2
Your ability to share your ideas and creations with others...	62.5	56.2	50.4	38.6
Your ability to work with others in your community or in groups you belong to...	55.8	49.1	40.6	36.2

Fonte: SeniorWatch 2007 surveys

63

Em suma, o sénior que possui uma estrutura, meios que lhe permitam substituir as perdas inerentes a esta fase do ciclo vital, pode encontrar no computador a resposta a essa necessidade de substituição. Aqueles que no processo de procura de substituição utilizaram o tempo para aprender a utilizar as TIC rompem com a ideia de que velho é passado e não se renova.

Qualquer dos motivos apresentados podem levar-nos a reflectir sobre a capacidade que os seniores apresentam para aprender algo novo, a sua disposição para participarem desta revolução tecnológica que desperta o seu medo de ficar para trás e provoca a sua curiosidade.

## 2. Inclusão e exclusão na sociedade da informação

As noções de exclusão e inclusão poderão contribuir para explicar a situação das pessoas em relação à emergente sociedade da informação e comunicação, isto é, de pertencerem à categoria dos *info-ricos* ou *info-pobres*. Percebe-se que as pessoas acedem de forma desigual às infra-estruturas da comunicação, quer se trate de computadores, telefones, telemóveis, rede *world wide web*, por não possuírem poder económico, formação adequada, viverem em continentes, países e regiões menos centrais ou mais pobres ou pela simples razão de integrarem minorias étnicas socialmente estigmatizadas, serem mulheres em culturas fortemente machistas, serem crianças ou seniores em sociedades imbuidas pelo culto da eterna juventude.

### *II.1 Fractura digital*

De acordo com Larry Irving, da Irvinfo.com, o termo exclusão digital ou divisão digital (*digital divide*) tem a sua origem em meados da década de 1990 com a publicação de um artigo de Jonathan Webber e Amy Harmon no jornal Los Angeles Times em 1995. Andy Carvin, da Benton Foundation, diz que no início de 1996 houve uma declaração do então presidente dos EUA, Bill Clinton, e do vice-presidente, Al Gore, em que ambos citam o termo *digital divide* num discurso realizado em Knoxville, Tennessee. É justamente no país que foi o berço da internet e que conta com o maior número de utilizadores em todo o mundo e com uma diversidade no uso das novas tecnologias que surge o termo *digital divide*, um quase "equivalente" de exclusão digital (Castells, 2005).

A expressão inglesa de *digital divide* aparece normalmente traduzida como "brecha digital", "fenda digital" e, finalmente, "fractura digital".



Se nos detivermos nestas três noções (fenda, brecha, fractura) verificamos que lhes estão associadas três ideias basilares: distância, separação e ferida. Se nas duas primeiras prevalecem as ideias de um fosso ou abismo entre dois pontos separados por uma distância, a noção de fractura acrescenta um campo semântico importante que é o da dor associado à acção de ruptura. Fica assim evidenciada a ideia de quebra, de ruptura, de um acontecimento violento que arrasta consigo inevitavelmente sofrimento pela situação traumática a que está associado e, em simultâneo, pela tentativa de resolver e repor o estado anterior (Escola, 2007).

Esta é uma definição bem conseguida, pois para além de recordar o abismo e separação que afasta muito mais do que aproxima, sublinha a dimensão dolorosa e traumática que envolve a situação daqueles que se vêem relegados para uma situação de manifesta desigualdade do que se considera indispensável para se aceder à sociedade da informação e do conhecimento.

65

Um ponto de partida para definir fractura digital seria considerar que esta pretende estabelecer e investigar as diferenças e desigualdades produzidas pela introdução de computadores pessoais e outros tipos de tecnologia da computação e da comunicação dentro das sociedades. Assim, abarca ou incide sobre temáticas como desigualdade, conhecimento e tecnologia. Outras especificações poderiam estender o seu âmbito a questões como etnicidade, cultura, classe social, pobreza e ciberespaço. O certo é que nos encontramos perante uma área de estudo que, na prática, abarca o conjunto da sociedade da informação e faz referência à sua composição e organização. (Carracedo Verde, 2004)

Podemos dizer que, tendo em conta o parágrafo anterior, a fractura digital se centra no estudo dos discursos e práticas associadas às desigualdades e diferenças no acesso aos computadores, às infra-estruturas de acesso à

rede e à aquisição de conhecimentos e informação, que se dão nas diferentes classes sociais, assim como o género, a idade, o nível de educação, etnia, idioma, etc. (Carracedo Verde, 2004).

Como já foi referido anteriormente, a noção de fractura digital (*digital divide*) começa a ser utilizada nos EUA a partir de meados da década de noventa. A primeira utilização do conceito teve como intenção chamar à atenção para as situações de desigualdade, não só entre os que possuíam computador, mas também aqueles que tinham acesso à rede e todos os que se encontravam privados de recursos informáticos, bem como da possibilidade de conectividade e foi promovida pelo Departamento de Comércio do Governo norte-americano.

66 A própria história da evolução dos meios de comunicação relata-nos a existência efectiva de uma desigualdade comunicacional que remonta já ao tempo do aparecimento da escrita. O facto que Jean Cloutier (Escola, 2007) designa de “comunicação de elite”, assinalando essa mesma condição desigual dos comunicadores, do *homo communicans*, leva-nos a constatar que apenas alguns serão emissores ficando os restantes confinados ao papel de simples receptores.

Se parece pacífico considerar que o acesso aos recursos foi sempre marcado por desigualdades, a constatação da fractura digital, no horizonte da globalização, pôs a descoberto as fracturas económicas e culturais. Desta feita, é possível defender que a questão da fractura digital é uma nova face de um velho e multifacetado problema: as desigualdades económicas e culturais que perpassam a “aldeia global”. Na *Galáxia Internet*, Manuel Castells (2004) faz referência ao fosso que separa efectivamente os povos, quando caracteriza, a partir de um estudo elaborado pela *NUA Surveys* (Nuasoft Web Services), a utilização e os níveis de penetração mundiais:

A rápida difusão da internet está a avançar de maneira desigual por todo o planeta. Em Setembro de 2000, de um total de 378 milhões de utilizadores da internet (que representavam 6,2% da população mundial), 42,6% estavam na América do Norte, 23,8% na Europa, enquanto que na Ásia se encontravam 20,6% do total (Japão incluído), 4% na América Latina, 4,7% na Europa de Leste, 1,6% no Médio Oriente e em África uns exíguos 0,6% (com a maior parte dos utilizadores na África do Sul) (NUA Surveys, 2000). Estes dados contrastam radicalmente com o segmento da população que cada região representa no conjunto da população mundial. O nível de penetração da internet nos diferentes países era muito menor no mundo em vias de desenvolvimento: deste modo, a Índia, apesar de toda a promoção da sua indústria de alta tecnologia e um considerável crescimento do número de utilizadores em 2000, tinha apenas 1,5 milhões de pessoas ligadas, número que corresponde a uns exíguos 0,16% da população comparados com 41,5% dos lares nos EUA, 30,8% no Reino Unido e 24,7% na Alemanha.

Podemos afirmar que a implementação das redes que sustentam a sociedade da informação está a ser implementada de um modo global, mas de certa forma desigual, devido ao facto de que se parte de realidades sociais e económicas diferentes. Deste modo, a posição relativa de cada país e região na escala económica internacional e as desigualdades que isto gera afectam os cidadãos de cada sociedade concreta. Assim, as zonas mais ricas e mais desenvolvidas serão as receptoras naturais da informação, melhorando a sua posição relativa, enquanto nas zonas menos ricas acontecerá o processo contrário.

Não há uma definição de fractura digital que se imponha com carácter definitivo e que vincule todos os investigadores. Apesar disso é consensual a ideia de que o conceito gravita, de modo geral, em torno das novas tecnologias e, de modo particular, em volta da internet como paradigma da sociedade da informação. O Departamento do Comércio dos Estados Unidos, (Méndez, 2004), visando esta problemática defendeu que

... algumas pessoas dispõem de computadores mais potentes, o melhor serviço telefónico e o serviço de internet mais rápido e também com riqueza de conteúdos e uma educação relevante para as suas vidas, outro grupo de pessoas não tem acesso aos melhores e mais modernos computadores, ao serviço telefónico mais seguro, ao serviço de internet mais rápido e convincente. A diferença entre os dois grupos é a brecha digital.

A OCDE, no início de 2001, (Méndez, 2004), viria a definir a brecha digital como:

Algo que dizia respeito

... ao desfasamento ou divisão entre indivíduos, lugares, áreas económicas e geográficas com diferentes níveis socioeconómicos em relação tanto às suas oportunidades de acesso às tecnologias da informação e comunicação como ao uso da internet para uma ampla variedade de actividades, o que acaba por reflectir diferenças tanto entre os países como dentro destes.

- 68 Um outro autor, Ballesteros (2003), resume a definição de fractura digital como “fuerte desigualdad que surge en las sociedades por la diferencia entre los que acceden a las nuevas tecnologías de la información y las comunicaciones (TIC) e incorporan su uso en la vida cotidiana, y aquellos que no pueden o no saben acceder” (Ballesteros 2003, cit. Por Carracedo Verde, 2004).

Arturo Serrano Santoyo e Evelio Martinez Martinez (2003), numa perspectiva mais englobante, consideram que

... a brecha digital pode ser definida em termos de desigualdades de possibilidades que existem para aceder à informação, ao conhecimento e à educação mediante as TIC'S. A brecha digital não se relaciona somente com os aspectos exclusivamente de carácter tecnológico, é um reflexo de uma combinação de factores socioeconómicos e em particular de limitações e falta de infra-estruturas de telecomunicações e informática... (Arturo Serrano Santoyo & Evelio Martinez Martinez 2003, cit. por Escola, 2007)

Assim sendo, a noção de fractura, de fenda, de brecha digital evoca a diferença entre aqueles que, pela sua condição económica e cultural possuem recursos informáticos e, tendo em conta o contexto geográfico onde habitam, têm possibilidade de se ligarem à rede, e aqueles que pelas razões opostas não o conseguem fazer, como é o caso de alguns sectores populacionais (os seniores) que correm o perigo de ficarem cada vez mais marginalizados.

### *Tipos de fracturas digitais e indicadores*

De tudo o que foi dito deduz-se que a conceptualização e categorização da fractura digital encerra uma série de particularidades e detalhes que resultam difíceis de abarcar. A proposta, aqui apresentada, pretende identificar sete tipos diferentes de fractura digital e alguns indicadores utilizados para medir a fractura digital que combinam as dimensões de acesso à rede, equipamento e conhecimentos. Cada um destes terá que ser considerado tendo em conta as variáveis de classe social tais como o género, a idade, o nível de educação, a etnia, o idioma, a zona de residência, etc..

69

A classe social é uma categoria de análise com tradição na Europa e que vai mais além do que a simples quantificação de acessos. Como outras variáveis de análise possíveis, a classe social remete para a situação económica, mas também para o capital cultural e capital social, com a consequente diferença de oportunidades que lhe estão inerentes à partida.

Partindo das considerações tecidas anteriormente, podemos então distinguir vários tipos de fractura digital (Echeverría, 2007):

Militar: dispor ou não de info-armas para a defesa e, em alguns casos, para o ataque. Este tipo de capacidade apenas se desenvolve em núcleos muito

restritos de alguns, poucos, países do Primeiro Mundo, e em particular nos EUA. Os países e empresas que têm a capacidade de produzir estas info-  
armas apresentam-nas aos outros países a preços elevadíssimos e apenas  
na forma de licenças de uso. Isto gera uma superioridade militar muito clara  
destes países info-armados em relação aos que carecem destes artefactos  
TIC úteis na info-guerra ou ciber-guerra (são exemplos do que acabámos de  
referir a tele-espionagem e o rastreio de mensagens na internet).

Científica: aquele país ou região que não desenvolve universidades e  
investigação científica orientadas para as TIC leva a que as novas  
tecnologias estejam em más condições para gerar o seu espaço electrónico,  
isto é, a sua sociedade da informação. A força física no trabalho deixou de  
ser valorizada em favor da mente e do conhecimento que requer, já, outro  
tipo de destrezas. A fractura surge quando existe a dificuldade ou a  
impossibilidade de desenvolver capacidades específicas de acções  
cognitivas no espaço electrónico.

70

Tecnológica: a carência de tecnologias TIC é um indicador típico do  
desenvolvimento da sociedade da informação. Quem acumular as patentes  
(nova riqueza) tem um poder considerável sobre todos os outros, porque  
domina o sistema TIC. Como resultado, surgem fenómenos alarmantes de  
dependência tecnológica, limitando-se os cidadãos a ser meros  
consumidores de produtos TIC.

Educativa: traduz-se no analfabetismo digital, ou seja, se não saber ler ou  
escrever era o principal factor de exclusão na sociedade industrial, hoje em  
dia não saber utilizar o computador e a internet comporta a forma maior de  
desigualdade. Observe-se que não se trata apenas de estar ligado à  
internet, mas saber utilizá-la de forma adequada. Quem possui esta  
capacidade está apto e bem formado para esta “nova” sociedade, quem  
não está é um analfabeto digital chegando mesmo a ser comparado a um

deficiente. Por outras palavras, intervir activamente na sociedade da informação requer outro tipo de habilidades e destrezas. Se não as possuímos, damos origem a uma clara desigualdade de oportunidades e possibilidades, logo a uma fractura digital.

Cultural: ausência de uma cultura tecnocientífica e colonização cultural através do mundo simbólico veiculado pelos artefactos TIC (televisão digital, cinema, multimédia, videojogos, etc.). Impulsionar uma cultura na sociedade da informação implica desenvolver este tipo de produtos culturais em formatos tecnologicamente avançados e competitivos. Não basta a indústria cultural, tem que se dar o passo para a info-cultura e a cibercultura, ou seja, a cultura digital.

Social: implica o aparecimento de uma nova classe de excluídos que não existia em sociedades anteriores, isto é, uma classe que, por um lado, depende dos provedores de tecnologia e que, por outro, é considerada info-pobre por não ter acesso aos artefactos TIC ou por não saber usá-los, o que os transforma numa classe que não tem as capacidades básicas para ser constituída por pessoas no contexto actual.

Geracional: afecta a idade, dado que os jovens desenvolvem maiores capacidades como utilizadores TIC do que os mais velhos. Em particular os seniores desempenham um papel passivo em relação à sociedade da informação, cuja importância chave ignoram. Limitam-se a ser telespectadores, ou seja, cidadãos passivos que contemplam o que se passa no espaço electrónico através da televisão, entre admirados e espantados.

Este tipo de fractura manifesta-se particularmente no âmbito educativo, onde os jovens sabem muito mais de novas tecnologias que os seus pais e professores. Assim sendo, podemos afirmar que a sociedade da informação trouxe uma inversão do conhecimento.

Poderíamos descrever outros tipos de fractura digital, mas o elenco atrás descrito basta para elucidar a actual situação dos seniores, e também a sua posição, ante a sociedade que se lhes apresenta como nova, a sociedade da informação.

Em relação aos indicadores utilizados para medir a fractura digital, num primeiro grupo de indicadores, para se aceder à rede torna-se imprescindível ter à disposição uma série de infra-estruturas que nos permitam conectar, tais como redes telefónicas, ou fibra óptica, isto é, o cabo, que permite o acesso mais rápido e mais efectivo através da banda larga e que paulatinamente vai substituindo o antigo sistema de redes telefónicas existentes. Somando à necessidade de uma série de infra-estruturas, resulta também como fundamental a posse de um equipamento informático, indispensável para se poder ligar à internet. (Raya Diez & Merino Rodeiro, 2004).

72

As duas condições são imprescindíveis para o acesso às tecnologias da informação, se estas duas condições não estão cumpridas, encontramos-nos completamente desligados da rede. Alguns exemplos de indicadores que fazem referência ao tema das infra-estruturas são (*ibidem*):

- Percentagem de população que dispõe de linha telefónica;
- Percentagem de telefones fixos por cada 100 habitantes;
- Percentagem de linhas telefónicas por nação;
- Percentagem de utilizadores de telemóvel por nação;
- Percentagem de agregados domésticos com televisão por cabo
- ...

O acesso à Internet pode realizar-se a partir de diferentes lugares como sendo, o trabalho, a casa, os lugares de ócio, tais como ciber-cafés, os centros de estudos, colégios, universidades e inclusive desde centros públicos, habilitados pelas próprias instituições com a finalidade de



oferecer a todos os cidadãos a possibilidade de aceder às novas tecnologias. Os indicadores comumente utilizados são o reflexo da disponibilidade do acesso à internet. Alguns exemplos de indicadores são:

- Percentagem de centros escolares (públicos – privados) com acesso à internet;
- Número de PCs por cada 100 alunos em centros escolares (públicos – privados);
- Percentagem de centros de ensino nos quais os alunos têm acesso contínuo à rede;
- Número de computadores por pessoa e país;
- Percentagem de pessoas que carecem de PC;
- Número de habitações com PC por região;
- Número de utilizadores de Internet por região;
- Percentagem de famílias que carecem de computador em cada casa;
- Percentagem de pessoas que se inscreveram nas aulas de acesso livre à internet;
- Pessoas que acedem à internet em casa, no trabalho ou em lugares de ócio;
- Número de famílias com filhos com acesso à internet segundo o lugar de residência em zona rural ou em zona urbana;
- ...

Um terceiro grupo de indicadores está relacionado com o nível de conhecimentos da população para aceder às tecnologias da informação. O nível de estudos está directamente relacionado com a idade dos utilizadores e, por sua vez, com o tipo de uso que se faz da rede. Na actualidade, são cada vez mais jovens as pessoas que se conectam à rede, sendo estes os que, por sua vez, têm mais conhecimentos do uso da

mesma, devido em grande medida ao facto de terem nascido na era das comunicações e estas estarem sempre presentes nas suas vidas desde o seu nascimento. Além disso, dentro destes jovens, existe um sector da população que, como consequência do seu trabalho e da própria competitividade do mercado laboral, se vão reciclando e realizando uma formação contínua que lhes permite aceder sem nenhum tipo de problema à Internet, inclusive deu-se a possibilidade desta se converter na ferramenta central do seu próprio trabalho. Alguns indicadores sobre esta dimensão são os seguintes:

- Percentagem de pessoas que procuram projectos para diminuir a analfabetização digital;
- Percentagem de professores que participam em actividades de formação digital;
- Percentagem de pessoas com conhecimento básico das ferramentas para aceder à internet;
- Nível educativo dos utilizadores da internet;
- Percentagem de pessoas com conhecimentos informáticos básicos;
- Percentagem de pessoas que se reciclam para incrementar os seus conhecimentos de informática;
- Percentagem de utilizadores de internet que carecem de estudos;
- ...

74

Existe também outro grupo de indicadores que tratam de medir o uso de internet, dado que a rede se abre a novos usos, impensáveis há algumas décadas, tais como: transacções bancárias, compras on-line, *e-learning*, consultas médicas on-line, manter contacto visual e oral com pessoas que se encontram a milhares de quilómetros em tempo real, etc.. Para além de tudo isto, está a modificar as nossas próprias relações sociais, ampliando-as ou individualizando-as.

## *II.2 Hierarquias e desigualdades na sociedade da informação*

Actualmente, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) desempenham um papel importante nas nossas vidas. No entanto, o desenvolvimento das TIC, que é indiferente às preocupações da inclusão social, pode erguer barreiras e aumentar a lacuna entre o utilizador médio e os utilizadores com necessidades especiais, em vez de contribuir para eliminar esta lacuna e promover a igualdade de direitos e oportunidades para todos.

Os cidadãos mais velhos, e outros com necessidades especiais, vêem-se frequentemente perante várias pequenas incapacidades que os impedem de aproveitar os benefícios da tecnologia e melhorar a sua qualidade de vida.

Falar de estratificação, de desigualdade, de diferença, é fazer a tentativa de esboçar a situação de risco de exclusão digital (cuja magnitude nos é dificilmente imaginável) que produz a introdução e uso das TIC. É um risco em duplo sentido, um risco real de exclusão física e efectiva, e um risco por omissão, por não saber captar com realismo a exclusão existente e ignorá-la. Deste modo, temos de ser conscientes e de introduzir na nossa análise a situação real da estratificação que se produz com a introdução das TIC, uma estratificação multidimensional e hierarquizada.

O acesso e gestão da informação convertem-se num critério de diferenciação social. “O termo exclusão social, na sua concepção sociológica actual, denota uma maneira de estar na sociedade, explicitando a relação social do sujeito com o resto da sociedade. Essa relação não está definida por aquilo que o sujeito é (identidade) mas por aquilo que carece, por aquilo que perdeu. Assim, a situação de exclusão tende a ser definida por aquilo do qual se está excluído, ou seja, o nível de vida e os direitos sociais

próprios da sociedade de pertença.” (Raya et al., 2004 cit. por Echeverría, 2007). Temos de constatar que a exclusão digital que se produz não é exactamente igual à exclusão social tradicional. Mudam os parâmetros e observamos que há sectores não excluídos socialmente que o estão digitalmente e neste sentido encontram-se desfavorecidos ou numa posição de inferioridade. Multiplicam-se os níveis, circunstâncias e sujeitos de exclusão (heterogeneidade perante a homogeneidade daqueles que “estão fora”).

Com as TIC vemos como as diferenças entre estatutos sociais se ampliam nessa nova classificação entre conectados e não conectados (inclusive os conectados não o estão todos na mesma medida). As TIC criam uma nova problemática económica, política e social no contexto em que se desenvolvem.

76

A composição das infra-classes (isto é, “classes inferiores”) deriva da lógica de mercado que deixa fora do núcleo de oportunidades e, portanto, fora do poder, do prestígio e da influência, aqueles de que não necessita. O problema das infra-classes é aquele que diz respeito à sua marginalização do sistema como tal, à sua exclusão da própria lógica das relações económicas ordinárias. A esta situação pode chegar-se por meio da origem social (minorias étnicas, estrangeiros sem papeis); também por razões de mobilidade social descendente como desemprego ou idade (recém reformados, jovens e mulheres com poucas oportunidades de emprego, etc.). Trata-se de uma dualidade de carácter social que têm uma raiz estrutural demarcada na evolução do sistema de produção. Será especialmente verificada durante a fase de transição do velho sistema de produção industrial, intensivo em mão de obra, para o novo modelo pós-industrial, intensivo em novas tecnologias.

A exclusão como problema social começou a visualizar-se no final da década dos anos oitenta; nos anos noventa apareceram as primeiras preocupações políticas sobre o fenómeno. A recuperação económica posterior à crise dos anos setenta evidenciou a existência de pessoas cujas condições de vida não melhoravam por mais que a economia crescesse, estes eram os “excluídos do sistema”. Para além disso, a exclusão social não só designava o incremento do desemprego a longo prazo e recorrente, mas também a crescente instabilidade dos vínculos sociais. Isto mostra a precariedade económica e também da relação de sociabilidade, elemento indispensável para a coesão social.

A exclusão social traz a descoberto a relação de desigualdade entre o sujeito e o resto da sociedade, derivada da carência de determinados direitos sociais, particularmente aqueles relacionados com a protecção dos riscos e da insegurança, o que induz o sujeito a viver o dia-a-dia ou a sobreviver nas franjas da sociedade. Esta exclusão está especialmente patente em relação à educação.

A exclusão da educação na sociedade pós-industrial infra-posiciona quem não tem uma qualificação rentável para o mercado de trabalho. No contexto do capitalismo avançado, a educação é a chave para o acesso tanto ao emprego como à propriedade; mais ainda, na sociedade da informação e do conhecimento, é um mecanismo forte de integração (Bell, 1976; Drucker, 1993; Castells, 1997, cit. por Raya Diez & Merino Rodeiro, 2004). O acesso aos conhecimentos científicos e técnicos converteu-se num critério de diferenciação social.

Esta nova forma de desigualdade que cresce na sociedade actual pode acabar por gerar um agravamento da exclusão social de certos sectores da população, de tal maneira que esta pode afectar os diferentes géneros, idades, idiomas, nível educacional, etc., entre os diferentes países. Com

este facto aprofundam-se e incrementam-se as situações de pobreza, de subdesenvolvimento, exclusão social dos colectivos sociais mais vulneráveis e desfavorecidos, tais como os seniores, imigrantes, pobres, mulheres com um baixo nível educacional, zonas rurais...

Por seu turno, de um ponto de vista empírico, é comum analisar-se a exclusão social em relação às carências quanto ao emprego, aos recursos económicos, à habitação, à saúde, às relações pessoais e ao grau de integração social. O estudo da fractura digital pode integrar-se como um âmbito mais. Deste modo, poderiam ser realizadas aproximações da "exclusão digital" deste sector de população, através da distribuição dos indicadores de fractura digital anteriormente citados, isto é, em relação ao acesso, equipamento, conhecimentos e usos da internet.

### *II.3 A inclusão "Sociodigital": participação social*

As novas tecnologias oferecem um vasto leque de aplicabilidade na inserção daqueles indivíduos que se encontram privados de terem uma participação mais efectiva nas dinâmicas sociais, assim como de possuírem melhores condições de vida, seja ao nível da saúde, da habitação, da alimentação, do lazer, ..., e que necessitam, por isso, do apoio das instituições para recuperar ou obter a sua condição de cidadãos de pleno direito.

Por outro lado, a presença das tecnologias da informação e comunicação na sociedade actual e a importância estratégica de que elas se revestem na cultura e na economia configuram-nas como mais um recurso a que uns acedem e outros não, gerando assim uma nova forma de desigualdade ou mais uma face da exclusão: a *digital divide*, brecha digital, fractura digital, ou exclusão digital, a que anteriormente nos referimos.

Vimos também que, quando encaramos as TIC numa perspectiva socioeconómica, determinados factores ou variáveis se perfilam para distinguir e caracterizar os info-incluídos e os info-excluídos, e que a difusão das novas tecnologias digitais se tem traduzido numa reprodução ou mesmo exacerbamento das desigualdades sociais, políticas e económicas já existentes (Bonilla, 2005). Dessa forma, a exclusão digital mais do que uma nova vertente da exclusão configura-se como mais uma desigualdade ou desvantagem, a somar às restantes, para os já anteriormente excluídos.

É neste sentido que exclusão e exclusão digital se cruzam e influenciam reciprocamente e que, do mesmo modo, os seus inversos se relacionam. A inclusão digital não deve, por esta razão, limitar-se à disponibilização do acesso ao mundo digital, mesmo que consideremos tudo o que isso implica em termos de maturação cultural. Ela pode e deve ser considerada como um instrumento ao serviço de uma inclusão que se pretende mais profunda e efectiva: a inclusão em sentido lato.

79

A inclusão é, então, um discurso mais do que um simples conceito (Boneti, 2005), um discurso que se fundamenta na existência da “exclusão”, que deve, obviamente, ser minimizada e combatida. É este mesmo discurso que mobiliza governos, comunidades e instituições na luta pelo direito ao acesso e à apropriação da cultura digital, entendida como uma dimensão cada vez mais importante do estar e sentir-se incluído na sociedade de hoje.

Consideramos, todavia, que a inclusão digital não deve ser meramente perspectivada como uma questão de ter ou não ter acesso a infra-estruturas tecnológicas, ainda que esse seja, claro está, um dos elementos que a influenciam. Ressaltando que:

(...) a inclusão digital significa a participação efetiva, onde os indivíduos têm capacidade não só de usar e manejar o novo meio, mas, também, de prover

serviços, informações e conhecimentos, conviver e estabelecer relações que promovam a inserção das múltiplas culturas nas redes, em rede. (Bonilla, 2005, p. 31)

Em relação a esta questão e face à diversidade de significações e entendimentos existentes em torno do termo, das suas capacidades e das iniciativas que vai despoletando, entendemos que a utilização das tecnologias de base digital, apenas com o objectivo de fazer com que os sujeitos adquiram os conhecimentos necessários para utilizarem linguagens e recursos, não deverá ser entendida como uma acção de inclusão digital mas como um processo mais próximo do de alfabetização digital, em sentido restrito.

80 O combate à chamada fractura digital e os esforços para a universalização do acesso às TIC demonstram ter um alcance parcial e uma eficácia discutível; tornou-se, assim, evidente a necessidade de uma agenda de maior amplitude política, económica, social e cultural, considerando que o modo de inserção no novo padrão social depende da base de conhecimento, assim como da capacidade de aprender e de inovar. Ou seja, não se trata apenas de garantir a universalização do acesso mas de assegurar também uma apropriação crítica da informação por segmentos menos favorecidos, através de processos de interacção e comunicação que resultem na construção de novos conhecimentos e informações, articuladas, necessariamente, com estratégias de desenvolvimento social.

Inclusão digital significa, então, antes de mais, melhorar as condições de vida de uma determinada região ou comunidade com a ajuda da tecnologia. Esta abordagem permite que se defina inclusão social não somente como uma distribuição adequada de recursos, mas principalmente como a possibilidade de “participação na determinação das oportunidades individuais e coletivas de vida” (Warschauer, 2001). Assim, o mais



importante na implementação de qualquer projeto de TIC não é a disponibilização do computador e da linha para a Internet, mas conduzir as pessoas a usarem esses recursos para se envolverem em práticas sociais que sejam significativas para a melhoria das suas condições de vida em termos sociais, económicos e políticos.

Deste modo, um uso eficaz das TIC em matéria de inclusão depende, segundo o mesmo autor, da combinação de quatro tipos de recursos: recursos materiais (acesso às máquinas e à conexão); recursos digitais (material que se encontra disponível *online*); recursos humanos (orientação e tutoria para os processos de leitura, compreensão e pesquisa); recursos sociais (estruturas sociais, comunitárias e institucionais que dão suporte ao acesso às TIC).

Em suma, a inclusão digital é um processo que permite inserir a população na sociedade do conhecimento e combater as desigualdades económicas, sociais, políticas e culturais, oferecendo maiores oportunidades para o acesso e produção de conhecimentos, participação política, aperfeiçoamento profissional, impulso para uma melhoria das condições de vida e melhoria do desenvolvimento comunitário e social (Marques, Oliveira, & Castro, 2005).

Mas quais são, afinal, os segmentos da população que merecem interesse a este nível, ou seja, a quem são destinados, usualmente, os vários tipos de iniciativas de inclusão digital? Em primeiro lugar, pessoas em situação de desigualdade social dispendo de recursos limitados em termos de educação, idade, género, etnicidade, consumos, ..., depois, todas aquelas pessoas com necessidades especiais sejam elas quais forem e, finalmente, pessoas que habitam em contextos degradados física e socialmente.

### 3. A alfabetização digital: a importância da educação para os seniores

Embora conceptualmente definido em termos amplos e polifacetados, o campo da educação de adultos foi historicamente marcado pelas orientações políticas, pelas práticas educativas e pelos métodos de intervenção mais típicos da educação popular. Uma boa parte da sua afirmação institucional, em muitos países de distintos continentes, deveu-se exactamente à acção de sectores populares e comunitários, organizados através de movimentos operários e sindicais, de movimentos de temperança, de educação política e cívica, de associações populares e de colectividades de instrução e recreio, de mutualidades, cooperativas, ateneus, grémios ou clubes, ou ainda através da acção das igrejas (Lima, 2006).

82 Em Portugal, em finais do século XIX, José Cipriano da Costa Goodolphin procedia ao estudo e à defesa da Associação, em obra publicada em 1876, onde registava várias associações de diverso tipo, um pouco por todo o país, incluindo as “associações de instrução popular”.

Com efeito, a tradição da educação popular de adultos, não obstante a considerável diversidade histórico-cultural que lhe é característica, dos círculos de estudo e das associações de estudos nos países nórdicos, aos círculos de cultura da América latina, privilegiou as dinâmicas associativas, comunitárias e de índole local, bem como dispositivos de mobilização crítica e de educação política e para a cidadania da população.

Em Portugal, as políticas educativas das últimas décadas têm desvalorizado a educação popular de adultos, de tipo não escolar, em contexto associativo e comunitário, para favorecerem a educação escolar de segunda oportunidade, através do ensino recorrente e da formação profissional.

Desde meados da década de 1980 que a referida política vem sendo desenvolvida, destacando-se igualmente, do ponto de vista do associativismo, uma progressiva deslocação para a prestação de serviços de assistência social e para o estatuto, a partir de 1983, de Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). Ao contrário do que sucede noutros países europeus (na Dinamarca, por exemplo), as associações sem fins lucrativos e, em geral, o designado terceiro sector, têm-se destacado em Portugal pela sua intervenção, sob contratualização, na promoção de serviços sociais e assistenciais, e não nas áreas educativas e culturais, desta forma procurando compensar a ainda relativa insuficiência da cobertura pública da protecção social (Lima, 2006) e as fragilidades do Estado-providência entre nós.

As iniciativas desencadeadas a partir dos anos 2000 em termos de educação e formação de adultos, inicialmente protagonizadas pela Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA), designadamente os Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) e os Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (CRVCC), embora contribuindo para alargar a rede de ofertas educativas, optaram por privilegiar a lógica da produção de certificações (escolares e profissionais), mais dificilmente se articulando com dinâmicas associativas, comunitárias ou de desenvolvimento local que confirmam relevo à lógica da educação popular e a dinâmicas educativas de tipo não formal nela inspiradas.

Contudo, em círculos associativos, educativos e académicos continua a valorizar-se fortemente a tradição associativa como potencial factor de desenvolvimento e de mobilização da educação popular de adultos. Ainda que correspondendo a uma agenda historicamente intermitente e de que raramente resultaram iniciativas consistentes com grande impacte

socioeducativo, as iniciativas de índole popular em matéria de educação de adultos, por referência privilegiada a contextos associativos, persistem no ideário educativo de muitos e, enquanto projectos e acções socioeducativos concretos, resistem frequentemente nas margens de um sistema político-administrativo que tende a desvalorizá-las e que, em todo o caso, raramente conta com elas em termos de políticas públicas, de programas e de meios de financiamento ou de apoio.

### *As “outras educações”*

84 Frequentemente confunde-se educação com escolaridade e, conseqüentemente associa-se a educação a um processo que só ocorre com crianças e jovens. É verdade que a escola é uma instituição de extrema importância no contexto educativo e na sociedade em geral, mas mais importante que ela é a própria educação. Isto é, a escola não existiu sempre, nem sabemos se irá perpetuar-se, o que sabemos é que o que sempre existiu e continuará a existir, é a função educativa. Ora, esta função assume diversas formas e é levada a cabo por diferentes agentes (Bernet, 1998). Por isso, é que podemos falar de “outras educações” para além da escolar, para além da formal, como sejam a não formal, a informal e a educação de adultos, podendo esta última assumir qualquer das modalidades anteriormente referidas.

Existem várias definições acerca destes três tipos de educação, como por exemplo esta: a educação formal é “o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas”, a não formal “embora obedeça também a uma estrutura e organização (...) e possa levar a uma certificação (...), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto”, e a informal “abrange todas as

possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado” (Afonso, 1992).

Segundo Bernet (1998) o que distingue claramente a educação informal dos outros dois tipos de educação é a diferenciação e a especificidade do processo educativo, ou seja, estaremos perante um acto educativo informal quando este ocorre indiferenciada e subordinadamente a outros processos sociais. E o que distingue com clareza a educação formal da não formal é o seu carácter estrutural ou não.

O que fica claro é que a educação não acontece só na escola e não é um processo que recai exclusivamente sobre crianças e jovens, antes destes atingirem a idade adulta e estarem inseridos no mercado de trabalho. Na verdade, como já referimos, quer a educação não formal e a informal, quer a educação de adultos vêm a assumir cada vez maior notoriedade, dadas as mutações societais, que conduziram a diferentes necessidades formativas e a novos momentos para se aceder a alguma forma de educação.

85

A educação de adultos começa a surgir, tal como hoje é entendida, «no decurso do século XIX, no quadro de dois grandes processos: a formação de sistemas escolares nacionais e o desenvolvimento de movimentos sociais de massas (Silva, 1990), e tem vindo a converter-se numa preocupação internacional, sobretudo a partir da 2ª Grande Guerra Mundial, como comprovam as diferentes Conferências efectuadas pela UNESCO (Elsinore em 1949, Montréal em 1960, Tóquio em 1972, Paris em 1985, e Hamburgo em 1997). Simultaneamente, ela tem vindo a alargar o seu âmbito de actuação, começando a ser entendida como um instrumento de desenvolvimento local pelo menos a partir de Conferência de Paris.

Também entre nós, a educação de adultos é um tema central e actual, pelo menos por dois motivos, como refere Silva (1990): por um lado, pelas necessidades educativas da nossa população e pela deficiente resposta do

sistema educativo em determinadas áreas/etapas de formação e, por outro lado, porque ela tem vindo a ser constantemente colocada na ordem do dia por um conjunto de iniciativas sociais não escolares dirigidas ao desenvolvimento social, local ou regional, que se têm revelado como espaços educativos de adultos. Refira-se que, para além deste autor, outros têm chamado a nossa atenção para a importância crescente destas iniciativas em Portugal (Rothes, 1998; Melo *et al.*, 1998; Canário, 1999; entre outros).

Quanto à educação não escolar (informal e não formal), devemos elucidar que a que particularmente nos interessa é educação não formal, ou seja, aquela que ocorre fora da escola de forma perfeitamente diferenciada, intencional, mas devidamente organizada com o intuito de formação e educação. É, por isso, a ela que nos referimos.

86 A explicação da sua expansão remete-nos para factores de ordem variada, mas há, no entanto, um em relação ao qual parece haver acordo geral: a crise da educação escolar, que se traduz no incumprimento das tarefas que lhe foram sendo incumbidas (Bernet, 1998; Afonso, 2001). Crise que vem sendo reforçada porque apesar disso continuam a ser-lhe atribuídas novas tarefas e novas exigências sem que se lhe proporcionem condições para o seu cumprimento ou se redefinam com clareza novas metodologias e perspectivas que viabilizem os novos paradigmas propostos (Afonso, 2001).

Desta forma, a educação não formal vem assumindo essencialmente dois tipos de funções: complementaridade e/ou substituição da escola, no que se refere a tarefas que tradicionalmente lhe dizem respeito; e a assunção de novas tarefas exigidas pela sociedade (Bernet, 1998).

Quanto aos estudos dedicados à educação de adultos são de referir os trabalhos desenvolvidos por Jarvis (1989), por Llavador e Llavador (1996), por Flecha (1997) e por Cabo (2000). Para além destes contributos é de

salientar a inclusão do tema educação de adultos, ainda que a maior parte das vezes de forma muito breve, em algumas, poucas, obras (Cabanas,1989; Torres e Rivera,1994) e em conferências (*VI Conferencia de Sociología da Educación – Zaragoza, 1998*) de sociologia da educação.

Neste particular, é de destacar o realce que é dado à educação de adultos, como um dos campos da sociologia da educação, na *International Encyclopedia Of The Sociology Of Education*, através dum artigo de Jarvis (1997).

Merecem relevo também as jornadas ocorridas em Espanha (Las Palmas), no ano de 1989, totalmente dedicadas à educação de adultos - *Jornadas de Sociología de la Educación de Adultos*.

Entre nós, gostaríamos de destacar o trabalho feito pela Unidade de Educação de Adultos da Universidade do Minho.

87

### *Os contextos educativos da sociedade da informação: A educação não formal e as TIC*

O uso das TIC tem vindo a tornar-se cada vez mais frequente no nosso quotidiano, tornando imprescindível o conhecimento funcional e operacional dos elementos informáticos. A falta de acesso ou de compreensão tecnológica interfere de forma significativa na integração e na participação nos processos individuais e grupais (Oliveira & Coelho, 2009).

Em qualquer faixa etária, a inclusão digital traz benefícios como por exemplo: a aquisição de novos conhecimentos, a troca rápida de informações, a ampliação do ciclo social, a facilidade na compra de produtos e serviços e no pagamento de contas.

Até certo ponto, inspirada pelo acréscimo dos índices de longevidade e pela expansão das TIC na generalidade dos países desenvolvidos, ressurgiu, na

década de 1990, a velha utopia da “aprendizagem ao longo da vida” (*long life learning*), proposta como o paradigma que deverá orientar os sistemas de educação.

Considerar esta dimensão ou contexto da educação é imprescindível para dar resposta às necessidades formativas daqueles segmentos populacionais que se encontram à margem do sistema de educação formal. Especialmente quando constatamos que o domínio da lecto-escrita se torna, na actualidade, insuficiente para o pleno desenvolvimento de uma pessoa adulta; uma pessoa analfabeta tecnologicamente fica à margem da rede comunicativa que oferecem as novas tecnologias e, com esse afastamento, de todo um mundo.

Para segmentos como os da população activa, desempregada, reformados, jovens em idade extra-escolar, mulheres, emigrantes, ..., que de uma ou outra forma se encontram à margem da evolução tecnológica, é importante que se invista em iniciativas que promovam o seu acesso e formação no domínio das TIC e que com isso, se promova e/ou reforce a sua inclusão social e a cidadania.

Algumas das medidas poderiam passar por dinamizar a participação de certos grupos, que tradicionalmente estão mais afastados do sistema escolar, em actividades de natureza social, cultural e educativa que se apoiem nas tecnologias digitais, pelo apoio a projectos de associações culturais, juvenis, ONG, sindicatos, ... para o uso pedagógico e cultural das TIC, ou por transformar as bibliotecas e centros culturais em espaços de acesso à cultura audiovisual e informática, ...

Nesta matéria, o que importa destacar é que, cada vez mais, é importante dar respostas eficazes às necessidades educativas que aparecem fora do sistema escolar e que afectam vários segmentos populacionais, designadamente ao nível da reciclagem profissional, da aprendizagem de



novos conhecimentos, da aquisição de destrezas e competências para a utilização dos meios e das tecnologias, da obtenção de títulos, da utilização de ferramentas de telecomunicações, ..., obrigando os indivíduos a empenharem-se num processo de permanente actualização formativa.

Por conseguinte, a formação ocupacional deve integrar a realidade tecnológica nos seus planos através de medidas que passem pela preparação dos trabalhadores no conhecimento e utilização profissional das novas tecnologias da comunicação, que apostem na melhoria dos processos formativos e de aprendizagem dos alunos, apoiando a actividade docente no uso destas tecnologias, que desenvolvam cursos específicos de formação para postos laborais previsíveis, por via do teletrabalho, e pela criação de redes telemáticas ao serviço da formação aberta aos vários sectores socio-ocupacionais do mundo do trabalho.

Tal como decorre com a introdução das TIC nos sistemas educativos, também neste contexto a UE tem desenvolvido várias iniciativas, de entre as quais destacamos o *Memorando Europeu sobre Aprendizagem ao Longo da Vida*<sup>7</sup>, divulgado em 2000, que destaca como elementos chave:

89

- Novas competências básicas para todos: Garantir acesso universal e contínuo à aprendizagem, com vista à aquisição e renovação das competências necessárias à participação sustentada na sociedade do conhecimento;
- Mais investimento em recursos humanos: aumentar visivelmente os níveis de investimento em recursos humanos, de modo a dar prioridade ao mais importante trunfo da Europa – os seus cidadãos;

---

<sup>7</sup> <http://www.alv.gov.pt/dl/memopt.pdf>

- Inovação no ensino e na aprendizagem: Desenvolver métodos de ensino-aprendizagem eficazes que possam enquadrar-se numa oferta contínua de aprendizagem ao longo e em todos os domínios da vida;
- Valorizar a aprendizagem: Melhorar significativamente a forma como são entendidos e avaliados a participação e os resultados da aprendizagem, em especial da aprendizagem não-formal e informal;
- Repensar as acções de orientação e consultoria: Assegurar o acesso facilitado de todos a informações e consultoria de qualidade sobre oportunidades de aprendizagem em toda a Europa e durante toda a vida;
- Aproximar a aprendizagem dos indivíduos: Providenciar oportunidades de aprendizagem ao longo da vida tão próximas quanto possível dos aprendentes, nas suas próprias comunidades e apoiadas se necessário em estruturas TIC.

90

Ainda na esteira deste programa enquadra-se um outro, de implementação mais recente, a que já fizemos referência, o *Programa Aprendizagem ao Longo da Vida 2007-2013*<sup>8</sup> que afirma o intuito de promover uma “aprendizagem ao longo da vida”, que vai do ensino pré-escolar até à pós-reforma (‘do berço ao túmulo’), abrangendo também qualquer tipo de educação (formal, informal ou não formal)”.

Trata-se, na essência, de perspectivar e implementar uma política educativa global que facilite o acesso à tecnologia e cultura digitais por todos os cidadãos, de modo a que as pessoas jovens e adultas conheçam os mecanismos técnicos e as formas de comunicação das distintas tecnologias, adquiram critérios de valor que lhes permitam discriminar e seleccionar aqueles produtos de maior qualidade cultural, tomem consciência dos

---

<sup>8</sup> <http://europa.eu/scadplus/leg/pt/cha/c11082.htm>

interesses económicos, políticos e ideológicos que estão por detrás de toda a empresa e produto mediático, e do papel que os meios e tecnologias assumem na nossa vida quotidiana.

É precisamente para impulsionar a alfabetização tecnológica que se promovem programas e acções formativas, que facilitam o acesso à cultura e às tecnologias próprias da Sociedade da Informação àqueles grupos sociais que a ela não acedem pela via de ensino formal. Os discursos e as concepções em torno das justificações e do conteúdo a incluir nesses programas e acções não é todavia consensual, identificando-se, *grosso modo*, duas correntes ou perspectivas diferentes.

Uma primeira concepção, enfatiza a necessidade da alfabetização tecnológica como alavanca de desenvolvimento da nova economia globalizada, ou seja, estamos diante de um discurso economicista que entende que o avanço e o progresso económico de um país dependem da existência de recursos humanos qualificados, e que esta qualificação está indelevelmente associada ao uso das TIC. É a perspectiva das administrações governamentais e da classe empresarial: *“es imprescindible la existência de importantes colectivos humanos tanto para generar productos (trabajadores digitales) como para consumir-los (ciudadanos internautas)”* (Area Moreira, 2001, p. 199).

91

Esta é uma novidade da Sociedade da Informação, que é simultaneamente “sociedade de consumo”: não lhe basta dispor de indivíduos com capital económico para investirem no consumo, é necessário que esses potenciais consumidores sejam pessoas tecnologicamente qualificadas para aceder ao mercado da informação e comprar através de computadores e redes, ou não existirá crescimento da nova economia digital.

Na perspectiva de Bautista (2001), o interesse das políticas estatais pela generalização do acesso das TIC a todos os cidadãos inscreve-se nesta

perspectiva economicista e na sua lógica de consumo, ao potenciar o número de eventuais participantes no mercado global através da Internet, desconsiderando que o acesso universal às novas tecnologias não é, por si só, sinónimo de uma sociedade mais igualitária.

O conceito de alfabetização tecnológica que subjaz a esta corrente considerará como cidadãos tecnologicamente alfabetizados os indivíduos que possuam as seguintes competências (Marqués, 2000):

- Conhecimento básico do sistema informático: elementos do *hardware*, tipos de *software*, redes, ...;
- Gestão básica do equipamento: administração de arquivos e pastas, antivírus, ...;
- Uso do processador de texto;
- Navegação na Internet: busca e selecção de informação, telegestão, ...;
- Uso do correio electrónico;
- Criação, captura e tratamento de imagem digital;
- Elaboração de documentos multimédia;
- Conhecimento básico da folha de cálculo e de bases de dados.

Um segundo discurso contesta directamente a perspectiva economicista e utilitarista da formação e educação que acabamos de expor, e afirma que limitar o desenvolvimento individual, social e político do conjunto social a um modelo de sociedade dominado pelos interesses económicos é reduzir o cidadão a um mero consumidor de informação e produtos digitais. Segundo esta perspectiva mais moral e política, a alfabetização e formação na cultura digital não podem ser perspectivadas como mero domínio instrumental do *hardware* e *software* das TIC; fazê-lo é castrar os indivíduos do seu espírito crítico e cerceá-los de critérios morais e intelectuais que lhes

permitem situar-se ética e politicamente de forma activa na Sociedade da Informação e do Conhecimento.

Estes dois discursos não são apenas diferentes no seu conteúdo: eles encerram e propõem modelos de sociedade e de cidadania diferentes.

É, partindo desta dicotomia, mas tentando estabelecer um modelo que seja integrador das duas dimensões e discursos aqui expostos, que Area Moreira (2001, p.203) sugere um modelo educativo integral em relação à alfabetização tecnológica que deverá abranger quatro dimensões formativas:

- Dimensão instrumental: implica o domínio técnico das tecnologias em termos do seu *hardware* e *software*;
- Dimensão cognitiva: é relativa à aquisição de conhecimentos e competências que permitam a realização das mais variadas operações diante da imensidão de informação e que se acede;
- Dimensão atitudinal: aposta no desenvolvimento de critérios morais e atitudinais diante da tecnologia de modo a evitar duas posturas indesejadas - o tecnoromantismo e a tecnofobia;
- Dimensão política: diz respeito à tomada de consciência dos impactos gerados pelas TIC na sociedade actual.

93

Neste corolário, incentivar o acesso e a utilização das TIC sem assegurar a formação ao nível do conhecimento e dos critérios valorativos que permitem aos indivíduos compreender, organizar e seleccionar criticamente a informação a que acedem, é limitá-los na sua capacidade de intervenção política conducente à crítica da actual ordem social e à possível redução das desigualdades sociais sobre as quais ela assenta.

É nesta mesma linha orientadora que se inscreve a abordagem de Lourenzo Rey (2007, p.301) relativa aos objectivos básicos da alfabetização digital:

- a) Formar a população, com défice ou ausência, nas destrezas básicas referentes à utilização das novas tecnologias de comunicação, formação e informação (considerando-se destrezas básicas, as conceptuais, procedimentais e atitudinais);
- b) Obter competências básicas que permitam desenvolver, seja de modo autónomo ou orientado, conhecimentos assentes nessas competências e a construção de outros mais complexos;
- c) Formar-se na aprendizagem de hábitos socializadores de relação, colaboração e trabalho em equipa; rompendo as tradicionais caracterizações de alheamento, alienação, afastamento da realidade, ..., que é usual atribuir a alguns recursos formativos utilizados na alfabetização digital;
- d) Mostrar uma atitude crítica face ao processo de formação, e também diante dos meios que se estão a utilizar.

94

Trata-se de um modelo educativo em que a alfabetização tecnológica se faz acompanhar de outro tipo de conhecimentos que permitem gerar linguagens susceptíveis de transformar e criar, e de valores que impedem a reprodução acrítica dos discursos oficiais transmitidos no contexto da Sociedade da Informação. De facto, informação e conhecimento não devem ser entendidos como sinónimos: o acesso à informação é condição para a aquisição do conhecimento, mas este último vai mais além e implica um processo mental intermédio em que o indivíduo interpreta e atribui significação à informação a que acedeu.

É também neste sentido que Gutiérrez (2003, p.19) nos propõe um conceito que vai mais além do de alfabetização digital, no seu sentido estrito, trata-se do conceito de “alfabetização múltipla” para abranger não somente as dimensões instrumentais e cognitivas implícitas num processo formativo com TIC mas

*(...) la preparación básica de todos para la vida en su doble faceta de individual e social". Trata-se de um processo que "(...) no queda en la capacidad de acceso (intelectual, técnico e económico), sino que ha de capacitar para trabajar y mejorar el nuevo entorno, para hacer un uso responsable de la red y contribuir a democratizar el ciberespacio<sup>9</sup> (p.29).*

Em síntese, partilhamos da perspectiva de Area Moreira (2001) quando diz que a educação deve, no quadro da Sociedade da Informação e do Conhecimento, estar assente em quatro fundamentos (p.174):

- 1 . A educação é uma condição necessária para o desenvolvimento democrático e cultural da nossa sociedade, na justa medida em que implica a aquisição de competências necessárias à participação activa e crítica no projecto político-democrático das sociedades;
2. A educação deve ser perspectivada como uma estratégia de compensação das desigualdades no acesso ao conhecimento e um factor para o desenvolvimento humano, no sentido em que se diversificam as ofertas formativas e se superam as limitações e barreiras espaciotemporais que impediam muitos adultos de lhe aceder;
3. A educação é uma tarefa permanente e uma necessidade e um direito ao longo da vida, especialmente considerada a maior longevidade humana e a necessária actualização da sua formação;
4. A educação como motor de desenvolvimento dos recursos humanos do sistema produtivo, ao facultar a formação adequada àquela franja populacional que diariamente lida com contextos laborais em rápida transformação.

---

<sup>9</sup> toda a preparação básica para a vida no seu duplo papel de individual e social. "Trata-se de um processo que"(...) não se traduz na capacidade de acesso (intelectual, técnica e económico), mas tem que treinar para o trabalho e melhorar o ambiente novo, fazendo um uso responsável da rede contribuindo para a democratização do ciberespaço

Estes pressupostos encerram uma visão de educação, independentemente do contexto considerado, colocada ao serviço de políticas sociais públicas destinadas a construir e consolidar um modelo de desenvolvimento social que assente nos princípios políticos da democracia e da redistribuição da riqueza (Area Moreira, 2001), e não exclusivamente orientado para os interesses e necessidades do mercado e do mundo produtivo.

Os seniores têm demonstrado um grande interesse em adquirir conhecimentos tecnológicos com o intuito de interagir nesse novo campo e desfrutar das vantagens que proporciona.

Como refere Temoteo (n.d) “os indivíduos nesta fase de maturidade procuram novos desafios, ora instaurados pelo acesso a novas redes de sociabilidade ora por serem integrantes do mercado emergente de novos consumidores de tecnologia” tendo com isto a possibilidade de requererem o estatuto de utilizadores da rede, ou seja, serem considerados internautas activos.

96

Uma pessoa alfabetizada no universo digital terá condições de seleccionar e pesquisar informações na Web, processar dados, adquirir conhecimento e, mais importante, transmiti-los, fazendo disso um meio para melhorar a sua qualidade de vida. (Rodrigues, 2003 cit. por Oliveira & Coelho, 2009)

No entanto, os seniores têm revelado dificuldades em compreender esta linguagem apresentada por esta nova ferramenta. Assim, assume extrema importância a alfabetização digital que vem permitir ao sénior a aprendizagem dos *skills* necessários ao uso desta ferramenta e que lhes permite, ainda, estarem incluídos digitalmente.

A visão dos seniores como seres desactualizados imposta pela nossa realidade socio-histórica, alimenta o receio que esta população já possuam em relação às TIC, principalmente porque apresentam algumas dificuldades



na sua utilização e porque, nestas idades, a resistência à mudança e à aquisição de novas competências são óbvias.

É natural que as pessoas tenham resistência quando se defrontam com o que é novo. Mas a partir do momento em que se conta com uma orientação, ou seja, uma colaboração de pessoas que dominem essa novidade, a tendência é que adquiram confiança, liberando os bloqueios que existem dentro de si. (Garcia, 2001 cit. por Oliveira & Coelho, 2009)

É por isso que em Portugal, à semelhança do que acontece noutros países, existem cursos ministrados em Universidades direccionadas a esta faixa etária (as chamadas Universidades da Terceira Idade), onde se trabalham, ao ritmo dos próprios seniores, as capacidades de manuseamento das TIC.

Estes cursos de informática habilitam, através do domínio que vão adquirindo sobre as ferramentas digitais, a inclusão de novas perspectivas relacionais mediadas pela participação do sénior nas redes comunicacionais, construindo uma nova atitude social por parte dos mesmos bem como o surgimento de uma outra representação social desta classe contextualizada com as mudanças tecnológicas.

Com o domínio da linguagem digital e também a própria aceitação da introdução do computador como instrumento e utensílio incorporado no quotidiano familiar, ao sénior apresenta-se mais uma possibilidade de potencializar as relações familiares e sociais.

Neste contexto aparecem, então, as designadas Universidades da Terceira Idade (UTI), com o objectivo de dar resposta à procura, por parte deste segmento da população, do ensino informal em variados domínios do saber (não se cingem apenas ao ensino da informática), bem como à procura de actividades recreativas ou outras (Pinto, 2007).

Ao mesmo tempo, prosseguem o objectivo de contribuir para a redução do isolamento a que esta franja de população está normalmente consignada,

de forma a promoverem a sua reintegração na sociedade, a redefinição da imagem do velho e da velhice e as relações intergeracionais (Ferreira, 2007).

As primeiras UTI surgiram em França na década de 1970, ligadas a unidades de ensino e pesquisa, com objectivo de serem estudados problemas médicos, sociais e psicológicos dos seniores através de uma colaboração entre estudantes da terceira idade e pesquisadores da universidade. Este projecto deu rapidamente origem a um modelo que passou também a integrar cursos, conferências e outras actividades, tendentes a irem ao encontro da procura que se verificava por parte das pessoas de idade.

O movimento das UTI rapidamente se alastrou ao resto da Europa, chegando a Portugal em 1976.

98 Desde então o número de UTI no nosso país tem conhecido um crescimento progressivo, registando-se um aumento especialmente significativo durante os anos 90, década em que foi dedicada maior atenção ao sénior e à educação ao longo da vida.

As UTI portuguesas foram criadas pela sociedade civil e não pertencem ao ensino escolar regular, seguindo, portanto, os princípios básicos do ensino informal, não podendo, por lei, avaliar nem certificar<sup>10</sup>. Em Portugal, existem actualmente 140 UTI com cerca de 20 000 seniores<sup>11</sup>.

Apesar da natural concentração destas instituições no litoral, hoje é já notória uma dispersão por todo o território continental, o que mostra o importante papel que estas vêm a desenvolver na sociedade portuguesa.

No que diz respeito à oferta na generalidade das UTI, actualmente os seniores podem escolher cursos livres, sobretudo nas áreas das

---

<sup>10</sup> Pode consultar-se esta informação no site <http://www.rutis.org/>

<sup>11</sup> Informação gentilmente cedida pelo Sr. Presidente da Rede de Universidades da Terceira Idade.

humanidades, da sociologia, das línguas estrangeiras, da leitura e escrita criativas, da saúde e das artes plásticas. Algumas (cerca de 120 das 140 existentes) contam ainda com iniciativas na área das TIC e com conferências sobre temáticas actuais (Pinto, 2007).

De um modo geral, as UTI dispõem ainda de actividades de ginástica, natação, teatro, canto coral, música e trabalhos manuais ou lavouras e viagens de estudo pelo país e estrangeiro (*ibidem*). Assim, estas instituições são uma mais-valia para manter a teia das relações sociais na família e na comunidade em que os seniores se inserem. As actividades descritas podem contribuir para partilhar ideias, sonhos, construir projectos e trocar conhecimentos adquiridos ao longo de toda a vida.

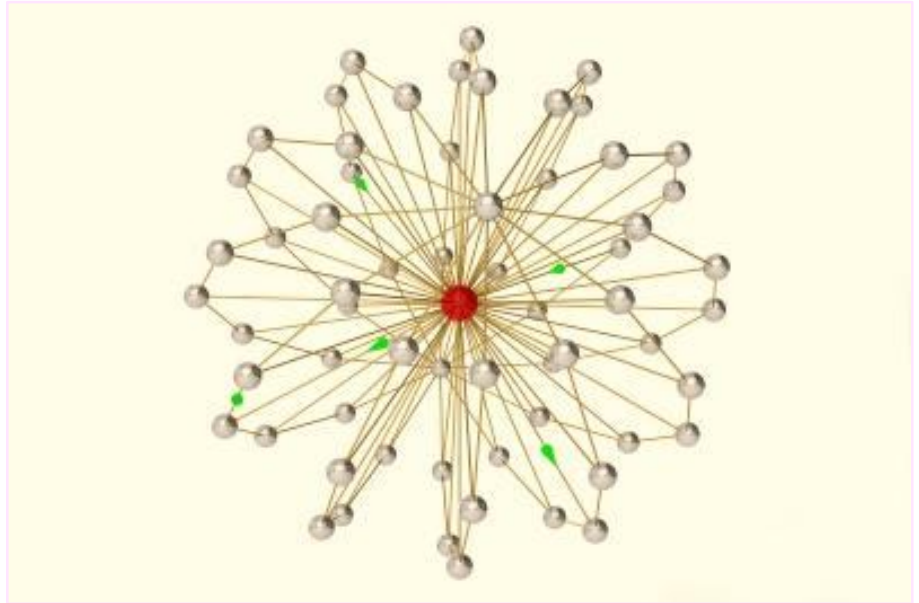
Relativamente às pessoas que ensinam nas UTI, algumas são profissionais e recebem por isso uma remuneração simbólica ou não, outras, e são a maioria, trabalham em regime de voluntariado, podendo dar-se o caso de alguns alunos serem simultaneamente professores em áreas da sua especialidade (Pinto, 2007).

Algumas das UTI portuguesas têm existência autónoma, outras estão ligadas a Misericórdias, associações, centros paroquiais e centros sociais. Estas últimas podem receber apoios da Segurança Social, dos poderes locais, da Igreja ou de entidades privadas.

Em síntese, e contrariando a ideia pré-concebida do velho e da velhice, podemos considerar este sujeito como um ser capaz de viver um processo de educação contínua, utilizando o computador e a internet como ferramentas de afirmação da sua cidadania, cidadania esta entendida como a “[procura] da liberdade, e do respeito mútuo entre a população adulta de uma sociedade moderna podendo levar o homem a situar-se melhor na sociedade actual, especialmente no contexto em que vive e convive e assim alcançar o exercício da sua plena cidadania.” (Temoteo, n.d).

Assim sendo, a educação permanente pode considerar-se como um processo de dignificação do indivíduo, que se propõe a transformar o homem num cidadão pleno e responsável pelas suas escolhas no mundo, independentemente da sua idade ou da sua condição física, correspondendo a uma exigência de autonomia dinâmica dos indivíduos numa sociedade em rápida transformação.

Estas escolhas, que podem ter variadíssimas características, podem ser encontradas em *chats* onde as pessoas idosas conversam, partilham e interagem. Os grupos de discussão, os passeios virtuais, as livrarias on-line, etc., que se podem encontrar na internet, são algumas das possibilidades nos diversos interesses da terceira idade. A possibilidade de falar com amigos e familiares, via *e-mail*, principalmente os que se encontram distantes também é facilitada pela tecnologia, comprovando a importância da necessidade de domínio do uso do computador e da internet pelos cidadãos que já ultrapassaram a vida profissional activa, mas que necessitam de se manter integrados na sociedade onde se inserem e de manter activas as suas próprias redes sociais.



## **CAPÍTULO II**

### **DEFINIDO CAPITAL SOCIAL**



## II. DEFININDO CAPITAL SOCIAL

### 1. Origens do conceito

Considera-se pertinente desenvolver em termos conceptuais os campos temáticos ligados ao capital social, de forma a extrair os principais elementos constitutivos que possam vir a servir de base a uma proposta de um modelo de estudo, direccionado ao problema específico em análise no presente trabalho. De facto, este conceito tem sido alvo de vasta análise científica, dada a sua relevância para o enquadramento das investigações na área das ciências sociais e para a definição de modelos que se adaptem e espelhem a realidade contemporânea.

Na primeira década do séc. XXI, o conceito de capital social começou a gozar de uma enorme importância nos estudos de diversos investigadores tais como Pierre Bourdieu (1980), James Coleman (1987), Francis Fukuyama (1996), Mark Granovetter (1985), Alejandro Portes (2000) e Robert Putnam (2001), nos mais diversos campos de pesquisa, situação que conduziu a uma multiplicidade de paradigmas e de propostas de definição. É por isso que não existe uma única definição que reúna consenso entre os investigadores.

Ao conceito de capital social foram atribuídas múltiplas funções, embora todos os contributos sejam concordantes quanto à importância de ser um elemento chave para explicar e promover o desenvolvimento económico, melhorar o funcionamento do sector público, facilitar a gestão nas organizações, manter a estabilidade dos sistemas democráticos e superar a pobreza (Portes, 2000; Coleman, 1987; Bourdieu, 1980; Granovetter, 1985).

Sabe-se que a noção de capital social não é verdadeiramente nova, nem tão pouco recente. O termo capital social limita-se a recuperar uma ideia presente desde os primeiros pressupostos de que o homem é um ser social. A consciência de que o envolvimento e a participação em grupos podem ter

consequências positivas para o indivíduo e para a comunidade é uma noção corrente, remontando a Durkheim (1995) e à sua insistência na vida em grupo enquanto antídoto para a anomia e a autodestruição, e à distinção efectuada por Marx entre uma “classe em si” atomizada e uma “classe para si” mobilizada e eficaz (Marx, 1894). Enquanto que Durkheim procura analisar a sociedade de acordo com as noções de consciência e representações colectivas, de forma a compreender a interacção entre os indivíduos e o papel dos factos sociais para a vivência em conjunto; Marx procura evidenciar a natureza eminentemente social do Homem já que é um ser produtivo e que vive em sociedade pela lógica da sobrevivência, agrupando-se em classes segundo a infra-estrutura e as superestruturas existentes em cada sociedade.

104

Assim, podemos afirmar que a originalidade e o poder heurístico da noção de capital social provêm de duas fontes: em primeiro lugar, o conceito incide sobre as consequências positivas da sociabilidade, pondo de lado as suas características menos atractivas; em segundo lugar, enquadra essas consequências positivas numa discussão mais ampla acerca do capital, chamando a atenção para o facto de que as formas não monetárias podem ser fontes importantes de poder e influência, à semelhança do volume da carteira de acções ou da conta bancária (Portes, 2000).

### *As três formas de capital social*

A primeira análise sistemática contemporânea do capital social foi produzida por Pierre Bourdieu em dois artigos intitulados “*Le capital social – notes provisoires*” (Bourdieu, 1980) e “*Les trois états du capital culturel*” (Bourdieu, 1979), onde identifica três formas de capital social – capital económico, capital social e capital cultural – por oposição à teoria económica (cf. Teoria Marxista) que o reduz à primeira forma.



No que respeita ao capital social, Bourdieu (1980) definiu-o como um conjunto de recursos detidos pelos indivíduos em resultado da sua pertença a um grupo ou grupos. São as redes de ligações que permitem aos indivíduos acumular capital social e, quanto maior a rede de ligações, maior o volume acumulado. A acumulação é feita pelo próprio e em benefício do próprio (Bourdieu, 1980).

Segundo o autor,

O capital social é o agregado dos recursos actuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuos – ou, por outras palavras, à pertença a um grupo – que fornece a cada um dos seus membros com o apoio do capital detido pela colectividade, uma credencial que os “intitula” a crédito, nos vários sentidos da palavra. (Bourdieu, 2002a: 52)

Em consequência,

105

*El volumen del capital social poseído por un agente dado depende del tamaño de la red de conexiones que pueda efectivamente movilizar y el volumen de capital (económico, cultural o simbólico) que tenga de por sí por cada una de aquellas con quien está relacionado*<sup>12</sup> (Bourdieu, 1980: 60)

Para Bourdieu (2002a: 52) as redes de relação são o produto de estratégias individuais ou colectivas que investem, consciente ou inconscientemente, no sentido do estabelecimento ou reprodução de relações sociais directamente utilizáveis no curto ou no longo prazo.

Pode dizer-se que o tratamento que o autor dá ao conceito é de índole instrumental, centrando-se nos benefícios angariados pelos indivíduos em virtude da participação em grupos e na construção deliberada de

---

<sup>12</sup> O volume de capital social possuído por um determinado agente depende do tamanho da rede de conexões que pode efetivamente mobilizar e do montante de capital (económico, cultural ou simbólico), que tem em si mesmo para cada um daqueles com quem ele está relacionado

sociabilidades (conjunto de relações desenvolvidas pelos indivíduos e/ou por grupos, quando essas relações não se traduzem na formação de um grupo susceptível de funcionar como uma unidade de actividade), tendo em vista a criação de capital social. Este implica, desta forma, esforços permanentes de sociabilidade por parte dos indivíduos, que proporcionam trocas de reconhecimento e asseguram a sua reprodução (Correia, 2007) e a preservação/continuidade social.

A definição de Bourdieu (1980) torna claro que o capital social é decomponível em dois elementos: em primeiro lugar, a própria relação social que permite aos indivíduos reclamar o acesso a recursos na posse dos membros do grupo, dado que são parte integrante desse mesmo grupo, e, em segundo lugar, a quantidade e a qualidade desses recursos.

106 Por sua vez, o capital cultural, segundo Bourdieu (1979), é decomponível em três níveis: associado aos hábitos individuais (consciência dos factos e acções individuais), ligado aos bens culturais ou institucionalizado em forma de qualificações académicas (consciência da transformação do acto em acto social e validado como tal pela sociedade).

Ao longo de toda a sua análise, Bourdieu (1979) acentua a conversibilidade das diversas formas de capital (capital económico, capital cultural e capital social) e a redução, em última instância, de todas essas formas a dinheiro, definido como trabalho humano acumulado. Assim, os actores podem alcançar, através do capital social, acesso directo a recursos económicos (empréstimos subsidiados, informações de negócios, mercados protegidos); podem aumentar o seu capital cultural através de contactos com especialistas ou com pessoas cultas (i. e., capital cultural incorporado); ou, em alternativa, podem filiar-se em instituições que conferem credenciais valorizadas (i. e., capital cultural institucionalizado) (Portes, 2000).

Em suma, são as características económicas, culturais e sociais dos indivíduos que permitem a sua localização na estrutura social em cada momento.

Foram, no entanto, apresentadas algumas críticas à conceptualização descrita que se prenderam com o facto de a sua análise ser demasiado mecanicista, sobre-determinista e inflexível, no sentido de que não tinha nunca em conta a iniciativa humana e as complexas dinâmicas relacionais (Portes, 2000).

### *Capital social como capital humano*

Depois dos trabalhos de Bourdieu, Coleman interessa-se por este conceito e acaba por defini-lo em termos funcionais, ou seja, trabalha-o segundo as funções que desempenha.

É em 1988 que o autor fala pela primeira vez no conceito, num artigo intitulado "*The social capital in the creation of human capital*" (Coleman, 1988), ao tentar encontrar um equilíbrio entre a sociologia e a economia no que respeita à descrição e análise da acção social.

Coleman (1988) definiu capital social como aqueles elementos de uma estrutura social que cumprem a função de servir como recursos para que actores individuais atinjam as suas metas e satisfaçam os seus interesses.

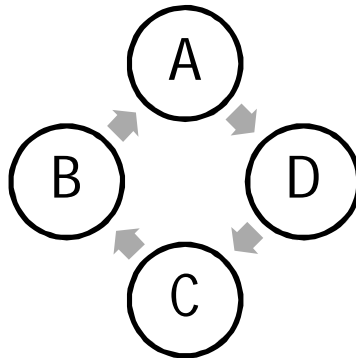
No entanto, o autor ressalva que, de facto, quem investe em capital social vai beneficiar indirectamente desse investimento que, realmente reverte em favor da comunidade. Além disso, também afirma que, ao contrário de outras formas de capital, o capital social também traz benefícios a quem não investiu nele. Ou seja, ao pertencer a uma comunidade, todos os elementos que a compõem vão indirectamente beneficiar desses investimentos, devido ao processo de interacção social entre os indivíduos e à própria mudança social inerente a esses processos.

Na sua concepção, Coleman (1988) identifica três formas de capital social que vão perdurar em estudos sociológicos posteriores: em primeiro lugar, a confiança existente num ambiente social, que implica expectativas de cumprimento das obrigações acordadas de acordo com a organização social estabelecida e aceite como tal; em segundo lugar, o uso das relações sociais para adquirir informação e poder interagir nessa comunidade; e, por último, a existência de normas e sanções efectivas, de acordo com a legitimidade e coactividade reconhecidas às instituições sociais existentes.

As obrigações são estabelecidas entre indivíduos no decorrer das trocas sociais e conduzem à criação de créditos e dívidas entre as pessoas, como definido de acordo com o chamado princípio da reciprocidade. No que respeita aos canais de informação, estes podem servir para reduzir custos, quer em termos económico-financeiros, quer em termos de tempo, pois quando temos uma pessoa na rede com a informação pretendida, ela comparte-a. As normas e as sanções têm como função inibir comportamentos que possam debilitar o capital social, evitando situações de oposição total.

Na opinião de Coleman (1988), existem estruturas sociais que facilitam o desenvolvimento do capital social (estruturas que denomina de fechadas) ao contrário de outras que o dificultam (estruturas abertas) ou que pelo menos não permitem uma total coesão e potencialização do mesmo.

Figura 2 - Diagrama das Estruturas fechadas



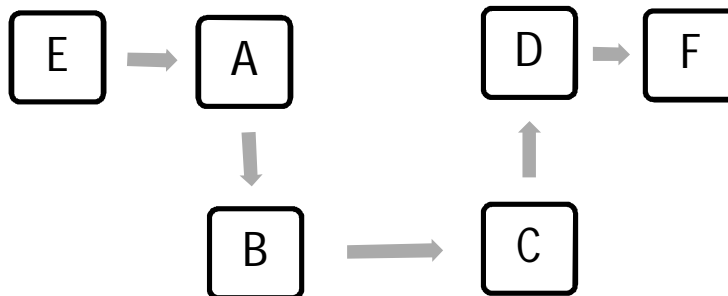
Cada nó (representado *supra* pelas letras) representa os indivíduos que detém capital humano. As linhas representam as relações entre os indivíduos ligados entre si, logo, o capital social.

Segundo Coleman (1988), esta figura representa uma estrutura ou rede fechada, já que todos os indivíduos estão ligados entre si, o que implica a existência de capital social em todos eles, através da rede de partilha. Segundo o autor este tipo de rede é mais eficiente, permitindo um reforço da comunidade através da partilha permanente de informação e dos próprios valores sociais.

109

Uma rede aberta, menos eficiente socialmente, seria aquela em que nem todos os nós estariam ligados entre si, conforme esquematizado *infra*:

Figura 3 – Diagrama das Estruturas Abertas



110

Como podemos verificar, tanto Coleman (1988) como Bourdieu (1980) dão ênfase ao carácter intangível do capital social, em comparação com outras formas de capital, pelo facto do mesmo residir na estrutura das relações sociais. Assim, pode dizer-se que para se possuir capital social, um indivíduo precisa de se relacionar com outros (interacção social segundo os parâmetros definidos nesse grupo e tidos como normativos), sendo essas as fontes potenciais das vantagens que o capital social produz.

Em síntese, Coleman (1988) identificou os principais componentes do capital social (confiança, obrigações e normas; canais de informação; normas e sanções) a que Robert Putnam (2001) dará, posteriormente, um novo rumo colocando a tónica nas ligações entre indivíduos, deixando de lado os indivíduos em si (enquanto actores sem noção do “outro” ou sem terem em conta os modelos sociais onde se inserem).

*Capital social como o nível de participação social (civic engagement)*

O apogeu contemporâneo do conceito de capital social fica a dever-se a Robert Putnam (2001, p.21), que o definiu como “aquelas acções da

organização social como confiança, normas e redes que podem melhorar a eficiência da sociedade facilitando acções coordenadas”.

Putnam (2001) refere que foi recuperar o conceito a L. J. Hanifan, que o utilizou em 1916 para se referir

às substâncias tangíveis [que] contam para a maioria na vida do dia a dia das pessoas: nomeadamente boa vontade, camaradagem, simpatia e relações sociais entre os indivíduos e famílias que forma uma unidade social... o indivíduo fica socialmente indefeso, se entregue a si próprio... Se ele entrar em contacto com o seu vizinho, e eles com outros vizinhos, verificar-se-á uma acumulação de capital social, que poderá satisfazer imediatamente as suas necessidades... (Putnam, 2001: 19)

É a partir de 1995, Putnam referir-se-á ao capital social de uma forma mais precisa, já que na sua obra anterior, *Making Democracy, Civic Tradition in Modern Italy* de 1993 ainda não o faz, definindo-o como as “características da vida social – redes, normas e confiança – que capacitam os participantes a agir, mais eficazmente, em conjunto para perseguir objectivos partilhados.” (Putnam, 1996: 66).

Este autor centra o seu interesse naquilo a que chama “compromisso cívico” (*civic engagement*), isto é, o nível de participação social em organizações/instituições de pequena escala e pouco hierarquizadas (ex.: clubes, associações, igrejas, etc.) onde não existe uma definição rígida de papéis e funções sociais, mas que contribuem para o progresso económico ao gerarem normas de reciprocidade generalizada, ao permitirem a difusão de informação e, por fim, ao mostrarem aos indivíduos algumas formas de colaboração para o reforço da coesão social através da partilha de informação e valores no âmbito das redes sociais.

Putnam (1996) baseia toda a sua investigação no desempenho, por ele estudado, dos governos regionais da Itália que, segundo ele, são

determinados pelo nível de compromisso cívico e pelas características das redes sociais de cada região (Forero, 2002).

Perante essa análise, o autor defende que nas sociedades modernas a confiança social emana de duas fontes relacionadas – as regras de reciprocidade e os sistemas de participação cívica.

Para Putnam (2001), existem duas formas de reciprocidade: a reciprocidade específica, que consiste na troca simultânea de elementos de igual valor; e a reciprocidade difusa, que diz respeito a uma troca contínua que pode, em dado momento, apresentar um desequilíbrio ou falta de correspondência, mas que pressupõe a expectativa de que o favor concedido venha a ter uma retribuição no futuro (Forero, 2002). Ou seja, mesmo que no imediato não seja considerada uma retribuição e o indivíduo considere uma postura de relativa adaptação ao grupo e às normas estabelecidas em detrimento da satisfação imediata das suas necessidades individuais, espera-se um retorno a médio e longo prazo que, satisfazendo essas mesmas necessidades, contribua também para a satisfação grupal e reforce o impacto e a importância do capital social.

112

Assim, as redes e a reciprocidade são, segundo Robert Putnam (2001), elementos essenciais para a eficiência/convergência da sociedade. Segundo ele, “as redes envolvem (quase por definição) obrigações mútuas; elas não interessam como meros “contactos”. Redes de envolvimento comunitário fomentam robustas normas de reciprocidade: eu farei isto por ti agora, na expectativa de que tu (ou talvez outra pessoa) retribua o favor.” (Putnam, 2001:665).

Como se pode ver, quer Putnam (2001) quer Coleman (1988), destacam neste processo as relações existentes entre dois ou mais indivíduos, isto é, a relação do eu com o outro, tendo em conta o processo de socialização.



Nesta linha, Putnam coloca a confiança social como elemento central do capital social.

As normas e a confiança que constituem o capital social, na perspectiva de Putnam (2001), beneficiam o indivíduo, a comunidade e a sociedade mais vasta, de acordo com a sua intensidade e distribuição, dado que esses processos contribuem para o reforço social e podem reflectir-se em processos de fusão e convergência.

No seu livro *Bowling Alone* (Putnam, 2001), o autor faz uma síntese da teoria do capital social por ele proposta, assumindo-o com a expressão do “fazer com”, referindo-se a redes de conexão social. Para este, o cerne do capital social são as relações face a face, ou seja, o contacto directo que as pessoas têm umas com a outras, situação que aumenta e potencializa a confiança mútua, o que traz, por sua vez, e como consequência, a produção e o aumento de capital social.

Apesar das diferenças que podemos encontrar nos diversos autores, os trabalhos publicados acerca desta temática têm revelado um crescente consenso em relação à utilização que se faz do conceito capital social e que diz respeito à capacidade dos actores garantirem benefícios em virtude da pertença a redes sociais ou a outras estruturas sociais.

Podemos, portanto, verificar que as diferenças encontradas nas definições de capital social atrás referidas, reflectem, em parte, as tradições teóricas sociológicas subjacentes a esse mesmo conceito.

Assim, e de acordo com o descrito no estudo da Productivity Commission (2003), podemos dizer que o capital social definido na área:

- Da economia, traduz-se em incentivos individuais;
- Da ciência política, põe a tónica no papel das instituições, da política e das normas sociais que controlam o comportamento humano;

- Da sociologia, é explicado através da análise dos determinantes sociais ligados à motivação humana que trazem à discussão características sociais tais como confiança, reciprocidade e envolvimento cívico em redes sociais;
- Da antropologia, que desenvolve a noção de que o homem é por inerência dotado de capacidades associativas, providenciando uma explicação biológica para a ordem social.

### *Capital Social e Redes Sociais*

Segundo esta perspectiva, mais recente, o conceito de capital social demonstra-se intimamente relacionado com o conceito de rede, a aprofundar adiante. Senão vejamos, desde a década de 1990 que o conceito de capital social se difundiu e extravasou fronteiras disciplinares, ganhando contornos interdisciplinares e sendo discutido em vários domínios e em várias áreas distintas. O conceito de rede também passou por este processo.

114

Como se viu, Coleman (1988) defende o capital social como aquele que é proveniente das relações entre as pessoas, logo esta noção, de que o capital é gerado nas relações, torna este conceito indissociável do conceito de rede social (Portugal, 2007).

Nan Lin (1999) é um dos autores que se insere nesta perspectiva quando analisa a teoria do capital social, tendo por base a sua formação na teoria das redes. O autor refere-se ao capital social como “investimento nas relações sociais com proveitos esperados no mercado” (Lin, 2001a: 19). Este defende que “os indivíduos se envolvem em interações e redes de modo a produzir lucros” (Lin, 2001a: 19). Assim, uma teoria do capital social deve, segundo o autor, analisar quando é que os recursos disponíveis nas redes sociais são percebidos pelos indivíduos como investimentos, tendo

em conta que, sendo o capital social fabricado nestas redes, a sua construção não é linear, tem constrangimentos e oportunidades que dependem largamente das escolhas dos indivíduos num dado período de tempo.

Decorrendo do exposto podemos afirmar que, para Lin (2001a: 19), “o capital é visto como um bem social em virtude das conexões dos actores e do acesso aos recursos da rede ou grupo de que eles fazem parte”.

O autor apresenta, na sua obra *Social Capital. A theory of social structure and action*, quatro factores segundo os quais o comportamento individual é condicionado através dos recursos disponíveis na rede social. Um primeiro factor prende-se com o fluxo de comunicação que, será facilitado por aqueles laços colocados em posições táticas em determinada rede que permitem o fornecimento de informação privilegiada sobre uma escolha a efectuar em cada momento. Resultante deste primeiro factor, o autor apresenta um segundo que diz respeito ao facto de estes laços serem potenciais influenciadores dos agentes de tomada de decisões.

115

Um terceiro factor prende-se com as credenciais que estes laços proporcionam, funcionando como garante de acesso individual a recursos disponíveis através da rede e que, de outra forma, se tornariam possivelmente inatingíveis. Por último, um quarto factor diz respeito ao facto das relações sociais terem o papel de reconhecimento e de formação da identidade dos indivíduos enquanto membros de uma sociedade e da própria sociedade em si, ou seja, o reconhecimento público e o suporte emocional provêm do facto de se pertencer ou não aquele grupo/rede. Para Lin (2001a), estes agentes constituintes do capital social podem ser resumidos em: informação, influência, credenciais e reforço.

Transcorrendo desta breve análise, podemos dizer que a *network analysis* vem colmatar alguns problemas relacionados com a teoria do capital social, uma vez que, pela sua análise relacional, possibilita preencher o vácuo

deixado pelas tautologias das definições de capital social propostas, que pareciam muitas vezes apresentar conclusões/propostas de definição demasiadamente semelhantes aos paradigmas apresentados como ponto de partida.

Tendo em conta a definição proposta por Lin (2001a), onde o capital social está associado aos recursos inseridos numa estrutura social, podendo ser escolhidos por qualquer actor social na prossecução de um objectivo, a *network analysis* contribui para a clarificação e operacionalização do conceito de capital social, já que, afastando-se das definições vagas produzidas por outros autores, esta centra a sua análise em três dimensões fundamentais: os recursos (que permitem evidenciar as vias formais para potencializar o capital social), as estruturas sociais (que evidenciam a forma como a sociedade se organiza e como os seus membros aceitam essa legitimidade) e a acção (o acto em si de produzir interacção entre os membros, através dos recursos tecnológicos e sociais existentes e de permitir o reforço do capital social, mediante a capacidade de informar e/ou influenciar as escolhas da comunidade).

116

Não obstante todas as diferenças apontadas, existem alguns assuntos que parecem ser comuns à maior parte das propostas de definição de capital social e por isso merecem a nossa referência.

Em primeiro lugar, a grande maioria dos autores concorda que as redes sociais e/ou as normas sociais são elementos chave, no fundo fontes, de capital social. De facto, concordamos com este pressuposto. As redes sociais conseguem reforçar o capital social, através da aceleração do acesso à informação, fornecida pelos membros mais cultos e/ou com maior capacidade de acesso económico/tecnológico a essa informação, que, por sua vez, procurando alcançar a credibilidade suficiente para tal, influenciam o resto dos elementos que interagem em determinada rede social.

Em segundo lugar, a confiança é vista pelos autores (Putnam, 2001; Giddens, 1995; Uslaner, 2000) como um elemento adicional do capital social ou um substituto do nível de capital social presente na comunidade. Quer dizer, os membros de uma rede social, além de reconhecerem legitimidade aos valores e informação veiculado, têm obrigatoriamente de confiar na informação prestada, reconhecendo-a como uma troca de informação que permitirá, não só o reforço do grupo, mas também produzirá resultados favoráveis para todos os indivíduos que se encontram interligados.

Por último, os estudos de Putnam (2001), Coleman (1988) e Bourdieu (1979), apontam para o capital social como um recurso que as pessoas usam para alcançar os seus objectivos, utilizando os membros da sua rede social. De facto, todos os indivíduos aceitam partilhar informação, pertencer a uma rede e mesmo protelar a satisfação plena dos seus objectivos, enquanto considerarem que a pertença a determinada rede é-lhes favorável e que lhes permitirá realizar os seus objectivos e satisfazer as suas necessidades, ainda que a médio ou longo prazo.

117

### *Três níveis de análise do Capital social*

Embora as contribuições dos autores supracitados tenham sido objecto de análise e críticas, serviram de base a novos estudos e novas investigações que deram origem a publicações e linhas de investigação.

Assim sendo, classificam-se as diferentes definições de acordo com três níveis de análise: individual, comunitário e societal.

Embora exista um acordo entre as variáveis sociais que constituem o “capital social” e que podem contribuir para o desenvolvimento (normas, relações, instituições), ainda permanece o debate acerca de se o estudo do capital social se deveria ser feito a partir de um nível individual (o indivíduo que acede ao capital social), comunitário (um grupo de pessoas que, por

compartilharem uma identidade ou fins comuns, acede ao capital social) ou nacional (o crescimento de um país tendo por base o seu capital social) (Huencho, s.d.). Cada um destes níveis tiveram os seus defensores e críticos, debate que resumiremos para podermos fazer uma opção fundamentada do nível que utilizaremos para o nosso estudo.

### *Nível Individual*

Aqueles que se aproximam ao estudo do capital social a partir de uma perspectiva individual definem-no como uma categoria interpretativa amplamente presente nos estudos sobre a mobilidade ocupacional, a estratificação, as desigualdades sociais, etc. (Piselli, 2003, cit. por Huencho, s.d.). Referem-se geralmente ao êxito diferencial entre membros de uma determinada comunidade na obtenção de recursos escassos (Inkeless, 2000).

118

É possível encontrar uma grande quantidade de definições de capital social entre aquelas que enfatizam o valor dos indivíduos como recursos na forma de relações sociais (Côté, 2001; Glaeser, 2001; Baker, 1990). Alguns autores defendem que para um adequado desenvolvimento teórico no campo do capital social requiere-se que, desde o início da investigação sobre capital social, se privilegie o papel dos indivíduos, pois são eles o “núcleo” para a construção de redes sociais. Por isso, uma definição de capital social deve começar ao nível individual, caso contrário não poderíamos entender como este se forma ou como se constrói, pois são os indivíduos quem possui os recursos principais (Glaeser, 2001).

A partir da revisão de Huencho (s.d.), de entre as principais definições desta linha encontramos a de Baker (1990: 60), que define o capital social como *“a resource that actors derive from specific social structures and then use to*

*pursue their interests; it is created by changes in the relationships among actors*<sup>13</sup>". Já Boxman, De Graaf, e Flap (1991, cit. por Huencho, s.d.: 60) entendem-no como "*the number of people who can be expected to provide support and the resources those people have at their disposal*<sup>14</sup>". Knoke (1999, cit. por Huencho, s.d.: 60) define-o como "*the process by which social actors create and mobilize their network connections within and between organizations to gain access to other social actor's resources*<sup>15</sup>".

Por sua vez, Burt (1992 cit. por Huencho, s.d.: 61) assinala que "*social capital refers to friends, colleagues, and more general contacts through whom you receive opportunities to use [other forms of] capital... Relations within and between firms are social capital. [it is] the final arbiter of competitive success*<sup>16</sup>". Schiff (1992 cit. por Huencho, s.d.: 61) refere-se ao capital social como "*The set of elements of the social structure that affects relations among people and are inputs or arguments of the production and/or utility function*<sup>17</sup>".

Edward Glaeser (2001, cit. por Huencho, s.d.: 61) atendendo à formação do capital social, assinala que "o capital social deve ser visto como o resultado da decisão de investir tomada por indivíduos". Neste mesmo artigo assinala a existência de uma velha definição de capital social baseada nos indivíduos numa obra de Henry James (*The Golden Bowl*, 1904) que o define como "*the set of social attributes possessed by an individual included charisma,*

---

<sup>13</sup> Um recurso que os actores fazem derivar de estruturas sociais específicas e, em seguida, usam para perseguir os seus interesses, sendo criado por mudanças nas relações entre os actores

<sup>14</sup> O número de pessoas que se pode esperar que deem apoio e os recursos que essas pessoas têm à sua disposição

<sup>15</sup> O processo pelo qual os actores sociais criam e mobilizam as suas conexões de rede dentro e entre as organizações para terem acesso aos recursos de outro actor social

<sup>16</sup> capital social refere-se aos amigos, colegas e contatos mais regulares através de quem se recebem oportunidades de usar [as outras formas de] capital ... Relações dentro e entre as empresas são capital social. [é] o árbitro final do sucesso competitivo

<sup>17</sup> O conjunto de elementos da estrutura social que afeta as relações entre as pessoas são inputs ou argumentos da produção e/ou com função de utilidade

*contacts and linguistic skill-that increase the returns to the individual in his or her dealings with others<sup>18</sup> (ibidem).*

Alejandro Portes (2000) propõe a seguinte definição de capital social: *"Social capital refers to the capacity of individuals to command scarce resources by virtue of their membership in networks or broader social structures<sup>19</sup>".* Portes (2000) refere-se repetidamente aos aspectos institucionais e colectivos, aos benefícios da pertença a um grupo, ao capital social como um aspecto da estrutura social que facilita as acções de pessoas e de actores corporativos. Fala das funções de controlo social das instituições de capital social e dos seus mecanismos apropriáveis por indivíduos e por grupos (Portes, 2000).

120

Do nosso ponto de vista, as definições descritas e os estudos que se realizaram tendo como base esta perspectiva apresentam algumas limitações importantes, pois apenas centram a sua atenção nas habilidades dos indivíduos para estabelecer e ampliar as suas redes de contactos e obter vantagens disso e não nas relações propriamente ditas, entendidas como recursos a ser utilizados e que beneficiarão também o grupo na medida em que cumpram certas características. A ênfase nos papéis dos indivíduos em termos de características e recursos pessoais pode conduzir a confusões entre capital social e capital humano (Coleman, 1988; Woolcock & Narayan, 1998; Inkeless, 2000; Onyx & Bullen, 2000; Côté, 2001).

Se bem que o capital humano possa servir como base à emergência do capital social, acreditamos que não é um elemento suficiente. Poderíamos dizer que as pessoas são o "motor" que põe em funcionamento o capital

---

<sup>18</sup> O conjunto de atributos sociais possuído por indivíduo com um carisma específico, contactos e habilidade linguística, aumentam o retorno para o indivíduo nas suas relações com os outros

<sup>19</sup> O capital social refere-se à capacidade dos indivíduos de manipularem recursos escassos em virtude da sua participação em redes ou estruturas sociais mais amplas



social, mas só na medida em que sejam capazes de gerar redes de interacção e colaboração com outros. Daí que, o capital social individual se possa ver como um recurso colectivo, pois parte das pessoas mas só se materializa através das redes de relações que elas geram.

### *Nível Societal*

Na sua versão de recurso colectivo a nível societal, o conceito de capital social apareceu cada vez com maior frequência nos estudos sobre o desenvolvimento económico e a análise comparada dos capitalismos contemporâneos (Piselli, 2003, cit. por Huencho, s.d.).

Neste nível, o trabalho desenvolvido por Putnam (1996) foi um dos mais importantes e marcou o início da realização de diferentes esforços para identificar e medir o nível de capital social em macro-ambientes como regiões ou países.

121

Entre os trabalhos de referência neste âmbito encontramos aquele realizado por Geert Hofstede (1980) que faz um esforço por relacionar medidas psicossociais de diferentes nações para conhecer o seu desenvolvimento económico e a persistência da estabilidade democrática, a partir da qual se extraíram algumas conclusões sobre capital social.

Na mesma linha encontra-se o trabalho do sociólogo Ronald Inglehart (1997), que estuda como é que as mudanças nas metas económicas e políticas, valores familiares, etc., afectam o desenvolvimento económico e a estabilidade das instituições democráticas, aspectos relacionados com o capital social.

Em 1997, Stephen Knack e Philip Keefer realizaram uma investigação que integrava 29 países, usando como base indicadores de confiança e normas

cívicas contidas no The World Values Surveys<sup>20</sup> (Huencho, s.d.). Por seu turno, Robert Putnam (2001), através de um estudo em várias cidades norte-americanas, evidência a deterioração que desde os anos 60 existe nos níveis de participação em diferentes instituições cívicas, nos níveis de confiança e nas actividades de caridade desse país.

Na mesma linha, Thin (1996 cit. por Huencho, s.d.: 63) define o capital social como

*"the "fabric" of society-the interconnected web of relationships, units and values, such as organisations, networks, common pool regimes, behavioral norms, information flows, and attitudes that constitute a society's stability and integrity and promote development. Social safety nets are a part of social capital..."<sup>21</sup>*

122

Por seu lado, Newton (1997 cit. por Huencho, s.d: 63) indica que "o capital social pode ser visto como um fenómeno subjectivo, composto de valores e atitudes que influenciam como as pessoas se relacionam entre si". Inclui confiança, normas de reciprocidade, atitudes e valores que ajudam as pessoas a ultrapassar relações conflituosas e competitivas para as transformarem em relações de cooperação e ajuda mútua (Kliksberg, 2000, cit. por Huencho, s.d.).

Brehm e Rahn (1997 cit. por Huencho, s.d.: 63) definem-no como *"the web of cooperative relationships between citizens that facilitate resolution of collective action problems"*<sup>22</sup>. A definição de Pennar (1997 cit. por Huencho,

---

<sup>20</sup> The World Values Surveys é um instrumento desenhado para medir de forma compreensivas áreas como a religião, a política, a economia, a vida social. [www.worldvaluessurvey.org](http://www.worldvaluessurvey.org)

<sup>21</sup> o "tecido" da sociedade: a web interconectada de relações, unidades e valores, tais como organizações, redes, regimes comuns, normas de comportamento, os fluxos de informação e atitudes que constituem a estabilidade de uma sociedade e a sua integridade e promovem o desenvolvimento. Redes de segurança social são uma parte do capital social...

<sup>22</sup> a teia de relações de cooperação entre os cidadãos que facilitam a resolução de problemas de ação coletiva

s.d.: 63) estabelece que o capital social é "*the web of social relationships that influences individual behaviour and thereby affects economic growth*<sup>23</sup>".

Collier (1998) identifica o capital social com certas formas de interacção social que tornam possível a operacionalização de mecanismos como a confiança e as normas, produzindo externalidades. Joseph (1998 cit. por Huencho, s.d.: 64) define-o como o "vasto conjunto de ideias, ideais, instituições e regras sociais, através das quais as pessoas encontram a sua voz e mobilizam as suas energias particulares para causas públicas".

Noutros âmbitos, alguns autores identificaram o capital social com a confiança, como Fukuyama (1999: 233) para quem o capital social "são as normas e valores que promovem a cooperação social". Michael Woolcock (2001: 15) disse que "*Social capital refers to the norms and networks that facilitate collective action*<sup>24</sup>".

Segundo Alex Inkeless (2000) não existiu um estudo sistemático suficientemente compreensivo a este nível, o que levou a grandes críticas não só ao trabalho de Putnam (1996), mas também ao que outros especialistas desenvolveram. Segundo as críticas (Boix & Posner, 1998: 690; Johnston & Percy-Smith, 2003: 324), é muito difícil aplicar uma medida que permita identificar o capital social, não só de um país mas também estabelecer comparações objectivas a respeito. A maioria dos instrumentos utilizados para estudar o capital social a nível regional ou nacional não foram desenhados de forma específica para o capital social (entendendo-o como um constructo multidimensional), mas utilizam algumas variáveis integradas em instrumentos de medição maiores que poderão estar relacionadas com o capital social (por exemplo, a confiança).

123

---

<sup>23</sup> a teia de relações sociais que influenciam o comportamento individual e, conseqüentemente, afeta o crescimento económico

<sup>24</sup> Capital social refere-se às normas e redes que facilitam a ação coletiva

O estudo do capital social a nível societal também foi alvo de uma série de críticas (Portela & Neira, 2003; Edwards & Foley, 1998) relacionadas com o seu pouco dinamismo e com a escassa atenção que presta aos aspectos do contexto que influenciam a sua formação e desenvolvimento. Uma das posturas prende-se com o facto de que ao identificar o capital social como atributo das nações se está a negar a heterogeneidade do conceito.

Efectivamente, o capital social, à semelhança de outras formas de capital mencionadas, não é homogéneo. Pode manifestar-se de maneiras muito distintas, dependendo da região considerada e, para além disso, as regras que são válidas para um país podem não ser aceites noutra (Portela & Neira, 2003). Assumir simplesmente que podemos agregar o capital social para produzir medidas a partir dos recursos que possui uma sociedade pode resultar erróneo (Edwards & Foley, 1998).

124

Neste sentido, o próprio acesso que as pessoas têm face às várias formas de capital social está influenciado por desigualdades de origem geográfica, assim como por outras características como a raça, classe social, sexo, etc. (Crowley, 1997; Oliver, 1997, cit. por Huencho, s.d.). Certamente que o contexto socioeconómico e político apresentam um papel igualmente importante ao assinalar e determinar o valor que uma forma específica de capital (financeiro, cultural ou humano) pode ter num determinado contexto (Edwards & Foley, 1998).

Outras críticas indicam que, ao comparar o capital social com a confiança ou a cultura cívica, corre-se o risco de subavaliar a sua precisão analítica e o valor agregado que pode oferecer para o estudo das dinâmicas sociais. O conceito de capital social permite, apesar de tudo, uma visão mais aberta dos possíveis resultados da acção.

Por último, outras posturas consideram que os estudos a este nível “transferiram” características de instituições democráticas anglo-saxónicas

para outras partes do mundo, assumindo que são sociedades com iguais características, iguais formas de participação, etc., quando, ao contrário, a definição característica de muitas sociedades modernas é a heterogeneidade étnica, de casta ou religião (Lijphart, 1991, cit. por Huencho, s.d.).

Isto acentua-se ainda mais se esperamos estabelecer comparações entre países desenvolvidos e não desenvolvidos.

A partir das definições e dos estudos analisados, poderíamos concluir que um nível de agregação demasiado amplo pode interferir na hora de extrair conclusões correctas que permitam identificar possíveis causas da existência ou não de capital social, a partir de características socioeconómicas, de raça, etc.. Por outro lado, dado este nível de integração, não será fácil construir um instrumento que permita medir o capital social como constructo multidimensional, identificando-o com o grau de maturidade cívica que possui uma determinada sociedade e que tem directa influência no seu grau de desenvolvimento e no funcionamento das suas instituições.

125

Na maioria destes estudos não se levou em conta o contexto em que se insere esta sociedade e que tem incidência nas características que apresenta. Por isso, a visão “determinista” de muitos destes estudos deu lugar a diversas críticas. Uma das dificuldades unidas a este nível é a falta de métodos de medição mais ajustados, daí que o desafio se prenda com o desenho de novas metodologias adequadas a amostras de grande magnitude.

### *Nível Comunitário*

Tanto Bourdieu como Coleman fazem extensas referências ao capital social como atributo de grupos sociais, colectividades e comunidades. Bourdieu

(1980: 52-53) assinala “a necessidade de realizar investimentos orientados para a institucionalização das relações grupais”. Da mesma forma, Coleman (1987: S98) assinala que o capital social não é uma “propriedade privada, divisível ou alienável; mas é um atributo da estrutura na qual a pessoa se encontra imersa. O capital social beneficia a todos, não primariamente as pessoas”.

Estudos posteriores também entenderam e definiram o capital social a partir do nível comunitário, especialmente os do Banco Mundial. Deepa Narayan (1997 cit. por Huencho, s.d.: 67), a partir de um trabalho realizado com comunidades na Tanzânia, define o capital social como “as regras, normas, obrigações, reciprocidade e confiança que se encontram nas relações sociais, estruturas sociais e acordos institucionais os quais permitem aos seus membros alcançar os seus objectivos individuais e comunitários”. Posteriormente, entende-o como “*norms and social relations embedded in the social structures of society that enable people to co-ordinate action and to achieve desired goals*<sup>25</sup>”.

126

Paldam e Svendsen (1999 cit. por Huencho, s.d.: 67) definiram capital social como o “nível de confiança existente num grupo, que pode estender-se ao resto da sociedade”, enfatizando que o capital social se refere a normas e valores cujo cumprimento é vigiado e sancionado pelos membros de um grupo e não por terceiros.

Uma definição muito citada é a de Elinor Ostrom (2000, cit. por Huencho, s.d.: 67) que afirma que

*“Social capital is the shared knowledge, understanding, norms, rules, and expectations about patterns of interactions that groups of individuals bring to a recurrent activity... When they face social dilemmas or collective-action*

---

<sup>25</sup> normas e relações sociais embutidas nas estruturas sociais da sociedade que permitem às pessoas coordenar a acção e para alcançar as metas desejadas

*situations... participants must find ways of creating mutually reinforcing expectations and trust to overcome the perverse short-run temptations the face<sup>26</sup>".*

Mesmo assim, num trabalho de síntese das principais investigações neste campo, Adler e Kwon (2002 cit. por Huencho, s.d.: 67) propõem a seguinte definição "*Social capital is the goodwill available to individuals or groups. Its source lies in the structure and content of the actor's social relations. Its effects flow from the information, influence, and solidarity it makes available to the actor*<sup>27</sup>".

Como assinalado anteriormente, o capital social, entendido como atributo de comunidades, captou a atenção de diversas instituições relacionadas com o desenvolvimento e a luta contra a pobreza. O Banco Mundial (1998) define o capital social referindo-se às "instituições, relações e normas que caracterizam a qualidade e quantidade das interações sociais na sociedade". O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) define-o como "aqueles aspectos da organização social, incluindo redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e cooperação para benefício mútuo"<sup>28</sup>. Por seu turno, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (2001) define-o como "redes e normas, valores e opiniões compartilhadas que facilitam a cooperação dentro e entre os grupos"<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> Capital social é o conhecimento compartilhado, o entendimento, normas, regras e expectativas sobre os padrões de interações que os grupos de indivíduos levam para uma atividade recorrente ... Quando enfrentam dilemas sociais ou situações de acção colectivas ... os participantes devem encontrar maneiras de criar expectativas de reforço mútuo e confiança para superar a prova perversa de curto prazo.

<sup>27</sup> O capital social é a boa vontade disponível para indivíduos ou grupos. A sua origem está na estrutura e conteúdo das relações sociais do actor. O seu fluxo é levado a cabo a partir da informação, influência e solidariedade que está disponível para o actor

<sup>28</sup> <http://www.undp.org/csopp/CSO/NewFiles/toolboxcase1.html>

<sup>29</sup> OCDE. Relatório The Well Being of Nations: The Role of Human and Social Capital

A CEPAL (Comissão Económica para a América Latina e Caribe) desenvolveu algumas investigações sobre capital social, especialmente no âmbito comunitário rural. Neste sentido, Miranda e Monzó (2003 cit. por Huencho, s.d.: 68) entenderam-no como “um activo de cooperação, confiança e reciprocidade, que reside nas relações sociais e facilita o acesso a recursos escassos através de redes pessoais e empreendimentos colectivos”. John Durston (2000) definiu-o como o “conteúdo de certas relações sociais (que combinam atitudes de confiança com condutas de reciprocidade e cooperação) que proporcionam maiores benefícios aqueles que o possuem em comparação com aquilo a que se poderia chegar sem este activo”.

A partir de uma perspectiva dinâmica, Raúl Atria (2003, cit. por Huencho, s.d.: 68) entende o capital social de um grupo como *“la capacidad efectiva de movilizar productivamente, y en beneficio del conjunto, los recursos asociativos que radican en las diferentes redes sociales a las que tienen acceso los miembros del grupo en cuestión”*<sup>30</sup>.

128

De entre as definições de capital social comunitário existem características institucionais e funções do capital social claramente identificáveis, das quais se destacam (Durston, 2000): o controlo social através da imposição de normas compartilhadas pelo grupo e o sancionamento dos seus membros; a criação de relações de confiança entre os membros de um grupo; a cooperação coordenada das tarefas que excedem as capacidades de uma rede; a resolução de conflitos por líderes ou uma judicatura institucionalizada; a mobilização e gestão de recursos comunitários; a legitimação de líderes e executivos com funções de gestão e administração; a criação de âmbitos e estruturas de trabalho em equipa.

---

<sup>30</sup> A capacidade efetiva de mobilizar produtivamente, e para o benefício de todos, os recursos associativos que radican em diferentes redes sociais que são acessíveis aos membros do grupo em questão



Segundo Alex Inkeless (2000), entre os elementos que podem descobrir-se no capital social comunitário encontram-se os seguintes:

- a) Instituições sociais (família, clã, tribo): geralmente entende-se como capital institucional. São essenciais para a reprodução dos membros de uma sociedade e para a sua manutenção.
- b) Padrões culturais: entendidos como sistemas de ideias dominantes expressas através da religião, da ciência, da filosofia e da cosmologia junto com normas culturais tais como aquelas que governam as relações. Estes aspectos jogam um papel central no êxito que pode alcançar uma comunidade em outros âmbitos.
- c) Modos de comunicação e associação entre indivíduos e entidades colectivas: onde se incluem as relações dentro de uma organização, as relações entre organizações e também através de diferentes cenários.
- d) Características psicossociais: entre as quais se encontram a confiança, a reciprocidade, a colaboração, entre outros elementos.

129

A partir da análise anterior, poderíamos dizer que o capital social comunitário se traduz nas normas e estruturas que formam as instituições de cooperação grupal (Durston, 2000) e reside nos sistemas complexos, nas suas estruturas normativas, de gestão e sancionatórias. Os mecanismos pelos quais se produz capital social comunitário abarcam tanto as expectativas dos indivíduos de reciprocidade como as sanções comunitárias das normas.

Da institucionalização do capital social comunitário podem emergir pelo menos quatro processos diferentes (Durston, 2000): a) a coevolução de estratégias das pessoas; b) as decisões racionais e conscientes dos indivíduos que compõem uma comunidade; c) a socialização das normas relevantes de uma cultura na infância; d) uma agência externa que aplica

uma metodologia de desenvolvimento de capacidades de gestão comunitária.

Este último aspecto é muito interessante, pois entende que o capital social comunitário pode ser criado, reforçado ou desenvolvido intencionalmente por agentes externos (nos sítios onde falte ou onde tenha sido destruído) utilizando um amplo repertório de metodologias de capacitação na participação, *empowerment* ou outros (Durston, 2000). Desta forma ampliam-se as possibilidades de análise do capital social, pois o seu desenvolvimento e fortalecimento não só dependerão das comunidades objecto de estudo, mas caberá considerar também as capacidades que estas venham a gerar a partir das relações com outros actores (individuais ou institucionais) os que poderão influenciar (positiva ou negativamente) nas suas dinâmicas de desenvolvimento.

130

Para que o capital social implique benefícios estáveis para uma comunidade, não basta só obter fortes laços internos, mas também investir na sua capacidade para gerar laços com outras comunidades ou com outras instituições, organizações, indivíduos, etc., que lhes permitam partilhar e gerar intercâmbios de informação e conhecimentos.

Como o objecto deste estudo são os seniores portugueses a frequentar Universidades da Terceira Idade, podemos afirmar que estaremos no nível comunitário de análise do capital social, na medida em que é feita uma análise grupal destes indivíduos.

## 2. Fontes de Capital Social

Como se pode verificar pela descrição no ponto anterior, as normas sociais e as redes sociais são amplamente aceites como elementos chave do capital social, recorrendo sempre a essas ideias basilares para se conseguir

construir o fundamento necessário e que interligue as redes sociais com o capital social.

Subjacente à maior parte das normas sociais está o conceito de reciprocidade, conceito que, como já analisámos está na base do conceito de capital social defendido por Putnam (2001), entre outros. Embora umbilicalmente ligados, são conceitos distintos e que, por isso, devem ser entendidos individualmente antes de cimentarmos a sua relação estreita.

### *Redes Sociais*

No que diz respeito às redes sociais, podemos começar por definir rede. Rede traduz um grupo de pessoas ligadas entre si, usualmente tendo um atributo, um objectivo ou um valor comum. São exemplos de redes, num nível micro, as famílias e os grupos de amigos. De facto, um indivíduo pode pertencer a mais do que uma rede ao mesmo tempo de acordo com as necessidades sentidas por ele, isto é, pode fazer parte da rede de vizinhos, de uma rede fundada nas ideologias políticas ou religiosas, numa rede que tem por base as preferências recreativas ou até a rede formada com base na raça ou nacionalidade. Ou seja, a própria socialização implica que o indivíduo busque em cada rede a satisfação de uma determinada necessidade/objectivo, o que não implica uma separação radical entre os papéis desempenhados para esse fim por cada rede. Há, por isso, a possibilidade de interconexão entre as próprias redes a que o indivíduo pertence em cada momento e entre o próprio contributo de cada rede para a satisfação das suas necessidades.

131

A literatura evidencia uma distinção entre redes densas e redes dispersas. As primeiras são caracterizadas por uma sobreposição de múltiplas ligações entre os membros do grupo. Estas ligações não estão presentes nas segundas, onde os contactos entre os indivíduos são, geralmente, mais fracos e mais distanciados no tempo (Commission, 2003).

Fazer parte de uma ou mais redes traz aos indivíduos benefícios, tais como um grande leque de recursos de suporte social quando este é necessário, acesso a informação de diversas fontes/áreas que se podem complementar e mesmo uma vasta gama de oportunidades. As redes podem, inclusive, ter um papel importante na provisão de outros aspectos do capital social, na medida em que, os indivíduos ligados a redes podem encontrar mais facilidade em confiarem uns nos outros, dado que adquirem mais facilmente uma competência de confiança e partilha de informação.

De acordo com o que analisámos *supra*, como refere Putnam (2001) os indivíduos isolados não produzem capital social; serão as redes sociais que se estabelecem entre as pessoas aquelas que serão capazes de o produzir, tanto mais quanto maior for a confiança entre os respectivos elementos integrantes. Segundo ele, o capital social encontra-se, portanto, nas relações estabelecidas pelos indivíduos entre eles e não nos indivíduos em si mesmos.

132

### *Confiança*

A ideia de confiança, no contexto da abordagem ao capital social, refere-se ao nível de certeza que um indivíduo tem que os outros vão agir de acordo com aquilo que se espera (segundo comportamentos padronizados, de acordo com os valores partilhados e aceites como modelos de referência a seguir) ou também que aquilo que eles afirmam seja confiável (Correia, 2007).

Existem dois tipos de confiança (Correia, 2007): a confiança particularizada que diz respeito àquela que depositamos nos que nos são mais próximos; e a confiança generalizada que corresponde àquela que atribuímos a estranhos e às instituições sociais, dado que lhes reconhecemos características objectivas e coercivas para actuarem enquanto tal,

desempenhando mesmo uma função integradora e libertando o indivíduo do ónus de tudo decidir a cada momento.

Embora o capital social recaia, normalmente, na confiança generalizada, a confiança particularizada não deixa de ser importante na medida em que nos permite perceber, em termos de socialização, como é que alcançamos a primeira. Isto porque, segundo Putnam (2001), a confiança pessoal transforma-se em confiança social através das normas de reciprocidade e das redes de envolvimento cívico, presentes na sociedade, evidenciando, por isso, a importância fulcral das instituições sociais que se enquadram essencialmente na confiança particularizada, geralmente associadas ao processo de socialização primária.

Giddens (1995: 65), na mesma linha de pensamento, distingue entre confiança resultante das relações presenciais (Compromissos presenciais) e confiança resultante das relações não presenciais (Compromissos não presenciais). As primeiras dizem respeito a “relações de confiança que são mantidas, ou expressas, nos contactos sociais estabelecidos em circunstâncias de co-presença.” (*ibidem*), as segundas “dizem respeito ao desenvolvimento da fé nas garantias simbólicas ou nos sistemas periciais.” (Giddens, 1995: 65)

133

Já Eric Uslaner (2000: 573) distingue confiança generalizada e confiança particularizada de uma outra forma distinta. Confiança generalizada refere-se, segundo este autor, à crença de que a maior parte das pessoas são confiáveis, a confiança particularizada já se aplica apenas ao nosso círculo mais íntimo de relações sociais. A primeira conduz, por isso, os indivíduos à criação de elos com indivíduos diferentes, traduzindo-se num envolvimento na comunidade, independente da perspectiva de reciprocidade, pois se partimos do pressuposto que todas as pessoas são merecedoras de confiança, o indivíduo mais facilmente se sentirá impelido à pró-acção no seio da comunidade, dado que esse valor foi adquirido na sua socialização

primária. O autor refere, portanto, que a confiança é algo construído através da socialização primária e não através de interações sociais. Quanto maior for o grau de confiança transmitido, maior será a capacidade e a predisposição para a cooperação de cada indivíduo, sendo que a cooperação alimenta a confiança.

### *Normas*

As normas, por sua vez, traduzem-se em expectativas e obrigações partilhadas, ou seja, são regras que tornam possível a vida em sociedade, dado que a sua legitimidade e extrinsecidade é generalizada pelos indivíduos e permitem a estabilidade normativa e a estabilidade da própria sociedade.

134 Desta forma, as normas são regras que regulam o comportamento dos indivíduos em sociedade. Estas são assimiladas pelos indivíduos por meio da socialização (nos seus diferentes momentos), transformando-se em formas de conduta socialmente aceites que permitem prever comportamentos, aumentando a cooperação e reduzindo a incerteza relativamente aos relacionamentos sociais (Correia, 2007).

As normas são, obrigatoriamente, ditadas pela cultura dominante e interiorizadas pelos actores sociais que as reproduzem depois de as interiorizarem e aceitarem como legítimas e as mais adequadas para a satisfação dos seus objectivos.

### *Reciprocidade*

A reciprocidade pressupõe uma troca de igual valor, isto é, está relacionada com o cumprimento de obrigações e deveres difusamente aceites, na mesma medida em que se fazem valer os direitos (Correia, 2007). Esta

reciprocidade justa faz aumentar a confiança social e facilita a cooperação entre indivíduos e o reforço dos grupos sociais, desde que os comportamentos não se revistam de potenciais elementos desestabilizadores da própria sociedade. De facto, numa sociedade a interacção que se produz entre indivíduos pode resultar ou não num aumento da confiança generalizada. Esta confiança está directamente relacionada com as normas de reciprocidade, na medida em que, a influência recíproca que os indivíduos têm uns sobre os outros pode resultar positivamente ou negativamente. Logo, a reciprocidade positiva incrementa a confiança e a reciprocidade percebida como negativa tende a diminuí-la, já que conduz à perda de confiança de pelo menos uma parte do grupo para a partilha de informação e mesmo para o reforço de interacções futuras.

À semelhança do que acontece com a confiança, também a reciprocidade pode assumir duas formas distintas: reciprocidade particular ou específica, quando aquilo que é elemento de troca tem o valor equivalente; e reciprocidade generalizada ou difusa, que diz respeito a uma troca que não é compensada no momento exacto em que se dá, mas que pressupõe a expectativa de o vir a ser no futuro (Putnam, 2001). Esta última é uma fonte de capital social extremamente importante, desde que as expectativas dos indivíduos não sejam defraudadas.

135

### *Valores*

Os valores, por fim, traduzem princípios genéricos aceites tacitamente pelos indivíduos pertencentes a uma comunidade. Estes representam orientações de conduta desejável, sendo vistos como modelos de referência a ter em conta e face aos quais os indivíduos podem permanentemente comparar as suas acções.

Putnam (2001) afirma que em comunidades ricas em capital social podemos encontrar valores relativos à cooperação entre actores, como sejam a solidariedade e a tolerância (Putnam, 2001), dado que o grau de confiança é elevado relativamente à conduta/comportamento esperado do outro.

A literatura identifica uma multiplicidade de potenciais fontes de capital social que sistematizamos de seguida.

A acumulação de capital social só é possível, por isso, através da reciprocidade das trocas, trocas estas baseadas numa confiança generalizada e consistente com as expectativas de todos os indivíduos que compõem determinada comunidade/sociedade. Estas trocas encontram-se alicerçadas na força das redes sociais dos indivíduos e nas normas que as regem e organizam/fundamentam.

- 136 A OCDE identifica oito fontes ou dimensões relevantes para o desenvolvimento do capital social, nomeadamente: a família, a escola, as comunidades locais, a sociedade civil, o sector público, o género e a raça e, por fim, as organizações. Já o *Australian Institute of Family Studies* (AIFS, 2002) defende que o acesso individual ao capital social poderá alterar de acordo com as seguintes variáveis: idade, género e saúde; circunstâncias familiares; educação, emprego e tipo de residência; atitudes e valores; e as características da área de residência. Segundo este instituto, no nível individual de acesso ao capital social, a educação parece ter um papel de extrema importância.

Os benefícios que o capital social apresenta para os indivíduos, de acordo com os fundamentos encontrados na literatura, podem sintetizar-se no facto de que pessoas com uma ampla rede de amigos, conhecidos e ligações a grupos experienciam um maior prazer com a vida, um maior sentimento de pertença e um aumento da sua auto-estima, dado que a sua

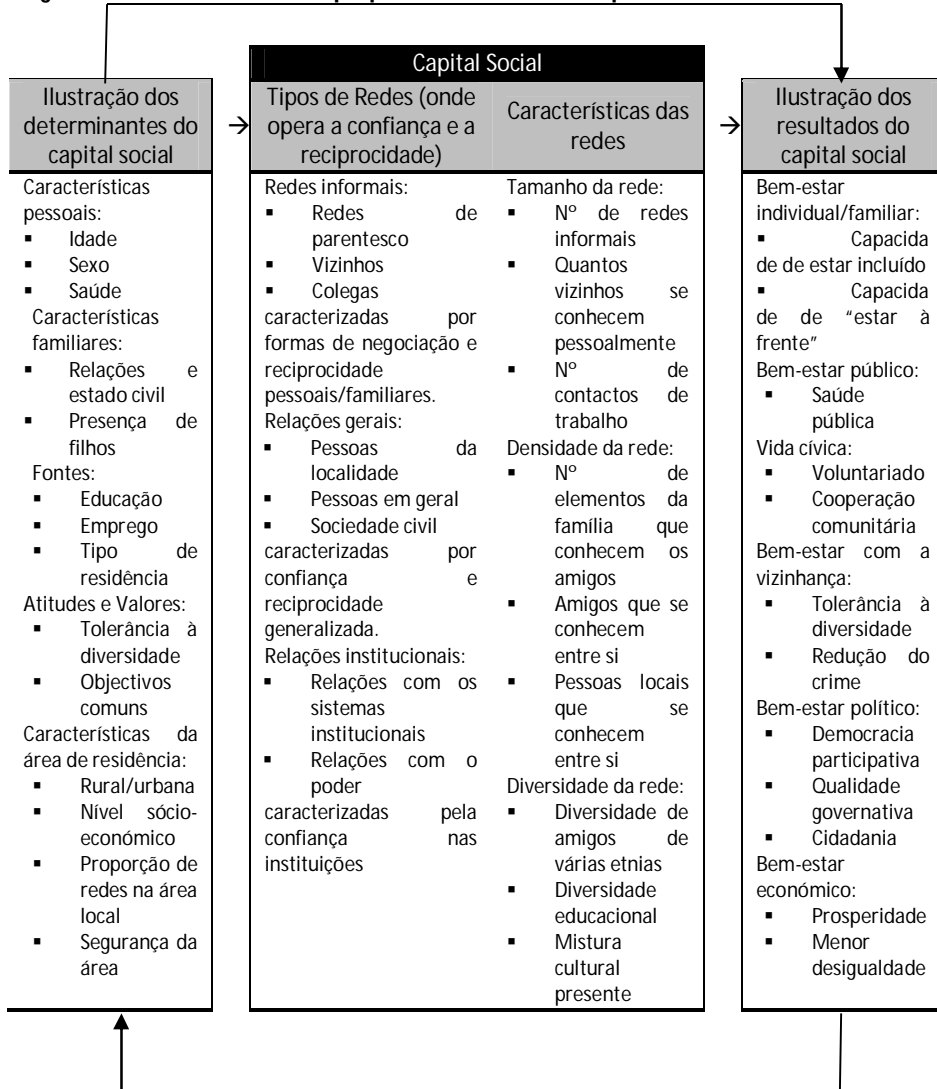


experiência lhe comprova a vitalidade da eficaz partilha de informação, baseada em relações de confiança (Commission, 2003). Ser-se parte integrante de uma rede social melhora, segundo o estudo desta comissão, a saúde e promove a longevidade (*ibidem*). Em síntese, evidências de diversos estudos (Woolcock, Social capital and economic development: toward a theoretical synthesis and policy framework, 1998) sugerem que indivíduos “bem relacionados” têm a possibilidade de ser mais saudáveis e mais felizes do que aqueles que têm poucas ligações (Commission, 2003) pois contribuem para o desenvolvimento do capital social e para a evolução dos grupos a que pertencem, em geral, e para a satisfação dos objectivos dos diferentes elementos, em particular, enriquecendo simultaneamente o seu espectro de necessidades realizadas.

Em suma, partindo da definição de capital social como sendo um conjunto de redes de relações sociais caracterizadas por normas de confiança e reciprocidade que resultam em benefícios comuns, o AIFS desenvolveu um esquema conceptual que nos permite distinguir as várias características das redes – tamanho da rede, densidade da rede e diversidade da rede – que poderão influenciar e determinar os resultados do capital social.

Para melhor compreensão e visualização, apresenta-se de seguida um quadro síntese dos conceitos abordados.

**Figura 4 - Síntese dos factores que poderão influenciar o capital social dos indivíduos**



Fonte: (Commission, 2003)

### 3. Produzir Capital Social on-line

Qualquer investigação requer uma clarificação conceptual antes de qualquer desenho empírico, especialmente quando o objecto de estudo apresenta uma elevada amplitude de definições (o que pode conduzir ao

perigo da indefinição epistemológica) e um grande leque de diferentes unidades de análise, como é o caso deste tema.

Antes de podermos avançar para a parametrização do nosso problema específico de estudo, consideramos ainda relevante discutir o capital social à luz de uma “nova” fase da história da humanidade, a era da informação.

### *III.1 O impacte da internet no capital social*

A transformação verificada na sociedade contemporânea introduz a noção de economia da informação em rede, substituindo a “velha” noção de economia de informação industrial, já que aquela passa a assentar no reforço da individualidade e da liberdade de acção das pessoas independentes (Benkler, 2006).

Neste “novo” contexto global, o contributo da tecnologia e, nomeadamente, da internet veio alargar as potencialidades de participação dos cidadãos e também a possibilidade dos indivíduos colaborarem e competirem globalmente. A partilha de informação já não se realiza apenas ao nível microssocial, mas encara-se a sociedade globalizada como o espaço de partilha de informações em diversas áreas de conhecimento e de vivência societal. Ora, neste espaço globalizado a colaboração, bem como a competição aumenta, quer ao nível de aquisição de conhecimento, quer ao nível de número de indivíduos que se cruzam nas mesmas áreas de interesse/intervenção. A participação do cidadão passa, então, não só pela partilha e maior acesso à informação disponível, mas também pela necessidade permanente dos indivíduos manterem uma atitude e uma responsabilidade participativa face aos desafios que a sociedade enfrenta.

Segundo a definição de Putnam (2001), o capital social está actualmente intimamente relacionado com aquilo a que ele chama “compromisso

cívico”, que não é mais do que o nível de participação social, que se traduz, em última instância, nos níveis de coesão social.

Manuel Acevedo (2007) no seu estudo intitulado *“Network Capital: an expression of social capital in the network society”* defende que a coesão social é um factor que tem uma importância extrema no desenvolvimento humano e que o desafio está em medir o impacto e os efeitos da coesão social nesse desenvolvimento. Segundo o mesmo autor, existem muitos factores que contribuem para o desenvolvimento do capital humano, entre os quais podemos destacar a inclusão social. Defende ainda que o capital social é o resultado da coesão social e um dos principais indicadores para avaliar a “boa saúde” de um país ou de uma região. No entanto, refere que neste momento já é impossível estudar o capital social sem o ligar com a Sociedade da Informação.

140

Wellman (2001: 2031) diz que *“the transformation of national and global societies into ‘network societies’ suggests the usefulness of thinking of social capital as a product of personal community networks as well as of formally institutionalized groups.”*<sup>31</sup>

As comunidades de hoje já não podem ser definidas apenas por lugares nem ser analisadas como geograficamente delimitadas e restritas. Estas passaram a ser definidas também por serem comunidades baseadas em interesses comuns que se organizam em redes sociais e que, rapidamente, ganham um cariz global, dependendo dos interesses, dos objectivos, da informação e mesmo dos valores em jogo.

Quando as interacções deixam de se basear primordialmente no contacto face-a-face e começam a ser mediadas por dispositivos electrónicos,

---

<sup>31</sup> A transformação de sociedades nacionais e globais em “sociedades de rede” sugere a utilidade de se pensar no capital social como um produto de redes comunitárias pessoais bem como de grupos formalmente institucionalizados.

passamos de um conceito de comunidade de lugares para um conceito mais recente de comunidade: as comunidades virtuais.

Por comunidade virtual podemos entender

“uma comunidade de pessoas com interesses comuns ou propósitos partilhados, cuja interacção é governada por políticas na forma de assumpções tácitas, rituais, protocolos, regras e leis e quem usa sistemas de computador para suportar e mediar a interacção social e para facilitar o sentimento de pertença” (Constantino & Gouveia, s.d.: 3).

Pode dizer-se que o capital social está intimamente ligado, por um lado, à comunicação interpessoal e à actividade relacional, e por outro, à participação social activa dos indivíduos (cidadania e responsabilidade participativa), sendo que estas duas assumpções têm um papel bastante importante no desenvolvimento do capital humano e no desenvolvimento da sociedade em si mesma.

Desta forma, o capital social acumulado através de redes digitais pode considerar-se como um acelerador do desenvolvimento humano e, ainda, uma forma de gerar novos modelos de interacção social que se traduzirão em novas formas de cooperação social (Acevedo, 2007) e que, finalmente, contribuirão para a mudança social e para uma evolução social mais célere do que o verificado noutras épocas do desenvolvimento humano.

Wellman (2001) descreve “capital de rede” como uma forma de capital social onde os indivíduos podem aceder a recursos através das redes pessoais, mediadas por meios tecnológicos:

*“knowing how to maintain a networked computer, search for information on the Internet and use the knowledge gained, create and sustain online*

*relationships, and use these relationships to obtain needed resources, including indirect links to friends of friends.*<sup>32</sup> (Wellman, 2001: 2033)

Perante esta afirmação, Wellman (2001) defende que este tipo de capital social pode ser medido pela frequência dos contactos sociais dentro da rede pessoal de cada indivíduo (isto é, amigos, parentes, colegas, etc.).

Por seu lado, Putnam (2001: 69), afirma que "*social capital is about networks, and the Net is the network to all ends*"<sup>33</sup>. Podemos então afirmar que se a internet é a rede das redes, o capital produzido nessas redes on-line pode ser considerado capital de rede como defende Wellman (2001).

Este último descreve o ciberespaço como uma nova forma de espaço público, onde as pessoas podem participar sem terem que estar fisicamente presentes, mas onde a participação se deve pautar pela pró-acção e pela responsabilidade cívica (Wellman, 2001).

142 Para Hampton (1999) o uso da comunicação mediada por computador produz efeitos positivos no capital social das comunidades, já que promove a participação pública, o crescimento de redes locais e a conectividade entre estas e o mundo global. O estudo publicado por este autor, *Netville on-line and off-line*, mostra que o uso das redes on-line, em vez de manter as pessoas isoladas nas suas casas, encoraja os encontros face-a-face e o real espírito de comunidade e de partilha de informação.

Não podemos esquecer que a principal característica das cidades digitais é a obrigação de existir sempre um papel atribuído ao cidadão digital, que desenvolve ideias, equipamentos e instituições que o servem a ele e aos outros numa perspectiva de cidadania digital.

---

<sup>32</sup> Saber como manter uma rede digital, procurar informação na internet e usar o conhecimento conseguido, criar e sustentar relações on-line, e usar essas relações para obter recursos necessários, incluindo *links* de amigos dos amigos.

<sup>33</sup> O capital social trata de redes, a internet é a rede das redes.

Podemos desde logo afirmar que o capital de rede é, desta forma, alimentado e potencializado pelas TIC (segundo Van Bavel et. al., cit. por Acevedo, 2007, *Network capital*, [...], is 'ICT-enabled' social capital) que servem como ferramenta de aceleração para a partilha da informação e, dessa forma, para a interacção social.

Se assim é, o efeito produzido será um incremento do capital social, isto é, quanto mais densa for a rede mais os seus membros estarão predispostos a cooperar para alcançar benefícios comuns. Uma vez que as relações interpessoais mantidas através das redes on-line estão a aumentar (Acevedo, 2007) em relação às relações face-a-face, podemos afirmar que, se essas redes mantiverem as características de motores da informação e da participação, também se dará um aumento de capital social.

Existem, no entanto, posições diferentes relativamente ao impacte que a internet tem sobre o capital social.

Se, por um lado, existem autores que defendem que a internet poderá fazer diminuir o capital social (Putnam, 1995), outros dizem que transforma positivamente o capital social através da extensão dos níveis existentes de contactos entre as pessoas (Wellman, Haase, Witte & Hampton, 2001). Outros autores, ainda, defendem que a internet nem cria nem destrói o capital social (Eric, 2000), podendo eventualmente ter um efeito complementar sobre esse. Perante esta diversidade de perspectivas, verificamos a dificuldade de definir um conjunto de variáveis que nos permita hoje em dia quantificar o impacte real da internet a este nível, já que, dependendo da fundamentação de cada autor, essa ferramenta pode gerar alguma disfunção na interacção social ou, pelo contrário, propulsionar esses contactos para outro nível e segundo novos paradigmas.

No primeiro caso, em que se defende que a internet diminui o capital social, os autores (Nie, 2001; Nie, Hillygus & Erbing, 2002) defendem que nem toda a internet é social. De facto, esta pode ser utilizada com vários

fins, como por exemplo procurar informação ou divertimento solitário, sem qualquer preocupação de interacção com os demais indivíduos ou com os deveres inerente à cidadania activa. Tal situação, de facto, poderia afastar ou reduzir o contacto presencial ou telefónico entre as pessoas. Outra das questões que os autores afirmam para defender esta posição prende-se com uma parte vital do capital social: a confiança. Dizem os mesmos que os utilizadores da internet confiam menos que os que utilizam relações face-a-face nos contactos que estabelecem por esse meio (Nie, 2001; Nie, Hillygus & Erbing, 2002). Os autores (*ibidem*) defendem ainda que as relações criadas através da internet tendem a ser superficiais o que desencoraja a criação de confiança, logo estas relações estão longe de criar capital social para os indivíduos ou mesmo o reforço da inclusão social.

144

No entanto, os autores (Barlow, 1995; Wellman, 2001) cuja posição é a de que a internet transforma o capital social, dizem-nos que esta é mais um meio de comunicação para as comunidades com interesses comuns que conduz a uma transformação no contacto social e no envolvimento cívico. Esta transformação não significa, no entanto, o abandono das relações face-a-face, mas antes o reforço destas através dos contactos virtuais em adição aos que são face-a-face. Ou seja, defende-se que a internet serve apenas como mais um meio ao dispor dos indivíduos, facilitando em muitos momentos a partilha de informação e a mobilização para diversas questões e para a satisfação de interesses comuns.

Ao contrário do defendido pelos autores da posição anterior (Barlow, 1995; Wellman, 2001), neste caso a confiança gerada pelo anonimato das relações virtuais é vista como uma forma de criação de capital social, no que respeita a grupos minoritários como sendo os que possuem alguma desvantagem.



Wellman (2002) defende que o digital conduzirá a novas formas de comunidade (como já referimos antes, as comunidades virtuais) que não dependem de lugares, de tempo, nível económico, raça, cultura e etnia, mas sim tendo em conta os interesses e objectivos comuns aos diversos intervenientes.

Além disso, a internet ajuda ainda a estabelecer novas relações sociais, que poderão ser continuadas off-line, criando pontes entre o on-line e o off-line, promovendo, por isso, uma maior interacção social em vez da individualização solitária que se verifica em muitos casos na sociedade, provocados também pela falta de meios (económicos, social ou mesmo culturais) para a mobilidade e para a participação presencial.

Isto leva-nos a concordar com esta última perspectiva e àquilo que os autores (Quan-Haase & Wellman, 2002; Chen, Boase & Wellman, 2002) querem dizer quando se referem a que a internet complementa o capital social. Esta pode ser utilizada, e é-o na maior parte das vezes, como meio de comunicação complementar nas relações sociais já existentes, isto é, a internet pode contribuir para ampliar os padrões existentes de contacto e de envolvimento cívico, evitando que a não participação se deva essencialmente à incapacidade de participar presencialmente na vida em sociedade.

145

Voltamos aqui a esbarrar com o conceito defendido por Wellman (2002) que chamou a este capital, capital de rede. Para este autor, o resultado da cooperação através de redes on-line, o facto de esta ser voluntária, de ser organizada em comunidades de interesses e de ser gerada por pessoas que partilham um ciberespaço comum, concede ao capital de rede atributos que facilmente se transpõem para a esfera do capital social.

De uma forma mais geral podemos apresentar alguns estudos efectuados na década de 1990 (Katz, 1997; Haythornthwaire & Wellman, 1998 cit. por Wellman, 2001) que concluíram que aquelas pessoas que usam com

frequência a internet estão mais envolvidas nas suas comunidades reais. Em oposição, um estudo elaborado por Nie e Erbing em 2000, intitulado *Study Offers Early Look at How Internet is Changing Daily Life* (Nie & Erbing, 2000 cit. por Wellman, 2001), sugere que uma extensa exposição à internet afasta as pessoas da interacção com familiares e dentro da sua comunidade real.

Um estudo longitudinal efectuado por Kraut em 1998 (1998 cit. por Wellman, 2001) chegou à conclusão que alguns “novatos”<sup>34</sup> ficariam mais depressivos, alienados e isolados durante os primeiros seis meses de uso da internet, aumentando o seu contacto social logo em seguida.

Está, no entanto, estudado e demonstrado o facto da internet manter “velhas” ligações e ter uma papel fulcral na criação de novas ligações entre pessoas com os mesmos interesses. Além disso, a facilidade com que se contacta “o amigo do amigo” também incrementa a densidade das interconexões entre os membros de uma comunidade (DiMaggio, Hargiatti, Russel & Robinson, 2001; Haythornthwaire & Wellman, s.d. cit. por Wellman, 2001).

146

Podemos sintetizar, constatando que o impacte positivo da internet nas redes sociais é visível e verdadeiro, quer para os que estão perto, quer para os que estão longe fisicamente. Ainda assim, os estudos mostram que ambos os contactos (*on-line* e *off-line*) são maiores com aqueles que estão perto, o que prova, mais uma vez, que o ciberespaço não retirou a importância ao espaço físico, apenas o incrementou e lhe concedeu outras ferramentas pelo qual se pode efectuar.

Outra parte importante do capital social é, segundo o que referimos no capítulo anterior, o suporte social. Este, quando fornecido on-line, tem

---

<sup>34</sup> Novatos são, segundo o autor, aqueles indivíduos que começaram recentemente a utilizar a internet.

particularidades interessantes que não encontramos no suporte que é providenciado off-line.

Um dos fenómenos interessantes que ocorre on-line, e que não se passa off-line, é o facto de que um simples acto de suporte fornecido pode ser visto, facilmente, pelo total dos membros constituintes da rede. Isto leva-nos a concluir que a internet transformou o processo de troca de suporte tornando-o mais acessível e mais visível, o que poderá contribuir para uma relativa perda de privacidade e mesmo ir ao encontro da tese da diminuição da confiança neste tipo de contactos, como analisámos *supra* com Putnam *et all*.

O suporte social oferecido por via da internet, portanto o suporte on-line, pode ser efectivado a qualquer hora. Por exemplo, os seniores utilizadores da internet, estudados pela Senior Net, dizem fazê-lo em busca de informação e metade destes afirma que utiliza a internet para procurar companhia e a mais popular actividade apresentada é o “chatting” (Ferlander, 2003).

147

Também um estudo comparativo efectuado por LaRosa, Eastin e Gregg em 2001 (LaRosa, Eastin & Gregg, 2001 cit. por Wellman, 2001) chegou à conclusão que o suporte social obtido on-line ajudava os internautas a combater a depressão e a solidão.

Podemos, então, assegurar que a internet se posiciona como um meio complementar de comunicação e tende a ser utilizada como um acessório de outras formas de suporte social; logo desenvolve, de certa forma, o capital social, já que potencializa de qualquer das formas a interacção social, independentemente do objectivo que leva os indivíduos a utilizar essa ferramenta. Este factor torna-se ainda mais central relativamente ao público de análise deste projecto de investigação – os seniores. É essa temática que iremos abordar de seguida.

### *III.2 Como a internet afecta o capital social dos ciber-séniiores?*

O impacte que a utilização das TIC, e mais concretamente do computador e da internet, tem no aumento do capital social dos seniores e na promoção da sua (re)integração na sociedade foi um tema já estudado em alguns trabalhos, principalmente no contexto internacional, como Espanha, Estados Unidos da América, Irlanda e Escócia (este último por comparação a seniores suecos). No caso português existe ainda uma certa lacuna de estudos sobre este assunto.

148

De entre os trabalhos levados a cabo no contexto internacional podemos destacar o de Manuel Area Moreira (1998), intitulado *Desigualdades, educación y nuevas tecnologías*, que afirma que as TIC possuem efeitos secundários perniciosos sobre o sistema social, entre os quais, segmentar e aumentar as distâncias económicas e culturais entre os sectores integrados no desenvolvimento tecnológico e a população excluída desse desenvolvimento, dado que a capacidade económica e um determinado nível cultural para adquirir essas ferramentas é um factor incontornável para esse tipo de inclusão.

Segundo este autor, a utilização das TIC está a contribuir para uma mudança e uma melhoria do conjunto da sociedade e constitui uma consequência da qualidade de vida dos cidadãos. Seria ingénuo não reconhecer que os benefícios económicos, sociais e culturais das TIC, para quem as utiliza, são inegáveis (Moreira, 1998). As TIC têm, ainda, efeitos substantivos na formação política da cidadania, na configuração e transmissão de ideias e valores ideológicos, no desenvolvimento de atitudes face à inter-relação e convivência com os outros. Segundo o estudo, o acesso à cultura veiculada por estas tecnologias só será uma realidade para aqueles cujo nível económico lhes permita adquiri-las e que

possuam um conhecimento adequado para as compreender e usar. O artigo analisa as TIC como um sistema específico de comunicação e compara-o com os meios de comunicação de massas tradicionais (televisão, por ex.), chegando à conclusão de que nas sociedades actuais estão a configurar-se duas redes paralelas de informação diferenciadas, tanto pelo conteúdo e cultura que as mesmas veiculam, como pela forma de armazenamento, organização e acesso à informação: uma rede é representada pelos meios de comunicação tradicionais (imprensa, rádio, cinema e, sobretudo, televisão) e a outra configurada pelas tecnologias da informação e comunicação digitais (telemóvel, televisão digital, internet, etc.). Cada uma delas oferece possibilidades e experiências culturais distintas, pelo que é previsível que ser utilizador apenas de uma determinada rede comunicativa pode levar, a curto prazo, a uma situação de marginalidade cultural, mas que neste momento essa pertença identifica-se ainda com o próprio perfil socioeconómico de cada indivíduo e de acordo com a sua vivência, experiência de vida e profissional.

149

Quando o estudo se debruça sobre a análise de algumas estatísticas referentes à população espanhola, conclui que, em 1998, 97% da população não era utilizadora da principal rede de informação representativa da sociedade da informação – a internet. O perfil médio do cidadão que acede à internet poderia definir-se à época como um varão adulto jovem, com estudos universitários, que vive numa zona urbana e de classe média/alta. Definitivamente, ser mulher, sénior, cidadão com estudos primários e com um nível económico baixo incrementaria, portanto, as probabilidades de estar à margem do acesso a esta rede mundial e à informação partilhada primordialmente por essa via. Estes segmentos de população têm uma alta probabilidade de serem “marginalizados tecnológicos”.

António Bautista García-Vera publica em 2001 um artigo intitulado *Desigualdades sociales, nuevas tecnologías y política educativa* (Bautista

García-Vera, 2001) que, na sequência do anterior, faz uma análise sobre a natureza dos vínculos que podem existir entre os produtos tecnológicos actuais e as desigualdades que existem nos países e povos, bem como entre as camadas da população de uma sociedade ou de um país. Apresenta uma perspectiva histórica sobre o tema das desigualdades no mundo, abordando conceitos como pobreza, fome e miséria.

Perante esta abordagem, o autor tem como objectivo distinguir as desigualdades entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, evidenciando as principais variáveis que poderão contribuir para essa distinção e que possam mesmo contribuir para a manutenção desse desfasamento ao nível do desenvolvimento.

Apresenta, assim, dois modelos com os quais tenta explicar a forma como a tecnologia pode reduzir ou ampliar as desigualdades existentes: Modelo técnico ou instrumental e Modelo prático ou situacional. No primeiro modelo as decisões, sobre quais os produtos tecnológicos a desenvolver, são tomadas por peritos em tecnologias, tendo por base as funções primárias com que surgem os produtos tecnológicos – resolver problemas específicos que interessam aos detentores de capital. O segundo modelo, tem como postulado principal a participação de todos na reflexão sobre que desenvolvimentos tecnológicos se devem levar adiante que sejam facilitadores da relação dos cidadãos com o seu meio envolvente.

Como marcos teóricos para a compreensão da reprodução e aumento das desigualdades sociais, o autor centra-se nos pressupostos de Basil Bernstein (este explica a reprodução das desigualdades sociais através dos mecanismos que, mediante o controlo simbólico e a identidade proporcionada por códigos e discursos, aumentam a dita reprodução) e de Michael Foucault (este, tendo por base a construção do conhecimento, apresentou técnicas reguladoras e disciplinares como mecanismos

utilizados pelo poder para manter a governabilidade e as desigualdades existentes; como elementos relevantes dessas técnicas estão as novas tecnologias).

Segundo García-Vera, citando o relatório da Administração Nacional de Informação e Telecomunicações dos EUA, 47% das casas de americanos brancos têm computador em casa e 26,7% tem acesso à internet. A um nível mais baixo estão os hispanos e os negros, onde apenas 23% tem computador e 8,7% acesso à rede. Recorrendo ao relatório do Eurobarómetro, o autor indica que, por sua vez, a média europeia das casas que têm computador é de 30,8% e com ligação à internet apenas 8,3%.

Como principais conclusões, o autor apresenta a preocupação demonstrada por diversos autores no que diz respeito aos perigos que apresenta o incremento das desigualdades mediadas pelo crescimento desigual das tecnologias e do respectivo acesso às mesmas, dependendo da região e do referencial socioeconómico de cada classe social.

151

Também em 2001, Melanie Lewin elabora um estudo intitulado *"Equal With Anybody" – computers in the lives of older people*" (Lewin, 2001). Segundo este estudo, há muito mais para estudar quando se trata do computador usado por seniores do que aquilo que normalmente se estuda e que diz respeito à necessidade de apoio das pessoas mais velhas que, encontram, muitas vezes, por essa via, uma forma de manutenção do seu contacto com a sociedade e de continuar a participar activamente enquanto cidadãos.

Falar de seniores é, segundo este estudo, falar de perdas. Ser capaz de utilizar o computador é uma forma de compensar algumas dessas perdas que acompanham a idade mais avançada. Também é referido no estudo que são estas perdas que resultam na exclusão social deste grupo de pessoas.

Para aquelas pessoas que estão mais sozinhas ou têm problemas de saúde/mobilidade que as "convidam" ao isolamento, este estudo afirma

que o computador providencia companheirismo e distração, além de que aumenta as suas redes sociais e, no nosso entender, numa forma de promover a auto-estima desses cidadãos, dado que continuam a poder validar/partilhar o seu contributo para a comunidade.

Aqueles que têm alguns problemas de saúde, próprios da idade, respondem que o computador pode funcionar como uma ajuda preciosa na vida diária, colmatando algumas falhas inerentes a estas idades (por exemplo, tipo de letra maior do que a que é escrita à mão facilita a leitura) e mesmo servindo de forma de contacto com as instituições sociais. Além disso, o computador permite-lhes reter alguma autonomia em algumas áreas e, em alguns casos, providenciar competências.

Alguns referenciaram ainda que lhes foi dada uma segunda oportunidade para aprender, providenciou-lhes a oportunidade de desenvolver e aperfeiçoar novas capacidades/competências que, até essa altura, não tinham desenvolvido por serem desnecessárias para a sua vida social e/ou profissional. Parece que também lhes ofereceu a oportunidade de olhar para a frente em vez de ficarem presos ao passado, planeando como vão utilizar o seu tempo livre e sentindo-se como elementos úteis à sociedade.

O uso do computador fez com que estas pessoas, que estariam acabadas para a vida activa e para a cidadania participativa, ganhassem de novo o respeito da sua família, das gerações mais novas e dos seus amigos e vizinhos, além de que aqueles que contribuíam activamente na sua comunidade local, podem utilizar o computador para continuar a fazê-lo. O uso do computador traz outra vantagem que se traduz na necessidade dos mais velhos terem que ficar enraizados no mundo moderno, abdicando do comodismo e do conforto dos conhecimentos adquiridos e que lhe haviam sido suficientes ao longo de toda a sua vida e para atingir os seus objectivos.



No que respeita ao aspecto monetário, aqueles que tenham baixos recursos, podem utilizar o computador como substituto do correio e assim poupar algum dinheiro, apesar da necessidade de um investimento inicial considerável para a aquisição dos equipamentos tecnológicos necessários.

Os seniores do estudo evidenciaram ainda que não aceitam o preconceito que lhes é atribuído de serem tecnofóbicos. Uns com mais vontade, outros incentivados pelos anteriores, todos aprenderam a utilizar o computador porque sentem-no como uma necessidade para não serem socialmente excluídos.

Por sua vez, a British Educational Communications and Technology Agency (BECTA) publica em 2001 um estudo intitulado *The "Digital Divide": A discussion paper* (BECTA, 2001) onde, através de uma análise documental, os autores defendem que a introdução das TIC serviria o propósito de evitar e acabar com divisões sociais e oferecer novas oportunidades para todos, por assegurar que as novas economias do conhecimento incluiriam todos. No entanto, a construção de poderosas redes de comunicação introduzem novas disparidades sociais. Uma vez que as TIC proliferam, começa a verificar-se a necessidade de uma reformulação dos conceitos de pobreza e de exclusão social. Este estudo defende que os principais factores que contribuem para a "divisão digital" são: a oferta segmentada por parte do mercado; o custo do equipamento; a falta de relevância, interesse e aspirações para com as TIC; a falta de acesso às TIC ou à formação para a sua utilização; a falta de níveis de literacia suficientes para o uso das TIC; a falta de trabalho em grupo para partilha de boas práticas no uso das TIC; e as barreiras ao acesso às TIC na comunidade.

Outra autora, com alguma relevância no estudo desta questão, é Susannah Fox. O seu estudo intitula-se *Wired Seniors: a fervent few, inspired by family ties* (Fox, 2001) e foi levado a cabo através de entrevistas telefónicas.

Segundo este estudo, a maioria dos seniores norte-americanos não usam o computador e não pensam que esse facto os leve a perder alguma coisa enquanto cidadãos. Enquanto 56% do total dos norte-americanos utilizam a internet, apenas 15% têm mais do que 65 anos. Das pessoas que responderam que definitivamente não usariam a internet, 81% tem mais de 50 anos.

Neste estudo também se demonstra que os seniores que usualmente utilizam a internet são mais saudáveis e com um nível de instrução mais elevado. Quanto ao género, são mais os homens a utilizar a internet. Podemos ainda verificar neste estudo que 84% dos seniores americanos utilizou pela primeira vez a internet por razões que não estariam relacionadas com o seu trabalho ou com a escola. Destes, 48% afirmaram que foram encorajados pelos seus familiares a utilizar a internet. Aproximadamente 3 em cada 5 seniores que utilizam a internet (56%) dizem que esta forma de comunicação aumentou os seus contactos com a família. A utilidade que os seniores mais frequentemente procuram na internet prende-se com o uso do correio electrónico (93%).

154

Em 2002, David Segarra Mediavilla (2002) publica um estudo estruturado com base em entrevistas em profundidade, cujo título é *Vivir al margen de internet: los ancianos en la sociedad de la information*.

A análise de estatísticas e das entrevistas realizadas permitiu ao autor observar uma efectiva relação entre a idade e o uso da internet. As pessoas mais idosas são as que menos navegam. As percentagens de conexão dos anciãos nas sociedades ocidentais são tão baixas que pode afirmar-se, diz o autor, que se trata de um segmento de população maioritariamente à margem da sociedade da informação. No entanto, a intensidade deste “grey gap” varia muito segundo os países e os contextos. Nos EUA, por exemplo, a utilização da internet decai vertiginosamente a partir dos 65

anos, enquanto na Catalunha os níveis de conexão decaem com mais suavidade.

Uma conclusão bastante importante a que este estudo chegou foi o facto desta exclusão (digital) estar estreitamente ligada a exclusões de outra natureza que se concentram nestas faixas etárias. O facto de estas pessoas já não estarem a trabalhar (fim da vida profissional activa) é outro dos factores condicionantes para a não utilização das TIC, mesmo que tenham tido algum contacto com essas ferramentas anteriormente.

Outro estudo produzido no âmbito da utilização das TIC em países concretos é o efectuado pelo National Council on Ageing and Older People (s.d.). Este estudo - *ICT and Older People in Ireland: evidence from a study by the National Council on Ageing and Older People* (People, s.d.) que começa por afirmar que as tecnologias de informação e comunicação vieram dar forma a uma Segunda Revolução Industrial.

Segundo os autores, a internet oferece um potencial enorme para que as pessoas participem na sociedade, na economia, na política e, acima de tudo, para que partilhem experiências e conhecimentos com outras, contribuindo para a mudança e evolução social. Permite ainda ultrapassar as tradicionais desvantagens traduzidas, por exemplo, pelo isolamento geográfico ou pelas possíveis limitações ao nível da mobilidade física.

No entanto, o estudo também aponta no sentido de que o incremento das tecnologias da informação e comunicação pode fazer com que alguns grupos ocupem uma posição de séria desvantagem, particularmente aqueles que possuem baixos níveis de escolaridade e baixos salários/rendimentos, nos quais se incluem geralmente a maioria dos seniores.

O objectivo deste estudo foi, através dos próprios seniores, saber que tipo de informação eles gostariam de ver disponibilizada, através de que meios e onde. O estudo concluiu que o meio através do qual os seniores

irlandeses mais recebiam informação era a imprensa escrita, estando a internet colocada em penúltimo lugar. A razão apontada para este facto foi a pouca confiança que os seniores irlandeses depositam no uso das novas ferramentas tecnológicas.

Também a *Senior Net* publica um artigo em 2002 onde é estudada a população nos EUA. Este estudo intitula-se *The age wave meets the technology wave: broadband and older americans* (Adler, 2002) e apresenta alguns benefícios que as tecnologias da informação e comunicação poderão trazer aos seniores norte-americanos, bem como algumas barreiras que ainda têm que ser ultrapassadas para o gozo pleno desses benefícios.

Quanto aos benefícios, o estudo apresenta os seguintes: uma conexão muito próxima com a família e os amigos, mesmo estando geograficamente separados; uma aprendizagem contínua e ao longo da vida, mesmo para aqueles que tenham limitações ao nível da mobilidade; o facto de elas terem um impacte enorme na vida dos seniores no que respeita à área da saúde (dá como exemplo os serviços de tele-medicina); o facto de elas permitirem aos seniores manterem-se independentes e o facto de a criação de novas opções de entretenimento para procurar combater também a solidão.

156

No entanto, o estudo aponta algumas barreiras que necessitam de ser ultrapassadas, de entre as quais se destaca o facto de se assegurar que estes novos serviços são fáceis para que os seniores consigam aprender, usar e garantir que as aplicações on-line são privadas e seguras (questão de garantir a confiança nestas aplicações).

*Older people and Information Society Technology* (2002) foi um estudo efectuado pela Senior Watch através de uma análise comparativa entre os Estados Membros da União Europeia (Watch, 2002). Assim, este estudo

providencia a informação precisa sobre os Estados membros no que respeita aos seniores e às tecnologias da informação e comunicação.

Numa primeira fase, o artigo analisa as infra-estruturas que cada Estado membro disponibiliza aos mais velhos que estão interessados em usar as tecnologias da informação e comunicação. Posteriormente, descreve as políticas que estão a ser praticadas sobre este assunto em todos os Estados Membros, fazendo também uma comparação detalhada sobre o uso corrente e a potencial procura das tecnologias da informação e comunicação pelos seniores e de que forma as políticas têm procurado promover o aumento da adesão a essas ferramentas.

A BT (BT Group – Empresa do Reino Unido que trabalha com as telecomunicações, linhas telefónicas, telemóveis, TV digital, segurança online, etc.) publica em 2004 um estudo sobre o impacte das “Novas Tecnologias no Capital Social e Cultural na população Britânica” (BT, 2004), fazendo uma projecção desse mesmo impacte no ano de 2025, intitulado *The digital divide in 2025*. Este estudo é efectuado, tendo por base entrevistas dirigidas a especialistas, análise documental e métodos de previsão.

157

O estudo define exclusão digital como não tendo acesso à internet em casa. Nesta base, segundo o estudo, 51% da população britânica adulta pode ser considerada excluída digitalmente. Assim sendo, esta percentagem está ainda afastada das oportunidades apresentadas em termos de acesso à informação, acesso a serviços, aumento do seu capital social e cultural e dos muitos meios de comunicar com amigos, familiares, empresas e governo, utilizando mesmo todas as potencialidades do comércio electrónico em relação aos diversos *stakeholders*.

Segundo o estudo, os problemas mais encontrados que obstaculizam a inclusão digital prendem-se com salários/rendimentos baixos, que inviabilizam o pagamento das tecnologias da informação e comunicação;

deficiências e/ou falta de competências para o seu uso; e, por fim, o facto das pessoas ainda não verem necessidade da utilização destas tecnologias e não perceberem os seus efectivos benefícios.

Segundo as projecções deste estudo, estes problemas irão crescer de importância e o acesso ficará limitado apenas a alguns grupos da sociedade.

Recentemente, em 2010, Farah, Rosa Maria; Arantes, Regina Pilar; Batista, Fábio Luís; et. al., apresentam um artigo intitulado, *Novas tecnologias no envelhecimento*, que faz referência à importância que as TIC têm no preenchimento do "vazio" deixado pela inerente redução da rede pessoal, bem como no facto de serem poderosas ferramentas de inclusão social e cultural do sénior.

158 A longevidade conseguida através da promoção para a saúde nos nossos dias traz como consequências acentuadas alterações das rotinas e da própria vida, impondo novos desafios a que a sociedade necessita de dar uma resposta urgente e eficiente. Factores como a nuclearização da família, o distanciamento dos vizinhos, tornam a convivência social do sénior restrita e limitada, bem como as suas possibilidades de encontros e trocas humanas cada vez mais raros e eventuais, quer pelas condições inerentes à sua própria idade/condição, quer à celeridade da vida em sociedade actual (Farah & Arantes, 2010).

A longevidade acima referida coincide com o período em que a actividade profissional cessa, o que não implica, de todo o modo, que estes indivíduos não estejam ainda capazes de se manterem activos dadas as suas capacidades físicas e psicológicas ainda ilesas e possam continuar a contribuir enquanto cidadãos pró-activos e participativos. E é um facto de que a manutenção da actividade social e/ou familiar, do trabalho por via do voluntariado e/ou a actividade educacional através das universidades para a Terceira Idade, são factores relevantes para a preservação da saúde

fisicopsíquica. É justamente neste “espaço vazio”, deixado pelas circunstâncias da vida próprias desta faixa etária (morte dos entes familiares, dos amigos, reforma, etc.), que as TIC podem ser adoptadas como poderosas ferramentas de integração social e cultural para esta população (Farah & Arantes, 2010).

A evolução da tecnologia, já ninguém põe em dúvida, revolucionou a vida de todos e hoje faz parte das nossas vivências proporcionando uma melhoria significativa na nossa qualidade de vida. Muito embora a geração dos “imigrantes digitais”<sup>35</sup> (Small, 2009) tenha receio em deixar-se levar pela idade do computador, não porque não queiram tirar partido das TIC mas principalmente porque estes aparelhos não lhes são familiares e talvez sejam até, no princípio, um empecilho para a rotina a que estão acostumados, os seniores não são excepção quando podem, através desta utilização, fazer parte do mundo, chegar até ele e sentirem-se parte dele.

Até há alguns anos as pessoas ficavam “velhas”, hoje tornam-se idosas com vontade de se sentirem participantes activos no contexto social onde estão inseridas e principalmente colaborativas e interactivas.

159

Interactividade é, pois, a palavra-chave na Internet, nela nós somos chamados a trocar, a criar relações, a ouvir e a ser ouvido, a partilharmos informação e a darmos um pouco de nós para o desenvolvimento do capital social e para a eficiente mudança social.

As redes sociais que hoje nos chegam através da Internet podem, certamente, constituir-se num canal de inclusão “cibersocial” acessível a todas as idades, uma vez que proporcionam já recursos para a superação de algumas eventuais dificuldades presentes nas idades mais tardias.

---

<sup>35</sup> Imigrantes digitais, segundo Small, G., & Vorgan, G. (2009), são aquelas pessoas que não nasceram na era das tecnologias, ou seja, têm que aprender a utilizar uma ferramenta que não é “do seu tempo”.

Ao permitir que o sénior esteja, em tempo real, informado, inserido no mundo e participante pode, esta ferramenta, transformar a sua participação numa participação efectiva e activa e importante para o reforço do capital social. Este canal de comunicação, que abre portas a cidadãos de todas as idades, é um sistema de redes em rápida expansão.

A criação de novas relações é uma das possibilidades apresentada por esta ferramenta que pode vir a possibilitar o incremento da rede dos sujeitos. A Internet e o computador podem aduzir oportunidades únicas para que os seniores socializem e estabeleçam redes sociais que os auxiliem a ultrapassar os momentos de solidão e que fomentem o seu bem-estar físico, emocional e societal (Sum S. M., 2008).

160

Numa altura da vida em que as mudanças são grandes e em que a fase do “ninho vazio” se instala, com perdas importantes em termos familiares (viuvez e independência dos filhos) e também laborais (aposentadoria), os seniores são levados a procurar alternativas que os façam continuar a participar na vida e continuar a sentirem-se úteis para o meio envolvente onde estão inseridos.

Aprender a usar uma tecnologia considerada de ponta como o computador e a Internet rompe com a ideia de que velho é passado e não se renova com novas aquisições.

Vários são os estudos (como os citados anteriormente neste sub-capítulo) que mostram os motivos que levam os seniores a aprender informática. De entre esses motivos podemos apontar: a curiosidade, a necessidade de estar actualizado e acompanhar o progresso, os netos e os filhos que aparecem como incentivadores e também como um meio que os ajuda a ocuparem melhor os seus tempos livres e a sentirem-se integrados.



Desta forma, podemos facilmente constatar que o computador e a Internet apresentam-se como instrumentos cujas regras não têm idade, não discriminam e não apresentam barreiras. A Internet possibilita, hoje, uma maior interação com a própria família facilitando a comunicação entre eles, deitando por terra a brecha que separava gerações e as próprias dificuldades geográficas pela deslocalização dos entes mais próximos para outras regiões, mas sem capacidade/oportunidade de manterem toda a família reunida.

Esta oportunidade apresentada agora aos mais velhos de aprenderem a utilizar novas ferramentas permite-lhes recuperar o *status* através do reassumir de uma função na sociedade, modificando, assim, a percepção daqueles que o rodeiam.

Estes “imigrantes digitais”, à semelhança dos “nativos digitais”<sup>36</sup>, também vivenciam novas experiências, preenchendo os vazios deixados pelas suas perdas, possibilitando o redimensionamento do seu próprio futuro.

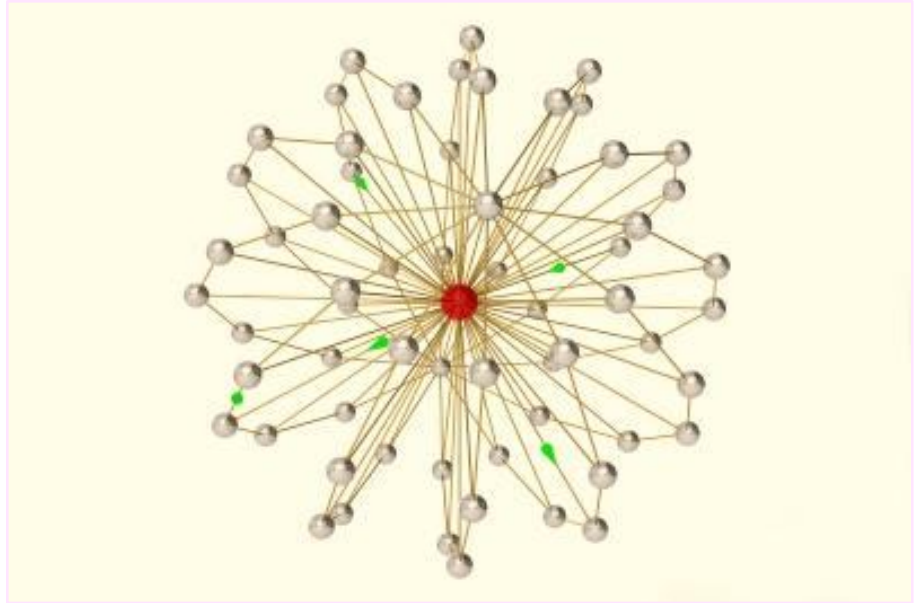
161

Para concluir, podemos dizer que a aprendizagem e a utilização do computador e, principalmente, da Internet abrem novos horizontes de cidadania activa a seniores que, por motivos de idade, à partida estariam excluídos dessa participação, trazendo nova vida aos anos que restam.

---

<sup>36</sup> Nativos digitais, segundo Small, G., & Vorgan, G. (2009), são aquelas pessoas que nasceram na era das tecnologias.





### **CAPÍTULO III**

### **OS MOTIVOS DAS RELAÇÕES**



### III. OS MOTIVOS DAS RELAÇÕES

#### 1. Redes

A palavra rede, embora actualmente venha sendo utilizada de uma forma crescente, já não é nova. Remonta, de facto, já a um longo percurso que teve início em meados do século XVII. Este percurso serviu para que o conceito se fosse definindo com ligação aos mais diversos domínios do saber, o que implicou uma pluri-abordagem ao conceito referido (Mercklé, 2004 cit. por Portugal, 2007).

Podemos, portanto, ouvir falar de redes nas mais diversas formas e áreas do saber ou da interacção em sociedade, desde rede de transportes, rede de distribuição de serviços, na matemática, nas empresas, no território, na investigação, na informática e até à Internet (*World Web Wide*). No entanto, o conceito que mais nos interessa remete-nos para o plano social onde podemos referir as redes de parentesco, de afinidade, de suporte, de vizinhança, entre outras (Guadalupe, 2009).

Em Portugal, este conceito conheceu uma difusão exponencial em diversos domínios do saber, especial e nomeadamente nas ciências sociais e humanas, na década de 90 do século passado.

Este aparente sucesso tem os seus motivos ligados ao desenvolvimento das próprias comunicações e das ferramentas ao seu dispor, o que veio permitir a existência de conexões e interacções onde antes não existia nada e a valorização crescente das relações entre pessoas, através de outros meios e outras tecnologias.

Desde a década de 1990 que diferentes autores defendem a emergência de uma nova ciência: a “ciência das redes”, usando o conceito de rede como explicativo das interconexões do mundo contemporâneo (Portugal, 2007) e, por esse motivo, necessitamos de delimitar acuradamente este conceito,

bem como a sua importância e contributo para o desenvolvimento da nossa investigação.

### *1.1 Conceito de Rede*

Nos seus primórdios este conceito estava ligado, especialmente à sociologia, à psicologia social e à antropologia. Mas rapidamente, pelas suas características multi e interdisciplinares, foi alargado a campos como o Serviço Social, a Psiquiatria, a Física, a Biologia, a Medicina, entre outras áreas (Portugal, 2007).

Inicialmente, os autores ligados à sociologia e à antropologia usavam este termo com um sentido figurado, ou seja, não identificando características morfológicas, não as utilizando para descrever situações concretas ou fazerem relações entre as redes e os indivíduos que dela faziam parte.

166

Mais tarde, através de duas correntes distintas, assistimos já à construção de um sentido analítico para o conceito de rede social, permitindo a concessão de conteúdos e significados concretos ao conceito indicado. Uma dessas correntes surge da antropologia britânica, do pós II Guerra Mundial, enquanto a outra é oriunda da América. A primeira preocupa-se essencialmente com a “análise situacional de grupos restritos” (Portugal, 2007: 4) e a segunda com o “desenvolvimento da análise quantitativa, no quadro de uma abordagem estrutural” (*ibidem*).

O principal objectivo dos antropólogos britânicos para começarem a utilizar o termo residia na vontade de procurarem colmatar a ineficácia das rígidas teorias utilizadas até então para analisar sociológica e antropologicamente o significado das realidades empíricas. Uma dessas teorias era o estrutural-funcionalismo que se preocupava com a “normatividade dos sistemas culturais” (Portugal, 2007: 4), situação que dificultava o estudo de laços

mais complexos que poderiam ultrapassar a simples organização social. Logo, muitos destes autores tiveram que desviar a sua atenção dos tradicionalmente sistemas culturais estudados e utilizados, para se concentrarem nos sistemas de redes de relações sociais, desenvolvendo desta forma o conceito de rede social de uma forma sistemática e considerada como uma variável de extrema relevância para a compreensão da sociedade e das relações estabelecidas (Wellman, 2001).

É a J. A. Barnes (1977) que se atribui o primeiro estudo que verdadeiramente procura relacionar as redes com os fenómenos sociais, enquanto fenómeno solidificador dessa capacidade de interacção. O autor estuda neste trabalho os laços de parentesco, de amizade e de conhecimento numa comunidade piscatória norueguesa (Portugal, 2007) e chama-lhe rede de relações, onde os diversos intervenientes se podem ou não conhecer uns aos outros e que interagem entre si.

Em 1957, Elisabeth Bott publica um livro intitulado *Família e Rede Social* que atrai definitivamente a atenção dos cientistas para o conceito de rede social. A autora defende este conceito neste trabalho como o conceito mais correcto para se descreverem as relações sociais, substituindo o conceito de grupo organizado ou de pertença, termos utilizados, segundo ela, de uma forma menos assertiva. A explicação que a autora apresenta para a utilização do conceito de rede prende-se com o facto de este descrever uma configuração onde nem todos os indivíduos que a compõem mantêm relações entre si. Introduce assim, a noção de conectividade (também chamada de conexão ou conexidade) relacionando-a com o grau com que as pessoas se conhecem entre si, independentemente da família que as conhece ou a que pertencem. De facto, pertencermos a um determinado grupo organizado não implica obrigatoriamente que conheçamos todos os elementos que o compõem nem temos de estar vinculados a uma

relação/interacção directa com todos eles. O conceito de rede torna-se, por isso, uma forma mais adequada e adaptada para conseguir explicar a realidade do nosso quotidiano (Bott, 1976).

A autora faz, ainda, a distinção entre redes de “malha estreita” (*close-knit*), as quais define como aquelas onde as relações entre os membros que a compõe são numerosas; e redes de “malha frouxa” (*loose-knit*) onde, por sua vez, os relacionamentos, embora existentes, são escassos (*ibidem*).

Segundo Wellman (2001), a tradição dos estudos norte-americanos, sobretudo nas universidades de Harvard e Chicago, tem por base questões que dizem essencialmente respeito à forma das redes. Simmel (1955, cit. por Portugal, 2007) foi dos primeiros autores norte-americanos a debruçar-se a respeito desta questão e a explicar a pertença dos actores a diferentes sistemas sociais e a importância da dimensão destes últimos.

168 Esta extrema importância dada pelos autores americanos à morfologia dos sistemas sociais conduziu a investigação para a criação de métodos quantitativos de análise de redes, descurando a capacidade de aprofundar os estudos acerca da sua importância e da avaliação do seu impacto em termos qualitativos nas interacções sociais.

Edward Jay (1964, cit. por Guadalupe, 2009), outro autor norte-americano, remete a definição deste conceito para a totalidade das partes ligadas por uma relação. Já Elton Mayo (cit. por Guadalupe 2009), através dos seus estudos em Hawthorne, tenta provar a relação existente entre os pequenos grupos e o sistema de relações laborais. Warner (*ibidem*) por seu turno, estuda as comunidades, “introduzindo as matrizes de afiliação como inovação metodológica para aferir a complexa rede de relações” (Guadalupe, 2009).



Wellman, por sua vez, analisa o conceito de rede social à luz de uma análise estrutural, onde se define a relação como unidade básica de toda a estrutura social. Assim, segundo este autor,

As estruturas sociais podem ser representadas como redes – como conjuntos de *nós* (ou membros do sistema social) e conjuntos de *laços* que representam as suas interconexões. Esta é uma ideia maravilhosamente libertadora. Dirige o olhar dos analistas para as relações sociais e liberta-os de pensarem os sistemas sociais como colecções de indivíduos, diades, grupos restritos ou simples categorias. Usualmente, os estruturalistas têm associado “nós” com indivíduos, mas eles podem igualmente representar grupos, corporações, agregados domésticos, ou outras colectividades. Os “laços” são usados para representar fluxos de recursos, relações simétricas de amizade, transferências ou relações estruturais entre “nós”. (Wellman e Berkowitz, 1991 cit. por Portugal, 2007: 6).

Além desta procura de conceptualização genericamente aceite, tem-se procurado ainda perceber o seu real impacte nas sociedades hodiernas. Como afirmam Degenne e Forsé (cit. por Portugal, 2007), a análise das redes permite ainda passar das “categorias” às “relações”. A análise feita com recurso a esta teoria proporciona, por isso, uma explicação dos comportamentos em interacção em detrimento dos efeitos independentes de atributos individuais dos actores sociais.

Esta vertente conhecida com a Análise de Redes Sociais (ARS) estuda “relações específicas entre uma série definida de elementos” (Molina, 2001 cit. por Guadalupe, 2009: 47), isto é,

visa compreender ligações entre (...) entidades sociais elementares [como] os actores ou unidades compósitas constituídas por subgrupos de actores, e as implicações dessas ligações para a estrutura e dinâmica do sistema (...), [sendo os actores] quaisquer elementos de um sistema social finito interconectados entre si por um qualquer padrão relacional em que haja

fluxos informativos (...) verificáveis (Soczka, 2005 cit. por Guadalupe, 2009: 47).

Esta análise não é uma simples análise qualitativa da estrutura ou da dinâmica de um grupo. Ela consiste antes numa verdadeira análise matemática em ciências sociais contemplando três tradições: a análise baseada na teoria dos grafos; a sociometria estatística e a modelação algébrica (*ibidem*).

Actualmente, e após os esforços de conceder às redes sociais uma explicação conceptual, as novas formas de interacção social, com o recurso a tecnologias da informação e comunicação (TIC), levaram alguns autores, como Wellman, a estudar o impacte destas tecnologias na comunidade e na própria mudança social. Como se afirmou e demonstrou já no capítulo anterior, os resultados desta investigação provam que as TIC intensificam as relações sociais, não conseguindo nem pretendendo, todavia, substituir as relações face-a-face, mas, pelo contrário, complementando-as e podendo mesmo promover o seu reforço.

170

### *1.2 Características das redes*

Como já afirmámos, uma rede social pode ser definida como um conjunto de unidades sociais em contínua relação, que podem ser directas ou indirectas, através de canais e cadeias mais ou menos longos. As unidades sociais podem assumir a forma de indivíduos ou grupos, podem ser formais ou informais e podem estar relacionadas com associações, empresas ou países. As relações que os elementos da rede mantêm podem ter várias características, de acordo com a relevância que atribuem a essa relação, à área de intervenção ou tendo em conta a necessidade e a respectiva satisfação que atribuem a essa rede. Podem, assim, ser do tipo monetário, envolvendo transacções de valores financeira; de troca de bens e serviços,

assumindo um carácter essencialmente económico/comercial; de troca de informação, a qual poderá assumir um carácter voluntário e livre ou, contrariamente um carácter vinculativo mediante determinada contrapartida para a participação na respectiva rede; podem ser efectuadas face-a-face ou não, o que implicará obrigatoriamente a utilização permanente das potencialidades das TIC para a manutenção dessa rede; e podem ainda ser permanentes ou esporádicas (Portugal, 2007).

Assim sendo, podemos afirmar que as redes assumem diferentes formas de acordo com os nós e os laços que apresentam os actores implicados e com a necessidade e importância que os mesmos atribuem à manutenção daquela.

Os nós são os elementos da rede que são identificados pela relação que possuem com o indivíduo central, ou seja, o *ego*. Por sua vez os laços são as relações existentes entre os elementos (nós) da rede. Os laços caracterizam-se por terem propriedades distintas. Estas podem ter como base a existência ou não de uma relação de parentesco, podem ser positivos ou negativos, de convergência ou de oposição, fortes ou fracos, passivos ou activos, etc..

Tendo em conta que a rede pertence a um ambiente externo e contém subsistemas específicos e internos, estas propriedades permitem investigar as fronteiras entre a rede e o seu exterior e as fronteiras internas dos seus subsistemas.

Granovetter (1973, 1982 cit. por Portugal, 2007) apresenta uma análise que permita perceber e avaliar/quantificar a força dos laços, relacionando-a com a duração da relação, com a intensidade emocional, com a intimidade e com os serviços recíprocos.

Se nos reportarmos à diferença entre laços positivos e laços negativos podemos dizer que os primeiros são laços de identificação (Simmel, 1955 cit. por Portugal, 2007), isto é, aqueles que permitem aos sujeitos terem um sentimento de pertença a algo comum, com o qual se identificam genericamente e desenvolvem atitudes e comportamentos que reforcem essa rede (acções de convergência). Quanto aos segundos, laços negativos, estes dizem essencialmente respeito a laços de diferenciação, ou seja, laços que permitem aos indivíduos uma diferenciação entre si enquanto pertencentes a entidades diferentes, ou seja, comportamentos de oposição parcial, que não colocam, contudo, em causa a manutenção da sociedade/comunidade onde se encontram inseridos. Lemieux (Lemieux, 1999 cit. por Portugal, 2007), por sua vez, procura aperfeiçoar ainda mais esta distinção, acrescentando mais dois tipos de laços aos anteriores: os laços mistos (misturam os dois anteriores) e os laços neutros ou de indiferença.

172

Como supra mencionado, os laços também podem ser activos ou passivos, dependendo do pressuposto de se basearem numa interacção face-a-face frequente ou irregular e da vontade dos interlocutores no sentido de manterem essas mesmas interacções. Assim, os primeiros envolvem interacções e apoio directo e rotineiro, sendo, por isso, marcadas pelas interferências e críticas entre os elementos dessa rede; enquanto os segundos – laços passivos -, embora não rotineiros, são importantes na medida em que existem e o indivíduo sabe que pode accioná-los quando considerar necessário, não só para os seus interesses/necessidades, mas também para a manutenção da própria rede.

A força e o sentido dos laços estão, portanto, dependentes de algumas características como por exemplo: o conteúdo (tipo de recursos que circulam entre um indivíduo e outro da rede), a diversidade (variedade de

conteúdos passados entre os elementos), a frequência (número de contactos e trocas entre os elementos), a duração (quantidade de tempo despendido na interacção entre os elementos), a força (capacidade de influência de um elemento sobre o outro), a interferência (relação entre os comportamentos dos elementos da rede) e a intensidade (grau de envolvimento de cada indivíduo com a respectiva rede e a forma como a interacção com os restantes elementos influenciam o seu comportamento ao nível social) (Alarcão & Sousa, 2007).

Bott (1990) fala-nos do termo rede reportando-o para o conceito específico de rede social pessoal. Também Lazega (1998, cit. por Guadalupe 2009) distingue, na mesma linha, entre rede completa e a dita pessoal ou de um actor, remetendo-nos para o termo em Inglês de *ego-network*.

Segundo alguns autores (Erickson, 1975; Attneave, 1976; Collins & Pancoast, 1976 cit. por Alarcão & Sousa, 2007) as redes podem ser categorizadas de acordo com o ponto de ancoragem em três níveis: o ponto de ancoragem não especificado – referente a todas as relações possíveis de um grupo; o ponto de ancoragem a pessoas – que se refere essencialmente às redes pessoais e o ponto de ancoragem a família – dedicado especificamente à rede familiar.

Sluzki (2000) define a rede social pessoal como o

conjunto de seres com quem interactuamos de maneira regular, com quem conversamos, com quem intercambiamos sinais que nos corporizam, que nos fazem reais (...) é a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anónima da sociedade ...

Quer isto dizer que este tipo de redes têm a qualidade única de se centrar no indivíduo e no sistema relacional em simultâneo. Integra, por isso, todos os indivíduos que o *ego* sentir como importantes e significativos para si e é

uma importante base para a construção do eu individual, da sua própria identidade pessoal, enquanto parte integrante de uma sociedade onde tem obrigatoriamente de se relacionar com os demais elementos e em diversas redes sociais e com funções e papéis diferenciados.

Se analisarmos hierarquicamente as redes, podemos considerar a rede pessoal a um nível microsocial, sendo composta por indivíduos relacionados entre si através de uma identidade comum. Segundo o mesmo autor, podemos fazer a distinção entre “micro-rede social pessoal” e “a rede macro” mais direccionada à comunidade da qual o indivíduo faz parte (Sluzki, 2000).

Ao analisarmos com mais promenor a constituição da rede social pessoal chegamos aos elementos que a constituem. Podemos encontrar como constituintes deste tipo de rede os membros da família, numa primeira instância, os vizinhos, os amigos e outras pessoas que prestem ajuda e apoio reais e duradouros ao indivíduo central da rede, formando, assim um núcleo restrito de indivíduos e coeso (*ibidem*).

A rede social pessoal inclui, assim, um número diverso e diversificado de pessoas que podem ou não ter relação entre si; ou seja, podemos encontrar pessoas dentro da mesma rede que se conhecem entre si e outras que não conhecem nem são conhecidas por nenhum outro elemento da rede ou que, pelo menos, não têm estabelecido qualquer conexão com a maioria dos elementos dessa rede. Conclui-se, por isso, que não é obrigatório nem necessário que exista um grau de interconexão (grau que traduz o número de pessoas que se conhecem entre si) máximo na rede. Podemos afirmar até que, segundo alguns autores, o facto de existirem sub-núcleos de elementos que se conhecem mas que são desconhecidos pelos outros sub-núcleos da rede é favorável ao apoio que é dado quando necessário nas diversas áreas constituintes da vida de uma pessoa.

Os laços que podemos encontrar dentro de uma rede social pessoal podem ter natureza afectiva e, por isso, são chamados de vínculos afectivos; ou serem de tipo mais institucional e, por isso, serem categorizados como laços mais formais. Estes dois tipos de vínculos dão origem a mais dois tipos de redes: as primárias, mais informais, e as secundárias, de carácter essencialmente formal (Guadalupe, 2009).

Nas primeiras o apoio é fornecido por pessoas que têm afinidades pessoais num quadro não institucional, podendo variar segundo a mobilidade espacio-temporal das relações interpessoais. Nas segundas o apoio é essencialmente funcional, fornecendo serviços e delimitando-se em termos espacio-temporais de acordo com o respectivo serviço e com a duração/necessidade do mesmo (*ibidem*).

Na maior parte das vezes, o indivíduo apoia-se em rede(s) que mistura(m) os dois tipos, ou seja, numa rede onde existam vínculos formais e informais.

Posto isto, podemos dizer que uma rede social pessoal pode traduzir um conjunto de elementos que prestam, entre si, apoio social. Existem alguns autores que defendem que o apoio social é o conjunto de transacções que podem englobar um ou diversos tipos de apoio fornecido por indivíduos, grupos ou instituições, ou seja, redes sociais. No entanto, a pertença a uma rede não induz à existência efectiva de apoio social, uma vez que este pode ser percebido como prejudicial ou neutro.

As redes de apoio social pessoal podem ser, portanto, caracterizadas segundo três perspectivas distintas mas interrelacionadas: a estrutural, a funcional e a contextual. A dimensão estrutural destaca as propriedades globais da rede e refere-se, essencialmente, à organização da teia relacional; a dimensão funcional diz respeito às funções cumpridas pelos vínculos, enfatizando os aspectos qualitativos do apoio; e a dimensão contextual considera o meio envolvente em que o apoio é prestado e a

forma como a envolvente condiciona e molda esse mesmo apoio. Reunidas as três dimensões estaremos em condições de analisar as redes de suporte social nos eixos sincrónico e diacrónico (Guadalupe, 2009).

### *Características estruturais da rede de apoio social*

A caracterização estrutural de uma rede reporta-nos para uma representação simplificada de um sistema complexo, considerando as variáveis de análise composição da rede, distribuição por quadrantes, tamanho e densidade (Alarcão & Sousa, 2007).

A composição da rede refere-se à repartição que a pessoa central faz dos seus conhecidos pelos quadrantes que compõem a sua rede e de que forma os estrutura e enquadra nessa organização. Podemos distinguir quatro quadrantes distintos: família, amigos, colegas de estudo/trabalho, vizinhos e instituições (*ibidem*).

176

Sluzki (2000) afirma que a composição da rede é sinónima da distribuição na mesma, uma vez que defende que a composição nos indica o número de pessoas que estão distribuídas num dado quadrante e quais os quadrantes existentes em cada rede e a forma da sua interacção. No entanto, existem outras abordagens a afirmar que a distribuição da rede se prende com a colocação dos elementos, não nos quadrantes mas, nos círculos de proximidade relacional que compõem a rede e que nos indicam o grau de afinidade que cada elemento tem com o *ego*, ou seja, para esta perspectiva investigativa a compreensão da composição de cada rede prende-se com a percepção concreta com o tipo de elo afectivo-relacional que cada elemento tem para com o elemento central da rede.

Teoricamente, estes dois conceitos permitem-nos saber o nível de concentração da rede e inferir sobre a sua maior ou menor flexibilidade e



efectividade. Assim, redes cuja concentração de elementos se encontra apenas num determinado quadrante, dizem os autores, perderá em flexibilidade e em efectividade, uma vez que se sobrecarregam os elementos desse mesmo quadrante. Por outro lado, redes demasiado amplas (desconcentração por diversos quadrantes) acarretam o problema de, numa situação de necessidade de apoio, sendo a rede constituída por muitos elementos, correr-se o risco de que todos pensem que o outro apoiará o indivíduo, levando isto a uma situação de falta de suporte e de diluição dessa própria responsabilidade/função (Luzki, 2000).

Quanto ao tamanho da rede, este é ditado pelo número total de elementos que compõem determinada rede. Diz o autor supra citado (Sluzki, 2000) que poderemos ter redes de tamanho mínimo (com um número reduzido de elementos em contacto com o *ego*); redes de tamanho médio e redes de tamanho numeroso (com um número muito elevado de elementos). Tal como na situação da composição e da densidade, redes mínimas tendem a ser pouco eficazes ao nível do suporte/apoio dos elementos, devido à sobrecarga dos mesmos em todas as situações de crise, enquanto as redes muito numerosas caem na inércia dos seus elementos por pensarem sempre que outro elemento ajudará (diluição do carácter funcional).

Não podemos esquecer de todo que qualquer elemento pertencente a uma rede pessoal tem a sua própria rede com elementos comuns à anterior e elementos novos, o que nos leva a um emaranhado de redes e teias de vínculos directos e indirectos que cada indivíduo possui, o que conduz à interligação das redes e à interpenetração de influências.

No espaço virtual poderemos verificar esta preposição com mais clareza, uma vez que nas redes virtuais está claro que cada um, no seu espaço relacional, adiciona contactos que, por sua vez, adicionam os seus,

multiplicando e até triplicando o número de elementos constituintes desta rede das redes.

Outra das propriedades estruturais que podemos encontrar nas redes é a densidade. Esta define-se como sendo o grau de interconexão dos elementos da rede independentemente da sua ligação com o *ego*, isto é, as ligações que existem e quantos membros estão ligados entre si, sem que, para isso, essa ligação passe pelo centro da rede ou que obrigatoriamente exija que todos os elementos da rede se relacionem directamente com o elemento central. Podemos, assim, tipificar redes segundo o seu grau de densidade em: redes coesas, fragmentadas e dispersas (Alarcão & Sousa, 2007).

178

As redes coesas caracterizam-se por todos os elementos estarem ligados entre si, numa teia onde “todos conhecem todos”. Este tipo de rede apresenta a vantagem de ser facilmente accionada e ter um potencial de apoio quase ilimitado, sendo que, no entanto, pode incorrer na desvantagem de haver um grande controlo e uma grande influência sobre os membros da rede que, dependendo da situação casuística, pode resultar de forma positiva ou negativa. Além disso, este tipo de rede está fechada sobre si própria, não permitindo o aparecimento de novos membros que poderiam trazer outros tipos de apoio e ajudar ao próprio reforço e âmbito de actuação daquela (*ibidem*).

A rede fragmentada é composta por pequenos sub-grupos, distintos uns dos outros onde, dentro de cada sub-grupo, as pessoas se conhecem mas não conhecem necessariamente os elementos dos outros sub-grupos. É característica comum nas redes dos indivíduos provenientes de meio urbano e tem como vantagem possibilitar uma maior flexibilidade e uma maior diversidade de apoio, aliadas à diversidade de elementos que a constituem (Alarcão & Sousa, 2007).

A rede dispersa, por sua vez, é totalmente dependente do *ego*, desfazendo-se na falta deste, pois existe uma total ausência de conexão entre os membros que dela fazem parte, ou seja, todos os elementos estão obrigatoriamente ligados ao *ego* mas não estão necessariamente ligados a todos os outros elementos que compõem a mesma rede, já que o único elemento em comum entre as partes que a compõem e que permite a existência da rede é o próprio elemento central (Alarcão & Sousa, 2007).

Poderíamos ainda, segundo a literatura das redes pessoais, considerar outras variáveis para analisar a estrutura das redes como a centralidade, os hiatos estruturais, a intermediação, etc., constituindo-se, no entanto, aspectos interessantes, mas secundários para a análise pretendida nesta investigação (*ibidem*).

#### *Características funcionais da rede de apoio social*

179

Os vínculos que geralmente encontramos nas redes sociais pessoais podem ter várias funções, nomeadamente, as funções ligadas ao sistema de apoio social. As redes sociais pessoais estão intimamente ligadas com as redes de apoio uma vez que são estas as que comumente oferecem potencialmente apoio social (Guadalupe, 2009).

O apoio social reveste-se de diversas formas de apoio conferindo às redes diferentes funções, de acordo com os propósitos para que são criadas, as quais podemos separar em funções genéricas e funções específicas da rede de suporte (*ibidem*).

Dentro das funções genéricas, cabe-nos distinguir o apoio emocional como uma função que pode ser caracterizada pelas trocas emocionais positivas, que prevêm uma certa disponibilidade por parte do outro e que se materializam na disponibilização de carinho, de afecto e de sentimentos de

segurança para com os restantes elementos da rede (relação do eu com o outro, numa perspectiva de interacção). Para que tal possa acontecer, este tipo de apoio pressupõe a existência de relações com uma certa intimidade e proximidade, e como uma relativa informalidade nos respectivos laços e relações, que facilitam a demonstração deste tipo de atitudes entre os diversos elementos (Guadalupe, 2009).

Outra das funções genéricas importante é o suporte tangível (material ou instrumental) que se traduz na ajuda das tarefas quotidianas, remetendo para “um conjunto de acções ou materiais que, quando proporcionados por outrém, vão no sentido de facilitar a realização das tarefas do quotidiano, aliviando o indivíduo” (Barrón, 1996 cit. por Guadalupe, 2009: 84). Ou seja, a pertença a uma rede ou grupo, libertam o indivíduo do ónus de tudo decidir a cada momento, confiando na capacidade e na interacção entre os diversos elementos.

180

O apoio informativo expressa aquilo que Sluzki (2000) chama de aconselhamento, isto é, as orientações fornecidas pelos membros da rede no sentido da partilha de informações que consideram relevantes entre os mesmos. Este apoio, prevendo esta transacção de informação, tem tendência a reforçar os laços e a manifestar-se com comportamentos de confiança, possibilitando sempre uma opção informada.

Como funções específicas do suporte social podemos destacar a companhia social e o acesso a novos contactos (Guadalupe, 2009). A primeira diz respeito a uma característica que se prende com o simples facto de “estar junto”. Como o próprio nome indica, refere-se apenas ao facto de se fazer companhia ao outro indivíduo. Esta é uma função muito importante se nos reportarmos à população idosa ou inactiva em termos profissionais que, pela natureza da vida, se encontra, normalmente, isolada e só, perdendo gradualmente todos os contactos que havia estabelecido. Logo, esta função

deverá ter importância primordial nesta faixa etária já que a solidão a que são confinados os seniores pode ser combatida com o facto de algum dos elementos activos da sua rede se dispor a fazer companhia social a este (Guadalupe, 2009).

O acesso a novos recursos/contactos é uma função que está relacionada com a função informativa ou de aconselhamento, já que é através dela que existe a possibilidade da abertura a novas conexões com novos elementos, encontrando, através de novos recursos, outros elementos, até então desconhecidos, que partilhem os mesmos interesses e tenham as mesmas necessidades. Pode ainda contribuir para o reatamento o reforço de outros contactos pré-existentes.

#### *Características contextuais ou relacionais da rede de apoio social*

Este tipo de características diz respeito à contextualização do momento em que ocorre o apoio e das próprias características dos intervenientes desta transacção. Ainda se têm em conta, também, a duração e a finalidade do apoio fornecido (Alarcão & Sousa, 2007).

As características que aqui falamos podem dividir-se em: sociodemográficas e culturais dos indivíduos que pertencem à rede social. Esta caracterização denota extrema importância para que, caracterizando as fontes de apoio, se avalie efectivamente a qualidade efectiva do apoio prestado (*ibidem*).

Podemos falar em homogeneidade e heterogeneidade da rede quando caracterizamos contextualmente a mesma, ou seja, estas dizem respeito à semelhança ou diferença existente nos indivíduos componentes da rede, respectivamente, evidenciando se a rede se fundamenta em factores de homogeneidade das características e necessidades dos seus elementos ou se, pelo contrário, permite e favorece a heterogeneidade desses elementos,

procurando expandir o seu âmbito por essa dissemelhança propositada (Guadalupe, 2009).

Uma outra característica importante é a dispersão geográfica que, como o próprio nome indica, diz respeito à distancia geográfica que existe entre os diferentes membros da rede social. No entanto, houve autores que provaram que esta distância não afecta a força dos laços relacionais, uma vez que são usadas as TIC para manter o contacto e mesmo fortalecer relações. É por isso que os autores defendem que a intensidade da relação pode ser mantida desta forma, sendo que a frequência dos contactos, necessária para a manutenção e activação dos laços, não é perdida pelo facto da distância entre os elementos ser colmatada com outras formas de contacto. Apenas se alteram os canais pelos quais tramitam os contactos e relações (*ibidem*).

182

### *1.3 Redes pessoais on-line e off-line: a qualidade das relações virtuais*

Vamos agora tentar averiguar o papel que a internet desempenha nas relações pessoais. Podemos começar por afirmar que as investigações levadas a cabo nesta área (Boase & Wellman, 2004) são ainda recentes e todas nos levam a pensar que o papel desempenhado pela internet nas relações pessoais não destrói nem altera radicalmente essas relações. Ao contrário, essas investigações afirmam que existe, sim, uma mudança na natureza dessas relações que provavelmente tiveram o seu início muito antes do advento da internet, isto é, aquilo que a internet promove é o incremento de redes de relações baseadas não na proximidade espacial mas nos interesses comuns dos elementos que as compõem (Boase & Wellman, 2004). Por isso, reafirmamos a ideia das TIC não debelarem as relações e as redes sociais, já que não substituem as relações face-a-face,

concedendo, pelo contrário, novos mecanismos para a sua manutenção e mesmo reforço.

Se nos reportarmos à forma como esta tecnologia afecta as relações sociais em termos de possibilidades e oportunidades, chegamos à conclusão que a internet possibilita um maior número de relações entre membros que se encontram distanciados, inclusive elementos que se encontrem em diferentes ritmos temporais, uma vez que não obriga a que todos estejam simultaneamente on-line, o que demonstra o papel da internet e das TIC no geral para a manutenção das redes sociais pré-existentes (Boase & Wellman, 2004). Fornece, portanto, a possibilidade de uma menor discriminação entre os actores intervenientes na relação, permitindo aos indivíduos a pertença a uma maior multiplicidade de ciclos sociais e ainda permite fazê-lo a uma velocidade nunca conseguida através das relações face-a-face. Desta forma a internet possibilita o florescimento de relações num ambiente de igualdade e de respeito, perspectivando uma maior interacção no futuro (*ibidem*).

183

Certo é também o facto de estar provado (Boase & Wellman, 2004) que a maioria das relações tidas através de contactos on-line existem muito para além deste tipo de contactos e são efectuados por pessoas que também se conhecem off-line ou que, mais cedo ou mais tarde, poderão sentir essa necessidade de extravasarem o mero contacto à distância.

Tendo em conta o estudo efectuado por Katz & Riee em 2002, intitulado *The social consequences of internet use* (Katz & Riee cit. por Boase & Wellman, 2004), as consequências sociais do uso da internet podem ser conceptualizadas no que respeita à interacção com familiares e amigos, à formação de novos amigos on-line e às próprias relações de vizinhança. O mesmo estudo averigua se a manutenção de relações pessoais on-line está associada a alterações na vida off-line destas pessoas.

Neste mesmo estudo foi analisado o item “Participação Cívica e Comunitária”, cujos resultados não apresentam uma correlação directa entre a internet e o maior ou menor civismo, ou entre as posições extremas e a manipulação, nem se apresenta esta ferramenta como fonte de democratização da sociedade, podendo mesmo entender-se como um instrumento que complementa e reforça (ao brindar a comunidade com uma nova via de comunicação) as comunidades físicas existentes.

A internet não se pode, por isso, considerar uma forma decisiva de socialização política, mas para quem já tem uma motivação cívica ou uma implicação comunitária, isto é, permite a quem já detém uma cidadania participativa e responsável perante a sociedade onde está inserido ver potencializadas as suas opções e a sua capacidade de interacção com o uso desta ferramenta. Nas palavras dos autores do estudo (Katz & Riee cit. por Boase & Wellman, 2004) “a internet não cria nem diminui por si só o capital social”.

184

Igualmente, no texto são nos oferecidos muitos exemplos de casos que nos demonstram como grupos de pessoas ou colectivos com interesses ou necessidades afins se converteram em verdadeiras comunidades, graças a estes recurso tecnológico (Katz & Rice, 2006).

No que se refere ao item “Expressão e Interacção Social”, é onde se denota uma distância maior entre autores (Boyd, 2007; Hitwise & Experian, 2007), já que podemos identificar aqueles que defendem a anomia e a maior propensão para a depressão dos indivíduos que usam a ferramenta. Ao contrário, os autores do estudo acima referido (Katz & Rice, 2006) apresentam dezenas de investigações nas quais nos mostram que existe um efectivo aumento do número e da qualidade das possíveis novas relações. Mostram-nos ainda que a internet completa e consolida as relações *off-line*, fomenta um novo alfabetismo letrado (perdido com a massificação da



televisão) – literacia informática, facilita a socialização das pessoas mais tímidas, das pessoas com deficiência e muitas outras que não têm a possibilidade de se desinibirem da forma tradicional, chegando esta ferramenta a ser o seu instrumento de expressão emocional e um dos seus maiores motores de desenvolvimento.

De facto, podemos concluir que a internet promove relações e interações de pessoas que usualmente se sentem inibidas para o fazer na relação face-a-face, pelos mais distintos motivos, e complementa as daquelas que, à partida, possuem a capacidade de o fazer presencial e fisicamente.

Outro estudo (Government, 2008) efectuado para estudar a mesma questão chegou à conclusão que, o surgimento das redes sociais *on-line* veio alterar a forma como interagimos uns com os outros e como fazemos uso dos conteúdos presentes na internet. Contudo, quando falamos em redes sociais estamos a falar de relações sociais entre pessoas que têm algum relacionamento baseado em algum interesse ou alguma afiliação (social, religiosa, política, entre muitas outras). Desta forma, a tecnologia ligada às redes sociais *on-line* apenas providencia as infra-estruturas para que estas relações sejam tidas de diferentes formas. Mais ainda, esta tecnologia apresenta uma multiplicidade de aplicações na internet e também nos telemóveis e *iphones/ipads* que permitem a facilitação da constituição e manutenção das redes sociais.

Consideramos, por isso, que as redes sociais *on-line* estão, cada vez mais, a levar as pessoas para o mundo virtual, estão a providenciar a motivação para o envolvimento global com um meio que, até há bem pouco tempo, se apresentava pouco atractivo ou inacessível, pelos custos associados ou pela falta de preparação para a sua utilização enquanto ferramenta quotidiana.

Este desejo que a maior parte das pessoas tem de estar em contacto com outros (quer os conheça, quer não conheça) pode ser aproveitado para

fortalecer as relações *off-line*, uma vez que, as redes sociais *on-line* podem oferecer uma perspectiva de vida (um possível recomeço) para aqueles que estão isolados e desligados da família, amigos e comunidades por diversos motivos, como é o caso dos seniores (dificuldades de mobilidade, migração dos elementos pertencentes às suas redes sociais, perda de contactos, fim da vida profissional, etc.).

As redes sociais podem também oferecer a possibilidade de envolvimento com os serviços públicos e organizações de uma forma muito diferente e têm o potencial de envolver aqueles que podem normalmente perceber o sector público como distante e impenetrável. As próprias apostas no *e-government* na área da interacção *Administration-to-citizen* por parte da Administração Pública de muitos Estados demonstra a importância concedida a estas ferramentas para se apostar na proximidade dos cidadãos com o sector público e na própria modernização dos serviços prestados (Government, 2008).

186

Podemos assistir à ascensão de novas redes formadas por pessoas que não estão ligadas a ninguém *off-line*, e, por outro lado, daquelas que providenciam suporte e adicionam valor a redes já existentes (*ibidem*).

Em jeito de síntese, podemos asseverar que a qualidade das relações virtuais não é mais do que o prolongamento da qualidade das interacções face-a-face, uma vez que, como se disse, a internet apresenta-se, não como um meio alternativo de relacionamento, mas como um meio complementar aos que já existem sob outras formas. A internet pode ser, assim, considerada como um potenciador das relações físicas e um meio de comunicação que permite um maior número e um maior fluxo de contactos.

## 2. As redes sociais pessoais dos seniores

Paulatinamente tem-se prolongado a esperança de vida e, como consequência, o incremento da população mais velha suscita preocupações ao nível do grau de bem-estar ao qual tem acesso esta franja da sociedade, outorgando especial atenção aos mecanismos de apoio social formais e informais.

Nesta etapa da vida em que existe uma forte probabilidade de as pessoas se encontrarem mais debilitadas física e/ou psicologicamente, haver a possibilidade de perderem com mais facilidade o conjugue, os amigos e os companheiros e, por consequência, não conseguirem manter activa a sua rede pessoal, é necessária uma maior atenção àquilo que pode ser apresentado como solução para o isolamento a que, muitas vezes, estas pessoas são confinadas - as redes sociais *on-line*.

187

### *II.1 Marco conceptual*

Nos últimos anos, tendo os dados que apresentamos especial incidência nos países desenvolvidos, têm-se incrementado as investigações em torno do apoio social recebido pelos mais velhos.

Durante largos anos, a categoria “redes sociais” era assumida como tendo relação directa com a existência de apoio formal e até institucional. Se a pessoa pertencia a uma rede era, de certeza, apoiada. A investigação gerontológica posterior veio desmentir este pressuposto e levou à preocupação de se investigar com maior acuidade a questão da qualidade do apoio prestado, da frequência com que é prestado, da efectividade e da disponibilidade dos apoios realizados. Um aspecto que ressaltou destas investigações foi que o facto de se pertencer a uma rede social não garantia necessariamente um apoio constante, já que se concluiu que esse pode

variar ao longo do tempo e no decurso da vida dos indivíduos. Assim, resulta de extrema importância saber-se se este apoio estará ou não presente na etapa da velhice, em casos de doença ou em casos de escassez económica e se as modalidades fornecidas serão as mais adequadas em cada situação.

A análise que os vários investigadores fizeram acerca das limitações e das virtudes das redes sociais mostrou a necessidade de considerar a percepção que os seniores têm acerca do que dão e do que recebem (apoio social) dentro das redes a que pertencem e a importância que estas têm para a sua qualidade de vida.

Se decomposermos a expressão “apoio social” facilmente chegamos à conclusão que o apoio diz respeito às actividades instrumentais e expressivas, enquanto o social nos remete para a interacção do indivíduo com o seu meio (Lin, 1986 cit. por Guadalupe, 2008).

188

O apoio social pode, ainda, ser entendido como a ajuda emocional, instrumental ou de outra índole que deriva de uma certa trama relacional. Este cumpre um papel bastante importante na vida dos seniores, já que fornece sentido à vida, traz consigo retroalimentação à vida quotidiana e propicia uma série de actividades pessoais que se associam positivamente com uma sobrevivência (Arias, 2009). “O apoio ou suporte social referem-se à percepção subjectiva e pessoal do sujeito, a partir da sua inserção nas redes, de que é amado e cuidado, valorizado e estimado e de que pertence a uma rede de direitos e obrigações” (Lacruz, G. & Gómez, F., 1993 cit. por Arias, 2009).

Embora muitos autores (Lacruz, G. & Gómez, F., 1993 cit. por Arias, 2009) já tivessem ressaltado a importância das relações sociais para se entender o comportamento humano, o apoio social só se constituiu como modelo teórico e como campo de investigação nos anos de 1970. Este modelo

defende que a participação activa nos espaços sociais e a integração familiar e comunitária incrementam o bem-estar e elevam a qualidade de vida.

Segundo Arias (2009), a rede de apoio social é formada por um conjunto restrito de relações familiares e não familiares que promovem alguma ou várias formas de apoio. Embora, a pessoa não esteja constantemente a receber estas ajudas, ela sabe que a qualquer momento pode dispor da rede para resolver situações críticas e, fundamentalmente, para desenvolver soluções criativas para problemas, ou seja, o sénior sabe que, ao pertencer a uma determinada rede social, terá acesso ao apoio dos restantes elementos que a compõem.

Como elementos constituintes do apoio social poderemos apresentar os seguintes: apoio recebido e percebido, dimensões e fontes de apoio. O apoio recebido e percebido pode ainda dividir-se em: apoio material, instrumental, emocional e cognitivo.

189

O apoio material implica um fluxo de recursos monetários e não monetários que se podem traduzir noutras formas de apoio material (por exemplo roupas, comida, higiene, pagamento de serviços, etc.). O apoio instrumental traduz-se naquele que é dado através da ajuda nas actividades do quotidiano, no cuidar e no acompanhamento. O apoio emocional expressa-se pela via do carinho, da confiança, da empatia e da preocupação com o outro. Por fim, o apoio cognitivo refere-se ao intercâmbio de experiências, a transmissão de informações úteis, os conselhos que permitam entender uma situação, etc..

Em relação às fontes de apoio, a literatura distingue entre fontes formais e fontes informais. O sistema formal de apoio pressupõe uma estrutura burocrática e institucionalizada, contempla objectivos específicos em áreas determinadas e utiliza profissionais para garantir o cumprimento das suas

metas. Por sua vez, o sistema informal de apoio é constituído pelas redes pessoais não estruturadas, como é o caso dos programas de apoio.

Analisando as redes pessoais, podemos afirmar que as mesmas variam ao longo do ciclo vital de cada pessoa. As redes traduzem-se em processos dinâmicos, possuindo as características dos sistemas abertos, que se transformam e constroem mediante o investimento de cada um nas redes a que pertence.

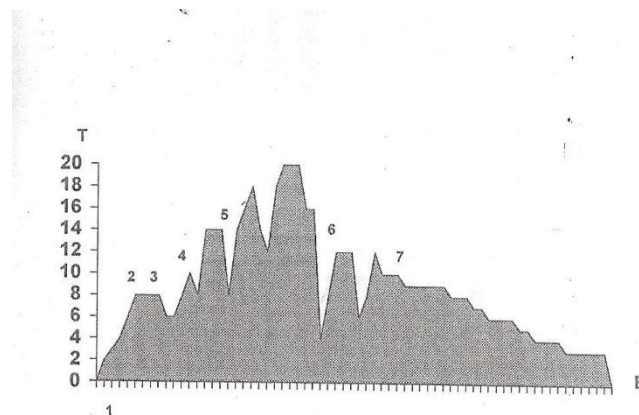
Na etapa do ciclo vital onde se encontram os seniores, as redes são caracterizadas por uma contracção, devido a sucessivas perdas que se prendem com a morte ou afastamento dos familiares mais próximos, um incremento das dificuldades associadas à pessoa idosa que não lhe permite cumprir as tarefas necessárias à manutenção da rede e, também, a diminuição das oportunidades apresentadas a este indivíduos para renovarem laços e para estabelecerem novos contactos. Isto leva a que as redes dos seniores se tornem cada vez mais pobres em quantidade, qualidade e variedade de trocas e recursos, podendo mesmo chegar ao ponto da sua diluição. No entanto, e embora essa seja a tendência natural nesta fase da vida, podemos encontrar seniores que apresentam redes amplas e consolidadas que lhes proporcionam os apoios necessários aos mais diversos níveis.

Isto leva-nos a concluir que existe uma variedade de redes associadas às pessoas mais velhas, não sendo possível caracterizar um tipo de rede próprio dos seniores, já que existe uma heterogeneidade no processo de envelhecimento que não nos permite estabelecer uma relação entre o aumento da idade e a redução ou insuficiência da sua rede.

No entanto, Sluzki (1996) menciona que se verificam três características comuns, interligadas entre si, nas redes sociais dos seniores. A primeira é a contracção da rede nesta fase da vida, pois o número de elementos vai

diminuindo, devido a circunstâncias como a morte, as migrações e a debilidade dos vários membros constituintes da mesma. Também as oportunidades de renovação da rede são menores, dado que a motivação e a força de vontade é cada vez menor. Como última característica, o autor refere que os processos de manutenção da rede se tornam mais complicados, na medida em que a energia necessária para a activação dos vínculos diminui, o que provoca a realização de um esforço cada vez maior para obter menos resultados.

**Figura 5 - Mapa Evolutivo da Rede Social**



Fonte: (Sluzki, 1996: 135)

Ainda este autor (Sluzki, 1996) define uma visão evolutiva da rede social, que teria a seguinte sequência: uma curva de ascensão nos primeiros anos de vida, até a idade adulta, pela incorporação de novos vínculos adquiridos na escola, na adolescência, no trabalho, em festas, etc., verificada até ao ponto seis da Figura 5. De seguida encontramos um período de estabilidade, conseguido com o casamento, com o nascimento dos filhos e com o trabalho. Por fim, podemos aferir uma retracção da rede social na última etapa da vida, na qual as relações se vão extinguindo, seja pela saída dos filhos de casa, pela morte de amigos e parentes, ou aquando da

passagem à reforma e o abandono das suas relações quotidianas no mundo laboral.

Se encontrarmos pessoas mais velhas com redes escassas devemos analisar em profundidade os motivos que teriam gerado essa situação. Podemos considerar razões, normalmente associadas a esta fase da vida como uma diminuição da vida social activa por parte dos indivíduos que leva à progressiva perda de contactos com elementos da mesma geração e/ou de outras, extinguindo-se paulatinamente as relações e os vínculos construídos nas fases anteriores do ciclo vital. Assim sendo, assistimos a uma contracção das redes pessoais dos seniores, ficando esta quase exclusivamente restringida aos vínculos familiares, isto é, a rede nesta fase perde todos os vínculos extra-familiares, já que também terminam geralmente os vínculos profissionais desses indivíduos.

192

Segundo Arias (2002 cit. por Guzmán, Huenchuan, & Oca, 2003) o tamanho médio das redes de apoio a seniores é de 8,8 pessoas, com um desvio padrão de 3,7, ainda que variem de 2 a 19 pessoas. No entanto, o tamanho que se apresenta como mais comum nos vários estudos feitos na Europa é de 1 ou 2 pessoas por rede de apoio.

Pode, por isso, inferir-se que as redes de apoio dos seniores são mais reduzidas que aquelas com que se pode contar nas etapas anteriores de vida. De facto, podemos afirmar que quanto mais extensa e diversa for a rede de apoio emocional maior é a sua eficácia, o que nos leva a concluir que as redes dos seniores, sendo uma rede reduzida e pouco diversificada, pode resultar ineficaz e causar uma pressão muito grande nas poucas pessoas que ainda fazem parte da mesma e proporcionam o respectivo apoio.

No entanto, a autora (Arias, 2002 cit. por Guzmán, Huenchuan, & Oca, 2003) afirma que as redes pessoais dos seniores não são indubitavelmente



escassas ou insuficientes, já que, segundo ela, pode-se, nesta fase da vida, com mais dificuldade, incorporar novos vínculos significativos. Esta teoria defende que os adultos mais velhos assumem um papel proactivo nas suas relações sociais e seleccionam intencional e estrategicamente os vínculos que mais lhes interessam manter e aprofundar.

Segundo Guzmán, Huencho e Oca (Guzmán, Huenchuan, & Oca, 2003), a participação em organizações sociais poderia apresentar-se, assim, como uma oportunidade para serem gerados ou reforçados os vínculos das pessoas mais velhas. Também a utilização das TIC, nomeadamente a internet e as comunidades virtuais, poderá e deverá ser encarada como um instrumento complementar, útil e eficiente para ajudar nesse reforço.

Nas últimas décadas, os resultados de pesquisa e a avaliação dos resultados das várias intervenções, têm fornecido evidências sobre o impacte e o benefício do apoio formal e informal nas novas exigências colocadas pelo envelhecimento da população. A temática das Redes de Suporte Social e Pessoal na Velhice é uma temática que tem suscitado muito interesse, de alguns anos a esta parte devido ao aumento da Esperança de Vida dos Seniores e da conjuntura social do Mundo.

Face ao desafio do crescente envelhecimento da população, Lubben e Gironde (2000) realizaram, em Macau, um estudo cujos objectivos primordiais foram: a avaliação da habilidade dos seniores em actividades quotidianas e métodos de tratamento de problemas diários; análise do apoio social prestado pelas redes sociais de cada inquirido. Guzmán (2003) efectuou uma investigação sobre as redes de apoio social em pessoas idosas, que serviu de base para a análise e discussão das temáticas em causa na Reunião de Especialistas em Redes de Apoio Social a Pessoas Idosas, que se realizou em Santiago do Chile.

A maioria dos trabalhos de investigação, relativos a esta temática, remete para as questões relativas à saúde, nomeadamente no que se refere aos efeitos da rede social na diminuição dos efeitos negativos do stress (Paúl e Fonseca 2001).

Existe um vasto consenso no que se refere ao impacte positivo que as redes sociais possuem na saúde física e no estado funcional dos seniores (Liu, Liang & Gu, 1995; Uchino, Cacioppo & Kiecolt-Glaser, 1996; Unger, Mc Avaya Bruce, Berkman & Seeman, 1999, cit. por Arias, 2009) assim como no que se refere ao desenvolvimento de actividades de vida diária (AVD'S) (Mendes de Leon, Beckett, Seeman, Evans & Berkman, 1999, cit. por Arias 2009; Pinto, Bocchi & Carvalhaes, 2006, Bravo 2009).

194

Vários estudos têm mostrado a relação entre a ausência de redes de apoio social e o aparecimento de sintomas depressivos em seniores a residir nas suas habitações, (Antonucci, Fuhrer, e Dartigues, 1997; Forsell & Winblad, 1999; Chou & Chi, 2001; Peirce, Frone, Russell, Cooper & Change, 2000; Vanderhorst & McLaren, 2005, cit. por Arias, 2009) bem como em seniores institucionalizados (Doyle, 1995, cit. por Arias, 2009). Ainda neste âmbito, Pinto, Bocchi e Carvalhaes (2006) referem existir uma relação directa entre grau de incapacidade e os sintomas depressivos, sendo que o suporte social alivia o efeito da incapacidade dos seniores em depressão, quando a rede de apoio é avaliada positivamente por eles.

As investigações demonstram igualmente que a existência de redes de suporte social em doentes terminais contribui para o bem-estar destes (Prince Paul, 2008, cit. por Arias, 2009), e que as pessoas mais velhas que apresentam déficits em termos redes de apoio têm mostrado uma maior tendência para o abuso de fármacos (Allard, Allaire, Leclerc, & Langlois, 1995, Warren, Stein & Grella, 2007, cit. por

Arias, 2009) e de álcool (Brennan & Moos, 1990, Schonfeld & Dupree, 1991, Arias 2009).

No que concerne à ideação suicida na população idosa, a literatura refere que a insatisfação para com as redes de suporte social é uma variável preditora da mesma (De Leo & Ormskerk, 1991; Mireault & De Man, 1996, Vanderhorst & McLaren, 2005, cit. por Arias 2009).

As investigações demonstram ainda a existência de uma relação positiva entre o período de hospitalização e do tempo gasto na recuperação do estado de saúde dos seniores (Sutherland & Murphi, 1995, Di Iorio et al., 1999), bem como com o risco de mortalidade após a alta (Irvine et al., 1999, Arias, 2009).

Vários estudos epidemiológicos longitudinais, realizados em vários países, apontam para a relação entre a redução no risco de mortalidade e a presença de relações sociais (Davis et al, 1997; Lund et al, 2000; Ceria et al, 2001; Rahman, 1999, cit. por Arias, 2009). Também, Uchino (2004) refere que o apoio social (estrutural e funcional) é um preditor em todas as causas de mortalidade (cit. por Paúl, 2005).

Segundo, Rowe e Kahn (1998) o apoio social é um elemento crucial para um envelhecimento bem sucedido, bem como no Bem-Estar Psicológico e na Satisfação de Vida.

No que diz respeito aos seniores dependentes, a maioria da investigação refere que a existência de redes sociais tem um papel de elevada relevância na manutenção dos seniores na comunidade.

A existência de ligações afectivas próximas, como o casamento, parece favorecer o processo de envelhecimento, sendo mesmo esta variável preditora na obtenção de melhores resultados no envelhecimento.

Num estudo piloto realizado em Portugal, referente ao processo de envelhecimento, com pessoas com idades compreendidas entre os 30 e aos 85 anos, Paúl, Cruz e Cerejo investigaram as áreas biocomportamentais, psicológicas e sociais, e verificaram uma diminuição significativa do tamanho da rede social, em todas as dimensões. Verificaram igualmente um aumento exponencial entre o nível de escolaridade e o número de confidentes. Foram encontradas diferenças significativas no que concerne ao sexo do sujeito e o número de familiares e confidentes que fazem parte da rede, sendo que para as mulheres existe um maior número quando comparados com os homens. Este aumento da rede também sofria alterações consoante o contexto, sendo superior num contexto rural.

196

Em 2003, Paúl, Martín e Amado realizaram um estudo que pretendia comparar as redes sociais dos seniores em contexto urbano e rural. Verificaram que as redes sociais em contexto rural são mais numerosas, contudo a sua constituição, é em grande parte, composta pelos vizinhos, uma vez que a família destes seniores muitas vezes residem longe, principalmente em zonas desertificadas; verificou-se igualmente que o número de confidentes era menor. Relativamente aos seniores em contexto urbano, a investigação demonstrou que estes são socialmente mais isolados, com especial destaque para as mulheres. No que concerne aos números de confidentes é maior, parecendo compensar de modo vantajoso, o tamanho reduzido da sua rede social. Os autores concluem que tendo em conta os resultados, não parece que as redes de suporte social estejam directamente associadas à Satisfação de Vida, mas sim à Qualidade de Vida, no seu todo e nos seus diversos domínios. Ou seja, parece estar mais associada a factores externos do que a factores intra-psíquicos (Paúl, Fonseca, Martín & Amado, 2005, cit. por Paúl, 2005).

Field e Minkler (1988) realizaram um estudo longitudinal, que durou 14 anos, com o intuito de verificar a evolução das redes sociais de um grupo de seniores, e verificaram uma considerável continuidade de contacto ao longo dos anos, particularmente no que concerne às relações familiares. Para além dos contactos familiares observaram um declínio no empenhamento em tarefas extra-familiares no que concerne aos homens, o que não se verifica nas mulheres. Foram ainda verificados um aumento na satisfação no que respeita à relação com os filhos, ao mesmo tempo que se verificou à diminuição do envolvimento exterior à família. Verificaram ainda que à medida que envelhecem, os seniores estreitam laços com a sua fratria. Estes autores referem que "(...) a relação com os irmãos pode ser um dos laços mais forte na velhice, uma vez que esta é a única relação familiar com potencial duradouro para toda a vida e mudança no apoio social." (cit. por Paúl, 1997).

Segundo Litwin (2001) as redes sociais compostas por pessoas de diferentes relações e diversos graus de parentesco e amigos encontram-se associadas de modo positivo às medidas de saúde, nomeadamente na capacidade funcional e na auto-avaliação positiva da saúde e na melhoria da acuidade visual dos seniores (Rosa e Benício, 2009; Pinto, Bocchi & Carvalhaes 2006).

Num estudo realizado em Espanha com o objectivo de reconhecer as figuras prestadoras de apoio psicológico e instrumental, na velhice, tendo por base a idade e o sexo, os dados revelaram que ambos os sexos elegem a família como a prestadora de cuidados, sendo que os homens preferem o apoio das suas parceiras ao passo que estas dão prioridade aos filhos como prestadores de apoio (Pinto, Bocchi & Carvalhaes 2006).

Como podemos constatar ao longo deste capítulo, quando falamos em redes sociais está sempre implícita a ideia de intercâmbio de apoios que constitui a essência de configuração de rede (Guzmán, 2003). Os indivíduos

encontram-se envolvidos, desde o nascimento e ao longo de toda a sua vida, em múltiplas redes sociais cuja trajectória é parte crucial do desenvolvimento de cada pessoa, contribuindo para o seu próprio reconhecimento como indivíduo e para a imagem que possui de si, actuando como fulcrais para o seu bem-estar (Sluzki *et al.*, 2007).

Em suma, as redes sociais demonstram-se essenciais no transcorrer do quotidiano do indivíduo, na medida em que o sentimento de ser amado e valorizado por outras pessoas, o sentimento de pertença a grupos de comunicação e as obrigações recíprocas levam os indivíduos a escapar ao isolamento, à solidão e ao anonimato.

## *II.2 A linguagem dos vínculos: suporte social na internet*

198

A linguagem oral foi, para muitas comunidades, durante largos anos o veículo exclusivo de comunicação. Apenas desde há 500 anos, a partir do aparecimento da imprensa escrita, esta exclusividade oral passou a ser substituída por um mundo visual transmitido pela escrita de forma generalizada. Os processos cognitivos e emocionais da civilização ocidental emanaram da alfabetização e do modo de vivenciar a escrita que começou a expandir-se no Ocidente a partir do séc. V a.C. (Dabas & Najmanovich, s.d.).

No entanto, a oralidade e a escrita não esgotam o espectro das tecnologias e das máquinas de comunicar. O espaço virtual gerado pela oralidade é redefinido pela escrita e pelas telecomunicações/tecnologias.

A tecnologia modifica a cada passo o tamanho, o tipo, a forma de interacção e a capacidade produtiva ao nível cultural das sucessivas

comunidades que a produzem e se produzem através dela (Dabas & Najmanovich, s.d.).

Esta comunidade electrónica apresenta-se como uma nova forma de rede social, compartilhando com as redes físicas tradicionais todos os seus aspectos de base (comunidade de interesse, objectivos, interacção periódica, intensidade afectiva, etc.). No entanto, acrescem às propriedades *supra* referidas outras especificidades próprias da comunicação electrónica à distância, tais como as relações intensas de corpo ausente, a transposição de barreiras geográficas, além de ser desnecessário e de não haver uma correlação directa entre o parecer e o ser (*ibidem*).

As redes virtuais servem para tudo. Permitem encontrar oportunidades de trabalho e bolsas em todo o mundo, identificar a estrutura molecular de uma substância perigosa e procurar o seu antídoto, providenciar informação em primeira mão de forma instantânea a quem dela necessita sobre qualquer questão que requeira decisão imediata, gerar cadeias de amigos multiculturais, bem como aceder a qualquer informação para qualquer uso.

Seja de que forma for, podemos afirmar com segurança que a fusão das telecomunicações, com os computadores e com o processamento da informação criaram uma trama mundial de redes virtuais. As redes foram adoptadas pelos grupos humanos, que rapidamente se aperceberam das suas potencialidades para comunicarem entre si e para reforçar a sua capacidade de interacção.

A comunicação humana converteu-se no uso mais significativo das redes, transformando-as num espaço social. As redes já não são, meramente, ferramentas através das quais nos teleconectamos, mas são agora espaços onde nos teleencontramos e interagimos. Este mundo de redes agrupa-se, basicamente em três categorias: redes sociais, laborais e educativas, sendo

que a proporção mais significativa da rede é usada socialmente(Dabas & Najmanovich, s.d.).

No debate acerca do acesso aos novos espaços virtuais a tendência é aceitar-se uma visão simplista e determinista, em prejuízo de uma reflexão mais profunda sobre a forma como se ligam os novos serviços de comunicação em rede com os espaços e lugares físicos (*ibidem*).

Nesta consideração, podem ser reconhecidas duas posições contrapostas. Na primeira podemos considerar os novos serviços de comunicação como mecanismos que contribuem para a transformação das conexões espaciais e temporais, levando à reconfiguração do lugar, ao decréscimo da sua importância e preconizando até a própria desmaterialização da cidade.

200 Uma segunda orientação que, apesar de atentar que os novos espaços de interacção têm imenso influxo na reconfiguração de tempo e espaço, avoca que a geografia (espaço) e o momento (tempo) continuam a ser decretórios. Neste prisma, os novos espaços de comunicação, de partilha e de interacção são olhados como novos lugares sociais, com uma geografia própria, onde os sujeitos podem interagir sem as coacções e limitações físicas do corpo, podendo impor-se de acordo com as mensagens que expedem e da forma como são entendidas e utilizadas pelos indivíduos.

Tendo por base uma observação mais atenta das acções comunicacionais viabilizadas pela Internet, há que identificar dois tipos de relacionamentos: Os relacionamentos integrantes da 1ª tipologia, referem-se às interacções mantidas entre pessoas que se conhecem previamente do espaço físico. Sendo que, neste tipo de comunicação, os serviços aparecem como espaços de conexão que possibilitam manter ou expandir, através de novos mecanismos tecnológicos, relacionamentos já começados e firmados no espaço físico real. Normalmente este tipo de contactos possibilita a conservação de vínculos de amizade, entre indivíduos fisicamente



afastados, laços esses que, de outra forma, se diluiriam e dissolveriam pela distância. Os espaços de afinidade proporcionam ainda uma forma alternativa de mediar contactos entre contínuos encontros presenciais, permitindo a frequência da interconexão (Dabas & Najmanovich, s.d.).

Em ambos os casos, estamos perante relações fortes envolvendo, hipoteticamente, pessoas com características sociais análogas às do sujeito e compartilhando, por isso, um tronco comum de informação (Granovetter, 1973 cit. por Antunes & Mealha, 2001).

Em segundo lugar, podemos apontar a mais-valia dos espaços de interacção virtual no que diz respeito à possibilidade de se estabelecerem contactos com pessoas externas à área de relacionamentos do sujeito (*ibidem*).

Nesta conjuntura, diremos que há um conjunto de interacções, que pela reduzida carência de envolvimento e quase inexistência de custos/riscos, são susceptíveis de acontecer unicamente de forma digital/virtual, não requerendo obrigatoriamente um enraizamento nos espaços físicos.

201

Existe, ainda, outro de tipo de relações que, embora beneficiem do poder dos novos mecanismos de comunicação para se darem a conhecer, ou para a sua manutenção, só poderão desenvolver-se mediante interacção nos lugares físicos.

No primeiro caso estamos perante *relações desenraizadas*, assim designadas por não requererem transposição para o espaço físico, podendo ocorrer com qualquer interlocutor que cumpra certos requisitos, estabelecidos pelo sujeito que desencadeia a interacção. Nesta categoria incluem-se as relações de sociabilidade onde os sujeitos recorrem ao uso dos serviços telemáticos em rede, para contactar com desconhecidos e obter deles informações, esclarecimentos, suporte emocional ou simplesmente desabafar ou comunicar com alguém, que partilhe os mesmos interesses ou preocupações. Nestes casos os novos dispositivos comunicacionais

funcionam como desencadeadores de novas relações, que podem nunca passar pelo espaço físico. Frequentemente, neste tipo de interacções, a presença num tempo, mas sobretudo num espaço comum, é irrelevante, e por vezes até uma mais-valia. (Antunes, Mealha, & Mealha, 2001: 20)

Apesar de se atentar que alguns destes géneros de relações não são inovadoras, com as novas hipóteses de interacção pessoal e de participação directa, oferecida pela integração das telecomunicações e da informática, apresentam uma imensa anuência e um incremento exponencial. Tal desenvolvimento é susceptível de ser imputado ao facto de este ser um meio cómodo, à simplicidade que se denota na hora de encontrar na rede outros que, como nós, compartilhem os mesmos interesses, e à dificuldade em descobrir alguém, com quem possamos desabafar, numa cidade cada vez mais individualizada e onde a primazia da "luta pela sobrevivência" absorve cada vez mais tempo e leva, cada vez mais, ao isolamento forçado ou, por vezes, voluntário.

202

No segundo caso - *relações enraizadas* - incluem-se relações de grande reciprocidade (procura de informações sobre assuntos muito específicos, certas relações de compra e venda), envolvendo troca de informações/conhecimentos ou de bens/produtos de importância estratégica e/ou de elevado valor. Assim, torna-se incontornável a existência de relações interpessoais/referências no espaço físico, visto só aqui ser possível criar confiança, factor determinante em qualquer relação deste nível. (*ibidem*)

De facto, as ligações face-a-face, apesar de se revestirem de maior complexidade, ocasionam um maior conteúdo informativo. Assim, só através da interacção em presença é praticável penetrar na realidade do local e entrever, através dos processos de significação (gestos, expressões faciais, inflexões na voz, ...), os indícios simbólicos baseados na comunicação face-a-face, tão fundamentais na consagração da

comunicação, e, por fim, sincronizar representações. Num panorama, como é o de hoje, fornecido pelas ferramentas de comunicação, de criação de contactos à escala global, misturando uma multiplicidade de informações, e por vezes interligando uma variedade de culturas, o enraizamento no espaço físico, enquanto criador de linhas principais de orientação, ganha um peso acrescido na diminuição da incerteza.

Ao averiguar-se que os mecanismos de comunicação e informação viabilizam uma sociabilidade baseada não na pertença a uma mesma sociedade de vida, mas em escolhas individuais, de certa forma casuais, mediante ganhos singulares ou disposições do momento, (Rodrigues, 1994 cit. por Antunes, Mealha, & Mealha, 2001) considera-se que poderão promover a criação de relações fracas. Estas afinidades, ao serem instituídas com indivíduos externos ao círculo de amizades da pessoa, são mais passíveis de veicularem informações diferentes daquelas que o sujeito detém, intensificando a aquisição de novo conhecimento (Granovetter, 1973 cit. por Antunes, Mealha, & Mealha, 2001).

203

Em jeito de síntese, atesta-se que os novos espaços de interacção concorreram imensamente para a proliferação do número, variedade e celeridade dos contactos desencadeados, viabilizando, através de novos meios, a conservação de relações entre sujeitos que já se conhecem do espaço físico, e a determinação de ligações, mais ou menos fortes, com indivíduos até então externos ao círculo de relacionamentos do sujeito. Entrementes, este incremento exponencial de mensagens permutadas, de informação e serviços disponíveis através da Rede, apesar de reforçar a distribuição de saberes, a permuta de informações e a oferta de serviços, promove também complexidades de selecção, remetendo para a necessidade de existirem mecanismos de filtragem que diminuam a entropia e garantam confiança nesses mecanismos. Esta discussão é tanto mais

adequada quanto maior for o preço da transacção envolvido. Assim, torna-se decisiva a existência de mecanismos passíveis de direccionarem e validarem as escolhas dos sujeitos, nos espaços virtuais de interacção, atentando-se que esta legitimação seja feita tendo por base as redes sociais e as instituições consolidadas no espaço físico.

Observa-se que os espaços de comunicação virtuais existem, não em desarmonia com os espaços físicos mas, como acréscimo/aditivo destes, mantendo entre si uma estreita interacção. Estes espaços de comunicação aparentam retratar, de algum modo, as hierarquias presentes nos espaços físicos, espelhando assim as disparidades existentes.

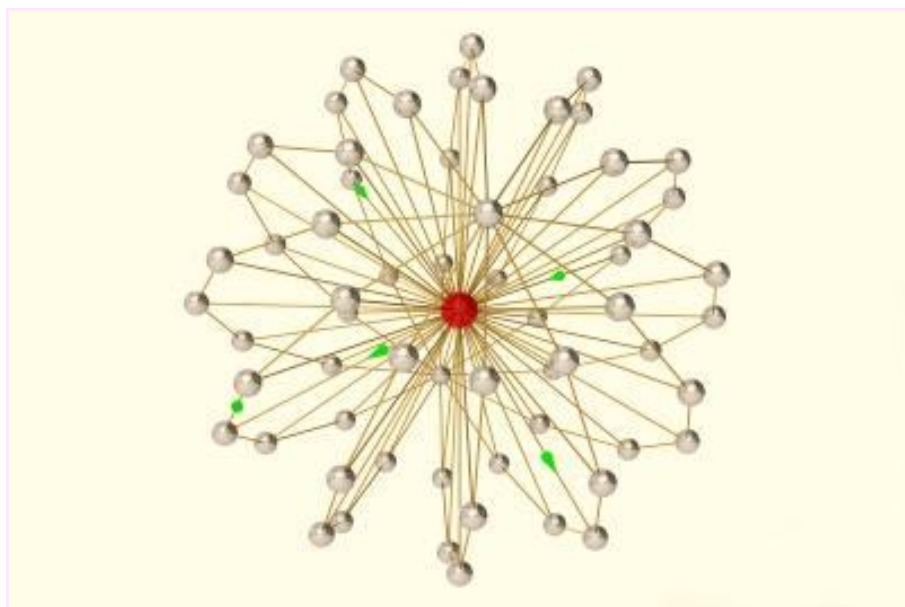
204 Se nos reportarmos às relações mantidas pelos seniores através desta poderosa ferramenta, constatamos que esta faixa etária tem como principal motivo para o uso das TIC o facto de esta permitir a adaptação e o acompanhamento das mudanças sociais e tecnológicas bem como as próprias redes sociais, o que significaria uma forma de voltar a sentir-se e a serem efectivamente úteis e proactivos em sociedade e de voltarem ao contacto com a juventude. Seria encontrar na realidade actual, uma nova forma de lazer e uma nova actividade cognitiva, e ainda, voltar a socializar-se contrariando a exclusão e a marginalização a que é votada a condição de "velho", permitindo, desta forma um envelhecimento activo e participativo nas diversas sociedades.

A criação de vínculos na terceira idade, mesmo que virtuais, permite aos seniores um planeamento do seu futuro, além de lhes permitir continuarem activos e irem acompanhando a evolução tecnológica.

Apesar das dificuldades sentidas, a aprendizagem do uso da Internet e das TIC para os seniores pode ter vários ganhos. Ela favorece a inserção social e de expansão do círculo social em virtude das possibilidades de comunicação que a rede oferece, bem como dos vínculos que podem ser criados *on-line*.

Como forma de conclusão, podemos afirmar que, conforme referido ao longo do trabalho, a Internet propicia o estabelecimento de novos vínculos podendo favorecer o desenvolvimento psicossocial do sénior. Estes vínculos, embora construídos com alguns receios, vão servir para que os seniores encontrem nesta Rede o suporte necessário à sua nova condição de “velhos”, uma vez que, o suporte fornecido através das redes virtuais é rápido, eficaz e não discriminatório.





## **CAPÍTULO IV**

### **ESTUDO EXPLORATÓRIO**





## IV. O IMPACTE DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CAPITAL SOCIAL DOS SÉNIORES EM PORTUGAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO

### 1. Fundamentação e objectivos

#### *1.1 Apresentação*

As tecnologias de informação e comunicação contêm propriedades que facilmente se traduzem em soluções para pessoas com necessidades especiais, contribuindo para a sua inclusão na vida quotidiana. A possibilidade de intervir e participar em actos de comunicação interpessoais em cenários presenciais e à distância, ou simplesmente a possibilidade de recorrer a um dispositivo que simule a vocalização de pedidos, saudações ou carinhos, ganham um sentido redobrado nos esforços de inclusão de cidadãos com necessidades especiais, como é o caso dos seniores, em sociedades que tentam fomentar a igualdade de oportunidades entre os seus membros.

209

Através de meios de comunicação de escala mundial como a televisão e a internet, muitas têm sido as barreiras ultrapassadas tendo como meta a definição de fenómenos globais e globalizantes.

Esta Sociedade da informação refere-se a um novo *status quo* e ao novo paradigma socioeconómico e tecnológico resultante do processo de mudança verificada a nível mundial e que tudo abarca. Num plano mais estreito, com relação directa com o uso de tecnologias, este fenómeno espera-se que influencie a interacção em actividades mediadas por computadores, o comportamento humano a nível individual, a consciência do colectivo, o meio económico e social e a qualidade de vida dos cidadãos.

Sem grande esforço é detectável que as tecnologias da comunicação e informação vão sendo incluídas nas diversas actividades ditas “mundanas” do nosso quotidiano.

A ligação, que cada vez mais se vai identificando como de dependência, entre as tecnologias da comunicação e informação e o utilizador, abre-se como um guarda-chuva que gradualmente vai cobrindo tudo. As vertentes profissionais, pessoais e lúdicas da vida do indivíduo interceptam-se com as ferramentas tecnológicas, transformando as actividades e os processos associados.

As capacidades funcionais do indivíduo nas suas vertentes comunicacionais, profissionais e lúdicas, só para enumerar algumas, ganham novos níveis de desempenho e sucesso para aqueles que acompanham a evolução das Novas Tecnologias.

210 Assim sendo, há que acompanhar a evolução dos tempos sob o risco de se ficar à margem da sociedade.

Esta evolução rápida de que tanto se fala traz, por um lado o progresso, a facilidade de comunicação e obtenção de informação que não se conseguiria outrora, mas por outro abre a porta a novos tipos de exclusão por parte daqueles que não querem, não podem ou não sabem acompanhar tais mudanças.

As redes de computadores têm um elevado potencial de juntar pessoas e, conseqüentemente, promover redes sociais. No entanto, este conceito de rede social ultrapassa as ligações telemáticas permitidas através de uma rede de computadores. Um princípio fundamental de qualquer rede define que o seu valor real se baseia nas relações estabelecidas entre as pessoas dessa rede, relações essas orientadas em função de múltiplas actividades,

que se estendem desde o lazer ao trabalho (será isto o que definiremos mais adiante como parte integrante do capital social).

Este estudo irá analisar as razões pelas quais o uso (ou não) das novas tecnologias da comunicação e informação (TIC) é mais difícil nos seniores. Pretende-se verificar se a utilização das TIC visa aumentar ou diminuir o contacto dos seniores com outras pessoas, manter ou aumentar o *stock* de "capital social" e se serve para que estes se sintam incluídos socialmente e envolvidos na vida civil, social e política. No fundo, pretende-se ver qual o papel que é promovido pelos computadores na inclusão social dos mais velhos e na manutenção ou desenvolvimento do capital social e, além disso, perceber se o uso do computador e da internet promove a inclusão social dos mais velhos e se serve para fortalecer ou enfraquecer as suas redes sociais.

Questões para as quais o estudo se propõe a dar resposta:

211

Pode o uso do computador e da internet ajudar os seniores a sentirem-se incluídos como membros da comunidade à medida que aumenta a sua idade e as suas necessidades? Será que esse uso promove o desenvolvimento das suas redes sociais?

O objectivo geral deste trabalho é estudar a interacção entre os mais velhos, indivíduos com mais de 50 anos que utilizem TIC, e as tecnologias da informação e comunicação e o impacte que essa interacção produz no capital sociocultural dos mesmos e na sua participação na sociedade.

Para se concretizar o objectivo geral apresentam-se alguns objectivos mais específicos:

- Analisar a influência do nível de alfabetização dos seniores sobre o capital sociocultural dos mesmos;

- Avaliar a relação entre a utilização do computador e o capital sociocultural dos seniores;
- Avaliar a relação entre a utilização do e-mail e o capital sociocultural dos seniores;
- Avaliar a relação entre a utilização da internet e o capital sociocultural dos seniores;
- Determinar o perfil do sénior utilizador das TIC mais susceptível de ter um maior volume de capital sociocultural acumulado;
- O último grande objectivo, visa contribuir para a reflexão sobre o uso das TIC pelos seniores portugueses, numa lógica de produção de conhecimento que facilite o desenho de programas de intervenção formativos e informativos, visando a promoção da integração digital desta faixa etária.

212

## 2. Material e métodos

### *II.1 Amostra*

O método de abordagem utilizado será hipotética-dedutiva, utilizando procedimentos estatísticos e comparativos.

A amostra do nosso estudo será constituída por 356 seniores com mais de 50 anos de idade e utilizadores de tecnologias da informação e comunicação, o que corresponderá a sensivelmente 9 UTI's escolhidas aleatoriamente.

O cálculo desta amostra teve em conta os seguintes valores (fornecidos gentilmente pelo presidente da Rede de Universidades da Terceira Idade portuguesa):

A população em estudo é constituída por seniores que frequentam classes de informática nas Universidades da Terceira Idade (UTI) em Portugal. Existem actualmente em Portugal cerca de 120 UTI's que ministram cursos de informática a cerca de 40 seniores por UTI, o que perfaz uma população com cerca de 4800 seniores.

Das 120 UTI's iremos optar por fazer uma amostra aleatória por cachos, isto é, vamos seleccionar os *clusters* aleatoriamente e utilizar todos os indivíduos desses grupos. A razão da escolha deste tipo de amostragem prende-se com o facto de haver uma grande área geográfica a estudar e este tipo ser o que mais se adequa a estudos em grandes áreas.

Para o cálculo da amostra vai ser utilizada a fórmula de cálculo do tamanho de amostras para populações finitas, onde não conhecemos nem o  $\sigma^2$  (o nível de confiança escolhido, expresso em número desvios-padrão), nem o  $p$  (a percentagem com a qual o fenómeno se verifica), nem o  $q$  (a percentagem complementar (100 –  $p$ )):

213

$$n = \frac{Z\alpha^2 p \times q \times N}{E^2 (N-1) + Z\alpha^2 \times p \times q}$$

em que  $n$  é o tamanho da amostra

$Z\alpha$  – Valor crítico que corresponde ao grau de confiança desejado

$p$  – Proporção populacional de indivíduos que pertence a categoria que estamos interessados em estudar

$q$  – Proporção populacional de indivíduos que não pertence à categoria que estamos interessados em estudar

Nota: neste caso  $p$  e  $q$  são desconhecidos, logo substituímos  $p \times q$  por 0,25 (dado teórico)

$N$  – o tamanho da população

$E$  – o erro máximo permitido

Para a determinação da margem de erro da amostra, teremos:

$$\sigma_p = \sqrt{\frac{p \times q}{n}} \times 100$$

em que  $\sigma_p$  é o erro-padrão ou desvio da percentagem com que se verifica determinado fenómeno

$p$  – Proporção populacional de indivíduos que pertence a categoria que estamos interessados em estudar

$q$  – Proporção populacional de indivíduos que não pertence à categoria que estamos interessados em estudar

$n$  – o número de elementos incluídos na amostra.

214 Tendo em conta o exposto, para um grau de confiança de 95% e um erro máximo de 5%, temos:

$$n = \frac{1,96^2 \times 0,25 \times 4800}{0,05^2 \times (4800 - 1) + 0,25 \times 1,96^2}$$

$$n = 355,7614 \cong 356 \text{ indivíduos}$$

Em que o erro-padrão será:

$$\alpha_p = \sqrt{\frac{0,25}{356}} \times 100 = 2,65$$

## *II.2 Descrição dos instrumentos de recolha dos dados*

O inquérito é um dos instrumentos mais utilizados no domínio da investigação aplicada, nomeadamente na área social, pelo que são poucos os estudos que não se apoiam, parcial ou totalmente, em informações recolhidas com base em inquéritos.

Para este estudo vão ser utilizadas técnicas de recolha de informação não documentais, de uma forma indirecta através da administração de um questionário e posterior tratamento dos dados recolhidos.

Os instrumentos de recolha de dados escolhidos são:

1. Questionário ao sénior que vai servir para descrever a amostra no que respeita às suas características sociais e de utilização das TIC (*vide* Anexo I).
2. O Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP) que permite analisar a rede de suporte social na situação de uso das TIC (*vide* Anexo II). É um instrumento multidimensional que pretende recolher informação acerca da rede social pessoal do indivíduo questionado, nomeadamente, o tamanho, a composição, a densidade, a frequência de contactos e as funções genéricas de suporte social. Consta ainda um campo para a caracterização do sujeito central e um leque de questões opcionais que permitem avaliar a reciprocidade de suporte e a mudança percebida no tamanho da rede (Guadalupe, 2009).

Este instrumento é constituído por um conjunto de itens que vão permitir identificar e caracterizar a rede nos seus aspectos estruturais, funcionais e nalguns atributos do vínculo relacional. Este instrumento deve ser utilizado como instrumento de auto-resposta ou em situação de entrevista, devendo ser sempre acompanhado de instruções prévias quanto ao seu preenchimento.

O IARSP divide-se em três partes distintas que podem ser descritas da seguinte forma: da primeira parte fazem parte um campo para caracterização do sujeito central e um campo para a pergunta geradora de rede. A pergunta geradora de rede, bem como os campos e itens que constituem o instrumento foram devidamente adaptados para os objectivos do presente estudo e para a população-alvo do mesmo; as segunda e terceira partes permitem caracterizar a rede quanto ao seu tamanho, composição, densidade e frequência dos contactos e ainda quanto às funções genéricas de suporte social. Possui ainda questões que nos permitem caracterizar a reciprocidade do suporte e a mudança percebida no tamanho da rede. Assim, estaremos em condições de caracterizar a rede estrutural, funcional e contextualmente.

Nos quadros seguintes serão descritas as variáveis passíveis de serem avaliadas por este instrumento bem como as respectivas cotações.



**Quadro 2 - IARSP: Dimensão estrutural**

Variável	Descrição	Cotação
Tamanho da Rede	Número de membros da rede identificados	- Valores absolutos - Categorização em classes
Densidade da Rede	Nível de densidade	Nível de densidade obtido a partir do <i>software</i> de análise de redes sociais UCINET (para <i>egonetworks</i> )
	Classificação do tipo de densidade com base no nível de densidade da rede e na visualização da rede (através do <i>software</i> NetDraw)	1 – Coesa 2 – Fragmentada 3 – Dispersa
Composição da Rede	Quadrantes considerados: - Família (com identificação do parentesco) - Relações de amizade - Relações de trabalho e/ou de estudo - Relações comunitárias ou de vizinhança - Relações no âmbito institucional.	- Tamanho do quadrante - Proporção do quadrante no tamanho da rede - Número de quadrantes - Composição quanto às combinações dos quadrantes presentes na rede

**Quadro 3 - IARSP: Dimensão funcional**

Variável	Descrição	Cotação
Frequência do Apoio Social Recebido	Frequência do apoio emocional recebido	1 – Nenhum
	Frequência do apoio material e instrumental recebido	2 – Pouco 3 – Moderado
	Frequência do apoio instrumental recebido	4 – Muito 5 - Muitíssimo
	Companhia Social	
Reciprocidade do apoio	Reciprocidade funcional percebida pelo sujeito relativamente aos membros da rede	1 – Dá apoio à maior parte destas pessoas 2 – Dá apoio a algumas destas pessoas 3 – Dá apoio a poucas destas pessoas 4 – Não dá apoio a nenhuma destas pessoas

**Quadro 4 - IARSP: Dimensão contextual**

Variável	Descrição	Cotação
Características do contacto	Alteração da forma de relacionamento com as pessoas desde a utilização das TIC	1 - Conheceu através das TIC 2 - Recuperou com o uso das TIC 3 - Já faziam parte da sua vida antes do uso das TIC.
Tipo de contacto	Tipo de contacto entre o sujeito e os membros da rede	1 - Apenas presencial 2 - Apenas virtual 3 - Ambos, mas mais presencial do que virtual 4 - Ambos, mas mais virtual do que presencial
Frequência de contactos	Frequência de contacto entre o sujeito e os membros da rede	1 - Diariamente 2 - Algumas vezes por semana 3 - Semanalmente 4 - Algumas vezes por mês 5 - Algumas vezes por ano
Mudança percebida no tamanho da rede	Mudança percebida na rede desde que começou a utilizar as TIC	1 - O nº de pessoas com que se relaciona é aproximadamente o mesmo 2 - (...) é pouco maior do que antes 3 - (...) é muito maior do que antes 4 - (...) é pouco menor do que antes 5 - (...) é muito menor do que antes

3. Para o tratamento dos dados recolhidos irá ser utilizada a versão 19 do programa informático SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) e *software* específico para analisar a densidade das redes de suporte social (versão 6.164 do UCINET e o NetDraw 2.072 incluído no próprio programa).

### *II.3 Recolha de informação*

Tendo sido apresentado o pedido de autorização para recolha de dados de investigação a 9 Universidades da Terceira Idade escolhidas aleatoriamente em Setembro de 2010, veio a obter-se resposta favorável em Novembro de 2010, tendo sido a partir deste mês que se procedeu à recolha dos dados. Esta foi efectuada pela autora do estudo deslocando-se a todas as UTI's entre os meses de Novembro de 2010 e Fevereiro de 2011.

#### *Critérios de Inclusão na amostra*

219

Consideram-se os seguintes critérios para seleccionar os sujeitos da amostra:

- Seniores com mais de 50 anos de idade;
- Seniores inscritos nas aulas de TIC nas UTI's seleccionadas;
- Seniores utilizadores de tecnologias da informação e comunicação.

#### *Duração, período e localização do estudo*

A recolha de informação decorreu durante o período compreendido entre Novembro de 2010 e Fevereiro de 2011 junto dos seniores, tendo-se delimitado a zona geográfica à correspondente à localização das UTI's seleccionadas (*vide* Anexo III). Atendendo a que as UTI's seleccionadas se encontravam essencialmente na zona centro e norte do país, a recolha da amostra foi efectuada nessa região.

### *Questões éticas na recolha da informação*

Todos os participantes deste estudo são voluntários e foram informados acerca dos objectivos da investigação em curso. Foi solicitado o consentimento informado à UTI por escrito e ao sénior de forma oral (*vide* Anexo IV).

Os dados foram recolhidos tendo como único destino a construção da base de dados para esta investigação. Em todo o processo esteve presente o princípio da não maleficência.

Os benefícios esperados decorrem dos resultados do estudo, da sua divulgação, assim como da adopção das suas recomendações. Com o presente estudo pretende contribuir-se para se compreender a relação entre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e o consequente aumento de capital sociocultural dos seniores portugueses.

220

### *II.4 Características da amostra*

A amostra é constituída por 351 seniores com mais de 50 anos que utilizam as TIC e estão integrados em Universidades Sénior em Portugal, uma vez que tivemos que eliminar 5 sujeitos que não responderam à questão “idade” o que nos leva a ter que excluí-los já que a idade é um critério de inclusão na amostra. Esta será caracterizada a nível sócio-demográfico e socioprofissional, sendo também apresentado o nível de participação e cidadania da amostra.

### *Características sociodemográficas e socioprofissionais*

A amostra em estudo divide-se entre homens (31%) e mulheres (69%), representando estas últimas a maioria (Quadro 5).

A média de idades da amostra é de 67 anos ( $M = 67,18$ ;  $\text{Moda} = 66$ ;  $DP = 6,71$ ), apresentando, na sua maioria, idades entre os 65 e os 80 anos (52%) e abaixo dos 65 anos (44%), sendo a 4ª idade (mais de 80 anos) a menos representada (Quadro 5).

A distribuição das idades tem uma amplitude de 30 anos, variando entre os 53 e os 83 anos de idade.

Relativamente ao estado civil (Quadro 5), podemos verificar, no quadro a seguir, que a esmagadora maioria dos sujeitos da amostra são casados (62%). Aparecem também, como seria de esperar tendo em conta a faixa etária em estudo, 18% de indivíduos viúvos (as) e 15% de sujeitos divorciados. Os solteiros apresentam percentagens pouco significativas (4%).

Segundo o Quadro 5, a maioria dos sujeitos da amostra apresenta níveis de instrução entre o Ensino básico e o Ensino secundário (26% e 29% respectivamente), sendo vultosos os casos registados para o Ensino superior (45%).

Se nos reportarmos ao número de descendentes (Quadro 5) podemos dizer que a percentagem mais elevada (48%) diz respeito aos sujeitos que têm entre 1 e 4 descendentes, logo a seguir podemos apontar aqueles que têm entre 5 e 8 (37%), apresentando os restantes valores pouco significativos (0 descendentes – 11% e 9 a 12 descendentes – 4%).

**Quadro 5 - Características sociodemográficas da amostra (N=351)**

		n	%	Medidas descritivas
<b>Sexo</b>	Masculino	108	30,8	Moda = 2
	Feminino	243	69,2	
<b>Classe etária</b>	<65	155	44,2	M = 67,18
	65 – 80	184	52,4	DP = 6,71
	> 80	12	3,4	Moda = 66
				Min = 53 / Max = 83
<b>Estado Civil</b>	Solteiro	15	4,3	Moda = 2
	Casado	219	62,4	
	Divorciado	51	14,5	
	Viúvo	63	17,9	
<b>Habilitações Literárias</b>	Ensino básico	90	25,6	Moda = 3
	Ensino secundário	100	28,5	
	Ensino superior	158	45,0	
<b>Número de descendentes</b>	0	34	10,9	Moda = 2
	1 - 4	149	47,9	
	5 - 8	115	37,0	
	9 – 12	13	4,2	

222

### *Participação e cidadania*

A amostra em estudo divide-se entre aqueles que participam activamente numa organização (66%) e aqueles que não participam (34%), representando os primeiros a maioria (Quadro 6).

Dos que efectivamente participam podemos dizer que a grande maioria (23% e 10% respectivamente) participam na Academia Sénior e numa associação de cariz partidário. Todos os outros valores se mostram pouco significativos (Quadro 6).

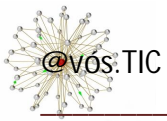
**Quadro 6 - Participação e cidadania**

		n	%	Medidas descritivas
<b>Participa activamente numa organização</b>	Não	120	34,2	Moda = 2
	Sim	231	65,8	
<b>Se sim, qual?</b>	Academia Sénior	79	22,5	Moda = 1
	Academia Sénior; Cultural; Desportiva	3	0,9	
	Academia Desportiva Sénior;	5	1,4	
	Academia Sénior; Religioso	8	2,3	
	CNE	3	0,9	
	Cruz Vermelha	31	8,8	
	Cultural	2	0,6	
	Cultural; Desportiva; Cívica	3	0,9	
	Cultural; Desportiva	7	2,0	
	Cultural; Religioso	18	5,1	
	Desportiva	3	0,9	
	Partidária	36	10,3	
	Partidária; Desportiva; Cultural; Academia Sénior	3	0,9	
	Partidária; Religiosa	3	0,9	
	Religiosa	3	0,9	
	Religiosa; Cultural	3	0,9	
	Religiosa; Desportiva	9	2,6	
	Religiosa; Humanitária	3	0,9	
	<i>Missing values</i>	9	2,6	

Fonte: Inquérito por questionário "Questionário sobre seniores, computadores e internet"  
 Legenda: n (número de casos da amostra); % (percentagem)

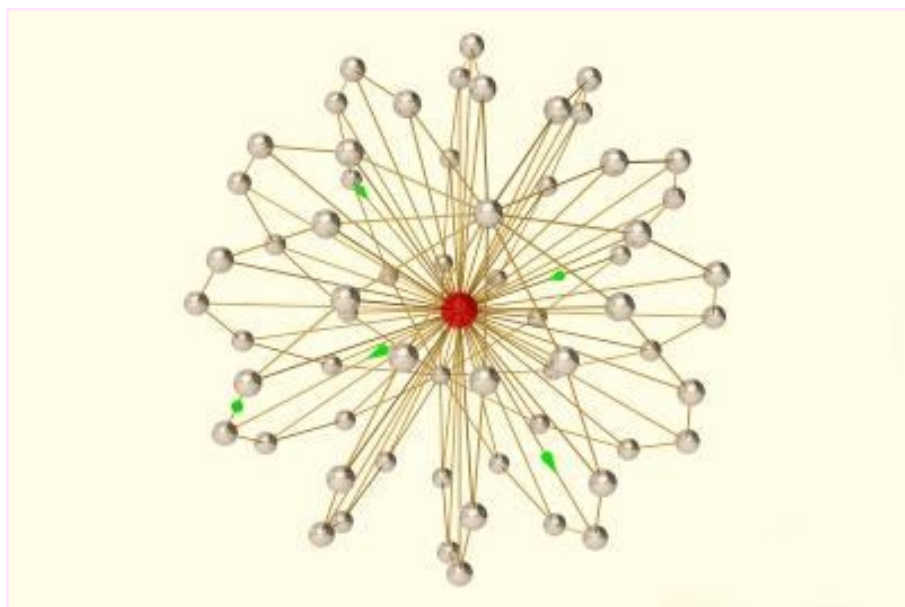
### *Síntese*

Sintetizando as características da nossa amostra, podemos destacar que a maioria dos sujeitos é do sexo feminino, com idades compreendidas entre 65 e 80 anos, casadas, com o ensino superior e com um número de descendentes compreendidos entre 1 e 4 indivíduos.



São sobretudo sujeitos que participam activamente numa organização, especialmente no que respeita à academia sénior e a associações de cariz partidário.





## **CAPÍTULO V**

### **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**



## V. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, subjacente à análise dos resultados, procuramos caracterizar não apenas os scores obtidos, pelos sujeitos da nossa amostra, para a variável dependente e independentes em estudo, como também analisar como estas variáveis se associam entre si, tendo por referência os objectivos que orientaram a presente investigação.

Na análise dos resultados serão objecto de descrição mais detalhada, apenas, os dados estatisticamente significativos em função dos testes estatísticos utilizados - análise de variância (ANOVA), procedimento One-Way com teste de contrastação entre grupo Tukey, para avaliar a existência de diferenças entre os grupos susceptíveis de se formar com as amostras do estudo, e o coeficiente de correlação nominal de Spearman para medir a associação entre a ordenação das variáveis em estudo.

Saliente-se que, em toda a análise estatística, assumimos como valor crítico de significância dos resultados dos testes estatísticos  $\alpha=0,05$ , rejeitando-se a existência de associações/diferenças quando a probabilidade do erro tipo I for inferior a este valor ( $p<0,05$ ). Concretamente assumimos os seguintes níveis de significância, referenciados por Pestana e Gageiro:  $p \geq 0,05$  - não significativo;  $p < 0,05$  - ligeiramente significativo;  $p < 0,01$  - muito significativo; e  $p < 0,001$  - muitíssimo significativo (Pestana & Gageiro, 2005).

227

### 3. Análise Descritiva

A análise da estatística descritiva consiste na descrição das características da amostra em estudo, da qual provêm os dados colhidos. Permite ainda descrever os valores obtidos através da medida das variáveis.

Por uma questão de organização estrutural, subdividimos a análise descritiva dos resultados da amostra em estudo em:

- Caracterização sócio-demográfica;
- Caracterização inerente à utilização de tecnologias de informação e comunicação;
- Caracterização relativa à confiança e solidariedade
- Caracterização de acordo com o tipo de rede social pessoal.

A apresentação destes dados surge esquematizada em várias tabelas, precedidas das análises correspondentes, salientando-se que a análise inerente às frequências relativas e percentuais será processada em função dos valores expressos na coluna das respectivas tabelas.

### *1.1 Caracterização sócio-demográfica*

#### *Idade e Género*

228 Pela análise do Quadro 7, podemos constatar que amostra utilizada no nosso estudo é constituída por 351 seniores, 243 do sexo feminino e 108 do sexo masculino. Constatamos igualmente que a idade dos 351 elementos da amostra total oscila entre um mínimo de 53 anos e um máximo de 83 anos, correspondendo-lhe uma idade média actual de 67,18 anos, um desvio padrão de 6,71 anos e um coeficiente de variação de 9,99%, que nos indica a existência de uma fraca dispersão em torno da média.

Analisando as estatísticas relativas à idade em função do sexo, verificamos que a média de idades para o sexo masculino ( $\bar{X} = 66,69$ ) é superior à do sexo feminino ( $\bar{X} = 67,39$ ), apresentando ambos uma dispersão fraca ( $0\% < CV \leq 15\%$ ).

Analisando as medidas de assimetria ou enviesamento (Skweness/Std. Error) e de achatamento ou curtose (Kurtosis/Std. Error), podemos concluir que a distribuição das idades, em ambos os sexos, é simétrica e mesocúrtica.

**Quadro 7 - Estatísticas relativas à idade segundo o género**

Idade Sexo	N	Min	Max	$\bar{X}$	$\bar{s}$	Sk	Std. Error	K	Std. Error	CV (%)
Masculino	108	53	82	66,69	7,080	-0,039	0,233	-0,367	0,461	10,62
Feminino	243	53	83	67,39	6,544	0,237	0,156	-0,290	0,311	9,71
<i>Total</i>	<i>351</i>	<i>53</i>	<i>83</i>	<i>67,18</i>	<i>6,711</i>	<i>0,127</i>	<i>0,130</i>	<i>-0,293</i>	<i>0,260</i>	<i>9,99</i>

Analisando os resultados em função da distribuição dos elementos da amostra por grupos etários (cf. Quadro 8), constata-se que o grupo etário com maior representatividade é o dos 65 a 80 anos (52,4%), seguindo-se o grupo com idades inferiores a 65 anos com 44,2%. O grupo etário menos representativo (3,4%) é o que agrupa os seniores com idades superiores a 80 anos.

Particularizando esta análise em função do sexo, verificamos que são os seniores do sexo masculino, com idade compreendida entre os 65 e os 80 anos, os que apresentam uma maior percentagem (58,3%), sendo o grupo etário "> 80 anos" o menos representativo (1,9%). No que concerne ao sexo feminino, podemos observar que a expressão da distribuição das idades é a mesma, em virtude do grupo etário mais representativo continuar a ser o dos 65 aos 80 anos (49,8%) e o menos representativo o dos maiores de 80 anos (4,1%).

**Quadro 8 - Distribuição da amostra por grupo etário em função do género**

	Idade		Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
	< 65	n	43	112	155
		%	39,8%	46,1%	44,2%
	de 65 a 80	n	63	121	184
		%	58,3%	49,8%	52,4%
	> 80	n	2	10	12
		%	1,9%	4,1%	3,4%
Total	n	108	243	351	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	

*Estado civil, Habilitações literárias e descendentes*

Pela análise detalhada dos dados apresentados no Quadro 9, podemos observar que, no que diz respeito ao estado civil, a maioria dos seniores que constitui a amostra total é casado (62,9%), logo seguidos pelos viúvos com uma percentagem de 18,1%. De salientar que esta maior representatividade do estado civil “casado” e “viúvo” é de igual modo evidenciada pelo sexo masculino e feminino.

Quanto às habilitações literárias, a maioria dos seniores inquiridos possui o ensino superior, representada por 45,4% da amostra. Dos que possuem outro nível de ensino, a maioria possui o ensino secundário. De notar que existem pequenas diferenças entre homens e mulheres, já que as mulheres tem por tendência maiores habilitações literárias que os homens.

Quando questionados sobre o número de descendentes, a maioria dos seniores afirma que tem entre 5 e 8 descendentes. Saliente-se ainda o facto de existir um grande número de seniores (36,5%) que afirma que possui entre 9 e 12 descendentes. Se nos reportarmos ao sexo dos inquiridos podemos verificar a mesma representatividade de valores.

**Quadro 9 - Estado civil, Habilitações literárias e número de descendentes em função do Sexo**

			Sexo		
			Masculino (n = 108)	Feminino (n = 243)	Total (n = 351)
Estado civil	Solteiro	n	5	10	15
		%	4,6%	4,2%	4,3%
	Casado	n	76	143	219
		%	70,4%	59,6%	62,9%
	Divorciado	n	9	42	51
		%	8,3%	17,5%	14,7%
	Viúvo	n	18	45	63
		%	16,7%	18,8%	18,1%
Habilitações Literárias	Ensino básico	n	15	75	90
		%	13,9%	31,3%	25,9%
	Ensino secundário	n	51	49	100
		%	47,2%	20,4%	28,7%
	Ensino superior	n	42	116	158
		%	38,9%	48,3%	45,4%
Nº de descendentes	0	n	8	32	40
		%	7,4%	13,2%	11,4%
	1 a 4	n	0	0	0
		%	0%	0%	0%
	5 a 8	n	67	116	183
		%	62,0%	47,7%	52,1%
	9 a 12	n	33	95	128
		%	30,6%	39,1%	36,5%

231

### *1.2 Caracterização inerente à utilização de tecnologias de informação e comunicação*

Os resultados obtidos nos quadros seguintes dizem respeito a um conjunto de informação associada à utilização das tecnologias de informação e comunicação, concretamente no que diz respeito ao uso de computador/e-mail/internet e suas finalidades específicas.

#### *Utilização do Computador*

Assim, considerando o Quadro 10, e no que respeita ao “tempo a que é utilizador do computador” verificamos que a grande maioria dos seniores inquiridos utiliza esta ferramenta há mais de 2 anos (54,7%), número que

revela maior expressão no sexo masculino (59,3%) em detrimento do feminino (52,7%). Relativamente ao tempo em média de uso diário do computador, a maioria dos seniores, quer homens quer mulheres, afirma que utiliza em média entre 1 e 3 horas.

No que respeita à questão “onde usa o computador” constata-se que mais de metade dos homens (76,9%) e 75,5% das mulheres afirmam usar o computador em casa, sendo que persiste ainda uma percentagem significativa de indivíduos que faz este uso na UTI (22,3%).

**Quadro 10 - Caracterização inerente ao computador: Tempo a que é utilizador, tempo de utilização e onde utiliza em função do sexo**

			Sexo		
			Masculino (n = 108)	Feminino (n = 243)	Total (n = 351)
Tempo a que é utilizador do computador	menos de 1 ano	n	11	67	78
		%	10,2%	27,6%	22,2%
	entre 1 e 2 anos	n	33	48	81
		%	30,6%	19,8%	23,1%
	entre 2 e 5 anos	n	30	69	99
	%	27,8%	28,4%	28,2%	
	mais de 5 anos	n	34	59	93
		%	31,5%	24,3%	26,5%
Tempo em média utiliza o computador por dia	menos de 1 hora	n	31	105	136
		%	28,7%	43,2%	38,7%
	entre 1 e 3 horas	n	60	116	176
		%	55,6%	47,7%	50,1%
	entre 3 e 5 horas	n	17	19	36
	%	15,7%	7,8%	10,3%	
	mais de 5 horas	n	0	3	3
		%	0,0%	1,2%	,9%
Onde usa o computador	UTI	n	25	53	78
		%	23,1%	22,0%	22,3%
	Centro Comunitário	n	0	6	6
		%	0,0%	2,5%	1,7%
	Casa	n	83	182	265
		%	76,9%	75,5%	75,9%

Analisando o Quadro 11, verificamos que 26,5% dos inquiridos utilizam o computador há mais de 5 anos e 22,2% utilizam o computador há menos de 1 ano. Além disso, relacionando o tempo de utilização do computador com



a idade, verificamos que 75% dos inquiridos com mais de 80 anos utiliza o computador há menos de 1 ano e os restantes 25% dos inquiridos nesta faixa etária apenas utilizam o computador entre 2 e 5 anos (o que significa que nenhum dos inquiridos com mais de 80 anos utiliza o computador há mais de 5 anos). Por outro lado, se nos concentrarmos na faixa etária com menos de 65 anos, verificamos que 40% dos inquiridos utiliza o computador há mais de 5 anos (apenas 17,4% dos inquiridos com menos de 65 anos utiliza o computador há menos de 1 ano). Tendo também por base o Quadro 11, podemos constatar que a maioria dos inquiridos utiliza o computador durante menos de 3 horas por dia (esta situação verifica-se em todas as faixas etárias analisadas, com destaque para a faixa etária com mais de 80 anos, em que não existe nenhum inquirido que utilize o computador por um período superior a 3 horas por dia). O Quadro 11 permite-nos concluir ainda que os inquiridos utilizam essencialmente o computador em casa, sendo que os tempos de utilização no Centro Comunitário são praticamente residuais.

**Quadro 11 - Caracterização inerente ao computador: Tempo a que é utilizador, tempo de utilização e onde utiliza em função da idade**

			Idade			Total
			< 65	65 a 80	> 80	
Tempo a que é utilizador do computador	menos de 1 ano	n	27	42	9	78
		%	17,4%	22,8%	75,0%	22,2%
	entre 1 e 2 anos	n	25	56	0	81
		%	16,1%	30,4%	0,0%	23,1%
	entre 2 e 5 anos	n	41	55	3	99
		%	26,5%	29,9%	25,0%	28,2%
	mais de 5 anos	n	62	31	0	93
		%	40,0%	16,8%	0,0%	26,5%
Tempo em média utiliza o computador por dia	menos de 1 hora	n	43	89	4	136
		%	27,7%	48,4%	33,3%	38,7%
	entre 1 e 3 horas	n	90	78	8	176
		%	58,1%	42,4%	66,7%	50,1%
	entre 3 e 5 horas	n	19	17	0	36
		%	12,3%	9,2%	0,0%	10,3%
	mais de 5 horas	n	3	0	0	3
		%	1,9%	0,0%	0,0%	0,9%
Onde usa o computador	UTI	n	31	43	4	78
		%	20,0%	23,6%	33,3%	22,3%
	Centro Comunitário	n	3	3	0	6
		%	1,9%	1,6%	0,0%	1,7%
	Casa	n	121	136	8	265
		%	78,1%	74,7%	66,7%	75,9%

234

### *Utilização do e-mail*

Analisando o Quadro 12, constatamos que 12,3% dos inquiridos envia e-mails para “filhos, outros parentes e amigos”, 7,4% envia e-mails para “amigos”, 7,4% envia e-mails para “filhos e amigos” e 4,8% envia e-mails para “filhos, netos e amigos”. De entre as diversas classificações utilizadas para constituição das classes, constata-se a importância dos grupos filhos, netos e amigos, em detrimento de outros grupos menos importantes como sejam “pessoas que conheceu na internet” e por “questões comerciais”, situação que se aplica quer aos inquiridos do sexo masculino, quer aos inquiridos do sexo feminino. Também se poderá destacar o valor significativo de utilizadores (35,6%) que não enviam e-mails, situação que é muito mais notória nos inquiridos de sexo feminino (42,8%). Relativamente

ao número de e-mails enviados em média no último mês, constatamos que a maioria (cerca de 66%) enviou menos de 20 e-mails no último mês, situação que é ainda mais notória nos inquiridos do sexo masculino (com cerca de 69%). Apenas 7,5% dos inquiridos enviou mais de 100 e-mails no último mês, havendo também aqui alguma discrepância entre sexos (11,5% dos inquiridos são do sexo masculino e 5% são do sexo feminino). No que concerne ao número de e-mails recebidos no último mês, o cenário não é muito diferente do que se passa em relação aos e-mails enviados. Contudo, existem algumas diferenças que merecem algum destaque: a percentagem de utilizadores que recebeu menos de 20 e-mails no último mês é apenas de cerca de 50% (com uma percentagem ligeiramente superior no sexo masculino) e cerca de 14% dos utilizadores recebeu mais de 100 e-mails no último mês (neste último caso, as percentagens evidenciadas por utilizadores do sexo masculino e do sexo feminino são praticamente iguais).

**Quadro 12 - Caracterização inerente ao e-mail: Para quem envia e-mails, Quantos e-mails enviou em média, Quantos e-mails recebeu em média, em função do sexo**

		Sexo		
		Masculino (n = 87)	Feminino (n = 139)	Total (n = 351)
Para quem envia mails	não se aplica	n 21 % 19,4%	104 42,8%	125 35,6%
	amigos	n 12 % 11,1%	14 5,8%	26 7,4%
	amigos; comerciais	n 3 % 2,8%	0 0,0%	3 0,9%
	amigos; pessoas internet	n 0 % 0,0%	2 0,8%	2 0,6%
	filhos	n 9 % 8,3%	3 1,2%	12 3,4%
	filhos; amigos	n 11 % 10,2%	15 6,2%	26 7,4%
	filhos; amigos; negócios	n 0 % 0,0%	3 1,2%	3 0,9%
	filhos; amigos; outros parentes; pessoas internet	n 0 % 0,0%	3 1,2%	3 0,9%
	filhos; amigos; pessoas internet	n 0 % 0,0%	12 4,9%	12 3,4%
	filhos; negócios	n 0 % 0,0%	3 1,2%	3 0,9%
	filhos; netos	n 3 % 2,8%	0 0,0%	3 0,9%
	filhos; netos; amigos	n 9 % 8,3%	8 3,3%	17 4,8%
	filhos; netos; amigos; pessoas internet	n 0 % 0,0%	3 1,2%	3 0,9%
	filhos; netos; outros parentes	n 0 % 0,0%	3 1,2%	3 0,9%
	filhos; netos; outros parentes; amigos	n 3 % 2,8%	6 2,5%	9 2,6%
	filhos; netos; outros parentes; amigos; pessoas internet	n 5 % 4,6%	6 2,5%	11 3,1%
	filhos; netos; outros parentes; pessoas internet	n 0 % 0,0%	3 1,2%	3 0,9%
	filhos; outros parentes; amigos	n 18 % 16,7%	25 10,3%	43 12,3%
	filhos; outros parentes; amigos; pessoas internet	n 3 % 2,8%	13 5,3%	16 4,6%
	filhos; outros parentes; pessoas internet	n 0 % 0,0%	2 0,8%	2 0,6%
	netos	n 0 % 0,0%	2 0,8%	2 0,6%
	outros parentes; amigos	n 5 % 4,6%	10 4,1%	15 4,3%
	outros parentes; amigos; pessoas internet	n 3 % 2,8%	3 1,2%	6 1,7%

		(Cont.)			
		Sexo			
		Masculino (n = 87)	Feminino (n = 139)	Total (n = 351)	
Quanto e-mail enviou em média no último mês	pessoas internet; outros	n	3	0	3
		%	2,8%	0,0%	0,9%
	menos de 10	n	39	54	93
		%	44,8%	38,8%	41,2%
	de 11 a 20	n	21	36	57
		%	24,1%	25,9%	25,2%
	de 21 a 30	n	6	15	21
		%	6,9%	10,8%	9,3%
	de 31 a 40	n	3	9	12
		%	3,4%	6,5%	5,3%
	de 41 a 50	n	6	5	11
		%	6,9%	3,6%	4,9%
	de 51 a 60	n	2	0	2
		%	2,3%	0,0%	0,9%
de 91 a 100	n	0	13	13	
	%	0,0%	9,4%	5,8%	
mais de 100	n	10	7	17	
	%	11,5%	5,0%	7,5%	
Quanto e-mail recebeu em média no último mês	menos de 10	n	25	36	61
		%	28,7%	25,9%	27,0%
	de 11 a 20	n	21	30	51
		%	24,1%	21,6%	22,6%
	de 21 a 30	n	6	22	28
		%	6,9%	15,8%	12,4%
	de 31 a 40	n	6	7	13
		%	6,9%	5,0%	5,8%
	de 41 a 50	n	5	8	13
		%	5,7%	5,8%	5,8%
	de 51 a 60	n	3	3	6
		%	3,4%	2,2%	2,7%
de 71 a 80	n	3	5	8	
	%	3,4%	3,6%	3,5%	
de 91 a 100	n	5	10	15	
	%	5,7%	7,2%	6,6%	
Mais de 100	n	13	18	31	
	%	14,8%	13%	13,7%	

### *Utilização da Internet*

Analisando o Quadro 13, podemos desde logo destacar a elevada percentagem de utilizadores que nunca utiliza a internet para “comprar comida”, para “jogar on-line com outras pessoas”, para “comprar outras coisas”, para “falar com outras pessoas através do chat” e para “fazer

downloads (com 96,8%, 88,3%, 87,8%, 72,3% e 71%, respectivamente). Se analisarmos este aspecto tendo em conta o sexo, verificamos que, à excepção de “fazer downloads”, as percentagens evidenciadas pelos utilizadores do sexo masculino são sempre superiores às percentagens evidenciadas pelos utilizadores do sexo feminino nos itens anteriormente referidos. De entre os motivos que levam os elementos da nossa amostra a utilizar mais a internet destacam-se “aprender/estudar”, “obter informação sobre eventos” e “troca de informação”, que apresentam percentagens relativamente significativas de respostas “diariamente” (com 10,6%, 8,2% e 8,2%, respectivamente). Analisando este aspecto tendo em conta o sexo, verificamos que a percentagem de utilizadores do sexo feminino que utiliza diariamente a internet para “aprender/estudar” é praticamente o dobro da percentagem dos utilizadores do sexo masculino. Curiosamente, se em termos percentuais, os valores registados por ambos os sexos não é muito distinto em relação à obtenção diária de informação acerca de eventos, já no que diz respeito à utilização diária da internet para troca de informação, a percentagem dos utilizadores do sexo masculino é mais do dobro da percentagem registada pelos utilizadores do sexo feminino.

**Quadro 13 - Caracterização inerente à internet: Para que utiliza a internet, em função do sexo**

		Sexo			
		Masculino (n = 95)	Feminino (n = 187)	Total (n = 282)	
Utiliza a internet para troca de informação	Nunca	n	31	72	103
		%	32,6%	38,5%	36,5%
	Algumas vezes por ano	n	8	54	62
		%	8,4%	28,9%	22,0%
	Algumas vezes por mês	n	13	25	38
		%	13,7%	13,4%	13,5%
Aprender/estudar	Algumas vezes por semana	n	31	25	56
		%	32,6%	13,4%	19,9%
	Diariamente	n	12	11	23
		%	12,6%	5,9%	8,2%
	Nunca	n	29	55	84
		%	30,5%	29,4%	29,8%
Obter informação sobre eventos (cont.)	Algumas vezes por ano	n	3	11	14
		%	3,2%	5,9%	5,0%
	Algumas vezes por mês	n	14	36	50
		%	14,7%	19,3%	17,7%
	Algumas vezes por semana	n	43	61	104
		%	45,3%	32,6%	36,9%
Obter outro tipo de informação como saúde	Diariamente	n	6	24	30
		%	6,3%	12,8%	10,6%
	Nunca	n	25	82	107
		%	26,3%	43,9%	37,9%
	Algumas vezes por ano	n	11	23	34
		%	11,6%	12,3%	12,1%
Comprar comida	Algumas vezes por mês	n	14	37	51
		%	14,7%	19,8%	18,1%
	Algumas vezes por semana	n	36	31	67
		%	37,9%	16,6%	23,8%
	Diariamente	n	9	14	23
		%	9,5%	7,5%	8,2%
Comprar comida	Nunca	n	30	62	92
		%	31,6%	33,7%	33,0%
	Algumas vezes por ano	n	13	39	52
		%	13,7%	21,2%	18,6%
	Algumas vezes por mês	n	12	30	42
		%	12,6%	16,3%	15,1%
Comprar comida	Algumas vezes por semana	n	40	43	83
		%	42,1%	23,4%	29,7%
Comprar comida	Diariamente	n	0	10	10
		%	0,0%	5,4%	3,6%
Comprar comida	Nunca	n	95	178	273
		%	100,0%	95,2%	96,8%
Comprar comida	Algumas vezes por ano	n	0	9	9
		%	0,0%	4,8%	3,2%

		%	0,0%	4,8%	3,2%
Comprar outras coisas	Nunca	n	85	160	245
		%	89,5%	87,0%	87,8%
	Algumas vezes por ano	n	8	21	29
		%	8,4%	11,4%	10,4%
Algumas vezes por mês	n	2	3	5	
	%	2,1%	1,6%	1,8%	
Jogar on-line com outras pessoas	Nunca	n	93	156	249
		%	97,9%	83,4%	88,3%
	Algumas vezes por ano	n	2	14	16
		%	2,1%	7,5%	5,7%
Algumas vezes por mês	n	0	9	9	
	%	0,0%	4,8%	3,2%	
Diariamente	n	0	8	8	
	%	0,0%	4,3%	2,8%	
Falar com outras pessoas através do chat	Nunca	n	75	129	204
		%	78,9%	69,0%	72,3%
	Algumas vezes por ano	n	8	17	25
		%	8,4%	9,1%	8,9%
	Algumas vezes por mês	n	3	25	28
		%	3,2%	13,4%	9,9%
Algumas vezes por semana	n	3	14	17	
	%	3,2%	7,5%	6,0%	
Diariamente	n	6	2	8	
	%	6,3%	1,1%	2,8%	
Falar com outras pessoas através da câmara web (cont.)	Nunca	n	54	101	155
		%	56,8%	54,9%	55,6%
	Algumas vezes por ano	n	16	28	44
		%	16,8%	15,2%	15,8%
	Algumas vezes por mês	n	8	28	36
		%	8,4%	15,2%	12,9%
Algumas vezes por semana	n	11	24	35	
	%	11,6%	13,0%	12,5%	
Diariamente	n	6	3	9	
	%	6,3%	1,6%	3,2%	
Fazer downloads	Nunca	n	58	140	198
		%	61,1%	76,1%	71,0%
	Algumas vezes por ano	n	23	20	43
		%	24,2%	10,9%	15,4%
	Algumas vezes por mês	n	2	20	22
		%	2,1%	10,9%	7,9%
Algumas vezes por semana	n	6	4	10	
	%	6,3%	2,2%	3,6%	
Diariamente	n	6	0	6	
	%	6,3%	0,0%	2,2%	



De acordo com o Quadro 14, os “amigos e familiares distantes” e os “amigos e familiares próximos” constituem os grupos sociais com quem os utilizadores de internet da nossa amostra mais comunicam, uma vez que apresentam as percentagens mais elevadas nos itens com mais elementos (“mais de nove” e “sete a nove”) e apresentam as percentagens menos elevadas no item com menos elementos (“zero”), se bem que, se tivermos em conta o sexo, existem algumas discrepâncias neste aspecto (os utilizadores do sexo feminino aparentam, em termos relativos, comunicar mais do que os utilizadores do sexo masculino com “amigos e familiares próximos” – 23,4% dos utilizadores do sexo feminino comunica com 7 ou mais elementos deste grupo social, enquanto que apenas 14,8% dos utilizadores do sexo masculino o faz – enquanto que os utilizadores do sexo masculino aparentam comunicar um pouco mais do que os utilizadores do sexo feminino com “amigos e familiares distantes” – 18,5% dos utilizadores do sexo masculino comunicam com 7 ou mais elementos deste grupo social e apenas 14,8% dos utilizadores do sexo feminino o faz). Além disso, é também notória a fraca importância do grupo social “familiares que coabitam” em termos de comunicação através da internet, uma vez que as respostas se concentram quase exclusivamente nos itens com menos elementos (69,8% dos utilizadores da amostra não comunicam com nenhum familiar com que coabita e, inclusive, se analisarmos apenas os utilizadores do sexo masculino, verificamos que essa percentagem se eleva para os 84,3%).

**Quadro 14 - Caracterização inerente à internet: Com quem fala através da internet, em função do sexo**

		Sexo			
		Masculino (n = 83)	Feminino (n = 179)	Total (n = 262)	
Famíliares que coabitam	0	n	70	113	183
		%	84,3%	63,1%	69,8%
	um a 3	n	11	53	64
		%	13,3%	29,6%	24,4%
	quatro a 6	n	2	10	12
	%	2,4%	5,6%	4,6%	
	sete a 9	n	0	3	3
		%	0,0%	1,7%	1,1%
Amigos e familiares próximos	0	n	29	38	67
		%	30,5%	21,2%	24,5%
	um a 3	n	25	62	87
		%	26,3%	34,6%	31,8%
	quatro a 6	n	27	37	64
	%	28,4%	20,7%	23,4%	
	sete a 9	n	3	14	17
		%	3,2%	7,8%	6,2%
	mais de 9	n	11	28	39
		%	11,6%	15,6%	14,2%
Amigos e familiares distantes	0	n	42	54	96
		%	45,7%	30,7%	35,8%
	um a 3	n	21	75	96
		%	22,8%	42,6%	35,8%
	quatro a 6	n	12	21	33
	%	13,0%	11,9%	12,3%	
	sete a 9	n	8	4	12
		%	8,7%	2,3%	4,5%
	mais de 9	n	9	22	31
		%	9,8%	12,5%	11,6%
Colegas de trabalho/estudo	0	n	50	97	147
		%	54,3%	54,2%	54,2%
	um a 3	n	12	42	54
		%	13,0%	23,5%	19,9%
	quatro a 6	n	17	23	40
	%	18,5%	12,8%	14,8%	
	sete a 9	n	8	3	11
		%	8,7%	1,7%	4,1%
	mais de 9	n	5	14	19
		%	5,4%	7,8%	7,0%

Analisando o Quadro 15, verificamos que a maior parte dos elementos da nossa amostra utiliza a internet para comunicar com pessoas com as quais “está poucas vezes” (39,5%) e com as quais “está com alguma regularidade” (30,8%). Tendo em conta o sexo, verificamos que os elementos do sexo masculino da nossa amostra utilizam preferencialmente a internet para comunicar com pessoas com as quais “está poucas vezes” (43,5%), enquanto que os elementos do sexo feminino utilizam preferencialmente a internet para comunicar com pessoas com as quais “está com alguma regularidade” (38,6%). Tendo ainda por base este quadro, podemos constatar que a maior parte dos elementos da nossa amostra considera que a internet facilita o contacto entre as pessoas mas não o altera (situação que é válida quer para os utilizadores do sexo masculino, quer para os utilizadores do sexo feminino).

**Quadro 15 - Caracterização inerente à internet: Vantagens da internet, em função do sexo**

			Sexo		
			Masculino (n = 83)	Feminino (n = 170)	Total (n = 253)
Utiliza a internet para comunicar com pessoas com quem...	está muito raramente	n	23	32	55
		%	27,7%	18,8%	21,7%
	está poucas vezes	n	26	74	100
		%	31,3%	43,5%	39,5%
	está com alguma regularidade	n	32	46	78
%		38,6%	27,1%	30,8%	
	está frequentemente	n	2	18	20
		%	2,4%	10,6%	7,9%
Possibilidade de contacto pela internet	vem facilitar o contacto, mas não o altera	n	33	74	107
		%	35,9%	42,5%	40,2%
	permite manter um relacionamento que, sem a internet, ficaria enfraquecido	n	12	25	37
		%	13,0%	14,4%	13,9%
	vem permitir um contacto mais regular	n	22	48	70
%		23,9%	27,6%	26,3%	
	vem estreitar a relação com essas pessoas	n	25	27	52
		%	27,2%	15,5%	19,5%

Relativamente às novidades trazidas pela internet, analisando o Quadro 16 verificamos que a esmagadora maioria dos inquiridos da nossa amostra é da opinião que a internet e o computador possibilitam a “oportunidade de aprender algo novo”. De entre outras novidades trazidas pela internet, destacam-se também o “contacto com família e amigos”, “uma forma de passar o tempo” e uma maneira de se “manter informado” (as respostas dadas por ambos os sexos nestes itens são muito semelhantes).

**Quadro 16 - Caracterização inerente à internet: O que a internet e o computador trouxeram de novo, em função do sexo**

		Sexo		Total	
		Masculino (n = 108)	Feminino (n = 238)	(n = 346)	
O que a internet e o computador lhe trouxeram de novo?	pessoas com quem falar	n	54	95	149
		%	50,0%	39,9%	42,5%
	amigos	n	60	123	183
		%	55,6%	51,7%	52,1%
	uma forma de passar o tempo	n	76	163	239
		%	70,4%	68,5%	68,1%
	contacto com família e amigos	n	77	155	232
		%	71,3%	65,1%	66,1%
	manter activo(a) na comunidade	n	63	112	175
		%	58,3%	47,1%	50,3%
manter informado(a)	n	74	142	216	
	%	68,5%	59,7%	61,5%	
resolver as coisas sem ajuda	n	26	84	110	
	%	24,1%	35,3%	31,6%	
sentimento de ser igual a todos	n	27	94	121	
	%	25,0%	39,5%	34,5%	
oportunidade de aprender algo novo	n	100	218	318	
	%	92,6%	91,6%	90,6%	

O Quadro 17 permite-nos realizar uma primeira análise em relação à influência que a classe etária poderá ter em relação aos motivos de utilização da internet. Assim, verificamos que a classe etária com menos de 65 anos é, praticamente em todos os motivos de utilização da internet evidenciados, aquela que utiliza mais frequentemente a internet, na medida em que apresenta os valores mais elevados nas respostas que

evidenciam uma maior frequência (“diariamente” e “algumas vezes por semana”). Por outro lado, a classe etária que apresenta menores índices de utilização em praticamente todos os motivos de utilização da internet apresentados é claramente a classe com mais de 80 anos. De facto, existem itens (casos de “comprar comida”, “comprar outras coisas” e “fazer downloads”) em que todos os inquiridos nesta faixa etária responderam que “nunca” utilizavam a internet.

**Quadro 17 - Caracterização inerente à internet: Para que utiliza a internet, em função da idade**

		Idade em classes			Total	
		< 65	de 65 a 80	> 80		
Utiliza a internet para troca de informação	Nunca	n	51	52	0	103
		%	38,1%	36,6%	0,0%	36,5%
	Algumas vezes por ano	n	31	28	3	62
		%	23,1%	19,7%	50,0%	22,0%
	Algumas vezes por mês	n	11	27	0	38
		%	8,2%	19,0%	0,0%	13,5%
Algumas vezes por semana	n	24	29	3	56	
	%	17,9%	20,4%	50,0%	19,9%	
Diariamente	n	17	6	0	23	
	%	12,7%	4,2%	0,0%	8,2%	
Aprender/estudar	Nunca	n	32	52	0	84
		%	23,9%	36,6%	0,0%	29,8%
	Algumas vezes por ano	n	11	3	0	14
		%	8,2%	2,1%	,0%	5,0%
	Algumas vezes por mês	n	28	19	3	50
		%	20,9%	13,4%	50,0%	17,7%
Algumas vezes por semana	n	48	53	3	104	
	%	35,8%	37,3%	50,0%	36,9%	
Diariamente	n	15	15	0	30	
	%	11,2%	10,6%	0,0%	10,6%	
Obter informação sobre eventos	Nunca	n	35	69	3	107
		%	26,1%	48,6%	50,0%	37,9%
	Algumas vezes por ano	n	20	14	0	34
		%	14,9%	9,9%	0,0%	12,1%
	Algumas vezes por mês	n	37	14	0	51
		%	27,6%	9,9%	0,0%	18,1%
Algumas vezes por semana	n	30	34	3	67	
	%	22,4%	23,9%	50,0%	23,8%	
Diariamente	n	12	11	0	23	
	%	9,0%	7,7%	0,0%	8,2%	

(Cont.)

		Idade em classes			Total	
		< 65	de 65 a 80	> 80		
Obter outro tipo de informação como saúde	Nunca	n	46	43	3	92
		%	34,3%	30,9%	50,0%	33,0%
	Algumas vezes por ano	n	24	28	0	52
		%	17,9%	20,1%	0,0%	18,6%
	Algumas vezes por mês	n	24	15	3	42
		%	17,9%	10,8%	50,0%	15,1%
Algumas vezes por semana	n	35	48	0	83	
	%	26,1%	34,5%	0,0%	29,7%	
Diariamente	n	5	5	0	10	
	%	3,7%	3,6%	0,0%	3,6%	
Comprar comida	Nunca	n	128	139	6	273
		%	95,5%	97,9%	100,0%	96,8%
Algumas vezes por ano	n	6	3	0	9	
	%	4,5%	2,1%	0,0%	3,2%	
Comprar outras coisas	Nunca	n	111	131	3	245
		%	82,8%	92,3%	100,0%	87,8%
	Algumas vezes por ano	n	23	6	0	29
Jogar on-line com outras pessoas	Algumas vezes por ano	%	17,2%	4,2%	0,0%	10,4%
		n	0	5	0	5
	%	0,0%	3,5%	0,0%	1,8%	
Falar com outras pessoas através do chat	Nunca	n	120	126	3	249
		%	89,6%	88,7%	50,0%	88,3%
	Algumas vezes por ano	n	8	8	0	16
		%	6,0%	5,6%	0,0%	5,7%
Algumas vezes por mês	n	3	3	3	9	
	%	2,2%	2,1%	50,0%	3,2%	
Falar com outras pessoas através da câmara web	Nunca	n	90	111	3	204
		%	67,2%	78,2%	50,0%	72,3%
	Algumas vezes por ano	n	13	12	0	25
		%	9,7%	8,5%	0,0%	8,9%
	Algumas vezes por mês	n	20	8	0	28
%		14,9%	5,6%	0,0%	9,9%	
Algumas vezes por semana	n	11	3	3	17	
%	8,2%	2,1%	50,0%	6,0%		
Diariamente	n	0	8	0	8	
	%	0,0%	5,6%	0,0%	2,8%	
Falar com outras pessoas através da câmara web	Nunca	n	64	88	3	155
		%	47,8%	63,3%	50,0%	55,6%
	Algumas vezes por ano	n	32	12	0	44
%		23,9%	8,6%	0,0%	15,8%	
Algumas vezes por mês	n	14	19	3	36	
%	10,4%	13,7%	50,0%	12,9%		

		(Cont.)				
		Idade em classes			Total	
		< 65	de 65 a 80	> 80		
	Algumas vezes por semana	n	18	17	0	35
		%	13,4%	12,2%	0,0%	12,5%
	Diariamente	n	6	3	0	9
		%	4,5%	2,2%	0,0%	3,2%
Fazer downloads	Nunca	n	90	102	6	198
		%	67,2%	73,4%	100,0%	71,0%
	Algumas vezes por ano	n	16	27	0	43
		%	11,9%	19,4%	0,0%	15,4%
	Algumas vezes por mês	n	18	4	0	22
		%	13,4%	2,9%	0,0%	7,9%
Algumas vezes por semana	n	7	3	0	10	
	%	5,2%	2,2%	0,0%	3,6%	
Diariamente	n	3	3	0	6	
	%	2,2%	2,2%	0,0%	2,2%	

De acordo com o Quadro 18, verificamos que os inquiridos pertencentes às classes etárias com menos de 65 anos e de 65 a 80 anos, de uma forma geral, comunicam mais que os inquiridos pertencentes à classe etária com mais de 80 anos, na medida em que estas duas primeiras classes etárias apresentam, nos diversos grupos sociais apresentados, percentagens mais elevadas nas respostas com mais elementos e percentagens relativamente mais baixas nas respostas com menos elementos. Contudo, uma situação comum às três faixas etárias analisadas é a preferência em comunicar com “amigos e familiares próximos” e com “amigos e familiares distantes”, em detrimento de “familiares com que coabitam” e de “colegas de trabalho/estudo”.

**Quadro 18 - Caracterização inerente à internet: Com quem fala através da internet, em função da idade**

		Idade em classes			Total	
		< 65	de 65 a 80	> 80		
Famíliares com que coabitam	0	n	91	89	3	183
		%	72,8%	67,9%	50,0%	69,8%
	um a 3	n	30	34	0	64
		%	24,0%	26,0%	0,0%	24,4%
	quatro a 6	n	4	5	3	12
%		3,2%	3,8%	50,0%	4,6%	
sete a 9	n	0	3	0	3	
	%	0,0%	2,3%	0,0%	1,1%	
Amigos e familiares próximos	0	n	32	35	0	67
		%	24,4%	25,5%	0,0%	24,5%
	um a 3	n	34	47	6	87
		%	26,0%	34,3%	100,0%	31,8%
	quatro a 6	n	43	21	0	64
%		32,8%	15,3%	0,0%	23,4%	
sete a 9	n	0	17	0	17	
	%	0,0%	12,4%	0,0%	6,2%	
mais de 9	n	22	17	0	39	
	%	16,8%	12,4%	0,0%	14,2%	
Amigos e familiares distantes	0	n	49	44	3	96
		%	39,2%	32,1%	50,0%	35,8%
	um a 3	n	42	51	3	96
		%	33,6%	37,2%	50,0%	35,8%
	quatro a 6	n	16	17	0	33
%		12,8%	12,4%	0,0%	12,3%	
sete a 9	n	4	8	0	12	
	%	3,2%	5,8%	0,0%	4,5%	
mais de 9	n	14	17	0	31	
	%	11,2%	12,4%	0,0%	11,6%	
Colegas de trabalho/estudo	0	n	65	79	3	147
		%	50,8%	57,7%	50,0%	54,2%
	um a 3	n	23	28	3	54
		%	18,0%	20,4%	50,0%	19,9%
	quatro a 6	n	21	19	0	40
%		16,4%	13,9%	0,0%	14,8%	
sete a 9	n	3	8	0	11	
	%	2,3%	5,8%	0,0%	4,1%	
mais de 9	n	16	3	0	19	
	%	12,5%	2,2%	0,0%	7,0%	



A análise do Quadro 19 permite-nos verificar que os inquiridos pertencentes à classe etária com menos de 65 anos preferem utilizar a internet para comunicar com pessoas com quem “estão com alguma regularidade” (44,3%) e consideram que a internet “vem facilitar o contacto, mas não o altera” (34,9%). Por sua vez, os inquiridos pertencentes à classe etária dos 65 aos 80 anos preferem utilizar a internet para comunicar com pessoas com quem “estão poucas vezes” (40%) e consideram também que a internet “vem facilitar o contacto, mas não o altera” (44,8%). No que diz respeito aos inquiridos que fazem parte da classe etária com mais de 80 anos, as respostas não são muito distintas das respostas anteriores, com destaque para os 50% que consideram que a internet “vem estreitar a relação com as pessoas”.

**Quadro 19 - Caracterização inerente à internet: Vantagens da internet, em função da idade**

			Idade em classes			Total
			< 65	de 65 a 80	> 80	
Utiliza a internet para comunicar com pessoas com quem?	está muito raramente	n	12	43	0	55
		%	9,8%	34,4%	0,0%	21,7%
	está poucas vezes	n	47	50	3	100
		%	38,5%	40,0%	50,0%	39,5%
está com alguma regularidade	n	54	21	3	78	
	%	44,3%	16,8%	50,0%	30,8%	
está frequentemente	n	9	11	0	20	
	%	7,4%	8,8%	0,0%	7,9%	
Possibilidade de contacto pela internet	vem facilitar o contacto, mas não o altera	n	44	60	3	107
		%	34,9%	44,8%	50,0%	40,2%
	permite manter um relacionamento que, sem a internet, ficaria enfraquecido	n	20	17	0	37
		%	15,9%	12,7%	0,0%	13,9%
	vem permitir um contacto mais regular	n	38	32	0	70
%		30,2%	23,9%	0,0%	26,3%	
vem estreitar a relação com essas pessoas	n	24	25	3	52	
	%	19,0%	18,7%	50,0%	19,5%	

De acordo com o Quadro 20, verificamos que os inquiridos pertencentes às classes etárias com menos de 65 anos e de 65 a 80 anos consideram como

principais novidades trazidas pela internet: a “oportunidade de aprender algo novo”, o “contacto com família e amigos”, “uma forma de passar o tempo” e uma forma de se “manter informado”. Por sua vez, os inquiridos que constam da classe etária com mais de 80 anos consideram que, à semelhança das outras duas faixas etárias, de entre as novidades mais importantes aportadas pela internet se destacam a “oportunidade de aprender algo novo”, “uma forma de passar o tempo” e uma maneira de se “manter informado”. Adicionalmente, os inquiridos pertencentes a esta faixa etária também consideram muito importante os novos amigos que a internet lhes permitiu obter.

**Quadro 20 - Caracterização inerente à internet: O que a internet e o computador trouxeram de novo, em função da idade**

		Idade em classes			Total	
		< 65	de 65 a 80	> 80		
O que a internet e o computador lhe trouxeram de novo?	pessoas com quem falar	n	72	70	7	149
		%	48,0%	38,0%	58,3%	
	amigos	n	71	100	12	183
		%	47,3%	54,3%	100,0%	
	uma forma de passar o tempo	n	104	123	12	239
		%	69,3%	66,8%	100,0%	
	contacto com família e amigos	n	109	114	9	232
		%	72,7%	62,0%	75,0%	
	manter activo(a) na comunidade	n	71	94	10	175
		%	47,3%	51,1%	83,3%	
	manter informado(a)	n	88	116	12	216
		%	58,7%	63,0%	100,0%	
	resolver as coisas sem ajuda	n	53	51	6	110
%		35,3%	27,7%	50,0%		
sentimento de ser igual a todos	n	51	63	7	121	
	%	34,0%	34,2%	58,3%		
oportunidade de aprender algo novo	n	137	169	12	318	
	%	91,3%	91,8%	100,0%		

### 1.3 Caracterização inerente à confiança e solidariedade

No contexto da confiança e da solidariedade, o Quadro 21 permite-nos verificar que a esmagadora maioria dos inquiridos (83,7% do sexo masculino e 78,7% do sexo feminino) respondeu que a maior parte das pessoas da sua rede são confiáveis. Além disso, também se poderá constatar através da análise deste quadro que os inquiridos (quer do sexo masculino, quer do sexo feminino) consideram satisfatória a ajuda entre as pessoas da sua rede, na medida em que existe um número bastante reduzido de respostas “raramente se ajudam” e “nunca se ajudam” (uma pequena exceção são os 10,2% dos inquiridos do sexo masculino que respondeu que “raramente se ajudam”), se bem que as percentagens mais elevadas (em ambos os sexos) se encontrem apenas no item “ajudam-se às vezes” (com 42,6% para os inquiridos do sexo masculino e com 46,1% dos inquiridos do sexo feminino).

**Quadro 21 - Caracterização inerente à confiança e solidariedade: As pessoas da minha rede são ou não confiáveis, ajuda mútua entre as pessoas da rede, em função do sexo**

251

		Sexo			
		Masculino (n = 104)	Feminino (n = 230)	Total (n = 334)	
pensa que a maior parte das pessoas da sua rede são confiáveis	Sim	n	87	181	268
		%	83,7%	78,7%	80,2%
	Não	n	17	49	66
		%	16,3%	21,3%	19,8%
Como percebe a ajuda entre as pessoas da sua rede	prestam ajuda mútua sempre	n	24	33	57
		%	22,2%	13,6%	16,2%
	prestam ajuda mútua a maior parte das vezes	n	14	74	88
		%	13,0%	30,5%	25,1%
	ajudam-se às vezes	n	46	112	158
		%	42,6%	46,1%	45,0%
	raramente se ajudam	n	11	5	16
		%	10,2%	2,1%	4,6%
	nunca se ajudam	n	3	3	6
		%	2,8%	1,2%	1,7%
<i>Missing value</i>	n	10	16	26	
	%	9,3%	6,6%	7,4%	

Também no âmbito da confiança e da solidariedade, mas tendo agora em conta a idade verificamos, através do Quadro 22, que os inquiridos que mais confiam nas pessoas da sua rede pertencem à classe etária dos 65 aos 80 anos (com 82,4%). Em relação à forma como os inquiridos percebem a ajuda entre as pessoas da sua rede, também através da análise do mesmo quadro, constatamos que não existem diferenças muito significativas nas respostas dadas em função da faixa etária, ou seja, em qualquer das classes etárias analisadas existem percentagens relativamente baixas nas respostas “raramente se ajudam” e “nunca se ajudam” (exceção feita aos 7,1% dos inquiridos pertencentes à classe etária dos 65 aos 80 anos que respondeu “raramente se ajudam”), repartindo-se a maior parte das respostas nos itens que evidenciam um maior grau de cooperação (destaque-se, todavia, a elevada percentagem dos inquiridos pertencentes à faixa etária com mais de 80 anos que apenas respondeu que as pessoas da sua rede “ajudam-se à vezes” – 83,3%).

252

**Quadro 22 - Caracterização inerente à confiança e solidariedade: As pessoas da minha rede são ou não confiáveis, ajuda mútua entre as pessoas da rede, em função da idade**

			Idade em classes			Total
			< 65	de 65 a 80	> 80	
pensa que a maior parte das pessoas da sua rede são confiáveis	Sim	n	114	145	9	268
		%	78,1%	82,4%	75,0%	80,2%
	Não	n	32	31	3	66
		%	21,9%	17,6%	25,0%	19,8%
Como percebe a ajuda entre as pessoas da sua rede	prestam ajuda mútua sempre	n	22	33	2	57
		%	14,2%	17,9%	16,7%	16,2%
	prestam ajuda mútua a maior parte das vezes	n	43	45	0	88
		%	27,7%	24,5%	0,0%	25,1%
	ajudam-se às vezes	n	73	75	10	158
		%	47,1%	40,8%	83,3%	45,0%
	raramente se ajudam	n	3	13	0	16
	%	1,9%	7,1%	0,0%	4,6%	
nunca se ajudam	n	3	3	0	6	
	%	1,9%	1,6%	0,0%	1,7%	
<i>Missing value</i>	n	11	15	0	26	
	%	7,1%	8,2%	0,0%	7,4%	

#### *1.4 Caracterização de acordo com o tipo de rede social pessoal*

Os resultados apresentados nos quadros seguintes dizem respeito a um conjunto de informação associada às características da Rede de Apoio Social Pessoal, concretamente no que diz respeito às suas características estruturais, funcionais e contextuais.

##### *Características estruturais da Rede de Apoio Social percebida*

Como podemos verificar pelo Quadro 23, as redes de apoio dos seniores estudados são relativamente pequenas, apresentando, em média 6 elementos, sendo que 248 indivíduos afirmam ter entre 1 a 5 pessoas na sua rede de suporte social, correspondendo a 71% dos indivíduos da amostra estudada. Os restantes indivíduos distribuem-se pelos intervalos considerados. A moda corresponde às redes de 3 elementos correspondentes a 83 dos casos estudados (24% dos indivíduos).

253

Quanto à composição, podemos verificar que metade das redes dos sujeitos da amostra (50%) são formadas por relações familiares, seguindo-se as que são compostas por “Relações familiares e de Amizade” com 25% dos casos.

Destaca-se o facto de se terem verificado 12 casos (3%) onde coexistiam todos os quadrantes.

Caso consideremos outro tipo de categorização para a composição da rede, podemos dizer com certeza que são as redes primárias aquelas que se apresentam como predominantes, ou seja, redes onde se encontram vínculos com base em afinidades afectivas fora do quadro institucional. Se agruparmos neste tipo de redes a família, os amigos e vizinhos, a nossa amostra apresenta essencialmente redes primárias ( $n = 274, 78\%$ ). Se

considerarmos os vínculos ligados ao trabalho e/ou estudo como vínculos informais, podemos dizer que 6% dos sujeitos da amostra apresentam configurações das suas redes que juntam a rede primária com a rede secundária informal. Por fim, se consideramos as relações formais, sendo constituídas pelas relações das pessoas com instituições, teremos que 16% dos sujeitos apresentam redes que unem as redes primárias às redes secundárias formais.

Se atendermos à distribuição por quadrantes, a amostra apresenta-se-nos redes com um ou dois quadrantes (52% e 35% respectivamente).

Reportando-nos agora à densidade apresentada pelas redes dos sujeitos da amostra, e tendo em conta que esta permite avaliar o grau de conexão entre os membros que as constituem, podemos classificá-las em coesas, fragmentadas ou dispersas. As redes apresentadas pela nossa amostra são na sua grande maioria coesas (79%) e atingem níveis de densidade máximos em 72% dos casos, sendo que apenas 21 redes coesas não apresentam esses níveis, estando entre os 70 e os 99% inclusive.

254

**Quadro 23 – Características estruturais da Rede de Apoio Pessoal**

		n	% Válida	Medidas Descritivas
Tamanho da rede em classes	1 a 5 elementos	248	70,7	Média = 5,74
	5 a 10 elementos	64	18,2	DP = 4,30
	11 a 15 elementos	21	6,0	Min = 1 Max = 20
	16 a 20 elementos	18	5,1	Moda = 3

		Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Tamanho dos quadrantes da Rede	Relações familiares	12,52	27,97	0,00	100
	Relações de Amizade	2,13	6,60	0,00	66,67
	Relações de Vizinhaça	0,05	0,32	0,00	3

	Cont.	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
	Relações de Trabalho e/ou Estudo	0,41	1,54	0,00	8
	Relações Institucionais	0,21	0,52	0,00	2
Proporção ocupada pelos quadrantes no tamanho da Rede (%)	Relações familiares	61,83	37,69	0,00	100
	Relações de Amizade	19,28	27,21	0,00	100
Proporção ocupada pelos quadrantes no tamanho da rede (cont.)	Relações de Vizinhança	1,09	6,263	0,00	50
	Relações de Trabalho e/ou Estudo	3,52	11,31	0,00	70
	Relações Institucionais	4,30	10,49	0,00	50

255

		n	% Válida
Composição da Rede (classificação intermédia)	Rede Familiar	175	49,9
	Rede com Relações Familiares e de Amizade	87	24,8
	Rede com Relações Familiares e de Vizinhança	3	0,9
	Rede com Relações Familiares, de Amizade e Institucionais	12	3,4
	Rede com Relações Familiares, de Amizade, de Vizinhança e Institucionais	3	0,9
	Todos quadrantes	12	3,4
	Rede com Relações Familiares, de Amizade e de Trabalho e/ou Estudo	11	3,1
	Rede com Relações Familiares, de Trabalho e/ou Estudo e Institucionais	3	0,9

256

		Cont.	n	% Válida
	Rede com Relações Familiares e Institucionais		24	6,8
	Rede de Amigos		6	1,7
	Rede com Relações Familiares, de Vizinhança e Institucionais		3	0,9
	Rede com Relações de Amizade e de Trabalho e/ou Estudo		9	2,6
	Rede com Relações de Amizade e de Vizinhança		3	0,9
Tipo de Rede quanto à composição	Rede Familiar		175	49,9
	Rede Primária		99	28,2
	Rede primária e secundária informal		20	5,7
	Rede primária e secundária formal		57	16,2
Distribuição: Quantidade de Quadrantes	Rede com 1 quadrante		184	52,4
	Rede com 2 quadrantes		123	35,0
	Rede com 3 quadrantes		32	9,1
	Rede com 4 quadrantes		12	3,4

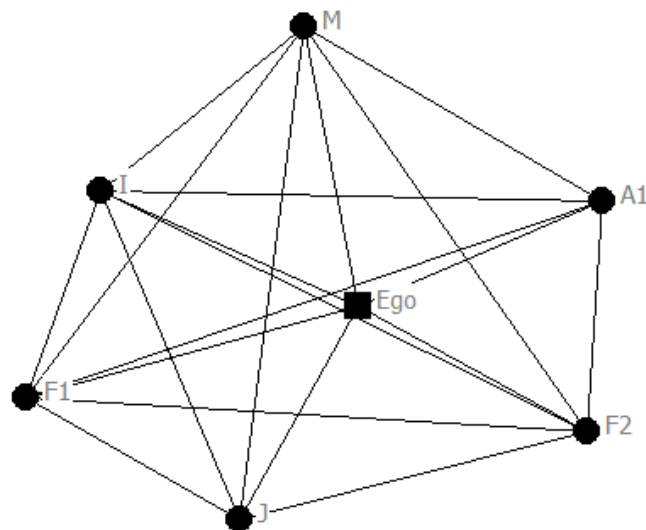
				Medidas Descritivas
		n	% Válida	
Densidade	Rede dispersa	50	14,2	Média = 3,38 DP = 1,11 Min = 1 Max = 4 Moda = 4
	Rede fragmentada	24	6,8	
Cont.		n	% Válida	
Densidade (cont.)	Rede coesa	21	6,0	
	Rede coesa (100)	256	72,9	
Nível de Densidade	<30	50	14,2	
	de 30 a 69	24	6,8	
	de 70 a 99	21	6,0	
	100	256	72,9	



### *Configurações da densidade da rede*

O desenho das redes pessoais permite verificar qualitativamente a disposição dos membros em relação à pessoa central bem como entre si, independentemente desta. Apresentamos de seguida algumas configurações típicas e atípicas que decorreram da análise dos sujeitos da nossa amostra.

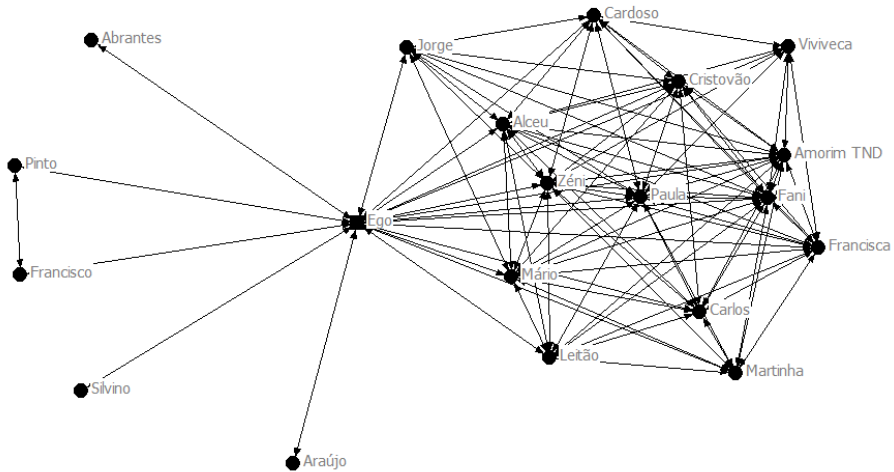
A rede do caso 8 (Figura 6) representa uma configuração estrutural típica das redes apresentadas pela nossa amostra. Exibe 6 elementos (que corresponde ao tamanho médio encontrado nas redes pessoais dos sujeitos da amostra), é uma rede coesa que apresenta 100% de densidade, configuração apresentada por 72% dos casos da amostra e é uma rede familiar, detida por mais de metade dos sujeitos da amostra em estudo.



**Figura 6 - Representação da rede do caso 8**

A rede do caso 161 (Figura 7) representa uma configuração bastante diferente daquelas que são apresentadas pela maioria dos elementos da amostra. Começamos por ter, em termos de composição, um número

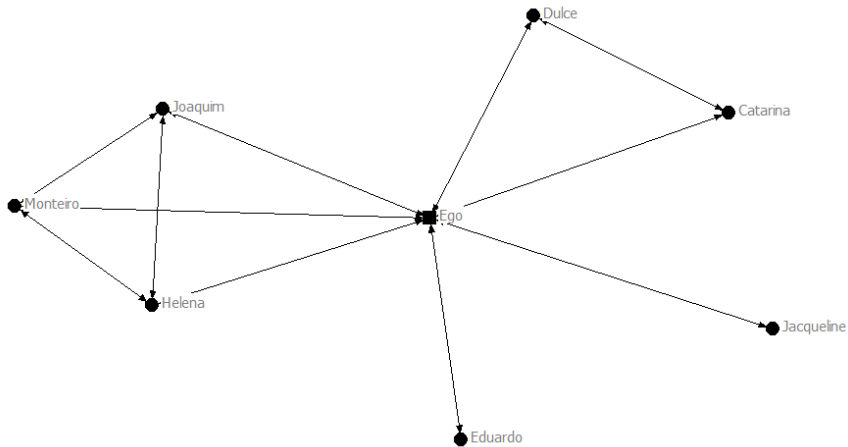
bastante elevado de elementos (19 elementos) ligados entre si na sua maioria (apenas 5 elementos não estão ligados entre si). Em termos de densidade apresenta uma densidade moderada (44%) justificada pelos membros que apenas se relacionam com o sujeito central.



**Figura 7 - Representação da rede do caso 161**

Passamos agora a expor alguns casos de redes fragmentadas e redes dispersas que, embora em percentagens muito reduzidas, são apresentadas por alguns elementos da amostra em estudo.

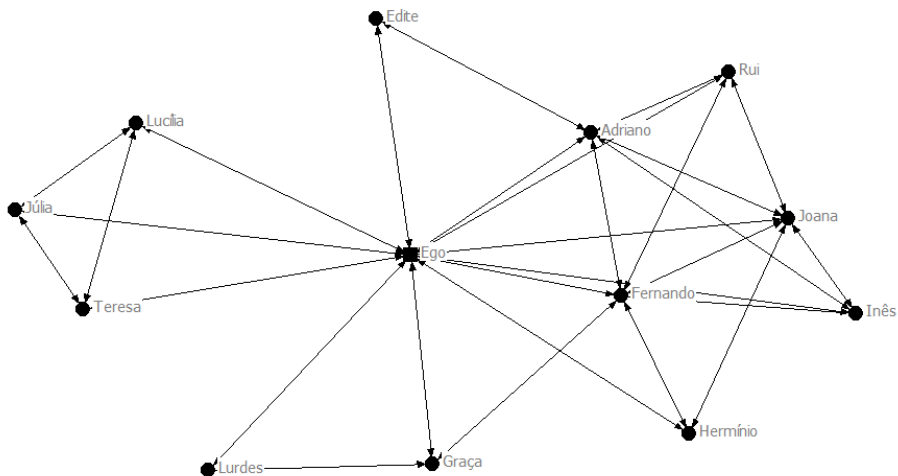
O caso 32 representa uma rede fragmentada, apresentando um nível de densidade de 47%, constituindo-se o sujeito central a única ponte entre os fragmentos, que representam claramente a distinção entre a rede familiar e a rede de amizade.



**Figura 8 - Representação da rede do caso 32**

Já a rede apresentada pelo caso 65 apresenta uma fragmentação com mais “pontes” entre os quadrantes que representam a família, os amigos e vizinhos e as relações institucionais.

259



**Figura 9 - Representação da rede do caso 65**

A rede apresentada pelo caso 281 (Figura 10) é caracterizada por vários elementos que apenas tem um elo de ligação com o sujeito central.

Caracteriza-se por ser uma rede dispersa, onde grande número de indivíduos não se conhece entre si.

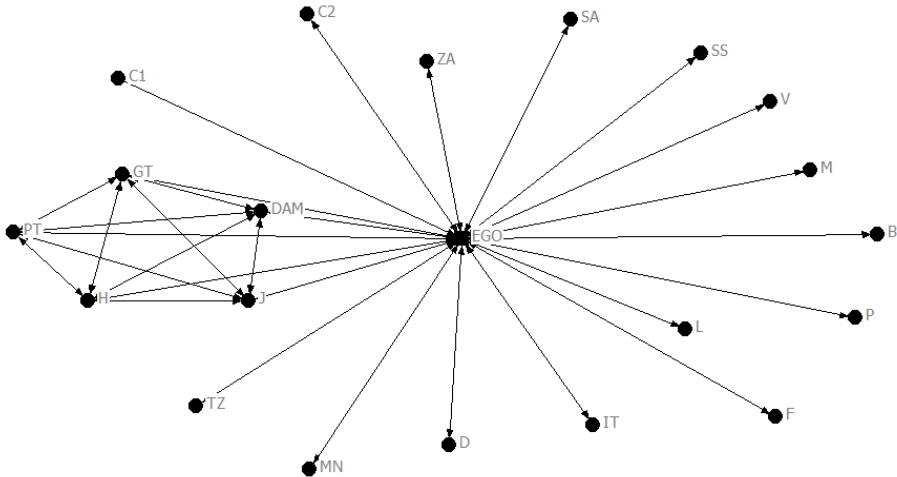


Figura 10 - Representação da rede do caso 281

260

O caso 299 (Figura 11) é um caso singular pois não apresenta nenhum elemento ligado entre si independentemente do sujeito central. Neste tipo de rede dispersa o único elo de ligação entre os indivíduos é o Ego.

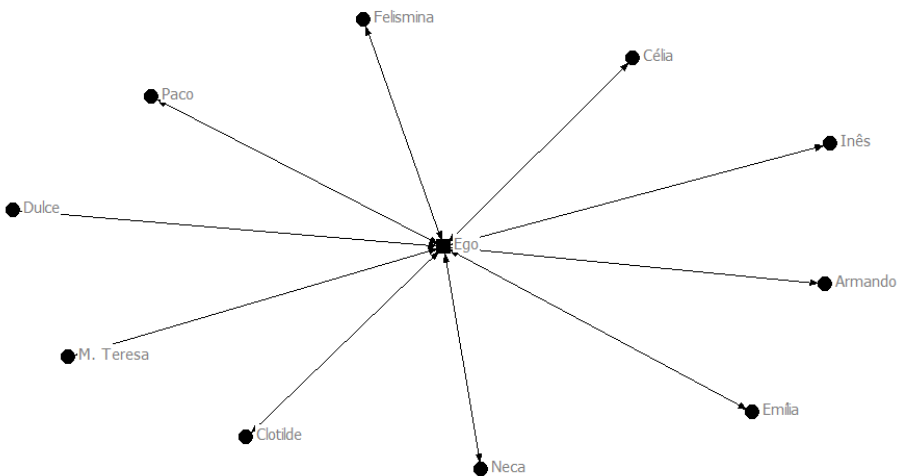


Figura 11 - Representação da rede do caso 299

### *Características funcionais da Rede de Apoio Social percebida*

Analisando o Quadro 24 podemos verificar que a maior parte da amostra afirma que a frequência do suporte emocional é muitíssimo elevada em 38,7% dos casos, seguida da frequência de companhia social que é moderada em 43,9% dos casos. 31,1% dos elementos da amostra afirma não ter nenhum suporte material e/ou instrumental da sua rede. A frequência de suporte informativo é sentida como muito frequente em 37,6% dos respondentes. Se nos reportarmos à reciprocidade do apoio, podemos afirmar que a grande maioria dos elementos constituintes da amostra (68,1%) dá apoio à maior parte dos membros da rede, ficando apenas uma pequena percentagem de elementos que afirma não dar qualquer apoio (1,7%).

**Quadro 24 - Frequência do suporte social na rede e reciprocidade**

		n	%	Medidas Descritivas
Frequência de suporte emocional	Nenhum	37	10,5	Média = 3,79
	Pouco	19	5,4	DP = 1,30
	Moderado	60	17,1	Min = 1
	Muito	99	28,2	Max = 5
	Muitíssimo	136	38,7	Moda = 5
Frequência de suporte material e/ou instrumental	Nenhum	109	31,1	Média = 2,97
	Pouco	18	5,1	DP = 1,54
	Moderado	77	21,9	Min = 1
	Muito	70	19,9	Max = 5
	Muitíssimo	77	21,9	Moda = 1
Frequência de suporte informativo	Nenhum	18	5,1	Média = 3,40
	Pouco	37	10,5	DP = 0,99
	Moderado	124	35,3	Min = 1
	Muito	132	37,6	Max = 5
	Muitíssimo	40	11,4	Moda = 4
Frequência de companhia social	Nenhum	19	5,4	Média = 3,35
	Pouco	27	7,7	DP = 0,96
	Moderado	154	43,9	Min = 1
	Muito	114	32,5	Max = 5
	Muitíssimo	37	10,5	Moda = 3
		n	%	
Reciprocidade funcional na rede	Dá apoio à maior parte dos membros da rede	239	68,1	
	Dá apoio a alguns membros da rede	103	29,3	
	Dá apoio a poucos membros da rede	3	0,9	
	Não dá apoio a nenhum membro da rede	6	1,7	

*Características contextuais da Rede de Apoio Social percebida*

No que respeita às características contextuais da rede de apoio, ressalta o facto de 82,9% dos elementos da amostra afirmar que já conhecia os

componentes da sua rede antes da utilização das TIC, sendo que o tipo de contacto que tem com eles é feito de ambas as formas, mas mais presencial do que virtual (59,8%). Afirmam, os respondentes, que contactam com os elementos da sua rede algumas vezes por semana e que a não houve grandes modificações no tamanho e composição da sua rede com a introdução das TIC no seu quotidiano.

**Quadro 25 - TIC como intermediário de contacto, tipo de contacto, frequência do contacto e mudança percebida**

		n	%	Medidas Descritivas
TIC como intermediário de contacto	Conheceu com TIC	3	0,9	Média = 2,82
	Recuperou com TIC	57	16,2	DP = 0,41 Moda = 3
	Já existiam antes das TIC	291	82,9	Min = 1 Max = 3
Tipo de contacto	presencial	85	24,2	Média = 2,53
	virtual	26	7,4	DP = 0,95
	Ambos mais presencial	210	59,8	Min = 1 Max = 4
	Ambos mais virtual	30	8,5	Moda = 3
Frequência de contactos	Diariamente	27	7,7	Média = 2,57
	Algumas vezes por semana	164	46,7	DP = 0,96
	Semanalmente	118	33,6	Min = 1
	Algumas vezes por mês	18	5,1	Max = 5
	Algumas vezes por ano	24	6,8	Moda = 2
Mudança percebida na rede	aproximadamente o mesmo	204	58,1	Média = 1,51
	pouco maior	114	32,5	DP = 0,66 Moda = 1
	muito maior	33	9,4	Min = 1 Max = 3

#### 4. Análise Inferencial

Após a análise descritiva dos dados obtidos, passamos de seguida à análise inferencial dos mesmos. Procederemos assim, através do estudo dos efeitos das variáveis independentes (Alfabetização e Utilização das TIC, traduzida por: Tempo a que é utilizador do computador, tempo em média que utiliza o computador por dia, quantos e-mails enviou em média no último mês, quantos e-mails recebeu em média no último mês, utiliza a internet para comunicar com e o que o contacto através da internet altera) sobre a variável dependente da nossa investigação (capital social, traduzido pela dimensão estrutural, funcional e contextual da rede), à verificação da validade dos objectivos propostos.

264

Como procedimentos estatísticos utilizamos o teste paramétrico – *Teste One-Way ANOVA* – em virtude de este poder ser usado quando as variáveis em estudo têm uma distribuição tendencialmente normal, ou no caso de amostras grandes ( $n \approx 100$ ), fazendo apelo ao teorema do limite central, quando a relação entre as variáveis é basicamente linear e as duas variáveis são medidas numa escala continua, e o coeficiente de correlação nominal de Spearman para medir a associação entre a ordenação das variáveis em estudo. Para a concretização da análise inferencial, foram considerados os objectivos citados anteriormente (Laureano, 2011).

Obj. 1 – Analisar a influência do nível de alfabetização dos seniores sobre o capital sociocultural dos mesmos.

Das várias características da alfabetização, estudamos apenas a influência da variável “nível de ensino” sobre dimensão estrutural, funcional e contextual da rede de apoio, visto existir uma consonância nos vários estudos consultados de traduzir o capital social no conjunto de relações sociais verificadas nas redes de apoio cujas características são as supra citadas.



### *Alfabetização versus Dimensão estrutural da rede de apoio*

De forma a encontrar resultados mais consistentes reestruturámos os dados colhidos, relativos à alfabetização dos seniores, ficando com três níveis de alfabetização com os seguintes elementos: 90 seniores com o Ensino Básico (grupo A), 100 seniores com o Ensino Secundário (grupo B) e 158 seniores com o Ensino Superior (grupo C). Considera-se, ainda, a dimensão estrutural da rede de apoio como constituída pelo tamanho, a densidade e a diversidade desta.

Observando o efeito da variável alfabetização, a generalidade dos resultados obtidos é de não verificação de efeitos significativos desta variável sobre a dimensão estrutural das redes de apoio, uma das características inerentes ao Capital sociocultural (Quadro 26). As análises de variância realizadas apenas revelam a existência de um efeito bastante significativo sobre o factor “Diversidade da Rede” ( $F = 4,55$ ;  $p = 0,01$ ).

265

Para este factor da dimensão estrutural da rede de apoio, o procedimento Tukey assinala diferenças muito significativas entre as médias da alfabetização dos seniores do grupo B – Ensino Secundário (Média = 1,48) e do grupo A – Ensino Básico (Média = 1,82; Tukey = 0,008). Estes resultados indiciam-nos que os seniores do grupo B apresentam redes com diversidade de quadrantes mais baixas do que os seniores do grupo A, isto é, os seniores do grupo A mostram redes com pelo menos dois dos seus quadrantes preenchidos. Já os seniores do grupo B apenas exibem um dos quadrantes da sua rede preenchido.

**Quadro 26 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável alfabetização sobre a dimensão estrutural das redes de apoio**

Dimensão estrutural	Alfabetização	<i>n</i>	Média	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Tamanho da Rede	A. Ens. Básico	90	5,48	4,23	0,067	0,69	0,50	
	B. Ens. Secundário	100	5,58	3,87				
	C. Ens. Superior	158	6,70	4,58				
Densidade da Rede	A. Ens. Básico	90	81,66	34,62	0,019	1,32	0,27	
	B. Ens. Secundário	100	88,18	28,02				
	C. Ens. Superior	158	82,54	31,02				
Diversidade da Rede	A. Ens. Básico	90	1,82	1,01	0,0	4,55	0,01	B<A P = 0,008
	B. Ens. Secundário	100	1,48	0,61				
	C. Ens. Superior	158	1,64	0,72				

266

#### *Alfabetização versus Dimensão funcional da rede de apoio*

A dimensão funcional da rede de apoio é aqui apresentada pela análise dos seguintes factores: apoio emocional; apoio material e instrumental; apoio informativo e companhia social, medidos numa escala que varia entre o 1 (nenhum) e o 5 (muitíssimo), e a reciprocidade de apoio avaliada numa escala que vai do 1 (dá apoio à maior parte das pessoas) até ao 4 (não dá apoio a nenhuma destas pessoas).

Segundo a análise do Quadro 27, não existem evidências estatísticas para se afirmar que a dimensão funcional da rede de apoio seja significativamente diferente entre os três grupos de seniores distribuídos pelos níveis de alfabetização. Se analisarmos factor a factor podemos concluir que, o apoio emocional apresenta um  $F = 0,86$  e um  $p = 0,42$ , o apoio

material/instrumental um  $F = 0,65$  e um  $p = 0,53$ , o apoio informativo um  $F = 2,33$  e um  $p = 0,1$  e a companhia social um  $F = 2,25$  e um  $p = 0,11$ , ou seja, nenhum destes factores é influenciado pelo nível de alfabetização dos indivíduos em estudo. De facto, o apoio emocional é percebido por todos os grupos de seniores como muito recebido, sendo os restantes percebidos como moderadamente recebidos por todos os grupos de indivíduos.

**Quadro 27 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável alfabetização sobre a dimensão funcional das redes de apoio**

Dimensão funcional	Alfabetização	<i>n</i>	Média	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Apoio emocional	A. Ens. Básico	90	3,79	1,34	0,592	0,86	0,42	
	B. Ens. Secundário	100	3,61	1,25				
	C. Ens. Superior	158	3,83	1,30				
Apoio material/inst rumental	A. Ens. Básico	90	3,05	1,37	0,014	0,65	0,53	
	B. Ens. Secundário	100	2,90	1,42				
	C. Ens. Superior	158	2,83	1,56				
Apoio informativo	A. Ens. Básico	90	3,45	0,96	0,016	2,33	0,1	
	B. Ens. Secundário	100	3,25	0,77				
	C. Ens. Superior	158	3,20	1,07				
Companhia Social	A. Ens. Básico	90	3,55	0,82	0,425	2,25	0,11	
	B. Ens. Secundário	100	3,33	0,91				
	C. Ens. Superior	158	3,31	0,94				

*Alfabetização versus Dimensão contextual da rede de apoio*

Na análise da dimensão contextual da rede de apoio teremos em conta os factores relacionados com as TIC, tais como: TIC como intermediário de

contacto; Tipo de contacto; Frequência de contacto, medidos numa escala que varia entre o 1 (nenhum) e o 5 (muitíssimo). Além disso analisaremos ainda o factor “Mudança percebida no tamanho da rede”.

Analisando o Quadro 28 podemos concluir que existem evidências estatísticas significativas no que diz respeito à influência da alfabetização na utilização das TIC como intermediárias dos contactos ( $F = 9,15$  e  $p = 0,00$ ) e na frequência com que os contactos são efectuados ( $F = 6,28$  e  $p = 0,002$ ). De facto, ressalta o facto de que nos dois casos os seniores com habilitações ao nível do ensino superior utilizam mais as TIC como intermediárias do contacto que os seniores dos dois outros grupos e fazem-no com maior frequência.

**Quadro 28 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável alfabetização sobre a dimensão contextual das redes de apoio**

Dimensão contextual	Alfabetização	<i>n</i>	Média	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
TIC como intermediário de contacto	A. Ens. Básico	90	2,72	0,43	0,000	<b>9,15</b>	<b>0,00</b>	<b>C&gt;A</b>
	B. Ens. Secundário	100	2,70	0,52				<b>P = 0,002</b>
	C. Ens. Superior	158	2,90	0,29				<b>C&gt;B</b>
							<b>P = 0,001</b>	
Tipo de contacto	A. Ens. Básico	90	2,40	0,95	0,320	0,56	0,57	
	B. Ens. Secundário	100	2,47	0,92				
	C. Ens. Superior	158	2,53	0,91				
Frequência de contactos	A. Ens. Básico	90	2,18	0,89	0,602	<b>6,28</b>	<b>0,002</b>	<b>C&gt;A</b>
	B. Ens. Secundário	100	2,45	0,84				<b>P = 0,001</b>
	C. Ens. Superior	158	2,61	0,99				

Para a análise da relação entre a alfabetização, a reciprocidade de apoio e a mudança percebida no tamanho da rede tivemos que nos socorrer do teste ao coeficiente de correlação ordinal de *Spearman*, uma vez que quer a alfabetização, quer a reciprocidade de apoio, quer a mudança percebida no tamanho da rede são variáveis qualitativas ordinais e se pretende testar se a relação entre as duas variáveis existe.

O teste realizado revelou, segundo o Quadro 29, a existência de relação entre a variável reciprocidade na rede e a mudança percebida no tamanho da rede ( $\rho_{(351)} = 0,447$ ,  $p = 0,000$ ). Para a variável alfabetização não existem quaisquer evidências estatísticas para se afirmar a relação da mesma com as outras duas variáveis.

Como podemos verificar através da análise mais pormenorizada do Quadro 28, verifica-se a concordância entre as variáveis em estudo, já que segundo o coeficiente de correlação há medida que a reciprocidade na rede aumenta o tamanho percebido também aumenta e vice-versa.

269

**Quadro 29 – Coeficiente de correlação ordinal de *Spearman* entre a alfabetização, a reciprocidade de apoio e a mudança percebida no tamanho da rede de apoio**

	Reciprocidade de apoio	Alfabetização	Mudança percebida na rede
Reciprocidade de apoio	1,000	-0,075	0,447**
Alfabetização		1,000	0,011
Mudança percebida na rede			1,000

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Em síntese, e no diz respeito à influência do nível de alfabetização dos seniores sobre o capital sociocultural dos mesmos, podemos dizer que apenas se encontram evidências estatísticas a comprovarem esta influência no que respeita à diversidade da rede no caso dos seniores com alfabetização de nível básico, às TIC enquanto intermediárias do contacto

no caso dos seniores com nível superior de ensino e à frequência dos contactos.

Obj. 2 – Avaliar a relação entre a utilização do computador e o capital sociocultural dos seniores.

No que respeita à utilização do computador vamos estudar apenas a influência das variáveis “Tempo a que é utilizador do computador” e “Tempo em média que utiliza o computador por dia” sobre dimensão estrutural, funcional e contextual da rede de apoio.

#### *Utilização do computador versus Dimensão estrutural da rede de apoio*

270

Quanto ao efeito da variável “utilização do computador”, no que diz respeito ao tempo a que é utilizador do computador, sobre a dimensão estrutural da rede de apoio, pelas análises de variância (Quadro 30) encontramos diferenças muito significativas nos factores: *tamanho da rede* ( $F=7,42$ ,  $p=0,00$ ), *densidade da rede* ( $F=3,82$ ,  $p=0,01$ ) e *diversidade da rede* ( $F=8,89$ ,  $p=0,00$ ). Após aplicação do teste Post-Hoc de Tukey verificamos que: no factor *tamanho da rede* existe uma diferença muito significativa entre o grupo C (Média = 6,60) e o grupo A (Média = 4,03, Tukey = 0,000) e entre o grupo D (Média = 5,74) e o grupo A (Média = 4,03, Tukey = 0,000), sugerindo que quanto maior é o tempo de uso do computador maior será o tamanho da rede apresentada pelos seniores; no factor *densidade da rede* existe uma diferença significativa entre A (Média = 92,82) e D (Média = 77,44, Tukey = 0,007) demonstrando que em termos de densidade esta varia na razão inversa do tempo a que é utilizador do computador. Na *diversidade* existe uma diferença muito significativa verificando-se uma maior diversidade nos grupos B, C e D (Média = 1,78; 1,73 e 1,74 respectivamente) em relação ao grupo A (Média = 1,24, Tukey = 0,000 em todos os casos), sugerindo que quanto maior é o tempo a que é utilizador

do computador maior será a diversidade apresentada pela rede.

Se tivermos em conta o tempo médio que utiliza o computador por dia (Quadro 31) encontramos diferenças significativas nos factores: *tamanho da rede* ( $F=6,10$ ,  $p=0,00$ ), *densidade da rede* ( $F=3,42$ ,  $p=0,02$ ) e *diversidade da rede* ( $F=7,35$ ,  $p=0,00$ ). Analisando o teste de Tukey apura-se que no factor *tamanho da rede* existe uma diferença muito significativa entre o grupo B (Média = 6,48) e o grupo A (Média = 4,71, Tukey = 0,001), que nos conduz ao facto de afirmarmos que os seniores que utilizam em média mais horas por dia o computador têm uma rede maior; o factor *densidade da rede* apresenta-nos uma diferença ligeiramente significativa entre o grupo A (Média = 89,19) e o grupo C (Média = 72,52, Tukey = 0,021) sugerindo que a densidade varia, mais uma vez, na razão inversa da utilização média por dia do computador. No que respeita à *diversidade da rede* encontramos diferenças muito significativas entre os grupos B e C (Média = 1,70 e 2,06 respectivamente) e o grupo A (Média = 1,43, Tukey = 0,014 e 0,000 respectivamente) que nos leva a concluir que a diversidade é maior nos casos de maior utilização em média por dia do computador.

271

Desta forma, a generalidade dos resultados obtidos é de confirmação de efeitos significativos da variável “utilização do computador” sobre a dimensão estrutural da rede de apoio. Verificamos, com valores estatisticamente muito significativos ( $P<0.01$ ), que o grupo de seniores que o utiliza o computador há mais de um ano e em média mais de uma hora por dia, apresentam, no total, redes maiores e mais diversificadas do que aqueles que o utilizam há menos de um ano e em média menos de uma hora por dia.

**Quadro 30 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Tempo a que é utilizador do computador sobre a dimensão estrutural das redes de apoio**

Dimensão estrutural	Tempo de utilização do computador	<i>n</i>	Média	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Tamanho da Rede	A. menos de 1 ano	78	4,03	2,38	0,000	7,42	0,00	C>A
	B. entre 1 e 2 anos	81	5,31	2,89				P = 0,000
	C. entre 2 e 5 anos	99	6,60	5,18				D>A
	D. mais de 5 anos	93	5,74	5,04				P = 0,000
Densidade da Rede	A. menos de 1 ano	78	92,82	24,25	0,000	3,82	0,01	A>D
	B. entre 1 e 2 anos	81	85,94	28,40				P = 0,007
	C. entre 2 e 5 anos	99	81,87	33,08				
	D. mais de 5 anos	93	77,44	34,72				
Diversidade da Rede	A. menos de 1 ano	78	1,24	0,51	0,000	8,89	0,00	B>A
	B. entre 1 e 2 anos	81	1,78	0,95				P = 0,000
	C. entre 2 e 5 anos	99	1,73	0,75				C>A
	D. mais de 5 anos	93	1,74	0,76				P = 0,000
								D>A
								P = 0,000



**Quadro 31 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Tempo em média que utiliza o computador por dia sobre a dimensão estrutural das redes de apoio**

Dimensão estrutural	Tempo de utilização em média por dia	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Tamanho da Rede	A. menos de 1 hora	136	4,71					
	B. entre 1 e 3 horas	176	6,48					<b>B&gt;A</b>
	C. entre 3 e 5 horas	36	6,39		0,000	<b>6,10</b>	<b>0,00</b>	<b>P = 0,001</b>
	D. mais de 5 horas	3	1					
Densidade da Rede	A. menos de 1 hora	136	89,19					
	B. entre 1 e 3 horas	176	82,21					<b>A&gt;C</b>
	C. entre 3 e 5 horas	36	72,52		0,000	<b>3,42</b>	<b>0,02</b>	<b>P = 0,021</b>
	D. mais de 5 horas	3	100					
Diversidade da Rede	A. menos de 1 hora	136	1,43					<b>B&gt;A</b>
	B. entre 1 e 3 horas	176	1,70					<b>P = 0,014</b>
	C. entre 3 e 5 horas	36	2,06		0,038	<b>7,35</b>	<b>0,00</b>	<b>C&gt;A</b>
	D. mais de 5 horas	3	2					<b>P = 0,000</b>

273

*Utilização do computador versus Dimensão funcional da rede de apoio*

Relativamente ao efeito do “tempo a que é utilizador do computador” na dimensão funcional da rede de apoio verifica-se um efeito significativo

desta variável sobre todos os factores constituintes desta dimensão (Quadro 32). Pela aplicação do teste Post-Hoc de Tukey, verificamos que as diferenças se encontram entre os seniores que utilizam o computador há menos de um ano, apresentando estes, valores nos diferentes tipos de apoio superiores aos seniores que utilizam o computador há mais tempo.

Em relação ao efeito da variável “tempo em média que utiliza o computador por dia” na dimensão funcional da rede de apoio verificamos que os valores médios de utilização são, na generalidade, muito semelhantes entre os vários grupos. Porém, as análises de variância assinalam um efeito ligeiramente significativo ( $p < 0,05$ ) em um factor: no *apoio material/instrumental* ( $F = 4,38$ ,  $p = 0,01$ ). Pela aplicação dos testes Post-Hoc de Tukey verificamos que neste factor existe uma diferença ligeiramente significativa entre os seniores que utilizam em média menos tempo o computador por dia (Média grupo A = 3,06, Tukey grupo  $A > C = 0,002$  e Média grupo B = 2,93, Tukey grupo  $B > C = 0,008$ ), sugerindo que os seniores que utilizam em média o computador menos horas por dia apresentam mais apoio material/instrumental que os seniores que utilizam mais o computador por dia.

**Quadro 32 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Tempo a que é utilizador do computador sobre a dimensão funcional das redes de apoio**

Dimensão funcional	Tempo de utilização do computador	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Apoio emocional	A. menos de 1 ano	78	4,28	1,31	0,823	<b>7,19</b>	<b>0,00</b>	<b>A&gt;B</b>
	B. entre 1 e 2 anos	81	3,71	1,33				<b>P = 0,041</b>
	C. entre 2 e 5 anos	99	3,82	1,19				<b>A&gt;D</b>
	D. mais de 5 anos	93	3,35	1,24				<b>P = 0,000</b>
Apoio material/instrumental	A. menos de 1 ano	78	3,38	1,67	0,001	<b>7,36</b>	<b>0,00</b>	<b>A&gt;B</b>
	B. entre 1 e 2 anos	81	2,69	1,37				<b>P = 0,014</b>
	C. entre 2 e 5 anos	99	3,10	1,34				<b>A&gt;D</b>
	D. mais de 5 anos	93	2,44	1,38				<b>P = 0,000</b>
								<b>C&gt;D</b>
								<b>P = 0,008</b>
Apoio informativo	A. menos de 1 ano	78	3,49	1,15	0,002	2,97	0,03	
	B. entre 1 e 2 anos	81	3,10	1,04				
	C. entre 2 e 5 anos	99	3,34	0,96				
	D. mais de 5 anos	93	3,13	0,76				
Companhia Social	A. menos de 1 ano	78	3,54	1,21	0,000	<b>5,35</b>	<b>0,00</b>	<b>A&gt;B</b>
	B. entre 1 e 2 anos	81	3,15	1,03				<b>P = 0,043</b>
	C. entre 2 e 5 anos	99	3,56	0,70				<b>C&gt;B</b>
	D. mais de 5 anos	93	3,17	0,68				<b>P = 0,015</b>
								<b>C&gt;D</b>
								<b>P = 0,016</b>

**Quadro 33 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Tempo em média que utiliza o computador por dia sobre a dimensão funcional das redes de apoio**

Dimensão funcional	Tempo de utilização em média por dia	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Apoio emocional	A. menos de 1 hora	136	3,99	1,20	0,055	2,40	0,07	
	B. entre 1 e 3 horas	176	3,64	1,36				
	C. entre 3 e 5 horas	36	3,62	1,30				
	D. mais de 5 horas	3	3	0				
Apoio material/instrumental	A. menos de 1 hora	136	3,06	1,53	0,001	4,38	0,01	A>C
	B. entre 1 e 3 horas	176	2,93	1,46				P =
	C. entre 3 e 5 horas	36	2,08	1,12				0,002
	D. mais de 5 horas	3	3	0				B>C
		P = 0,008						
Apoio informativo	A. menos de 1 hora	136	3,29	1,10	0,005	0,43	0,73	
	B. entre 1 e 3 horas	176	3,22	0,94				
	C. entre 3 e 5 horas	36	3,39	0,76				
	D. mais de 5 horas	3	3	0				
Companhia Social	A. menos de 1 hora	136	3,26	1,20	0,000	1,99	0,12	
	B. entre 1 e 3 horas	176	3,47	0,73				
	C. entre 3 e 5 horas	36	3,18	0,52				
	D. mais de 5 horas	3	3	0				

### *Utilização do computador versus Dimensão contextual da rede de apoio*

Em relação à influência da variável “tempo de utilização do computador” sobre a dimensão contextual da rede de apoio (Quadro 34), podemos constatar que seniores que utilizam há menos de um ano o computador se diferenciam na maioria dos factores de forma estatisticamente significativa, dos seniores que utilizam o computador há mais tempo, sugerindo que os sujeitos que apresentam menor tempo de utilização do computador apresentam uma dimensão contextual mais efectiva. Quanto à variável “tempo em média que utiliza o computador por dia” (Quadro 35), a mesma diferença é confirmada estatisticamente pelos resultados encontrados nos factores: *TIC como intermediário de contacto* ( $F=4,43$ ,  $p=0,00$ ) e *Frequência de contactos* ( $F=5,88$ ,  $p=0,00$ ).

**Quadro 34 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Tempo a que é utilizador do computador sobre a dimensão contextual das redes de apoio**

Dimensão contextual	Tempo de utilização do computador	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
TIC como intermediário de contacto	A. menos de 1 ano	78	2,90	0,29	0,000	4,17	0,01	A>B
	B. entre 1 e 2 anos	81	2,71	0,52				P =
	C. entre 2 e 5 anos	99	2,84	0,27				0,014
	D. mais de 5 anos	93	2,74	0,49				A>D
								P = 0,039
Tipo de contacto	A. menos de 1 ano	78	2,78	0,89	0,001	5,87	0,00	A>C
	B. entre 1 e 2 anos	81	2,47	0,82				P = 0,000
	C. entre 2 e 5 anos	99	2,21	0,98				D>C
	D. mais de 5 anos	93	2,56	0,93				P = 0,039
Frequência de contactos	A. menos de 1 ano	78	2,70	1,18	0,014	3,54	0,02	A>B
	B. entre 1 e 2 anos	81	2,30	0,77				P = 0,034
	C. entre 2 e 5 anos	99	2,33	0,79				A>C
	D. mais de 5 anos	93	2,57	0,98				P = 0,048

**Quadro 35 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Tempo em média que utiliza o computador por dia sobre a dimensão contextual das redes de apoio**

Dimensão contextual	Tempo de utilização em média por dia	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
TIC como intermediário de contacto	A. menos de 1 hora	136	2,82	0,43	0,075	4,43	0,00	A>D
	B. entre 1 e 3 horas	176	2,80	0,37				P =
	C. entre 3 e 5 horas	36	2,72	0,46				0,003
	D. mais de 5 horas	3	2	0				B>D
							P = 0,004	
							C>D	
							P = 0,017	
Tipo de contacto	A. menos de 1 hora	136	2,46	0,90	0,021	1,37	0,25	
	B. entre 1 e 3 horas	176	2,46	0,94				
	C. entre 3 e 5 horas	36	2,75	1,02				
	D. mais de 5 horas	3	3	0				
Frequência de contactos	A. menos de 1 hora	136	2,71	1	0,079	5,88	0,00	A>B
	B. entre 1 e 3 horas	176	2,34	0,91				P = 0,003
	C. entre 3 e 5 horas	36	2,42	0,72				A>C
	D. mais de 5 horas	3	3	0				P = 0,008

Para a análise da relação entre a utilização do computador, a reciprocidade de apoio e a mudança percebida no tamanho da rede tivemos que nos socorrer, mais uma vez, do teste ao coeficiente de correlação ordinal de

*Spearman*, uma vez que todas as variáveis são variáveis qualitativas ordinais e se pretende testar se a relação entre as duas variáveis existe.

O teste realizado revelou, segundo o Quadro 36, a existência de relação entre a variável reciprocidade na rede e a mudança percebida no tamanho da rede ( $\rho_{(351)} = 0,447, p = 0,000$ ), entre a reciprocidade do apoio e o tempo em média que utiliza o computador por dia ( $\rho_{(351)} = 0,105, p = 0,049$ ), mudança percebida no tamanho da rede e tempo a que é utilizador do computador ( $\rho_{(351)} = 0,177, p = 0,001$ ) e mudança percebida no tamanho da rede e tempo em média que utiliza o computador por dia ( $\rho_{(351)} = 0,163, p = 0,002$ ).

Como podemos verificar através da análise mais pormenorizada do Quadro 36, verifica-se a concordância entre as variáveis em estudo, já que segundo o coeficiente de correlação há medida que uma aumenta as outras variam no mesmo sentido e vice-versa.

280

**Quadro 36 - Coeficiente de correlação ordinal de Spearman entre a utilização do computador, a reciprocidade de apoio e a mudança percebida no tamanho da rede de apoio**

	Reciprocidade na rede	Mudança percebida na rede	Tempo a que é utilizador do computador	Tempo em média utiliza o computador por dia
Reciprocidade na rede	1,000	0,447**	0,104	0,105*
Mudança percebida na rede		1,000	0,177**	0,163**
Tempo a que é utilizador do computador			1,000	0,368**
Tempo em média utiliza o computador por dia				1,000

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).



Em síntese, e no diz respeito à influência da utilização do computador pelos seniores sobre o capital sociocultural dos mesmos, podemos afirmar que se encontram evidências estatísticas a comprovarem esta influência no que respeita às três dimensões analisadas.

Obj. 3 – Avaliar a relação entre a utilização do e-mail e o capital sociocultural dos seniores.

No que respeita à utilização do e-mail vamos estudar apenas a influência das variáveis “Quantos e-mails mandou aos seus amigos e parentes no último mês” e “Quantos e-mails recebeu dos seus amigos e parentes no último mês” sobre dimensão estrutural, funcional e contextual da rede de apoio.

#### *Utilização do e-mail versus Dimensão estrutural da rede de apoio*

De forma a encontrar resultados mais consistentes reestruturámos os dados colhidos, relativos à utilização do e-mail, ficando com três níveis de e-mails enviados e quatro níveis de e-mails recebidos, com os seguintes elementos: menos de 10 e-mails enviados (grupo A), de 10 a 50 e-mails enviados (grupo B) e mais de 50 e-mails enviados (grupo C). No que respeita aos e-mails recebidos ficamos com menos de 10 e-mails recebidos (grupo A), de 10 a 50 e-mails recebidos (grupo B), de 51 a 100 e-mails recebidos (grupo C) e mais de 100 e-mails recebidos (grupo D).

Analisando o efeito da variável utilização do e-mail, no que respeita à quantidade de e-mails enviados no último mês, sobre a dimensão estrutural da rede de apoio podemos encontrar, segundo o Quadro 37, diferenças muito significativas no que diz respeito ao Tamanho da rede ( $F = 5,31$ ,  $p = 0,01$ ). Após a aplicação do teste Post-hoc de Tuckey verificamos que a diferença encontrada se traduz no facto da média apresentada pelo grupo C (Média = 6,51) ser bastante maior do que a média apresentada pelo

grupo A (Média = 5,43, Tukey = 0,006) o que nos leva a concluir que o tamanho da rede é maior quanto mais e-mails forem enviados por mês.

Se tivermos em atenção os e-mails recebidos no último mês (Quadro 38) não encontramos diferenças significativas nos factores apresentados.

**Quadro 37 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Quantos e-mails enviou no último mês sobre a dimensão estrutural das redes de apoio**

Dimensão estrutural	Qt. E-mails enviou no último mês	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Tamanho da Rede	A. menos de 10	93	5,43	3,58				<b>C&gt;A</b>
	B. de 10 a 50	101	6,87	5,55	0,00	<b>5,31</b>	<b>0,01</b>	<b>P = 0,006</b>
	C. Mais de 50	32	6,51	5,81				
Densidade da Rede	A. menos de 10	93	79,77	31,27				
	B. de 10 a 50	101	80,80	35,43	0,152	0,45	0,64	
	C. Mais de 50	32	74,32	37,36				
Diversidade da Rede	A. menos de 10	93	1,67	0,63				
	B. de 10 a 50	101	1,78	0,81	0,207	1,63	0,12	
	C. Mais de 50	32	1,94	0,91				

**Quadro 38 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Quantos e-mails recebeu no último mês sobre a dimensão estrutural das redes de apoio**

Dimensão estrutural	Qt. E-mails recebeu no último mês	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Tamanho da Rede	A. menos de 10	61	6,39	4,07	0,126	2,73	0,05	
	B. de 10 a 50	105	5,75	4,89				
	C. de 51 a 100	29	8,38	5,86				
	D. mais de 100	31	7,58	5,51				
Densidade da Rede	A. menos de 10	61	82,98	28,68	0,000	2,71	0,05	
	B. de 10 a 50	105	82,50	33,27				
	C. de 51 a 100	29	65,27	42,24				
	D. mais de 100	31	75,52	35,25				
Diversidade da Rede	A. menos de 10	61	1,77	0,59	0,018	2,37	0,07	
	B. de 10 a 50	105	1,67	0,76				
	C. de 51 a 100	29	1,69	0,81				
	D. mais de 100	31	2,10	0,94				

*Utilização do e-mail versus Dimensão funcional da rede de apoio*

Analisando o efeito da utilização do e-mail na dimensão funcional da rede de apoio verificamos que, para a variável “Quantos e-mails enviou no

último mês”, existem diferenças significativas no factor *Apoio informativo* ( $F = 3,92$ ,  $p = 0,02$ ). Segundo o Quadro 39, estas diferenças são apresentadas entre os grupos B e A, apresentando o grupo B uma média superior (Média = 3,26) ao grupo A (Média = 2,94, Tukey = 0,036) o que indica que os seniores que enviam mais e-mails percebem um maior apoio informativo da sua rede.

No que diz respeito à variável relativa ao número de e-mails recebidos no último mês, encontramos diferenças significativas em todos os factores apresentados no Quadro 40. Após uma análise pormenorizada dos valores apresentados podemos concluir que os seniores que receberam entre 10 a 50 e-mails no último mês percebem um maior apoio, de qualquer dos tipos de apoio, da sua rede.

**Quadro 39 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Quantos e-mails enviou no último mês sobre a dimensão funcional das redes de apoio**

Dimensão funcional	Qt. E-mails enviou no último mês	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Apoio emocional	A. menos de 10	93	3,55	1,28				
	B. de 10 a 50	101	3,73	1,25	0,782	1,14	0,32	
	C. Mais de 50	32	3,37	1,21				
Apoio material/instrumental	A. menos de 10	93	2,57	1,45				
	B. de 10 a 50	101	2,71	1,32	0,024	0,28	0,76	
	C. Mais de 50	32	2,62	1,14				
Apoio informativo	A. menos de 10	93	2,94	1,12				<b>B&gt;A</b>
	B. de 10 a 50	101	3,26	0,68	0,000	<b>3,92</b>	<b>0,02</b>	<b>P = 0,036</b>
	C. Mais de 50	32	3,32	0,60				
Companhia Social	A. menos de 10	93	3,10	0,99				
	B. de 10 a 50	101	3,28	0,70	0,029	1,22	0,30	
	C. Mais de 50	32	3,24	0,58				

**Quadro 40 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Quantos e-mails recebeu no último mês sobre a dimensão funcional das redes de apoio**

Dimensão funcional	Qt. E-mails recebeu no último mês	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Apoio emocional	A. menos de 10	61	3,54	1,35	0,071	4,35	0,01	B>C
	B. de 10 a 50	105	3,87	1,95				P =
	C. de 51 a 100	29	2,98	1,35				0,004
	D. mais de 100	31	3,41	0,95				
Apoio material/instrumental	A. menos de 10	61	2,53	1,41	0,000	3,37	0,02	B>C
	B. de 10 a 50	105	2,80	1,35				P = 0,023
	C. de 51 a 100	29	2	1,40				D>C
	D. mais de 100	31	2,92	0,94				P = 0,039
Apoio informativo	A. menos de 10	61	2,88	1,11	0,000	4,75	0,00	B>A
	B. de 10 a 50	105	3,29	0,84				P = 0,020
	C. de 51 a 100	29	2,84	0,63				
	D. mais de 100	31	3,38	0,55				
Companhia social	A. menos de 10	61	3,06	0,95	0,125	3,84	0,01	B>C
	B. de 10 a 50	105	3,36	0,72				P = 0,017
	C. de 51 a 100	29	2,85	0,94				
	D. mais de 100	31	3,28	0,60				

### *Utilização do e-mail versus Dimensão contextual da rede de apoio*

Em relação à influência da variável utilização do e-mail sobre a dimensão contextual da rede de apoio, e no que respeita ao número de e-mails enviados no último mês, podemos aferir que o Quadro 41 nos apresenta diferenças significativas na influência desta variável sobre o factor *TIC como intermediário de contacto* ( $F = 3,27$ ,  $p = 0,004$ ). Após a aplicação do teste de Tukey verificamos que o grupo C possui uma média superior ao grupo B (Média = 2,93 e Média = 2,70 respectivamente, Tukey = 0,030) o que nos indica que quanto mais e-mails enviados maior será a utilização das TIC por parte dos seniores da amostra como intermediário de contacto.

Quanto à variável "Quantos e-mails recebeu no último mês", as diferenças significativas apresentadas no Quadro 42 reportam-se aos factores *Tipo de contacto* ( $F = 4,84$ ,  $p = 0,00$ ) e *Frequência de contacto* ( $F = 3,36$ ,  $p = 0,02$ ). Segundo os testes de Tukey podemos verificar que os seniores que receberam menor quantidade de e-mails são aqueles que apresentam um tipo de contacto e uma frequência de contacto mais efectiva, já que a média do grupo A nos dois factores é sempre maior do que as médias dos restantes grupos.

**Quadro 41 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Quantos e-mails enviou no último mês sobre a dimensão contextual das redes de apoio**

Dimensão contextual	Qt. E-mails enviou no último mês	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
TIC como intermediário de contacto	A. menos de 10	93	2,76	0,50	0,000	<b>3,27</b>	<b>0,04</b>	<b>C&gt;B</b> <b>P = 0,030</b>
	B. de 10 a 50	101	2,70	0,43				
	C. Mais de 50	32	2,93	0,20				
Tipo de contacto	A. menos de 10	93	2,56	0,89	0,000	2,00	0,14	
	B. de 10 a 50	101	2,63	0,87				
	C. Mais de 50	32	2,26	1,16				
Frequência de contacto	A. menos de 10	93	2,52	0,96	0,152	0,55	0,58	
	B. de 10 a 50	101	2,39	0,83				
	C. Mais de 50	32	2,47	0,79				

**Quadro 42 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Quantos e-mails recebeu no último mês sobre a dimensão contextual das redes de apoio**

Dimensão contextual	Qt. E-mails recebeu no último mês	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
TIC como intermediário de contacto	A. menos de 10	61	2,84	0,36	0,000	2,40	0,07	
	B. de 10 a 50	105	2,72	0,44				
	C. de 51 a 100	29	2,62	0,67				
	D. mais de 100	31	2,85	0,24				
Tipo de contacto	A. menos de 10	61	2,53	0,88	0,000	<b>4,84</b>	<b>0,00</b>	<b>A&gt;D</b> <b>P = 0,049</b> <b>B&gt;D</b> <b>P = 0,001</b>
	B. de 10 a 50	105	2,72	0,83				
	C. de 51 a 100	29	2,55	0,92				
	D. mais de 100	31	2,01	1,17				
Frequência do contacto	A. menos de 10	61	2,69	1,02	0,007	<b>3,36</b>	<b>0,02</b>	<b>A&gt;B</b> <b>P = 0,030</b>
	B. de 10 a 50	105	2,31	0,85				
	C. de 51 a 100	29	2,65	0,89				
	D. mais de 100	31	2,31	0,48				



O teste do coeficiente de correlação ordinal de Spearman revelou, segundo o Quadro 43, a inexistência de relação significativa entre as variáveis reciprocidade na rede e mudança percebida na rede e a utilização do e-mail.

**Quadro 43 - Coeficiente de correlação ordinal de Spearman entre a utilização do e-mail, a reciprocidade de apoio e a mudança percebida no tamanho da rede de apoio**

	Reciprocidade na rede	Mudança percebida na rede	Quantos e-mail enviou em média	Quantos e-mail recebeu em média
Reciprocidade na rede	1,000	,447**	-,121	,012
Mudança percebida na rede		1,000	,098	,085
Quantos e-mail enviou em média			1,000	,742**
Quantos e-mail recebeu em média				1,000

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Em síntese, e no diz respeito à influência da utilização do e-mail pelos seniores sobre o capital sociocultural dos mesmos, podemos afirmar que se encontram evidências estatísticas a comprovarem esta influência no que respeita aos seguintes factores: tamanho da rede, Apoio emocional, material, informativo e companhia social, TIC como intermediário de contacto, tipo de contacto e frequência do contacto. Não existe relação significativa entre a utilização do e-mail e a reciprocidade do apoio, nem a mudança percebida da rede.

289

Obj. 4 – Avaliar a relação entre a utilização da internet e o capital sociocultural dos seniores.

No que respeita à utilização da internet vamos estudar apenas a influência das variáveis “Utiliza a internet para comunicar com pessoas com quem...” e “O que a possibilidade de contacto através da internet altera” sobre dimensão estrutural, funcional e contextual da rede de apoio.

### *Utilização da internet versus Dimensão estrutural da rede de apoio*

Tendo em conta a análise efectuada ao Quadro 44, podemos afirmar que o efeito da variável "Utiliza a internet para comunicar com..." sobre a dimensão estrutural da rede de apoio vai no sentido de apontar diferenças significativas no que respeita a todos os factores que constituem esta dimensão. Em relação ao factor *Tamanho da rede* verificamos que os seniores que apresentam uma regularidade no contacto utilizam mais a internet como mediadora do contacto o que faz crescer a sua rede de contactos do que aqueles que estão raramente com os indivíduos da sua rede (Média grupo B = 6,94; Média grupo C = 6,88; Média grupo A = 3,89; Tukey B>A = 0,000; Tukey C>A = 0,001).

Se analisarmos o factor *Densidade da rede* verificamos que o grupo que apresenta valores mais baixos é o grupo C (Média = 69,86) levando a concluir que os seniores que estão regularmente com os elementos da sua rede utilizam menos a internet como mediadora do contacto e têm redes menos densas que os outros grupos.

Se nos reportarmos ao factor *Diversidade da rede* atestamos exactamente o contrário. O grupo C é o grupo com valores mais altos (Média = 2,04) o que nos leva a pensar que os seniores com um contacto regular com os elementos da sua rede utilizam a internet como mediadora do contacto e, por isso, possuem uma maior diversidade no que respeita aos quadrantes da sua rede pessoal.

No Quadro 45 podemos verificar a influência da variável "O que o contacto através da internet altera" sobre a dimensão estrutural da rede de apoio. Apuramos que apenas no factor *Tamanho da rede* se encontram diferenças estatisticamente significativas, já que o grupo D apresenta uma média significativamente superior aos restantes grupos (Média = 9,13) levando à conclusão de que o tamanho da rede é influenciado pelo contacto

efectuado através da internet pois este vem estreitar as relações existentes aumentando desta forma o tamanho da rede social pessoal dos indivíduos da amostra.

**Quadro 44 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Utiliza a internet para comunicar com... sobre a dimensão estrutural das redes de apoio**

Dimensão estrutural	Utiliza a internet para comunicar com...	n	$\bar{M}$	DP	Levene	F	p	Post-hoc (Tukey)
Tamanho da Rede	A. está muito raramente	55	3,89	1,70	0,000	7,44	0,00	B>A
	B. está poucas vezes	100	6,94	5,06				P = 0,000
	C. está com alguma regularidade	78	6,88	5,36				C>A
	D. está frequentemente	20	4,35	2,13				P = 0,001
Densidade da Rede	A. está muito raramente	55	85,81	32,59	0,000	5,61	0,00	A>C
	B. está poucas vezes	100	84,30	29,93				P = 0,029
	C. está com alguma regularidade	78	69,86	38,91				B>C
	D. está frequentemente	20	98	6,16				P = 0,019
								D>C P = 0,004
Diversidade da Rede	A. está muito raramente	55	1,42	0,60	0,103	9,75	0,00	C>A
	B. está poucas vezes	100	1,65	0,59				P = 0,000
	C. está com alguma regularidade	78	2,04	0,90				C>B
	D. está frequentemente	20	1,45	0,69				P = 0,002
								C>D P = 0,006

**Quadro 45 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável O que a possibilidade de contacto através da internet altera sobre a dimensão estrutural das redes de apoio**

Dimensão estrutural	O que o contacto através da internet altera	n	$\bar{M}$	DP	Levene	F	p	Post-hoc (Tukey)
Tamanho da Rede	A. facilita o contacto, mas não altera	107	4,93	3,21	0,000	12,1	0,00	D>A
	B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	5,84	3,74				P = 0,000
	C. permite um contacto mais regular	70	5,24	3,77				D>B
	D. vem estreitar as relações	52	9,13	6,70				P = 0,002
								D>C P = 0,000
Densidade da Rede	A. facilita o contacto, mas não altera	107	85,06	29,61	0,000	2,77	0,05	
	B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	88,92	28,30				
	C. permite um contacto mais regular	70	80,80	32,40				
	D. vem estreitar as relações	52	71,29	40,61				
Diversidade da Rede	A. facilita o contacto, mas não altera	107	1,61	0,67	0,001	0,84	0,48	
	B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	1,78	0,58				
	C. permite um contacto mais regular	70	1,67	0,76				
	D. vem estreitar as relações	52	1,77	0,94				

### *Utilização da internet versus Dimensão funcional da rede de apoio*

Em relação ao efeito da variável “Utiliza a internet para comunicar com...” na dimensão funcional da rede de apoio verificamos que em relação ao factor *Apoio emocional* não se encontram diferenças estatisticamente significativas (Quadro 46). Porém, as análises de variância assinalam um efeito significativo ( $p < 0,01$  e  $p < 0,02$ ) nos seguintes factores: no *apoio material/instrumental* ( $F = 3,64$ ,  $p = 0,01$ ), no *Apoio informativo* ( $F = 3,20$ ,  $p = 0,02$ ) e na *Companhia Social* ( $F = 4,11$ ,  $p = 0,01$ ). Pela aplicação dos testes Post-Hoc de Tukey verificamos que no primeiro factor existe uma diferença significativa entre os seniores que estão poucas vezes e frequentemente com os indivíduos da sua rede e os que estão com alguma regularidade (Média grupo B = 2,95, Tukey grupo B>C = 0,029 e Média do grupo D = 3,27, Tukey grupo D>C = 0,048), sugerindo que os seniores que estão poucas vezes e frequentemente com as pessoas da sua rede apresentam mais apoio material/instrumental que os seniores que estão com alguma regularidade com elas. No segundo factor existe uma diferença significativa entre os seniores que têm um contacto frequente com os elementos da sua rede e os que estão com alguma regularidade (Média grupo D = 3,66, Tukey grupo D>C = 0,035). No último factor verifica-se uma diferença significativa entre os seniores que estão poucas vezes e frequentemente com os indivíduos da sua rede e os que estão com alguma regularidade (Média grupo B = 3,44, Tukey grupo B>C = 0,021 e Média do grupo D = 3,65, Tukey grupo D>C = 0,029).

Relativamente ao efeito da variável “O que o contacto através da internet altera” na dimensão funcional da rede de apoio verifica-se um efeito significativo desta variável sobre todos os factores constituintes desta dimensão (Quadro 47). Pela aplicação do teste Post-Hoc de Tukey, verificamos que as diferenças se encontram entre os seniores que afirmam

que a internet facilita o contacto mas não o altera, apresentando estes, valores nos diferentes tipos de apoio superiores aos seniores que afirmam que a internet seria indispensável à manutenção das relações.

**Quadro 46 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Utiliza a internet para comunicar com... sobre a dimensão funcional das redes de apoio**

Dimensão funcional	Utiliza a internet para comunicar com...	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
Apoio emocional	A. está muito raramente	55	3,79	1,35	0,553	1,28	0,28	
	B. está poucas vezes	100	3,59	1,34				
	C. está com alguma regularidade	78	3,53	1,19				
	D. está frequentemente	20	4,09	1,21				
Apoio material/instrumental	A. está muito raramente	55	2,80	1,51	0,211	3,64	0,01	B>C
	B. está poucas vezes	100	2,95	1,38				P = 0,029
	C. está com alguma regularidade	78	2,38	1,23				D>C
	D. está frequentemente	20	3,27	1,36				P = 0,048
Apoio informativo	A. está muito raramente	55	3,37	0,99	0,182	3,20	0,02	D>C
	B. está poucas vezes	100	3,17	0,91				P = 0,035
	C. está com alguma regularidade	78	3,04	0,88				
	D. está frequentemente	20	3,66	0,63				
Companhia social	A. está muito raramente	55	3,27	1,17	0,000	4,11	0,01	B>C
	B. está poucas vezes	100	3,44	0,62				P = 0,021
	C. está com alguma regularidade	78	3,09	0,71				D>C
	D. está frequentemente	20	3,65	0,66				P = 0,029

**Quadro 47 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável O que a possibilidade de contacto através da internet altera sobre a dimensão funcional das redes de apoio**

Dimensão funcional	O que o contacto através da internet altera	n	$\bar{M}$	DP	Levene	F	p	Post-hoc (Tukey)
Apoio emocional	A. facilita o contacto, mas não altera	107	4,10	1,16	0,004	6,53	0,00	<b>A&gt;B</b>
	B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	3,48	0,90				<b>P = 0,041</b>
	C. permite um contacto mais regular	70	3,55	1,39				<b>A&gt;C</b>
	D. vem estreitar as relações	52	3,30	1,21				<b>P = 0,019</b>
								<b>A&gt;D</b> <b>P = 0,001</b>
Apoio material/instrumental	A. facilita o contacto, mas não altera	107	3,28	1,40	0,063	<b>9,67</b>	<b>0,00</b>	<b>A&gt;C</b>
	B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	3,03	1,13				<b>P = 0,001</b>
	C. permite um contacto mais regular	70	2,49	1,3				<b>A&gt;D</b>
	D. vem estreitar as relações	52	2,21	1,35				<b>P = 0,000</b>
								<b>B&gt;D</b> <b>P = 0,021</b>
Apoio informativo	A. facilita o contacto, mas não altera	107	3,42	0,86	0,855	<b>5,51</b>	<b>0,00</b>	<b>A&gt;C</b>
	B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	3,42	0,90				<b>P = 0,009</b>
	C. permite um contacto mais regular	70	3,00	0,88				<b>A&gt;D</b>
	D. vem estreitar as relações	52	2,97	0,72				<b>P = 0,013</b>
Companhia social	A. facilita o contacto, mas	107	3,56	0,77	0,866	<b>9,87</b>	<b>0,00</b>	<b>A&gt;C</b>

não altera					
B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	3,47	0,75		<b>P = 0,000</b>
C. permite um contacto mais regular	70	3,02	0,85		<b>A&gt;D</b>
D. vem estreitar as relações	52	2,99	0,83		<b>P = 0,000</b>
					<b>B&gt;C</b>
					<b>P = 0,031</b>
					<b>B&gt;D</b>
					<b>P = 0,029</b>

### *Utilização da internet versus Dimensão contextual da rede de apoio*

Em relação ao efeito da variável “Utiliza a internet para comunicar com...” na dimensão contextual da rede de apoio verificamos que não se encontram diferenças estatisticamente significativas em relação a todos os factores apresentados (Quadro 48).

296

Se tivermos em conta o que a possibilidade de contacto através da internet possibilita (Quadro 49) encontramos diferenças significativas no factor *Tipo de contacto* ( $F=6,45$ ,  $p=0,00$ ). Analisando o teste de Tukey apura-se que neste factor existe uma diferença significativa entre o grupo A (Média = 2,37) e o grupo D (Média = 2,88, Tukey = 0,006), entre o grupo C (Média = 2,66) e o grupo B (Média = 2,13, Tukey = 0,022) e entre o grupo D (Média = 2,88) e o grupo B (Média = 2,13, Tukey = 0,001) sugerindo que a utilização da internet facilita o contacto, permitindo um contacto mais regular mas não é considerada indispensável para que este se efective.



**Quadro 48 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável Utiliza a internet para comunicar com... sobre a dimensão contextual das redes de apoio**

Dimensão contextual	Utiliza a internet para comunicar com...	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
TIC como intermediário de contacto	A. está muito raramente	55	2,73	0,55	0,021	0,71	0,55	
	B. está poucas vezes	100	2,76	0,42				
	C. está com alguma regularidade	78	2,76	0,42				
	D. está frequentemente	20	2,89	0,24				
Tipo de contacto	A. está muito raramente	55	2,53	0,92	0,126	2,60	0,05	
	B. está poucas vezes	100	2,45	0,88				
	C. está com alguma regularidade	78	2,70	0,92				
	D. está frequentemente	20	2,1	1,02				
Frequência de contacto	A. está muito raramente	55	2,39	1,05	0,032	1,65	0,18	
	B. está poucas vezes	100	2,28	0,67				
	C. está com alguma regularidade	78	2,57	0,89				
	D. está frequentemente	20	2,45	0,95				

**Quadro 49 - Resultados dos valores médios, análises de variância e testes de Tukey da variável O que a possibilidade de contacto através da internet altera sobre a dimensão contextual das redes de apoio**

Dimensão contextual	O que o contacto através da internet altera	<i>n</i>	$\bar{M}$	<i>DP</i>	Levene	<i>F</i>	<i>p</i>	Post-hoc (Tukey)
TIC como intermediário de contacto	A. facilita o contacto, mas não altera	107	2,85	0,32	0,000	2,22	0,09	
	B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	2,66	0,50				
	C. permite um contacto mais regular	70	2,74	0,52				
	D. vem estreitar as relações	52	2,76	0,43				
Tipo de contacto	A. facilita o contacto, mas não altera	107	2,37	0,91	0,039	6,45	0,00	A>D
	B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	2,13	0,93				P = 0,006
	C. permite um contacto mais regular	70	2,66	0,92				C>B
	D. vem estreitar as relações	52	2,88	0,85				P = 0,022
								D>B P = 0,001
Frequência de contacto	A. facilita o contacto, mas não altera	107	2,35	0,86	0,521	1,51	0,21	
	B. permite um relacionamento que sem a internet ficaria enfraquecido	37	2,25	0,72				
	C. permite um contacto mais regular	70	2,60	0,95				
	D. vem estreitar as relações	52	2,42	1,02				

O teste do coeficiente de correlação ordinal de Spearman revelou, segundo o Quadro 50, a existência de relação significativa entre as variáveis reciprocidade na rede e mudança percebida na rede e a possibilidade de contacto pela internet, verificando-se a concordância entre as variáveis em estudo, já que segundo o coeficiente de correlação há medida que uma aumenta as outras variam no mesmo sentido e vice-versa.

**Quadro 50 - Coeficiente de correlação ordinal de Spearman entre a utilização da internet, a reciprocidade de apoio e a mudança percebida no tamanho da rede de apoio**

	Utiliza a internet para comunicar com pessoas com quem?	Possibilidade de contacto pela internet	Reciprocidade na rede	Mudança percebida na rede
Utiliza a internet para comunicar com pessoas com quem?	1,000	0,103	0,065	0,077
Possibilidade de contacto pela internet		1,000	0,149*	0,318**
Reciprocidade na rede			1,000	0,447**
Mudança percebida na rede				1,000

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Em síntese, e no que diz respeito à influência da utilização da internet pelos seniores sobre o capital sociocultural dos mesmos, podemos afirmar que se encontram evidências estatísticas a comprovarem esta influência no que respeita às seguintes dimensões: dimensão estrutural da rede de apoio, dimensão funcional da rede de apoio, na dimensão estrutural da rede

apenas no que respeita ao factor tipo de contacto e na reciprocidade na rede, bem como na mudança percebida na rede.

Obj. 5 – Determinar o perfil do sénior utilizador das TIC mais susceptível de ter um maior volume de capital sociocultural acumulado.

Para traçarmos o perfil do sénior utilizador das TIC vamos utilizar a análise multivariada no que à análise de componentes principais (ACP) diz respeito. Desta forma vamos tentar resumir a informação das variáveis correlacionadas representantes da maior parte da informação presente nas variáveis originais (Moroco, 2003), para depois, chegarmos a um modelo que explique as variáveis dependentes relacionadas com o capital sociocultural.

300 Foram incluídas na análise de componentes principais as variáveis apresentadas no Quadro 51, que se destacaram na análise bibliográfica realizada ao longo do trabalho, assim como da análise bivariada efectuada nos pontos anteriores. Deste critério resultou a selecção das variáveis para o modelo.

Atendendo a que algumas variáveis apresentaram resultados inconclusivos, decidimos efectuar, paralelamente, diversas análises exploratórias baseadas em sintaxes constituídas por conjugações diversas de variáveis, tanto no seu número efectivo, como no nível de mensuração e quantidade de categorias.

Assim, podemos verificar no Quadro 51 as variáveis eleitas, o número de categorias e o nível de mensuração de cada uma delas. As categorias das variáveis introduzidas na sintaxe sofreram, em alguns casos, uma nova categorização de modo a operacionalizar a sua utilização na ACP (Jiménez, Flores, & Gómez, 2000).

**Quadro 51 - Variáveis para a análise multivariada**

Factores	Itens	Nº de Categorias	Nível de mensuração
Factor 1	Combinar actividades em comum	4	Ordinal
	Falar do que tem andado a fazer, desabafar	4	Ordinal
	Enviar imagens, texto	4	Ordinal
	Lembrar momentos importantes	4	Ordinal
	Enviar informações de carácter geral	4	Ordinal
Factor 2	Pessoas com quem falar	2	Nominal
	Amigos	2	Nominal
	Uma forma de passar o tempo	2	Nominal
	Contacto com família e amigos	2	Nominal
	Manter activo(a) na comunidade	2	Nominal
	Manter informado(a)	2	Nominal
	Resolver as coisas sem ajuda	2	Nominal
	Sentimento de ser igual a todos	2	Nominal
	Oportunidade de aprender algo novo	2	Nominal
Factor 3	Companhia social	5	Ordinal
	Apoio informativo	5	Ordinal
	Reciprocidade	4	Ordinal
	Apoio emocional	5	Ordinal
	Apoio instrumental	5	Ordinal

### *Apresentação dos dados da análise das componentes principais*

Para o Factor de análise 1 – Finalidade do uso da internet – podemos apresentar as seguintes estatísticas descritivas:

**Quadro 52 - Estatísticas descritivas do Factor de análise 1**

	Média	Desvio Padrão	N
Combinar actividades em comum	3,39	0,768	252
Falar do que tem andado a fazer, desabafar	3,40	0,853	252
Enviar imagens, texto	2,72	0,963	252
Lembrar momentos importantes	3,25	0,860	252
Enviar informações de carácter geral	2,96	0,903	252
Enviar informação direccionada aos interesses	2,94	0,909	252

Verificamos pelo Quadro 52 que não existe nenhum item com médias ou desvios padrão muito altos nem muito baixos, o que significa que os dados têm variabilidade média.

302

Depois dos dados estatísticos apresentados apresentamos a matriz de correlação entre os itens que é de suma importância para se apurar se os valores das correlações são suficientemente altos para que se possa utilizar este método.

**Quadro 53 - Matriz de correlação do Factor de análise 1**

	Combinar actividades em comum	Falar do que tem andado a fazer, desabafar	Enviar imagens, texto	Lembrar momentos importantes	Enviar informações de carácter geral	Enviar informação direccionada aos interesses
Combinar actividades em comum	1,000	,343	,461	,489	,427	,477
Falar do que tem andado a fazer, desabafar	,343	1,000	,367	,370	,204	,276
Enviar imagens, texto	,461	,367	1,000	,476	,522	,469
Lembrar momentos importantes	,489	,370	,476	1,000	,420	,462
Enviar informações de carácter geral	,427	,204	,522	,420	1,000	,658
Enviar informação direccionada aos interesses	,477	,276	,469	,462	,658	1,000

Como podemos verificar pelo Quadro 53 os valores das correlações estão compreendidas entre 0,204 e 0,658, o que nos indica que os itens se correlacionam de uma forma moderada, logo há possibilidade de realizar o método.

Outro factor que temos que analisar para que este método possa ser utilizado é a medida de adequação da amostra (KMO) de Kaiser-Meyer-Olkin. Sabemos que o KMO terá que assumir valores altos para que se aplique com segurança o mesmo.

**Quadro 54 - Índice KMO e teste de Bartlett**

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,827
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	484,855
	df	15
	Sig.	,000

Verifica-se que o valor do KMO é de 0,827, o que supõe que a matriz é adequada à realização do método.

Apresentam-se de seguida os valores das comunalidades que permitem aferir da proporção de variância que é explicada pelos diferentes componentes. Note-se que esta deverá ser igual ou superior a 0,5.

**Quadro 55 - Comunalidades para os itens constituintes do Factor de análise 1**

	Initial	Extraction
Combinar actividades em comum	1,000	,553
Falar do que tem andado a fazer, desabafar	1,000	,826
enviar imagens, texto	1,000	,585
lembrar momentos importantes	1,000	,578
enviar informações de carácter geral	1,000	,785
enviar informação direccionada aos interesses	1,000	,730

Como verificamos pelo Quadro 55 todos os valores das comunalidades apresentados pelos itens que compõe o factor de análise 1 são superiores a 0,5.

Como foi explicado anteriormente este método parte da ideia de maximizar a variância explicada, logo, vai seleccionar os itens que contribuem para melhor explicar a variância total.



**Quadro 56 - Variância total explicada pelos componentes do factor de análise 1**

Itens	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared			Rotation Sums of Squared		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Loadings			Loadings		
				Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	3,169	52,825	52,825	3,169	52,825	52,825	2,428	40,460	40,460
2	,888	14,800	67,625	,888	14,800	67,625	1,630	27,165	67,625
3	,592	9,867	77,492						
4	,525	8,751	86,243						
5	,504	8,398	94,642						
6	,322	5,358	100,000						

Como podemos verificar pelo Quadro 56 irão ser extraídos dois componentes que explicam 68% da variância total. O primeiro explica 53%, ou seja, é o mesmo que dizer que com um só componente consegue-se explicar metade da variabilidade, enquanto o segundo unicamente acrescenta 15% à explicação.

305

Para facilitar a interpretação dos componentes aplica-se uma técnica deste método chamada Rotação de componentes.

Para a rotação dos nossos componentes foi utilizada o método de rotação Varimax com a Normalização de Kaiser.

**Quadro 57 - Rotação dos componentes com a Varimax**

	Component	
	1	2
Enviar informações de carácter geral	,884	
Enviar informação direccionada aos interesses	,837	
Enviar imagens, texto	,614	,455
Combinar actividades em comum	,552	,499
Falar do que tem andado a fazer, desabafar		,908
Lembrar momentos importantes	,512	,562

A solução obtida com a Varimax permite-nos constatar que a primeira dimensão praticamente contém todos os itens exceto dois que podemos agrupar numa segunda dimensão relativa à utilização da internet com fins de comunicação pessoal. Assim, definiremos a primeira dimensão como Dimensão 1 – utilização do e-mail e a segunda como Dimensão 2 – internet como forma de comunicação pessoal.

À semelhança do que se fez com o factor 1 vamos proceder à apresentação dos valores dos itens constituintes do factor 2 – Inovação pela utilização das TIC.

**Quadro 58 - Estatísticas descritivas do Factor de análise 2**

	Média	Desvio Padrão	N
peças com quem falar	1,58	,495	345
amigos	1,47	,500	345
uma forma de passar o tempo	1,32	,469	345
contacto com família e amigos	1,34	,473	345
manter activo(a) na comunidade	1,50	,501	345
manter informado(a)	1,39	,489	345
resolver as coisas sem ajuda	1,68	,467	345
sentimento de ser igual a todos	1,66	,475	345
oportunidade de aprender algo novo	1,10	,295	345

306

Verificamos pela análise do Quadro 58 que não existe nenhum item com médias ou desvios padrão muito altos nem muito baixos, o que significa que os dados têm variabilidade média.

Através do Quadro seguinte verificamos que também para este factor as correlações são suficientemente altas para que seja possível a utilização do método.

**Quadro 59 - Matriz de correlação do Factor de análise 2**

	peessoas com quem falar	amigos	uma forma de passar o tempo	contacto com família e amigos	manter activo(a) na comunidade	manter informado(a)	resolver as coisas sem ajuda	sentimento de ser igual a todos	oportunidade de aprender algo novo
peessoas com quem falar	1,000	,477	,180	,336	,014	,146	,182	,026	,059
amigos	,477	1,000	,117	,363	,206	,233	,195	,115	,049
uma forma de passar o tempo	,180	,117	1,000	,109	,171	,243	-,070	,239	,217
contacto com família e amigos	,336	,363	,109	1,000	,207	,196	,382	,138	,102
manter activo(a) na comunidade	,014	,206	,171	,207	1,000	,324	,251	,100	,206
manter informado(a)	,146	,233	,243	,196	,324	1,000	,255	,052	,244
resolver as coisas sem ajuda	,182	,195	-,070	,382	,251	,255	1,000	,110	,117
sentimento de ser igual a todos	,026	,115	,239	,138	,100	,052	,110	1,000	,172
oportunidade de aprender algo novo	,059	,049	,217	,102	,206	,244	,117	,172	1,000

**Quadro 60 - Índice KMO e teste de Bartlett**

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.	,668
Approx. Chi-Square	427,840
Bartlett's Test of Sphericity	df
	36
	Sig.
	,000

Através da análise do Quadro 60 verifica-se que o valor do KMO é de 0,668, o que nos leva a concluir que a matriz é adequada à realização do método.

**Quadro 61 - Comunalidades para os itens constituintes do Factor de análise 2**

	Initial	Extraction
peessoas com quem falar	1,000	,782
amigos	1,000	,659
uma forma de passar o tempo	1,000	,744
contacto com família e amigos	1,000	,597
manter activo(a) na comunidade	1,000	,754
manter informado(a)	1,000	,638
resolver as coisas sem ajuda	1,000	,744
sentimento de ser igual a todos	1,000	,896
oportunidade de aprender algo novo	1,000	,905

Como verificamos pelo Quadro 61 todos os valores das comunalidades apresentados pelos itens que compõe o factor de análise 2 são superiores a 0,5.

**Quadro 62 - Variância total explicada pelos componentes do factor de análise 2**

Itens	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared			Rotation Sums of Squared		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Loadings			Loadings		
				Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	2,494	27,707	27,707	2,494	27,707	27,707	1,793	19,925	19,925
2	1,347	14,967	42,674	1,347	14,967	42,674	1,478	16,418	36,343
3	1,133	12,585	55,259	1,133	12,585	55,259	1,218	13,538	49,882
4	,957	10,633	65,892	,957	10,633	65,892	1,145	12,726	62,608
5	,790	8,774	74,666	,790	8,774	74,666	1,085	12,059	74,666
6	,677	7,523	82,190						
7	,641	7,125	89,315						
8	,540	5,998	95,312						
9	,422	4,688	100,000						

Como podemos verificar pelo Quadro 62 irão ser extraídos cinco componentes que explicam 75% da variância total.

**Quadro 63 - Rotação dos componentes com a Varimax**

	Component				
	1	2	3	4	5
peessoas com quem falar	,870				
amigos	,765				
contacto com família e amigos	,546		,477		
manter activo(a) na comunidade		,843			
manter informado(a)		,697			
resolver as coisas sem ajuda			,790		
uma forma de passar o tempo			-,573		
sentimento de ser igual a todos				,941	
oportunidade de aprender algo novo					,934

A rotação efectuada com a Varimax permite-nos agrupar numa primeira dimensão a comunicação com a rede primária, numa segunda dimensão a cidadania, na terceira dimensão a autonomia, na quarta a inclusão e na quinta dimensão a inovação. Assim, definiremos a primeira dimensão como Dimensão 1 – comunicação com a rede primária, a segunda como Dimensão 2 – cidadania, a terceira como Dimensão 3 – autonomia, a quarta como Dimensão 4 – inclusão e a quinta como Dimensão 5 - inovação.

Teremos de seguida a apresentação de mais um factor, o Factor 3 – Suporte Social, que será utilizado mais tarde como uma variável dependente.

**Quadro 64 - Estatísticas descritivas do Factor de análise 3**

	Média	Desvio Padrão	N
Apoio emocional	3,7920	1,29815	351
Apoio instrumental	2,9658	1,54142	351
Apoio informativo	3,3960	,99420	351
Companhia social	3,3504	,95901	351
Reciprocidade	1,3618	,59293	351

Da análise do Quadro 64 ressalta o facto de não existir nenhum item com médias ou desvios padrão muito altos nem muito baixos, o que significa que os dados têm variabilidade média.

**Quadro 65 - Matriz de correlação do Factor de análise 3**

	Apoio emocional	Apoio instrumental	Apoio informativo	Companhia social	Reciprocidade
Apoio emocional	1,000	,653	,522	,389	-,399
Apoio instrumental	,653	1,000	,540	,559	-,458
Apoio informativo	,522	,540	1,000	,693	-,278
Companhia social	,389	,559	,693	1,000	-,269
Reciprocidade	-,399	-,458	-,278	-,269	1,000

Através do Quadro 65 verificamos que também para este factor as correlações são suficientemente altas para que seja possível a utilização do método.

**Quadro 66 - Índice KMO e teste de Bartlett**

310

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,745
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	696,518
	df	10
	Sig.	,000

Através da análise do Quadro 66 verifica-se que o valor do KMO é de 0,745, o que nos leva a concluir que a matriz é adequada à realização do método.

**Quadro 67 - Comunalidades para os itens constituintes do Factor de análise 3**

	Initial	Extraction
Apoio emocional	1,000	,654
Apoio instrumental	1,000	,741
Apoio informativo	1,000	,808
Companhia social	1,000	,799
Reciprocidade	1,000	,802

Como podemos verificar pelo Quadro 67 todos os valores das comunalidades apresentados pelos itens que compõe o factor de análise 3 são superiores a 0,5.

**Quadro 68 - Variância total explicada pelos componentes do factor de análise 3**

Itens	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared			Rotation Sums of Squared		
	Total	% of Variance	Cumulati ve %	Loadings			Loadings		
				Total	% of Variance	Cumulati ve %	Total	% of Variance	Cumulati ve %
1	2,937	58,736	58,736	2,937	58,736	58,736	2,118	42,367	42,367
2	,867	17,333	76,069	,867	17,333	76,069	1,685	33,701	76,069
3	,578	11,562	87,630						
4	,373	7,457	95,088						
5	,246	4,912	100,000						

Analisando o Quadro 68 depreendemos que irão ser extraídos dois componentes que explicam 76% da variância total.

**Quadro 69 - Rotação dos componentes com a Varimax**

	Component	
	1	2
Companhia social	,883	
Apoio informativo	,875	
Reciprocidade		-,895
Apoio emocional	,479	,651
Apoio instrumental	,585	,631

A rotação efectuada com a Varimax permite-nos agrupar numa primeira dimensão a companhia social e o apoio informativo e numa segunda dimensão a reciprocidade, o apoio emocional e o apoio instrumental. Assim, definiremos a primeira dimensão como Dimensão 1 – suporte informal e a segunda como Dimensão 2 – suporte formal.

De seguida vamos utilizar as dimensões criadas pela ACP e fazer uma correlação entre estas e as variáveis que caracterizam teoricamente o capital sociocultural.

**Quadro 70 - Dimensões para a correlação de Pearson**

FACTOR	DIMENSÃO
FACTOR 1	Dimensão 1 – utilização do e-mail.
	Dimensão 2 – internet como forma de comunicação pessoal.
FACTOR 2	Dimensão 1 – comunicação com a rede primária.
	Dimensão 2 – cidadania.
	Dimensão 3 – autonomia.
	Dimensão 4 – inclusão
	Dimensão 5 - inovação.
FACTOR 3	Dimensão 1 – suporte informal
	Dimensão 2 – suporte formal

O objectivo desta correlação é analisar a rede social pessoal dos seniores, estudando a relação existente entre das variáveis independentes apresentadas sobre as variáveis dependentes constitutivas da rede, sejam, o tamanho da rede, a densidade da rede, a diversidade da rede e o Factor 3 – Suporte Social.

312

**Quadro 71 - Coeficiente de correlação de Pearson entre as dimensões e as variáveis descritivas do capital sociocultural**

		Tamanho da rede	Densidade da rede	Suporte informal	Suporte formal
Comunicação através do e-mail	$\rho$	-,216**	,091	,131*	,100
Comunicação através da internet	$\rho$	-,118	,131*	,125*	,094
Comunicação com a rede primária	$\rho$	-,208**	,006	,158**	-,031
Cidadania	$\rho$	,029	,079	,123*	,190**
Autonomia	$\rho$	,019	-,092	,060	,023
Inclusão	$\rho$	-,158**	,054	,025	,089
Inovação	$\rho$	-,104	,017	-,031	,059

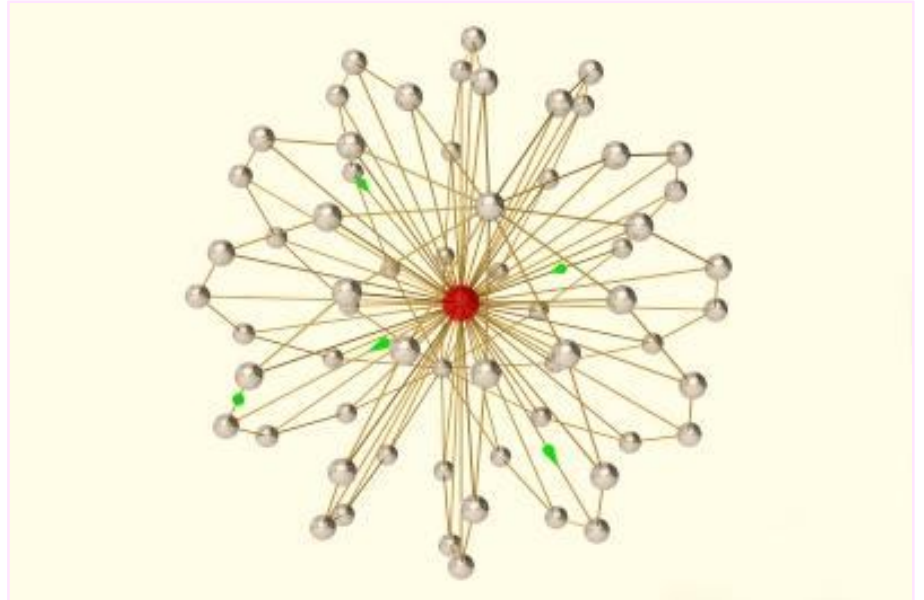
Pela análise do quadro 71 podemos concluir que a variável dependente “Tamanho da rede” apresenta uma relação ainda que inversa com as dimensões “comunicação através do e-mail”, “Comunicação com a rede



primária” e “inclusão”, o que significa que o tamanho da rede aumenta quando estas dimensões tendem a diminuir e vice-versa. Já a “Densidade da rede” aumentará sempre que aumentar a “comunicação através da internet”, sendo esta a única dimensão com a qual se encontra relacionada. Os vários tipos de comunicação apresentados (“comunicação através do e-mail, “comunicação através da internet” e “comunicação com a rede primária”) estão relacionados com o suporte informal. Podemos dizer que o suporte informal é incrementado com as formas de comunicação. Também apresenta correlação com a dimensão da “cidadania”, o que implica que o suporte informal aumente na medida em que a cidadania e a participação social também aumentam. Esta última dimensão (“cidadania”) está também correlacionada com o suporte formal, aumentando numa razão directa.

Podemos concluir com esta análise que o tamanho da rede apresentado pelos sujeitos da amostra não aumenta com o possível aumento da comunicação mediada pelas TIC, embora a mesma rede se venha a tornar mais densa com este tipo de comunicação. Além disso, verifica-se que o suporte informal (fornecido principalmente pela rede primária) está intimamente relacionado com a comunicação mediada pelas TIC. A cidadania é um factor relevante no que toca ao suporte fornecido pelos elementos da rede, o que nos leva a crer que um indivíduo que apresente uma cidadania activa e uma efectiva participação social terá mais hipóteses de obter um suporte social também ele efectivo.





## **CAPÍTULO VI**

### **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**



## VI. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apurados mostram que, quando analisada a influência da variável “alfabetização” sobre o capital sociocultural dos seniores da amostra, para a dimensão estrutural da rede de apoio, a diversidade da rede aumenta à medida que as habilitações literárias dos seniores diminuem e que, atendendo à dimensão estrutural da rede de apoio, a frequência dos contactos com a rede e a utilização das TIC como intermediário desse contacto aumenta com o aumento das habilitações literárias.

Como podemos ver na revisão da literatura (cf. ponto 3 do capítulo I), a educação de adultos apresenta dinâmicas essencialmente associativas que, apesar da baixa escolaridade formal, conferem uma grande importância à aprendizagem ao longo da vida e à aprendizagem das TIC como meio de inclusão social. Embora as associações, nomeadamente as Universidades da Terceira Idade, ofereçam respostas educativas fora do contexto escolar, conferem uma permanente actualização formativa aos seniores que delas usufruem.

Assim, e apesar de não haver nenhum estudo concreto sobre a influência da alfabetização no capital sociocultural dos seniores, podemos deduzir que os resultados da nossa amostra se ficarão a dever, provavelmente, ao facto de, em teoria, a população idosa com mais habilitações seleccionar mais as pessoas da sua rede e daí esta ser constituída por elementos menos diversificados e além disso ser este grupo aquele que mais procura a chamada aprendizagem ao longo da vida como forma de se manter activa e actualizada socialmente. Além disso, Manuel Area Moreira afirma, através do seu estudo, que ser mulher, sénior, cidadão com estudos primários e com um nível económico baixo aumenta as probabilidades de estar à margem do acesso a estas tecnologias. Por seu turno, Melanie Lewin,

afirma que muitos dos seniores da sua amostra afirmam que a utilização das TIC lhes proporcionou uma segunda oportunidade de aprender e aperfeiçoar competências levando-os a sentirem-se novamente úteis à sociedade. Susannah Fox conclui que os seniores utilizadores das TIC são mais saudáveis e com um nível de instrução mais elevado. Assim, podemos dizer que os seniores mais instruídos terão mais apetência ao uso das TIC e poderão desta forma aumentar o seu capital sociocultural.

Analisando a relação entre a utilização do computador e o capital sociocultural dos elementos da amostra, os resultados apresentados sugerem que a utilização do computador quando efectuada há mais anos e com maior frequência por parte dos indivíduos leva a um aumento do tamanho da rede pessoal, bem como da sua diversidade. Já a densidade da rede diminui com essa utilização.

318 Se nos reportarmos ao enquadramento teórico realizado (cf. ponto 3 capítulo II), Hampton apresentava um estudo que defendia os efeitos positivos da comunicação mediada por computador no capital social, pois segundo o autor, este tipo de comunicação encorajaria os encontros face-a-face. Tal como este autor, também no nosso estudo se pode chegar à conclusão de que a utilização do computador é um forte impulsionador do crescimento e diversidade das redes pessoais dos seniores o que induz a um aumento do seu capital sociocultural. No seu estudo, Susannah Fox, afirma que 3 em cada 5 seniores que utilizam esta ferramenta como forma de comunicação aumentou os seus contactos com a família.

Por outro lado, Van Bavel *et al* defende que o aumento do capital sociocultural está intimamente ligado à densidade da rede. Este autor diz que quanto mais densa for a rede maior será o capital acumulado. Assim, e analisando os resultados da nossa amostra podemos afirmar que a

utilização do computador poderá diminuir o capital sociocultural dos indivíduos pois diminui a densidade das suas redes.

Esta aparente contradição dos nossos dados é facilmente explicada pelo facto de poder haver um aumento do número de elementos constituintes da rede (aumentando o seu tamanho) que não se conhecem entre si (diminuindo a sua densidade).

A análise dos dados apresentados conduz-nos ainda ao facto do apoio percebido pelos indivíduos da amostra diminuir com o aumento da utilização do computador, embora se perceba uma relação positiva entre a reciprocidade desse apoio e a frequência com que é utilizado o computador. Ao contrário do que é apresentado na revisão da literatura a qual apresenta estudos que concluem que o suporte social obtido on-line ajudava os internautas a combater a solidão e que a maior parte dos seniores internautas procurava, por esta via, informação e companhia (estudos levados a cabo pela Senior Net e por LaRosa, Eastin & Gregg).

319

Também a frequência do contacto e a utilização do computador como mediador desse contacto diminuem com o aumento do tempo de utilização do computador, sugerindo que o contacto efectivado pelo uso do computador é maior nos primeiros anos de utilização do mesmo e vai diminuindo à medida que passam os anos de utilização.

Segundo o que vimos teoricamente, alguns estudos norte-americanos apresentam evidências de que o capital sociocultural estaria ligado à comunicação interpessoal e à actividade relacional, o que nos leva a concluir que a utilização continuada do computador conduz a uma diminuição do capital sociocultural dos seniores da nossa amostra. Isto pode ficar a dever-se ao facto de serem os seniores mais “novos” a utilizar mais o computador, sendo a redução desta utilização progressiva à medida que aumenta a idade, como podemos verificar pelos gráficos 17, 20 e 21

apresentados no capítulo I pela SeniorWatch. Também David Segarra Mediavilla chegou a semelhante conclusão no estudo que efectuou. De facto, segundo autor, as pessoas mais idosas são as que menos navegam. No seu estudo ele apresenta o caso dos seniores norte-americanos em que a utilização das TIC decai vertiginosamente a partir dos 65 anos.

Em relação à ligação entre a utilização do e-mail e o capital sociocultural dos seniores, os dados mostram que existe uma relação estatisticamente significativa entre a utilização do e-mail e o aumento do tamanho da rede pessoal e que este é utilizado como fonte de suporte pelos seniores da nossa amostra. Existe ainda uma relação entre a utilização do e-mail e a utilização das TIC como intermediárias do contacto, assim como uma relação forte entre a utilização do e-mail e a frequência dos contactos. Mais uma vez, os resultados mostram que uma maior utilização do e-mail origina um aumento do tamanho da rede pessoal e, no geral, um aumento do suporte social percebido, embora no que respeita à utilização das TIC como tipo de contacto e a frequência com que o mesmo é feito esta diminua com o aumento da utilização do e-mail.

320

Teoricamente temos uma posição onde estes resultados são justificados, que é a posição de Putnam quando afirma que o contacto efectuado através deste tipo de comunicação é apenas mais uma forma de comunicação que não substitui as relações face-a-face, apenas as complementa, o que explica o facto da utilização das TIC como intermediárias das relações diminuir com o aumento da utilização do e-mail. No entanto, no que respeita ao tamanho da rede e ao suporte social, existem autores que defendem que o facto da confiança gerada pelo anonimato das relações virtuais e pelo facto do apoio poder ser efectuado e recebido a qualquer hora poderá levar a um aumento e à própria criação de capital social (Wellman, Haase, Witte & Hampton).



Susannah Fox afirma que 93% dos seniores por ela estudados utilizam a internet essencialmente para usarem o correio electrónico.

No que respeita à relação entre a utilização da internet e o capital sociocultural dos seniores, os resultados apresentam uma ligação estreita entre a utilização da internet, o tamanho da rede, a densidade da rede e a diversidade da rede, o que se coaduna com o que defende Wellman quando diz que a internet ajuda a estabelecer novas relações sociais, que poderão ser continuadas off-line, criando pontes entre o on-line e o off-line, promovendo por isso uma maior interacção social. Também Eric defende que a internet pode servir para ampliar os padrões existentes de contacto e de envolvimento cívico.

Quanto ao suporte percebido este também aumenta com o aumento da utilização da internet, bem como a reciprocidade de apoio entre os membros da rede. Mais uma vez se nota que, tal como defendido por Katz, Haythornthwaire & Wellman, as pessoas que usam a internet com mais frequência estão mais envolvidas nas suas comunidades reais. Também Melani Lewin afirma, no seu estudo, a importância da internet na manutenção do contacto dos seniores com a sociedade envolvente e o consequente apoio encontrado por esta via. Segundo a autora, falar de seniores é falar de perdas, perdas estas que podem ser compensadas pelo uso destas ferramentas. Estas poderão proporcionar aos seniores companheirismo e distracção, aumentando as suas redes sociais.

Outra relação importante é a que existe entre a utilização da internet e a mudança percebida na rede que vai ao encontro do defendido por DiMaggio, Hargatti, Russel & Robinson, que afirmam que a internet desempenha um papel importante na criação de novas ligações e na manutenção das antigas, aumentando as interconexões entre os membros da comunidade.

Se nos reportarmos, por fim, à análise multivariada que levamos a cabo no capítulo anterior, podemos traçar um perfil do utilizador das TIC com potencial para aumentar o seu capital sociocultural.

Depois da análise dos componentes principais efectuou-se uma correlação entre os factores daí resultantes e as variáveis dependentes do nosso estudo o que nos levou a concluir que: a comunicação mediada pela internet promove a densidade da rede pessoal dos seniores da nossa amostra e incrementa o suporte informal percebido. O suporte social percebido está também intimamente ligado com a cidadania e participação social, sendo o tamanho da rede inversamente proporcional à inclusão dos seniores da nossa amostra.

322

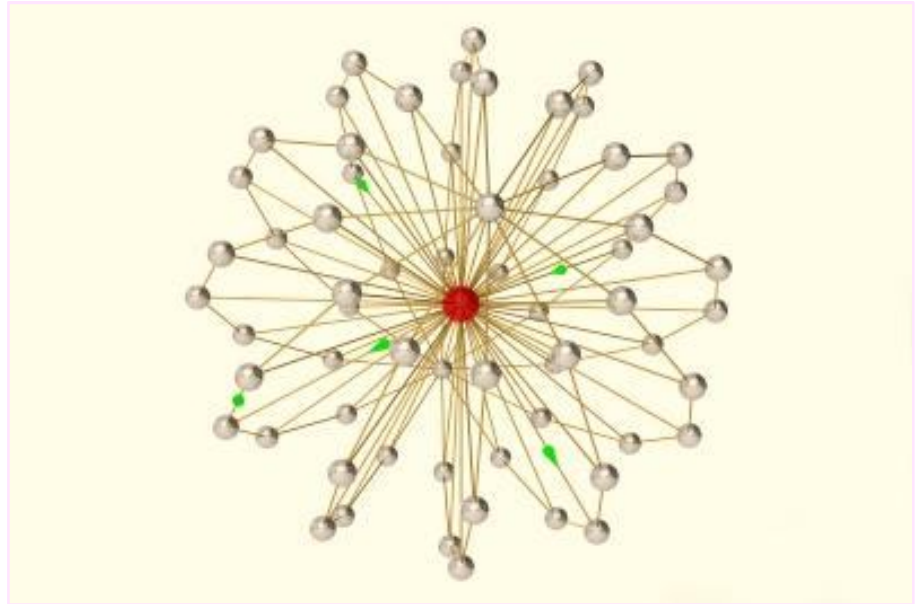
Assim, e de acordo com o que foi defendido pelos autores, podemos dizer que o sénior que apresente uma utilização da internet com aqueles que lhe estão próximos e mesmo para os que estão longe fisicamente, utilizando o espaço virtual como reforço do espaço físico, perceba as vantagens do suporte social fornecido on-line, uma vez que este pode ser mais acessível e visível, fornecido a qualquer hora, tem tendência a ser um cidadão mais activo com uma participação social efectiva, logo com possibilidades de incrementar o seu capital sociocultural.

Autores como Manuel Area Moreira defendem que a utilização das TIC está a contribuir para um efectivo aumento da qualidade de vida dos seniores, bem como na sua formação para a cidadania. Também Melanie Lewin é da mesma opinião, quando afirma que o uso do computador fez com que os seniores ganhassem de novo o respeito dos seus entes queridos incrementando a sua cidadania participativa.

Farah, Arantes; Batista *et. all* reiteram a importância das TIC no preenchimento do “vazio” deixado pela inerente redução da rede pessoal dos seniores, bem como pelo facto de serem poderosas ferramentas de

inclusão social e cultural dos mais velhos. Segundo os autores, a criação de novas relações é uma das possibilidades apresentadas por esta ferramenta que pode vir a possibilitar o incremento da rede dos sujeitos. Além disso, e ao permitir que o sénior esteja, em tempo real, informado, inserido no mundo e participante, pode, esta ferramenta, transformar a sua participação efectiva e activa e importante para o reforço do capital social.





## **CAPÍTULO VII**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



## VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade teve avanços significativos em diversas áreas do conhecimento, sobretudo a partir do século XX. Contudo, o mesmo homem que foi capaz de inventar o avião, de viajar à Lua, de revolucionar as telecomunicações, não conseguiu reverter alguns dos requisitos mínimos para a sobrevivência como a alimentação para todos, o acesso universal a água potável, a erradicação do analfabetismo, entre outros. Assim, diversos “mundos” coexistem numa única realidade, e o facto de haver a introdução e uma relativa disseminação das novas tecnologias de comunicação e informação, especialmente a partir da década de 1990, traz à tona as discussões sobre a necessidade de se combater a exclusão digital com o intuito de minimizar a exclusão social.

O acesso e uso da internet constituem-se, para alguns, como um meio catalisador de mudanças e, para outros, como mais uma forma de

327

perpetuar a dominação e a submissão. Existe um potencial para que os problemas vividos pela humanidade sejam de alguma forma modificados a partir do uso das novas tecnologias e isso, mesmo entre os que são críticos, é reconhecido. O que é falso, entretanto, é transformar esse potencial como se fosse a própria realidade. É necessário reconhecer que os avanços tecnológicos e, principalmente, os seus possíveis benefícios, ainda estão distantes de boa parte da população.

Uma das possíveis definições para a exclusão digital/fractura digital refere-se ao não acesso e ao não uso da internet. O não acesso configura-se a partir da ausência de pelo menos um dos seguintes factores: computador, uma linha telefónica e disponibilidade de acesso à internet.

O não uso da internet é, de certa forma, subjectivo, pois pode-se considerar, dependendo do critério, que o facto de uma pessoa usar o

computador e ele estar ligado à internet não é condição suficiente para se considerar essa pessoa utilizadora dessa tecnologia. Isso assemelha-se à classificação de uma pessoa “semi-alfabetizada” que sabe assinar o seu nome, mas não consegue ler ou escrever além disso.

Uma outra possibilidade seria definir a exclusão digital como o resultado de um processo cultural, social, político e económico em que pessoas e organizações optaram ou foram obrigadas ao não acesso e ao não uso das novas tecnologias. A exclusão digital não se resume à falta de um computador ou acesso à internet e, conseqüentemente, a inclusão digital não pode ser confundida com a informatização. Não se trata de um estado, mas um processo dinâmico e que assume diferentes valores, de acordo com o contexto em que se insere. É necessário, além disso, considerar a dimensão simbólica da exclusão digital, ou por outras palavras, de como ela é vista pelas pessoas, e essa visão dependerá das experiências passadas, da cultura, do sistema de valores, entre outros.

328

A internet possui algumas características que a torna única como um meio de comunicação e informação: ela funciona num sistema baseado em redes de comunicação que, em tese, não possui limites ou barreiras no seu uso. Nesta tecnologia favorece-se a horizontalidade e a interactividade, ou seja, em princípio, na internet todos são “iguais” e podem trocar ideias e informações de forma instantânea e sem limites geográficos e de tempo, o que se torna uma mais-valia especialmente para aquele grupo de pessoas com necessidades especiais como é o caso dos mais seniores.

No entanto, sabemos que foram ainda poucas as iniciativas tomadas pelo poder político para a promoção da posse e uso destas ferramentas essenciais para a integração social e digital dos seniores portugueses. Assim sendo, e tendo em vista um desenvolvimento social coerente e sustentável, torna-se relevante desenhar programas e políticas de inclusão digital de



acordo com as realidades de cada local e de cada cultura, mesmo que isso implique, para alguns, o desenvolvimento de soluções “menos avançadas”, como no caso de países com ligações remotas e ainda inconstantes, onde a Internet não é uma solução plausível.

Se nos reportarmos à análise estatística levada a cabo no primeiro capítulo deste trabalho, podemos concluir que, em Portugal, a taxa de utilização das TIC pelas famílias fica muito aquém da média europeia, sendo que esta utilização é efectivada pelos mais novos e por aqueles que possuem mais habilitações literárias. Até há poucos anos atrás, mais de metade da população portuguesa não tinha acesso às tecnologias, sendo, por isso, consideradas info-excluídas. Felizmente esta tendência tem vindo a desvanecer-se com o passar dos anos e a sociedade portuguesa tem paulatinamente aderido às formas mais recentes de comunicação e informação.

Ainda assim, hoje em dia temos no nosso país uma diferenciação do uso das TIC e, segundo a análise explanada no nosso trabalho, podemos afirmar que, segundo o género, os homens utilizam mais as tecnologias do que as mulheres e, segundo a condição perante o trabalho, as pessoas empregadas utilizam com maior frequência as TIC do que os outros sectores da população.

Se analisarmos as razões apontadas para o não uso das ferramentas electrónicas, temos que as maiores percentagens para a não utilização concentram-se no desinteresse que as TIC suscitam aos portugueses, razão muito motivada pelo desconhecimento ainda existente destas, de todas as suas potencialidades e da forma de as usar de forma adequada.

A aprendizagem ao longo da vida, sendo uma necessidade que se impõe numa sociedade em mudança como é a nossa, onde as TIC têm e terão muita presença, já que a maior parte desta formação se realizará, num

futuro muito próximo (se não dizer já no presente) através dos sistemas online complementados com formação presencial, seria uma aposta ganha na descoberta por parte dos mais velhos das novas tecnologias. O problema está que continuam a existir sectores da sociedade, como o caso dos seniores, que, por falta de acesso ou domínio das TIC, ou ainda pela ausência de atitudes positivas face à sua posse e utilização, podem ficar à margem de um contexto social que evolui mais depressa do que eles conseguem assimilar. Isto leva a que estas pessoas não possam participar democraticamente no seu meio envolvente, ou seja, implica que desçam os seus níveis de capital social e se potencie a exclusão social.

330

As TIC são e terão de ser, por isso, apresentadas aos mais velhos como uma forma de reintegração social que se traduz mais concretamente numa forma de redução do isolamento a que esta franja populacional está normalmente votada, a uma estimulação mental e a uma conseqüente promoção do bem-estar deste grupo e uma alternativa facilitadora, ainda que não substitua por completo, o processo de comunicação e as suas formas tradicionais. Os seniores utilizam frequentemente a internet em busca de informação sobre variadas questões, relacionadas por exemplo com a saúde, e ainda utilizam o *e-mail*, considerado já a ferramenta mais popular da internet, para a comunicação com familiares próximos e distantes. A opinião que mais adeptos acolhe, actualmente, entre os seniores portugueses é de que a utilização destas ferramentas melhora todos os domínios da sua vida diária.

A partir da análise de alguns indicadores da fractura digital, podemos constatar que a realidade europeia, no que diz respeito a este assunto, está longe de ser homogénea. Existem claras diferenças entre os países mais desenvolvidos e os países menos desenvolvidos (nos quais se inclui Portugal). Apesar da tendência crescente registada na utilização das TIC, o

nosso país continua ainda na “cauda” da Europa. A nível nacional, verificamos que a taxa de penetração das TIC está longe de ser uniforme, variando de acordo com a região do país, a faixa etária, o nível de escolaridade e a condição perante o trabalho.

No que diz respeito à disponibilidade de acesso às TIC, pudemos constatar que a maioria dos acessos às mesmas são realizados em casa e no trabalho, existe uma percentagem bastante significativa de agregados familiares que, não tendo acesso à internet em casa, não a sabem utilizar ou consideram que não precisam dela. No âmbito dos indicadores explicativos da fractura digital (relacionados com o nível de conhecimentos para a utilização das TIC) pudemos constatar que em Portugal uma percentagem muito pequena da população frequenta cursos/acções de formação relacionados com computadores/informática, preferindo aprender de forma informal (auto-aprendizagem ou recurso a colegas, familiares e amigos).

Especificamente no caso da utilização das TIC por parte dos seniores, também aqui predominam os países do norte europeu, continuando Portugal situado muito abaixo dos valores da média europeia. Se tivermos em conta que a utilização das redes de comunicação virtuais permitem aceder à informação com a rapidez característica destas ferramentas, podemos facilmente concluir que quem não tem ou não quer ter acesso a este mundo virtual fica excluído da sociedade global contemporânea em que vivemos e onde partilhamos grande parte do conhecimento.

Nesta linha de ideias surge na última década, o conceito de capital social que começou a assumir uma enorme importância nos estudos de diversos investigadores nas áreas ligadas ao social. Se bem que ainda não exista uma única definição que reúna consenso entre os investigadores, o conceito de capital social constitui um elemento chave para explicar e promover o desenvolvimento económico, a melhoria do funcionamento do sector

público, uma gestão mais eficaz das organizações, a manutenção da estabilidade dos sistemas democráticos e a redução da pobreza.

Associado a este conceito, temos as redes sociais mobilizadoras de suporte social que se constituem como um forte meio de integração social. Assim, tendo em conta as várias definições de capital social apresentadas no segundo capítulo deste trabalho, podemos dizer que o conceito de capital que interessa reportar neste trabalho é o conceito de capital de rede. Sinteticamente, este traduz-se pelo capital produzido dentro das redes virtuais de interação e comunicação. Este capital é medido, segundo os autores, pela frequência dos contactos dentro das redes pessoais dos indivíduos e através da participação social mediada pelas TIC, ou seja, onde as pessoas participam sem estarem fisicamente presentes. Os mesmos autores defendem que este capital se traduz num forte impulsionador da participação cívica e do crescimento das redes locais. É ainda considerado um meio de interacção social e uma forma de partilha acelerada de informação. Se assim é, podemos afirmar que as TIC através do capital de rede conduz-nos a uma maior colaboração entre os membros da rede para alcançarem benefícios comuns que se traduzem num incremento do capital sociocultural dentro dessa mesma rede. Redes coesas, portanto, promovem o capital sociocultural.

332

No entanto, várias posições foram tomadas em relação aos benefícios ou malefícios que o uso das TIC acarreta para as redes e conseqüentemente para a produção de capital. A autora deste trabalho está de acordo com a posição de que a utilização das TIC como meio de interacção social não substitui as relações face-a-face, pelo contrário complementa-as e incrementa-as, produzindo por isso um maior envolvimento cívico e um fomento de capital.

Também no caso dos seniores podemos dizer que as TIC abrem outros horizontes de participação e inclusão social que de outra forma seriam barrados a este grupo. De facto, as redes sociais dos seniores, como podemos constatar pela análise efectuada no capítulo III deste estudo, são geralmente compostas por relações primárias, com predominância para o quadrante das relações familiares e cujo contacto pessoal é de extrema importância. Denota-se, no entanto, que cada vez mais este grupo de indivíduos está a procurar estreitar laços recorrendo ao uso das TIC como forma de contacto mais regular e frequente.

A análise levada a cabo pela autora deste estudo permitiu averiguar que os seniores da amostra estão dispostos a aprender e a utilizar as TIC na promoção das suas redes pessoais e na sua cidadania. Concluímos que a utilização desta ferramenta é uma forte impulsionadora do incremento da qualidade de vida dos seniores, da sua participação/inclusão social e, por consequência, uma poderosa ferramenta de promoção do capital sociocultural.

333

Se não, vejamos. Em primeiro lugar, a análise levada a cabo no capítulo V deste trabalho, que nos mostra que, numa amostra de 351 seniores participantes das classes de informática ministradas nas universidades de terceira idade do país, os seniores utilizadores das TIC utiliza estas ferramentas há mais de 2 anos e utiliza, em média, 1 a 3 horas por dia. Também podemos constatar que a utilização das TIC é feita através das casas dos inquiridos e levada a cabo através da utilização do *e-mail*, normalmente, como forma de contacto com a família no sentido de um contacto mais regular. No que respeita à internet, esta é utilizada pelos elementos da nossa amostra essencialmente para aprender/estudar, obter informações variadas e trocar informações. Podemos ainda aferir que a utilização destas ferramentas está directamente relacionada com a idade e

o sexo dos inquiridos. De facto, vemos que os seniores mais novos e do sexo masculino são quem faz um uso mais consistente e frequente das TIC.

Da análise das redes pessoais dos seniores que fazem parte da nossa amostra, ressalta o facto de estes apresentarem redes com características estruturais que vão ao encontro do que teoricamente foi estudado, isto é, redes pequenas (contraídas) com a predominância do primeiro quadrante. No que respeita ao suporte percebido pelos seniores, estes afirmam que os membros da sua rede prestam apoio essencialmente no que respeita ao suporte emocional e à companhia social, apresentando, as suas redes, uma reciprocidade de apoio significativa. Se nos reportarmos agora à influência das TIC na rede pessoal da amostra, verificamos que os respondentes já conheciam grande parte dos elementos constituintes da sua rede, com quem contactam algumas vezes por semana, não apresentando, a rede, alterações significativas na sua estrutura com a introdução do uso das TIC.

334

No entanto, depois de efectuada a análise inferencial dos dados apurados, concluímos que existem evidências estatísticas que provam a influência da utilização do computador na alteração da estrutura, na dimensão funcional e na dimensão contextual das redes de apoio dos seniores estudados, o que nos leva a dizer que existe uma influência desta utilização no aumento do capital sociocultural dos inquiridos. Também encontramos evidências a comprovar a influência da utilização da internet na dimensão estrutural e na dimensão funcional da rede de apoio dos seniores o que, mais uma vez, prova a influência deste uso no incremento do capital adquirido.

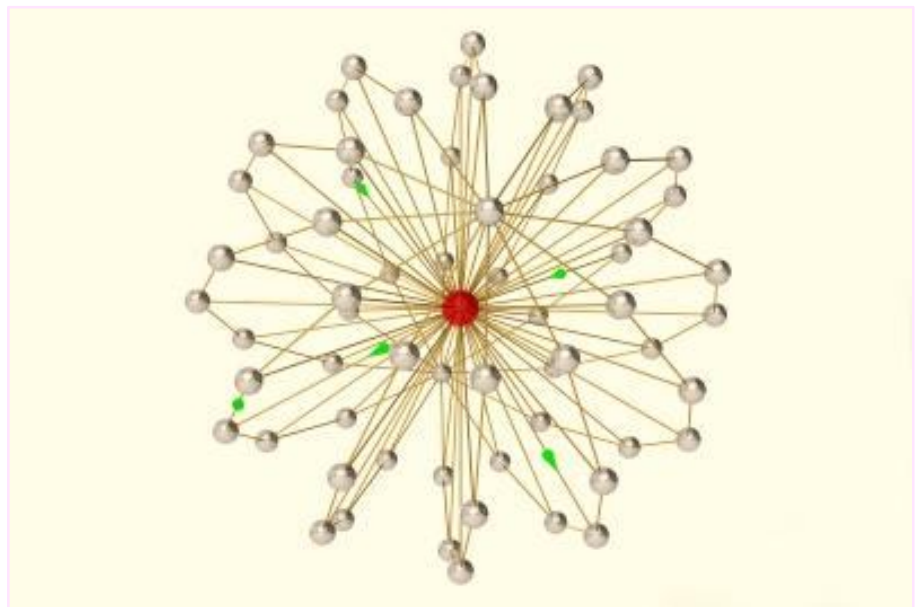
Da análise multivariada efectuada, ressalta o facto de que a comunicação mediada pelas TIC promove o aumento da densidade da rede pessoal dos elementos da amostra, e do suporte percebido pelos inquiridos, mediando ainda a cidadania e a participação social, na medida em que, incrementa o suporte social daqueles indivíduos que possuem uma cidadania activa. Tudo

isto se traduz num efectivo aumento do capital sociocultural dos seniores representativos da amostra aqui em estudo.

Não poderíamos, no entanto, terminar sem deixar algumas sugestões para pesquisas futuras. Assim, sugerimos que se tentasse levar a cabo um estudo longitudinal que permitisse aferir das mudanças reais produzidas pelas TIC nas redes pessoais dos seniores, começando por analisar as suas redes antes da introdução das TIC nas suas vidas e depois de algum tempo de utilização das mesmas. Como método estatístico sugere-se a utilização das equações estruturais de forma à condução de um perfil mais apurado do sénior utilizador de TIC e a sua relação com o aumento do capital sociocultural.







## BIBLIOGRAFIA



---

## BIBLIOGRAFIA

- Acevedo, M. (2007). *Network Capital: an expression of social capital in the network society*. Catalonia: Open University of Catalonia.
- Adler, R. (2002). *The age wave meets the technology wave: broadband and older americans*. California: Senior Net.
- Afonso, A. (1992). Sociologia da Educação não-escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática? In A. Esteves, & S. Stoer, *A sociologia na Escola. Professores, Educação e Desenvolvimento*. Porto: Afrontamento.
- Alarcão, M., & Sousa, L. (2007). Rede Social Pessoal: Do conceito à avaliação. *Psicologica*, pp. 353-376.
- Antunes, M., Mealha, C., & Mealha, O. (2001). *Tecnologias da Informação e Comunicação na reconfiguração das redes de relação dos sujeitos*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Area Moreira, M. (2001). La igualdad de oportunidades en el acceso a las nuevas tecnologías. Políticas educativas para la alfabetización tecnológica. In F. Blázquez, *Sociedad de la información y educación*. Badajoz: Consejería de Educación, Ciencia y Tecnología de la Junta de Extremadura. 339
- Arias, C. J. (2009). La red de apoyo social en la vejez. Aportes para su evaluación. *Revista de Psicología da IMED, vol.1, n.1*, pp. 147-158.
- Baker, W. (1990). Market Networks and Corporate Behavior. *The American Journal of Sociology*, 589-625.
- Barnes, J. A. (1977). Class and Committees in a Norwegian Island Parish. In S. Leinhardt, *Social Networks. A developing paradigm* (pp. 233-252). New York: Academic Press.
- Bautista García-Vera, A. (2001). Desigualdades sociales, Nuevas Tecnologías y política educativa. In M. Area Moreira, *Educación en la sociedad de la información* (p. ?). Bilbao: Desclée de Brower.
- BECTA. (2001). *The 'Digital Divide': A discussion paper*. ? : ?

- Benkler, Y. (2006). *The Wealth of Networks: How Social Production Transform Markets and Freedom*. Londres.
- Bernet, J. (1998). *La educación fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ariel.
- Boase, J., & Wellman, B. (2004). Personal Relationships: On an off the internet. In D. Perlman, & A. Vangelisti, *Handbook of Personal Relationships*. Oxford: Blackwell.
- Boix, C., & Posner, D. N. (1998). Social Capital: Explaining its Origins and effects on Government Performance. *British Journal of Political Science*, 686-693.
- Bonilla, M. H. (2005). *Escola aprendente: para além da sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Quartet.
- Bott, E. (1976). *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Bourdieu, P. (1979). Les trois états du capital culturel. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.31, pp. 3-6.
- Bourdieu, P. (1980). Le capital social. Notes provisoires. *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, N° 31.
- Bourdieu, P. (2002a). *Le bal des célibataires*. Paris: Seuil.
- BT. (2004). *The digital divide in 2025. ? : ?*
- Carracedo Verde, J. D. (2004). *Explorando la Estratificación Digital (Digital Divide). Jerarquías y desigualdades en las sociedades de la Información. Software Libre*. Retrieved Agosto 24, 2008, from [http://www.cibersociedad.net/congres2004/grups/fitxacom\\_publica2.php?grup=1&id=612&idioma=gl](http://www.cibersociedad.net/congres2004/grups/fitxacom_publica2.php?grup=1&id=612&idioma=gl)
- Castells, M. (2004). *A Galáxia Internet. Reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2005). *A sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2005). *A Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2007). *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. A Sociedade em Rede. Vol 1. 3ª Ed. (Vol. 3)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Coelho, J. D. (2007). De Bangemann ao plano tecnológico. In J. D. Coelho, *Sociedade da Informação: o percurso Português* (pp. 225-245). Lisboa: Edições Sílabo.
- Coleman, J. (1987). Norms as social capital. In Radnitzky, & Bernholz, *Economic imperialism: the economic method applied outside the field of economics*. New York: Paragon House Publishers.
- Coleman, J. S. (1988). The social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, v.94, Supplement, p.S95-S120.
- Collier, P. (1998). Social capital and poverty. *Social capital initiative, Working paper n.4*.
- Commission, P. (2003). *Social Capital: Reviewing the Concept and its Policy Implications*. Canberra: AusInfo.
- Constantino, J., & Gouveia, L. B. (n.d.). *Contributos para o estudo do capital social no contexto de comunidades virtuais de participação*.
- Correia, S. (2007). *Capital Social e comunidade cívica, o círculo virtuoso da cidadania*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Côté, S. (2001). The Contribution of Human and Social Capital. *Canadian Journal of Policy Research*, Vol. 2, 29-17.
- Dabas, E., & Najmanovich, D. (n.d.). *RRedes. El lenguaje de los vínculos*. México: Paidós.
- Durkeim, É. (1995). *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martin Fontes.
- Durston, J. (2000). ¿Qué es el capital social comunitario? *Serie Políticas Sociales*, N. 38.
- Echeverría, J. (2007). Las Brechas Digitales y la Educación. *A Fenda Dixital e as súas Implicacións Educativas*, (pp. 79-92). Galiza.
- Escola, J. (2007). A Fractura Digital em Portugal. *I Congresso Ibérico: A Fenda Dixital - As TecnoloXías da Información e da Comunicación (TIC): retos para a educación do futuro*, (pp. 95-110). Galiza.
- Farah, R. M., & Arantes, R. P. (2010, Dezembro 18). Novas Tecnologias no Envelhecimento. pp. 128-172.

- Ferlander, S. (2003). *The Internet, Social Capital and Local Community*. University of Stirling: Department of Psychology .
- Ferreira, A. M. (2007). O ensino e a formação na terceira idade: as Universidades para a terceira idade. pp. 1-19.
- Foley, M., & Edwards, B. (1998). The paradox of civil society. *Journal of Democracy*, 38-52.
- Forero, G. V. (2002). Hacia una teoría del capital social. *Revista de Economía Institucional*, vol.4 n°6, pp. 71-108.
- Fox, S. (2001, Setembro 9). *pewinternet*. Retrieved Janeiro 28, 2007, from Pew internet & American Life: [www.pewinternet.org](http://www.pewinternet.org)
- Freese, J., Rivas, S., & Hargittai, E. (2006). Cognitive ability and internet use among older adults. *Poetics*, v.34, n.4, pp. 236-249.
- Freund, G. E. (2009). Impactos da tecnologia da informação. *Ciências da Informação*.
- Fukuyama, F. (1996). *Confiança: as virtudes sociais e a criação da propriedade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- 342 Fukuyama, F. (1999). *The Great Disruption: Human nature and the reconstitution of social order*. New York: Free Press.
- Giddens, A. (1995). *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Glaeser, E. (2001). The formation of social capital. *Canadian Journal of Policy Research*. Vol. 2, 34-40.
- Government, D. f. (2008, Outubro). Online Social Networks - Research Report. Londres.
- Granovetter, M. (1998). Social Capital: It's origines and Applications in contemporary sociology. *Anual Review of Sociology*, v.24.
- Grupta, S. &. (2007, Janeiro 20). Developing the Commitment to Virtual Community: The balanced effects of cognition and affect. *Information Resources Management Journal*, pp. 28-43.
- Guadalupe, S. (2008). *A Saúde Mental e o Apoio Social na Família do Doente Oncológico*. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

- Guadalupe, S. (2009). *A Saúde Mental e o Apoio Social na Família do Doente Oncológico*. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.
- Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em Rede: Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guzmán, J. M., Huenchuan, S., & Oca, V. M. (2003). Redes de apoyo social de las personas mayores: marco conceptual.
- Hampton, K. N. (1999, Novembro). Netville on-line and off-line. *American Behavior Scientist*, v.43, n.3.
- Higgins, S. S. (2003). *O capital social está na moda: análise para sua reconstrução teórica*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Hofstade, G. (1980). *Culture's consequences: internacional differences in work related values*. Newbury Park: Sage Publications.
- Huencho, V. L. (s.d.). *Capital social y desarrollo indígena urbano: una propuesta para una convivencia multicultural. Los Mapuches de Santiago de Chile*. Barcelona: Universitat Ramon Llull.
- INE. (2007). *A Sociedade da Informação em Portugal 2007*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Inglehart, R. (1997). *Modernization and Postmodernization — Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies*. New Jersey: Princeton University P.
- Inkeless, A. (2000). Measuring social capital and its consequences. *Policy Sciences*,33, pp. 19-42.
- Jacob, L. (2008). *RUTIS*. Retrieved Maio 30, 2010, from Rede de Universidade da Terceira Idade: <http://www.rutis.org>
- Jiménez, E. G., Flores, J. G., & Gómez, G. R. (2000). *Análisis Factorial*. Madrid: La Muralla, S.A.
- Johnston, G., & Percy-Smith, J. (2003). In Search of Social Capital. *Polity & Politics*, vol. 31, n°3, 321-334.
- Karavidas, M., Lim, N. K., & Katsikas, S. L. (2005). The effects of computers on older adult users. *Comput. Hum. Behav.*, v.21, n.5, pp. 697-711.

- Katz, J. E., & Rice, R. E. (2006). *Consecuencias Sociales del Uso de Internet*. S.L.: Editorial UOC.
- Kauchakje, S., Penna, M. C., Frey, K., & Duarte, F. (2006, Dezembro 3). Redes socio-técnicas y participación ciudadana: propuestas conceptuales y analíticas para el uso de las TICs. *REDES*.
- Laureano, R. M. (2011). *Testes de hipóteses com o SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Lewin, M. (2001). *"Equal With Anybody" - Computers in the lives of older people*. Edinburgh: University of Stirling.
- Lima, L. C. (2006). *Educação não-escolar de adultos. Iniciativas de Educação e Formação em contexto associativo*. Braga: Universidade do Minho.
- Lin, N. (1999). Building a Network Theory of Social Capital. *CONNECTIONS 22(1) - Dept. of Sociology, Duke University*, 28-51.
- Lin, N. (2001a). *Social Capital. A theory of social structure and action*. Cambridge: Cambridge University Press.
- 344 Marqués, P. (2000). *La alfabetización digital. Roles de los estudiantes hoy*. Retrieved Janeiro 12, 2008, from <http://dewey.uab.es/pmarques/competen.htm>
- Marques, T. S., Oliveira, P. G., & Castro, E. A. (2005, Outubro). *As TIC para um país competente - From the Information Society to the Creative Society*. Retrieved Maio 27, 2007, from Contribuições para a Formulação de Políticas Públicas. no Horizonte 2013.: [www.qren.pt/download.php?id=65](http://www.qren.pt/download.php?id=65)
- Marx, K. (1894). *Capital*. Nova Iorque: International.
- Méndez, R. M. (2004). *Cibersociedad*. Retrieved Agosto 24, 2008, from Observatório para la cibersociedad: <http://www.cibersociedad.net>
- Moreira, M. A. (1998). Desigualdades, educação y nuevas tecnologías. *Quaderns Digitals*.
- Moroco, J. (2003). Análise de Componentes Principais. In J. Moroco, *Análise Estatística, com utilização do SPSS* (pp. 231-256). Lisboa: Edições Sílabo.
- Mundial, B. (1998). *Qué es el capital social?* Retrieved Agosto 15, 2004, from [www.worldbank.org/wbp/sanish/scapital](http://www.worldbank.org/wbp/sanish/scapital)



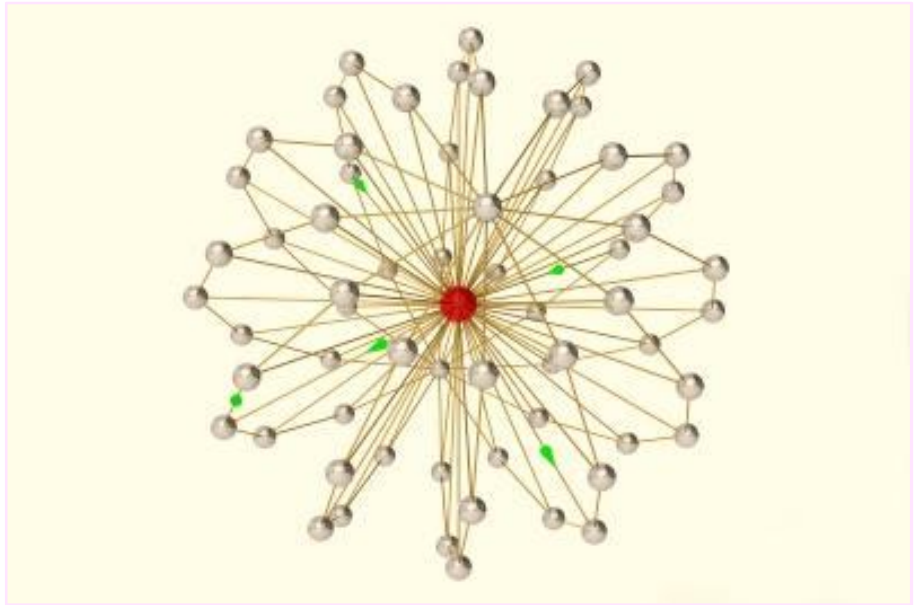
- OCDE. (2001). *The Well Being of Nations: the Role of Human and Social Capital*. OCDE.
- Oliveira, C. A., & Coelho, P. A. (2009, Dezembro). Velho? É o meu passado. *Psicologia*, pp. 1-12.
- People, N. C. (s.d.). *ICT and Older People in Ireland: evidence from a study by the National Council on Ageing and Older People*. Dublin: ?
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinto, M. d. (2007). Da importância de programas destinados à educação de seniores na sociedade de hoje: as Universidades da Terceira Idade em Portugal. *Revista da Faculdade de Letras "Línguas e Literaturas"*, pp. 467-478.
- Portela, M., & Neira, I. (2003). *Capital social: las relaciones sociales afectan al desarrollo*. Retrieved 10 8, 2004, from [www.iadb.org/Etica/Documentos/por\\_capit.pdf](http://www.iadb.org/Etica/Documentos/por_capit.pdf)
- Portes, A. (2000). Capital Social: Origens e aplicações na sociologia contemporânea. *Sociologia, problemas e práticas*, pp. 133-158.
- Portugal, S. (2007). *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Coimbra: Oficina do CES, 271.
- Putnam, R. D. (1996, Março). Who Killed Civic America? *Prospect*, pp. 66-72.
- Putnam, R. D. (2001). *Bowling Alone*. Nova York: Touchstone.
- Raposo, R., & Mealha, Ó. (2005). Tecnologias de apoio: um instrumento para a igualização das oportunidades de comunicar na sociedade de informação. *Rumos da Sociedade da Comunicação* (pp. 393-401). Lisboa: Nova Vega.
- Raya Diez, E., & Merino Rodeiro, L. (2004). Brecha digital, exclusión social y sociedad del conocimiento. *Emprego axeitado de recursos para diminuí-la Fenda Dixital en Latinoamérica*. Galiza.
- Seeman, T. E., & Berkman, L. F. (1988). Structural characteristics of social networks and their relationship with social support in the elderly: Who provides support? *Soc. Sci. Med.*, pp. 737-749.

- Segarra Mediavilla, D. (2002). *Vivir al margen de internet: los ancianos en la Sociedad de la Información. ? : ?*
- Seniorwatch. (2008). *Assessment of the senior market for ICT progress and developments*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Silva, A. (1990). *Educação de Adultos, Educação para o desenvolvimento*. . Porto: ASA.
- Sluzki, E. C. (2000). Social network and the elderly: conceptual and clinical issues, and family consultation. *Family Process*, 271-284.
- Small, G. &. (2009). *El Cerebro Digital*. Barcelona: Ediciones Urano.
- Sum, S. M. (2008). *INTERNET TECHNOLOGY AND SOCIAL CAPITAL: HOW THE INTERNET AFFECTS SENIORS' SOCIAL CAPITAL AND WELLBEING*. Sydney: University of Sydney.
- Sum, S., Mathews, M., Hughes, I., & Campbell, A. (2008). *Internet Technology and Social Capital: How the internet affects senior's social capital and wellbeing*. Austrália: University of Sydney.
- 346 Temoteo, P. S. (n.d). Alfabetização digital na terceira idade: o impacto das novas tecnologias.
- UMIC, I. &. (2006). *A Sociedade da Informação em Portugal 2006*.
- Velázquez, A., & Marín, L. R. (2007, Dezembro 5). El valor agregado de las redes sociales: propuesta metodológica para el análisis del capital social. *REDES*.
- Warschauer, M. (2001). *Reconceptualizing the digital divide*. Retrieved Maio 27, 2007, from First Monday: Peer-reviewed Journal on the internet: [http://www.firstmonday.org/issues/issue7\\_7/warschauer/](http://www.firstmonday.org/issues/issue7_7/warschauer/)
- Watch, S. (2002). *Older people and information society technology: a comparative analysis of the current situation in the European Union and of future trends. ? : ?*
- Wellman, B. (2001). Living Networked in a Wired World: the persistence and transformation of community. *Report to the Law Commission of Canada*, p. 120.
- Woolcock, M. (1998). Social capital and economic development: toward a theoretical synthesis and policy framework. *Theory and Society*, vol. 27, 151-208.

Woolcock, M. (2001). The place of social capital in understanding social and economic outcomes. *Canadian Journal of Policy Research, Vol. 2, No 1*, 11-17.

Zhou, M., & Bankston, C. L. (1996). Social capital and the adaptation of the second generation: the case of Vietnamese youth in New Orleans. In A. Portes, *The New second Generation* (pp. 197-220). Nova lorque: Russell Sage Found.





**ANEXOS**



---

## **ANEXOS**

ANEXO I – Questionário de caracterização sócio-demográfica .....	355
ANEXO II – IARSP (Instrumento de Análise de Rede Social Pessoal) .....	361
ANEXO III – Lista das Universidades de Terceira Idade Seleccionadas .....	365
ANEXO IV – Pedido de autorização para efectuar o estudo .....	373
ANEXO V – Codificação dos instrumentos .....	377
ANEXO VI – Anexo à ACP .....	389









## QUESTIONÁRIO SOBRE SENIORES, COMPUTADORES E INTERNET

Este questionário faz parte de um estudo que se está a realizar no âmbito do doutoramento em Educação e Formação de Adultos na Universidade de Salamanca. O objectivo deste estudo é perceber como os seniores portugueses usam os computadores e a internet e se este uso faz sentir esta população mais incluída. Os dados recolhidos servem exclusivamente para serem tratados estatisticamente no âmbito desta investigação, garantindo-se o anonimato e a confidencialidade dos mesmos.

### 1. Dados Pessoais

1.1 Sexo:

Masculino  Feminino

1.2 Idade: \_\_\_\_\_

1.3 Estado civil:

Solteiro(a)  Casado(a)  Divorciado(a)  Viúvo(a)  União de Facto  Separado(a)

1.4 Quantos filhos tem: Filhos \_\_\_\_\_ Filhas \_\_\_\_\_

1.4.1 Quantos netos tem? \_\_\_\_\_

1.5 Nível de ensino:

Básico  Secundário  Bacharelato  Licenciatura  Mestrado  Doutoramento

1.6 Participou/participa activamente em algum tipo de organização cultural, desportiva, cívica, partidária, religiosa ou outra?

Não  Sim, Qual? \_\_\_\_\_

### 2. Utilização das TIC

2.1 Aproximadamente há quanto tempo é utilizador de computadores?

menos de 1 ano  entre 1 e 2 anos  entre 2 e 5 anos  mais de 5 anos

2.2 Durante quanto tempo, em média, utiliza diariamente o computador?

menos de 1 hora  entre 1 e 3 horas  entre 3 e 5 horas  mais de 5 horas

2.3 Onde usa o computador? (*assinale todas as hipóteses que se aplicam ao seu caso*)

Cyber café  Centro Dia/ Lar  UTI  Centro Comunitário  Casa

Outro, Qual? \_\_\_\_\_

2.4 Utiliza o computador para (*assinale todas as hipóteses que se aplicam ao seu caso*):

Usar as aplicações do computador, tais como: processador de texto, desenho, excel, etc

Usar a internet

Usar o e-mail

2.5 Se usa o e-mail, para quem manda e-mails? (*assinale todas as hipóteses que se aplicam ao seu caso*)

Se não usa o e-mail passe à questão 2.6

Filhos  Netos  Outros parentes  Amigos que vivem próximo  Amigos que vivem longe  Pessoas que conheceu na internet  Outros, Quais? \_\_\_\_\_

2.5.1 Aproximadamente, quantos e-mails mandou aos seus amigos e parentes no último mês? \_\_\_\_\_

2.5.2 Aproximadamente, quantos e-mails recebeu dos seus amigos e parentes no último mês? \_\_\_\_\_

2.6 Se usa a internet, utiliza-a para:

Se não usa a internet passe à questão 2.11

	Nunca	Algumas vezes por ano	Algumas vezes por mês	Semanalmente	Algumas vezes por semana	Diariamente	Muitas vezes por dia
Troca de informações, fotografias, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aprender/estudar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Obter informações acerca de eventos locais, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Obter outro tipo de informações, tais como assuntos ligados à saúde, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comprar comida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comprar outras coisas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jogar on-line com outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falar com pessoas em salas de <i>chat</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falar com pessoas utilizando a <i>web</i> câmara	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer <i>downloads</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outro, Qual? \_\_\_\_\_

2.7 Utiliza a internet para falar com:

	Número de pessoas				
	0	1 a 3	4 a 6	7 a 9	mais de 9
familiares com quem coabita	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
amigos e familiares que pertencem ao seu círculo de relacionamentos mais próximo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
amigos e familiares de relacionamento mais distante	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
colegas de trabalho/estudo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.8 Utiliza a internet para comunicar com pessoas com quem:

- está muito raramente
- está poucas vezes
- está com alguma regularidade
- está frequentemente

2.9 Indique a frequência com que usa os serviços da internet para cada uma das finalidades indicadas:

	uso muito	uso regularmente	uso pouco	não uso
combinar actividades em comum	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
contar o que tem andado a fazer, desabafar, falar do tempo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
enviar imagens, anedotas, pequenos textos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
lembrar momentos importantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
enviar informações de carácter geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
enviar informações direccionadas aos interesses dessas pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2.10 A possibilidade de contactar com essas pessoas através da internet:

- vem facilitar o contacto, mas não o altera
- permite manter um relacionamento que, sem a internet, ficaria enfraquecido
- vem permitir um contacto mais regular
- vem estreitar a relação com essas pessoas

2.11 O que é que o uso do computador ou da internet lhe trouxe de novo?

	Sim	Não
peessoas com quem falar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
uma forma de passar o tempo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
uma forma de me manter em contacto com a família e os amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
uma forma de me manter activo(a) na minha comunidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uma forma de me manter informado(a) sobre as questões nacionais e internacionais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
uma forma de poder resolver as minhas coisas sem a ajuda de ninguém	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
o sentimento de ser igual a toda a gente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
uma oportunidade de aprender algo novo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outra, Qual?

### 3 - Confiança e Solidariedade

3.1 Geralmente, pensa que a maior parte das pessoas que fazem parte da sua rede são confiáveis e que não precisa de ser muito cauteloso(a) no relacionamento com as mesmas:

Sim  Não

3.2 Em geral, concorda ou discorda com as seguintes preposições:

	Concordo Plenamente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo Plenamente
A maior parte das pessoas que fazem parte da minha rede de relações são confiáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Na minha rede existem pessoas com as quais eu tenho que estar alerta porque podem querer enganar-me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A maior parte das pessoas da minha rede está pronta a ajudar-me em caso de necessidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A maior parte das pessoas da minha rede não confia uns nos outros no que toca a empréstimos de dinheiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.3 Como é que percebe a ajuda mútua entre as pessoas que fazem parte da sua rede de relações?

- prestam ajuda mútua sempre
- prestam ajuda mútua a maior parte das vezes
- ajudam-se às vezes
- raramente se ajudam
- nunca se ajudam

Obrigada pela colaboração!

Questionário adaptado de:  
Antunes, M. J. (2007). *Implicações dos serviços de comunicação internet nas redes de relações: a relevância dos lugares*.  
Aveiro: Universidade de Aveiro - Departamento de Comunicação e Arte.















UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE A CONTACTAR POR ORDEM DE  
PREFERÊNCIA

Nº RU TIS	Nome	Contacto	Responsáveis	Nº de alunos Inform ática	Autor izaçã o
131	Universidade Sénior D. Infante de Moimenta da Beira	254582501 mariajoseco stalima@gm ail.com	Maria José Ribeiro de Almeida Costa Lima, Rute Cármen de Oliveira Soares da Costa Branco	5	Realiz ada
122	Universidade Sénior de Santa Comba Dão	232888038 useniorscd @gmail.com	Emília Alexandra Ramos, Rui Branquinho	15	Realiz ada
44	Universidade do Tempo Livre de Coimbra	239827412/ 239852729	Maria Luisa Xavier da Cunha Vaz, Sónia Vinagre		
18	Universidade Sénior da Figueira da Foz	233418878/ 233418971 viveralegria. geral@gmail .com	Eng. Luís Ferreira	14	Realiz ada
40	Academia Sénior de Seia	<a href="http://academiase">academiase</a>	Dirce Lopes	8	Realiz

				<a href="mailto:niorseia@mail.com">niorseia@mail.com</a>	Reis, M <sup>a</sup> Gabriela Tavares A. P. Ribeiro		ada
5	Academia Covilhã	Sénior da	275336788 academiase niorcv@sap o.pt		Dr. <sup>a</sup> Ascensão Simões	14	Realiz ada
67	Academia Fundão	Sénior do	275776513/ 275087174 cacff1@gmail.com		Presidente da direcção da instituição: Dr. <sup>a</sup> Alcina Cerdeira Reitora: Dr. <sup>a</sup> Fernanda Batista	21	Realiz ada
	Universidade Vila Real	Sénior de	259 324 845 Fax: 259321487		a/c Presidente Da Direcção Dra. M <sup>a</sup> Emília campos	17	
6	Academia Gaia	Sénior de	223 796 145 <a href="mailto:academiase@nior@gaiani.ma.pt">academiase@nior@gaiani.ma.pt</a> Rua José Mariani, 67 (Antiga Escola Primária)		Fernando Ribeiro Adelino Lopes	13	Realiz ada

			4400-196					
			Vila Nova de					
			Gaia					
15	Universidade Sénior do Porto Rua Marechal Saldanha, 145 4150 - 655 Porto	Douro	226 102 029 dourosenior @gmail.com					
54	Universidade Eugénio de (Porto) Rua Alves Redol, nº 292 4050 - 042 Porto	Sénior de Andrade	228 318 210 <a href="mailto:universidade_senior@portoccd.org">universidade_senior@portoccd.org</a>	Ana Filipe Cardoso	+ - 182		Realiz ada	
111	Universidade Florbela (Matosinhos)	Sénior Espanca	229 388 613 <a href="mailto:usflorbelaespanca@gmail.com">usflorbelaespanca@gmail.com</a> Rua Brito Capelo, 168 4450-065 Matosinhos	Dra. Zélia Teixeira Dr. Rui Dias		15	Realiz ada	367
	Universidade Contemporânea (Porto) Rua Nova do Tronco, 504 4250-339 Porto	Sénior	96 4756736 / 96 4068452 <a href="mailto:usc@sapo.pt">usc@sapo.pt</a>	Dr. Artur Santos D. pedagógico Revista Científica – publicar artigo				
	UNIARTE – Universidade Sénior		Tlm1: 966 651 262 Tlm2: 912 474 933 Tlf: 229 060			14	Realiz ada	

---

315

[geral@unive  
rsidadesenio  
r.com](mailto:geral@universidadesenior.com)

Praceta  
Maria da  
Glória  
Teixeira,  
nº134 (junto  
ao Bosque  
Autóctone  
de Gueifães)  
4470-529

---

	Universidade	Sénior	
50	Albicastrense Branco)	(Castelo	272 325 126

---

368

				Autor
			232 436 444	izada
	Universidade	Sénior e	<a href="mailto:demetriosei@autodidacta.com">demetriosei</a>	5ª
	do Autodidacta	Viseense	<a href="mailto:xas@gmail.com">xas@gmail.c om</a>	Feiras à tarde

---

	Universidade	Sénior de	rotaryclub.m
	Mangualde		angualde@g mail.com

---

		Av Visconde	Prof.	
		de Tondela,	Felisberto -	
	Universidade	28	964441383	
	Sénior do	3460-526	Ricardo Silva	6
	Rotary Clube de Tondela	Tondela	- Formador	Realiz ada
			das TIC	

[t] 232 819

---



---

410				
(funciona no				
edifício da				
Escola				
Profissional)				
felisbertofig				
ueiredo@sa				
po.pt				

---

Universidade	Sénior	Dra.		Autor
Lamego		Hermínia -	15	izada
		965000667		

---







@vós.TIC: o aumento do capital sociocultural nos seniores mediante  
a alfabetização e uso das TIC

---

**Programa de Doutoramento em Educação e Formação de Pessoas Adultas  
Universidade de Salamanca**

**Investigadora  
Marisa Fonseca Silva**

Exmo(a). Sr(a).

No âmbito do meu trabalho de Doutoramento estou a realizar uma investigação em que procuro compreender a relação entre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e o consequente aumento de capital sociocultural dos seniores portugueses.

373

Com este trabalho pretendo contribuir para a desmistificação da ideia pré-concebida de que os seniores não são capazes de aprender a utilizar uma ferramenta que, nos dias que correm, poderá contribuir para melhorar a sua qualidade de vida, prevenindo a solidão e contribuindo para um envelhecimento activo.

É, pois, muito importante poder contar, nesta investigação, com a colaboração dos seniores/alunos da instituição que V. Exa. preside.

Para concretizar o estudo vou necessitar de passar um questionário aos seniores que frequentam as classes de informática na vossa instituição, pelo que venho por este meio solicitar a autorização de V. Exa.

Também será pedida a devida autorização individualmente a todos os possíveis intervenientes no estudo.

O tratamento dos dados que vou recolher serve exclusivamente para fins de investigação e será totalmente salvaguardado o anonimato e confidencialidade na sua divulgação. A investigadora tem formação superior e está obrigada a deveres éticos e deontológicos de sigilo que salvaguardam estas situações.

Agradeço muito a sua disponibilidade e colaboração,

---

(Marisa Fonseca Silva)







### Questionário Complementar

NI	Nº do questionário	None
sexo	Sexo	1 - Masculino; 2 - Feminino
idade_agrupada	Idade em classes	1 - < 65; 2 - 65-80; 3 - >80
est_civil	Estado civil	1 - Solteiro(a); 2 - Casado (a); 3 - Divorciado (a); 4 - Viúvo (a)
filhos	Número de filhos	1 - 0; 2 - 1-4; 3 - 5-8; 4 - 9-12
filhas	Número de filhas	1 - 0; 2 - 1-4; 3 - 5-8; 4 - 9-12
netos	Número de netos	1 - 0; 2 - 1-4; 3 - 5-8; 4 - 9-12
n_descendentes	Número de descendentes	1 - 0; 2 - 1-4; 3 - 5-8; 4 - 9-12
n_ensino	Nível de ensino	1 - Ensino Básico; 2 - Ensino Secundário; 3 - Ensino Superior
part_organização	Participa(ou) activamente numa organização	1 - Não; 2 - Sim
temp_utilização	Tempo a que é utilizador do computador	1 - menos de 1 ano; 2 - entre 1 e 2 anos; 3 - entre 2 e 5 anos; 4 - mais de 5 anos
media_dia	Tempo em média utiliza o computador por dia	1 - menos de 1 hora; 2 - entre 1 e 3 horas; 3 - entre 3 e 5 horas; 4 - mais de 5 horas
onde_usa	Onde usa o computador	1 - Ciber café; 2 - Centro Dia/lar; 3 - UTI; 4 - Centro comunitário; 5 - Casa
email_quem\$	Para quem envia mails	1 = "não se aplica"; 2 = "amigos"; 3 = "amigos; comerciais"; 4 = "amigos; pessoas internet"; 5 = "filhos"; 6 = "filhos; amigos"; 7 = "filhos; amigos; negócios"; 8 = "filhos; amigos; outros parentes; pessoas internet"; 9 = "filhos; amigos; pessoas internet"; 10 = "filhos;

378

		negócios"
mail_quantos_envio	Quantos e-mail enviou em média	1 = "menos de 10"; 2 = "de 11 a 20"; 3 = "de 21 a 30"; 4 = "de 31 a 40"; 5 = "de 41 a 50"; 6 = "de 51 a 60"; 7 = "de 61 a 70"; 8 = "de 71 a 80"; 9 = "de 81 a 90"; 10 = "de 91 a 100"; 11 = "mais de 101"
mail_quantos_recebeu	Quantos e-mail recebeu em média	1 = "menos de 10"; 2 = "de 11 a 20"; 3 = "de 21 a 30"; 4 = "de 31 a 40"; 5 = "de 41 a 50"; 6 = "de 51 a 60"; 7 = "de 61 a 70"; 8 = "de 71 a 80"; 9 = "de 81 a 90"; 10 = "de 91 a 100"; 11 = "mais de 101"
usa_internet1	Utiliza a internet para troca de informação	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 = "Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
usa_internet2	Aprender/estudar	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 = "Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
usa_internet3	Obter informação sobre eventos	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 = "Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
usa_internet4	Obter outro tipo de informação como saúde	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 =

		"Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
usa_internet5	Comprar comida	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 = "Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
usa_internet6	Comprar outras coisas	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 = "Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
usa_internet7	Jogar on-line com outras pessoas	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 = "Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
usa_internet8	Falar com outras pessoas através do chat	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 = "Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
usa_internet9	Falar com outras pessoas através da câmara web	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 = "Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
usa_internet10	Fazer downloads	1 = "Nunca"; 2 = "Algumas vezes por ano"; 3 = "Algumas vezes por mês"; 4 = "Algumas vezes por semana"; 5 = "Diariamente"
internet_fala1	Familiares que coabitam	1 = "0"; 2 = "um a 3"; 3 = "quatro a 6"; 4 = "sete a 9"; 5 = "mais de 9"

internet_fala2	Amigos e familiares próximos	1 = "0"; 2 = "um a 3"; 3 = "quatro a 6"; 4 = "sete a 9"; 5 = "mais de 9"
internet_fala3	Amigos e familiares distantes	1 = "0"; 2 = "um a 3"; 3 = "quatro a 6"; 4 = "sete a 9"; 5 = "mais de 9"
internet_fala4	Colegas de trabalho/estudo	1 = "0"; 2 = "um a 3"; 3 = "quatro a 6"; 4 = "sete a 9"; 5 = "mais de 9"
internet_comunica	Utiliza a internet para comunicar com pessoas com quem?	1 = "está muito raramente"; 2 = "está poucas vezes"; 3 = "está com alguma regularidade"; 4 = "está frequentemente"
freq_serviços1	Combinar actividades em comum	1 = "uso muito"; 2 = "uso regularmente"; 3 = "uso pouco"; 4 = "não uso"
freq_serviços2	Falar do que tem andado a fazer, desabafar	1 = "uso muito"; 2 = "uso regularmente"; 3 = "uso pouco"; 4 = "não uso"
freq_serviços3	enviar imagens, texto	1 = "uso muito"; 2 = "uso regularmente"; 3 = "uso pouco"; 4 = "não uso"
freq_serviços4	lembrar momentos importantes	1 = "uso muito"; 2 = "uso regularmente"; 3 = "uso pouco"; 4 = "não uso"
freq_serviços5	enviar informações de carácter geral	1 = "uso muito"; 2 = "uso regularmente"; 3 = "uso pouco"; 4 = "não uso"
freq_serviços6	enviar informação direccionada aos interesses	1 = "uso muito"; 2 = "uso regularmente"; 3 = "uso pouco"; 4 = "não uso"
pos_contacto_internet	Possibilidade de contacto pela internet	1 = "vem facilitar o contacto, mas não o altera"; 2 = "permite manter um relacionamento que, sem a internet, ficaria enfraquecido"; 3 = "vem permitir um contacto mais regular"; 4 = "vem estreitar a relação com

		essas pessoas"
uso_novo1	peessoas com quem falar	1 = "Sim"; 2 = "Não"
uso_novo2	amigos	1 = "Sim"; 2 = "Não"
uso_novo3	uma forma de passar o tempo	1 = "Sim"; 2 = "Não"
uso_novo4	contacto com família e amigos	1 = "Sim"; 2 = "Não"
uso_novo5	manter activo(a) na comunidade	1 = "Sim"; 2 = "Não"
uso_novo6	manter informado(a)	1 = "Sim"; 2 = "Não"
uso_novo7	resolver as coisas sem ajuda	1 = "Sim"; 2 = "Não"
uso_novo8	sentimento de ser igual a todos	1 = "Sim"; 2 = "Não"
uso_novo9	oportunidade de aprender algo novo	1 = "Sim"; 2 = "Não"
confiança	pensa que a maior parte das pessoas da sua rede são confiáveis	1 = "Sim"; 2 = "Não"
maior_parte_conf	A maior parte das pessoas da minha rede são confiáveis	1 = "Concordo plenamente"; 2 = "Concordo"; 3 = "Não concordo nem discordo"; 4 = "Discordo"; 5 = "Discordo plenamente"
pes_rede_alerta	Existem pessoas na rede com as quais tenho que estar alerta	1 = "Concordo plenamente"; 2 = "Concordo"; 3 = "Não concordo nem discordo"; 4 = "Discordo"; 5 = "Discordo plenamente"
rede_ajuda	A maior parte da rede está disposta a ajudar	1 = "Concordo plenamente"; 2 = "Concordo"; 3 = "Não concordo nem discordo"; 4 = "Discordo"; 5 = "Discordo plenamente"
rede_não_confia	A maior parte da rede não confia no que toca a dinheiro	1 = "Concordo plenamente"; 2 = "Concordo"; 3 = "Não concordo nem discordo"; 4 = "Discordo"; 5 = "Discordo plenamente"

ajuda_mútua	Como percebe a ajuda entre as pessoas da sua rede	1 = "prestam ajuda mútua sempre"; 2 = "prestam ajuda mútua a maior parte das vezes"; 3 = "ajudam-se às vezes"; 4 = "raramente se ajudam"; 5 = "nunca se ajudam"
tamanhorede_agrupada	Tamanho da rede em classes	1 = "1 a 5 elementos"; 2 = "5 a 10 elementos"; 3 = "11 a 15 elementos"; 4 = "16 a 20 elementos"

## IARSP

fam.rede	REDE família na rede	None
frpro	REDE proporção da família na rede	None
am.rede	REDE amigos na rede	None
am.prop	REDE proporção de amigos na rede	None
viz.rede	REDE vizinhos na rede	None
viz.prop	REDE proporção de vizinhos na rede	None
trab.red	REDE relações trabalho ou estudo na rede	None
trab.pro	REDE proporção de rel. de trabalho na rede	None
inst.red	REDE relações institucionais na rede	None
inst.pro	REDE proporção de relações institucionais na rede	None
composi	REDE tipos de rede quanto à composição	1,00 = "rede familiar"; 2,00 = "família + amigos"; 3,00 = "família + vizinhos"; 4,00 = "família + amigos + vizinhos"; 5,00 = "família + amigos + institu"; 6,00 = "família + amigos + vizinhos + institu"; 7,00 = "todos quadrantes"
composcat	REDE composição agrupada	1,00 = "Rede Familiar"; 2,00 = "Rede Primária"; 3,00 = "Rede prim+sec informal"; 4,00 = "Rede prim+sec formal"
quadrantes	REDE Quadrantes	None
pessoaTIC	REDE TIC	None
pessoaTIC2	REDE TIC (1 a 3)	1,00 = "Conheceu com TIC"; 2,00 = "Recuperou com TIC"; 3,00 = "Já existiam antes das TIC"

tipocontacto	REDE Tipo de contacto	None
tipocontacto2	REDE Tipo de contacto (1 a 4)	1,00 = "presencial"; 2,00 = "virtual"; 3,00 = "Ambos mais presencial"; 4,00 = "Ambos mais virtual"
freqcontacto	REDE frequência de contactos	None
freqcontacto2	REDE frequência de contactos (1 a 5)	1,00 = "Diariamente"; 2,00 = "Algumas vezes por semana"; 3,00 = "Semanalmente"; 4,00 = "Algumas vezes por mês"; 5,00 = "Algumas vezes por ano"
rede.aem	REDE apoio emocional recebido	None
freq.emo	REDE frequência apoio emocional	1,00 = "Nenhum"; 2,00 = "Pouco"; 3,00 = "Moderado"; 4,00 = "Muito"; 5,00 = "Muitíssimo"
redeinst	REDE apoio instrumental recebido	None
freq.instr	REDE frequência apoio instrumental	1,00 = "Nenhum"; 2,00 = "Pouco"; 3,00 = "Moderado"; 4,00 = "Muito"; 5,00 = "Muitíssimo"
redeinf	REDE apoio informativo recebido	None
freq.inf	REDE frequência apoio informativo	1,00 = "Nenhum"; 2,00 = "Pouco"; 3,00 = "Moderado"; 4,00 = "Muito"; 5,00 = "Muitíssimo"
redecompanhia	REDE companhia social recebida	None
freq.comp	REDE frequência companhia social	1,00 = "Nenhum"; 2,00 = "Pouco"; 3,00 = "Moderado"; 4,00 = "Muito"; 5,00 = "Muitíssimo"
recipro	REDE reciprocidade	1,00 = "à maior parte"; 2,00 = "algumas"; 3,00 = "poucas"; 4,00 = "não dá"
mudança	REDE mudança percebida na rede	1,00 = "aproximadamente o mesmo"; 2,00 = "pouco maior"; 3,00 = "muito maior"; 4,00 = "pouco menor"; 5,00 = "muito menor"
dens.uci	REDE Densidade (egonetwork ucinet)	None

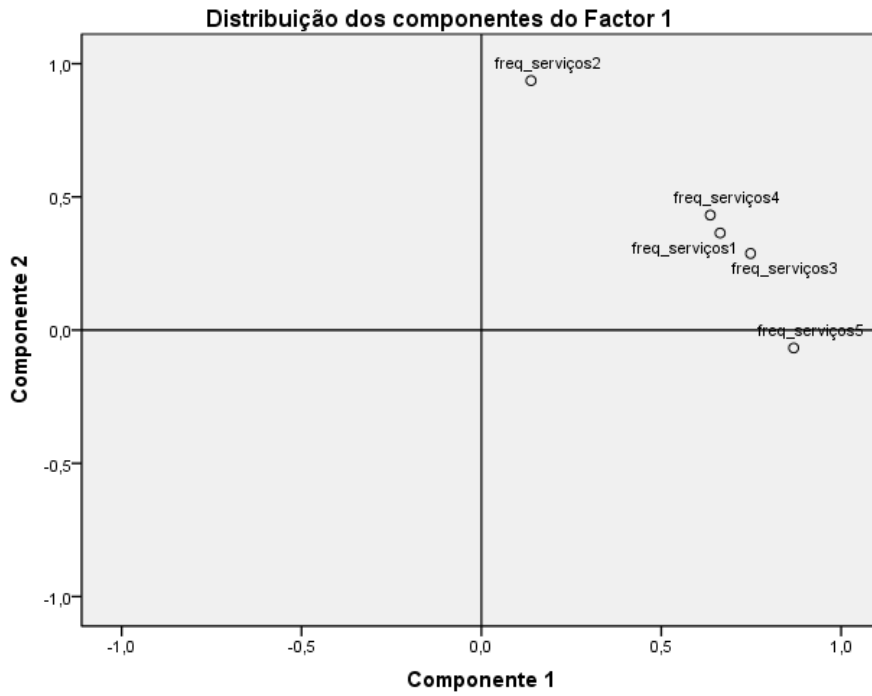


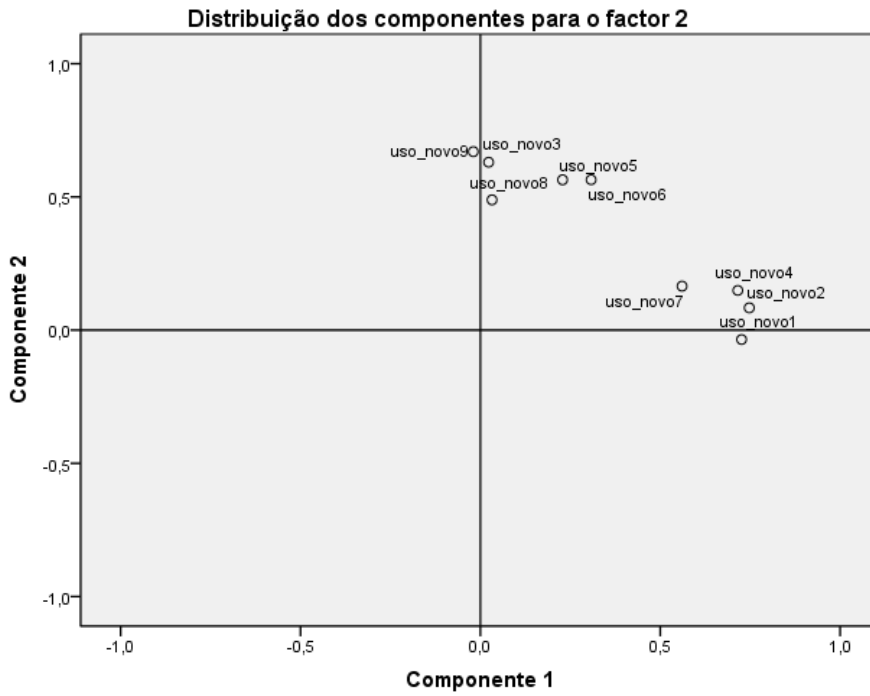
densidade.uci_agrupada	Densidade em classes	1,00 = "<30"; 2,00 = "de 30 a 69"; 3,00 = "de 70 a 99"; 4,00 = "100"
densidade_classificação	Classificação da densidade	1,00 = "Rede dispersa"; 2,00 = "Rede fragmentada"; 3,00 = "Rede coesa"; 4,00 = "Rede coesa"











390

